

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**ABORDAGENS TEÓRICAS DE ORGANIZAÇÃO DO
CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CSKOL DA ISKO**

Rafael Aparecido Moron Semidão

Marília
2019

Rafael Aparecido Moron Semidão

**ABORDAGENS TEÓRICAS DE ORGANIZAÇÃO DO
CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CSKOL DA ISKO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e
Ciências, da Universidade Estadual Paulista –
Unesp/Marília – como requisito parcial para obtenção
do título de doutor em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da
Informação

Marília
2019

S471a Semidão, Rafael Aparecido Moron
Abordagens teóricas de organização do conhecimento :
uma análise a partir do CSKOL da ISKO / Rafael
Aparecido Moron Semidão. -- Marília, 2019
204 f. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: José Augusto Chaves Guimarães

1. Organização do Conhecimento. 2. ISKO. 3.
Abordagens teóricas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Esta pesquisa contou com bolsa do Convênio FAPESP/CAPES. Processo nº 2015/05677-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**ABORDAGENS TEÓRICAS DE ORGANIZAÇÃO DO
CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CSKOL DA ISKO**

Elaborada por

Rafael Aparecido Moron Semidão

Como requisito parcial para obtenção do título de

Doutor em Ciência da Informação

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães
Universidade Estadual Paulista

Prof. Dr. Daniel Martínez-Ávila
Universidade Estadual Paulista

Prof^a. Dr^a. Leilah Santiago Bufrem
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Marisa Brascher Basílio Medeiros
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Rodrigo de Sales
Universidade Federal de Santa Catarina

Marília, 21 março de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço a meu pai Ismael, a minha mãe Yara (*in memoriam*), a minha irmã Mayara e a todos os meus familiares pelo suporte, carinho e atenção.

Agradeço ao Prof. José Augusto Chaves Guimarães pela orientação da tese que me oportunizou aprender, com ensinamentos e exemplos, a pesquisar e lecionar; e pela generosidade de me conceder a oportunidade de ter minha carreira vinculada a sua, trata-se de uma grande potencializador de carreiras acadêmicas.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP pela concessão da bolsa objeto do processo 2015/05677-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, através do convênio com a CAPES, que permitiu que a pesquisa fosse realizada e pela honra de poder ter sido pesquisador dessa grande agência de fomento científico.

Agradeço, pela disponibilidade e atenção, aos membros da banca de arguição, os professores: Daniel Matinez-Ávila, Leilah Santiago Bufrem, Marisa Brascher Basílio Medeiros, Rodrigo de Sales, Fábio Assis Pinho, Suellem Milani e Walter Moreira.

Agradeço aos colegas Bruno, Márcio e Dhion pelas conversas e cafés que, em Marília e Rio Grande, tornaram esse período de preparação da tese mais animado.

RESUMO

Investiga os traços caracterizadores da presença de abordagens teóricas de organização do conhecimento, em seus núcleos aglutinadores, na literatura da *International Society for Knowledge Organization* – ISKO, segundo seu sistema de classificação, denominado *Classification System for Knowledge Organization Literature* – CSKOL. Contextualiza as abordagens teóricas de organização do conhecimento por meio de uma narrativa que concebe o campo da Organização do Conhecimento como um movimento de teorização que tem na ISKO o seu palco adequado e favorável. Classifica as abordagens teóricas de organização do conhecimento a partir de três núcleos teóricos aglutinadores e, através deles, como polos de objetivos comuns, seleciona-se um *corpus* de análise e aplica-se os instrumentos metodológicos da Análise de Conteúdo (BARDIN, p.2009). Os traços caracterizadores da presença das abordagens teóricas em seus núcleos é esclarecida por meio de análise e reflexão feitas sobre dados autorais dos textos do *corpus* e de análise categorias, com as respectivas sínteses, inferências e interpretações. Conclui com um quadro nocional que informa as características das abordagens teóricas de organização do conhecimento em cada núcleo, a saber o núcleo Ontológico, o núcleo Contextual, e o núcleo Reivindicatório/Crítico.

Palavras-chave: Organização do Conhecimento. ISKO. Abordagens teóricas.

ABSTRACT

This thesis investigates the traits that characterizing the presence of theoretical approaches of knowledge organization, in their agglutinating cores, in the literature of the International Society for Knowledge Organization (ISKO), according to its classification system, Classification System for Knowledge Organization Literature (CSKOL). It contextualizes the theoretical approaches of knowledge organization through a narrative that conceives the field of Knowledge Organization as a movement of theorization that has in ISKO its adequate and favorable stage. It classifies the theoretical approaches of knowledge organization from three theoretical cores and, through them, as poles of common objectives, a corpus of analysis is selected and the methodological instruments of Content Analysis (Bardin: 2009). are applied. The characterizing traits of the presence of theoretical approaches in their cores is clarified by means of analysis and reflection made on author's data of the texts of the corpus and analysis of categories, with the respective syntheses, inferences and interpretations. It concludes with a notional framework that informs the characteristics of the theoretical approaches of knowledge organization in each cores, namely the Ontological core, the Contextual core, and the Critical core.

Keywords: Knowledge Organization. ISKO. Theoretical approaches.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Caracterização dos núcleos de abordagens teóricas de Organização do Conhecimento.....	35
QUADRO 2: Ontológico - Autores e anos Revista <i>Knowledge Organization</i>	67
QUADRO 3: Ontológico - Autores e anos Série <i>Advances in Knowledge Organization</i>	67
QUADRO 4: Contextual - Autores e anos Revista <i>Knowledge Organization</i>	68
QUADRO 5: Contextual - Autores e anos Série <i>Advances in Knowledge Organization</i>	69
QUADRO 6: Reivindicatório/Crítico - Autores e anos Revista <i>Knowledge Organization</i>	71
QUADRO 7: Reivindicatório/Crítico - Autores e anos Série <i>Advances in Knowledge Organization</i>	72
QUADRO 8: Intersecção de autores entre os núcleos.....	73
QUADRO 9: autores/ano por categorias e núcleos.....	115

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Autores que mais publicaram no Núcleo Ontológico.....	68
TABELA 2: Autores que mais publicaram no Núcleo Contextual.....	70
TABELA 3: Autores que mais publicaram no Núcleo Reivindicatório.....	72

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Intersecção de autores entre os núcleos.....	75
--	----

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Categorias do Núcleo Ontológico.....	138
APÊNDICE B – Categorias do Núcleo Contextual.....	154
APÊNDICE C – Categorias do Núcleo Reivindicatório/Crítico.....	187

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO COMO MOVIMENTO DE TEORIZAÇÃO: UMA NARRATIVA.....	19
3 ABORDAGENS TEÓRICAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	30
3.1 Núcleos de abordagens teóricas de organização e representação do conhecimento...33	
3.1.1 Abordagem exemplo referente ao núcleo ontológico.....	36
3.1.2 Abordagem exemplo do núcleo contextual.....	38
3.1.3 Abordagem exemplo do núcleo crítico ou reivindicatório.....	48
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	54
5 TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DA PRESENÇA DOS TRÊS NÚCLEOS NA LITERATURA DA ISKO.....	65
5.1 Dados autorais dos textos do <i>corpus</i>.....	66
5.2 Análise categorial.....	76
5.2.1 Núcleo Ontológico: concepção de Organização do Conhecimento e tipo de universalismo.....	78
5.2.2 Núcleo Contextual: concepção de Organização do Conhecimento e tipo de contexto...89	
5.2.3 Núcleo Reivindicatório/Crítico: concepção de Organização do Conhecimento e tipo de problema/grupo.....	105
5.3 A presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus núcleos teóricos na literatura da ISKO: uma interpretação possível.....	118
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	123

Nada mais prático que uma boa teoria.

Kurt Lewin

1 INTRODUÇÃO

Este relatório descreve os resultados de uma pesquisa que teve seu percurso metodológico iniciado em 2015, e que desde então tomou por objeto de estudo aquilo que se definiu como abordagens teóricas de Organização do Conhecimento, enquanto fenômenos essenciais desse campo, e aglutinados em seus respectivos núcleos teóricos.

A preocupação inicial foi delineada em termos de um delineamento teórico sob a ótica autoral e de conteúdo, em que as abordagens precisariam ser analisadas em termos de perspectiva e estruturação tendo em vista seu potencial uso metodológico para *organizar conhecimento* por meio dos procedimentos técnico-documentais de categorização representativa do conhecimento evidenciado (publicado ou expresso de qualquer outra forma), a partir de três núcleos teóricos aglutinadores configurados com base em objetivos de organização do conhecimento: a perspectiva ontológica, a perspectiva contextual, e a perspectiva reivindicatória ou crítica.

Desde a primeira notícia que o autor teve a respeito da existência das abordagens, precisamente a partir de trabalhos de síntese e revisão epistemológica, como Guimarães, Oliveira e Gracio (2012) e Guimarães, Sales, Martínez-Ávila e Alencar (2014), firmou-se a noção de que elas precisariam (ou mereceriam) de um esclarecimento de tipo orgânico que, além de descrever sua estrutura e natureza, as contextualizasse em um lastro comum de pressupostos, acontecimentos e estruturas, conferindo a elas, desse modo, uma ordenação global.

Dado o caráter complexo do delineamento que se buscava, buscou-se adotar um prisma de contextualização histórica pautada em uma certa *garantia literária*¹.

Nesse sentido, e em se tratando de uma pesquisa científica, aqueles que sentem necessidade de primeiro se situarem no terreno sobre o qual pretendem atuar para só depois sentirem-se confortáveis para tratar os objetos que estudarão, a primeira coisa que buscam fazer é encontrar, a título de contextualização, uma explicação a respeito da identidade do terreno, em termos de estrutura histórica e delimitação epistemológica.

Tal explicação, ao menos em sentido de estrutura histórica, pode ser encontrada a partir da identificação (e/ou interpretação) da origem e do percurso histórico de desenvolvimento do campo de estudos (terreno) em que se está ingressando.

¹ Aqui entendida como o fato de ser publicado, ou melhor de ter sido registrado, de forma que aquilo que vai formar o que mais adiante se chamara de narrativa teve por base noções expressas em textos publicados.

Cada explicação encontrada compõe uma narrativa a respeito do campo de estudos. Cada narrativa, em maior ou menor medida, tem a potencialidade de contextualizar o iniciado em uma moldura coletiva de acontecimentos, noções, linguagens e pressupostos que lhe permite restringir as fronteiras de seu escopo. Sem essa restrição, ao menos no entendimento do autor deste trabalho, a visão do campo e a auto identificação no âmbito do campo podem permanecer demasiado difusas e, dessa forma, inoperantes.

Dessa forma, vindo de uma perspectiva epistemológica situada no interior do amplo quadro de interesses temáticos da Ciência da Informação, o autor teve contato com o campo científico chamado Organização do Conhecimento, tal como ele é apresentado no contexto da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), e o que lhe causou interesse foi observar que nesse campo havia uma relativa variedade de construtos teóricos fundamentados em conceitos, teorias, correntes e modelos científicos e filosóficos, adaptados ao, por assim dizer, trabalho de organização da informação registrada enquanto expressão daquilo que é cientificamente² conhecido, isto é, informação bibliográfica.

Esses construtos/adaptações teóricas, aparentemente, formavam como que polos ou núcleos no espaço teórico dos quais se moviam, em movimento pendular, propostas metodológicas de organização dos registros de informação bibliográfica que, em conjunto (ao menos na proporção que o autor havia tido contato) davam a impressão de constituir os fenômenos essenciais do campo, no sentido de que o que o caracterizava era precisamente o amálgama de fundamentação teórica e sua adaptação em aplicações de *organização do conhecimento* (classificação e outros instrumentos).

Nessa linha, o interesse inicial, o “espanto”³ a que se refere Aristóteles (1994, p.76, tradução nossa), que impulsionou a pesquisa foi, sem dúvida, equacionado nos termos da pergunta essencial *quid est*, o que é?, ou seja, qual é a estrutura e quais são as características desses construtos/adaptações teóricas?, e qual a identidade (uma narrativa) desse campo de estudos no interior do qual esses fenômenos são apresentados?. Mas, ao mesmo tempo, o interesse veio acompanhado de indagações de teor metodológico: como ordenar esses construtos/adaptações teóricas de modo a esclarecê-los melhor? (como inseri-los em três núcleos?), como torná-los mais visíveis e aptos a servirem ao trabalho de *organização do conhecimento* de acordo com os diferentes objetivos contextualizados de matizes institucionais, culturais, sociais, discursivos etc.?

² No sentido de ordenado, estruturado, ainda que não necessariamente acadêmico.

³ Maravilhamento, “quedarse maravillados”, na tradução espanhola lida pelo autor.

As respostas, tanto às questões essenciais, quanto às metodológicas, precisariam, segundo a experiência (ainda que curta) do autor com investigações no solo epistemológico, constituir um todo orgânico que não enveredasse por um caminho de especulações abstratas, mas que, em alguma medida, espelhasse, contextualizando, a materialidade do percurso histórico de constituição do campo da Organização do Conhecimento; dado que, como já foi referido, a Organização do Conhecimento a que esta pesquisa se refere é aquela apresentada no contexto da ISKO e não as muitas possíveis Organizações do Conhecimento vistas a partir das diferentes narrativas a que se pode vincular o campo.

Dessa forma, e partindo de uma narrativa considerada plausível para contextualizar os fenômenos em estudo, buscou-se estabelecer a estrutura dos construtos/adaptações teóricas, doravante chamados de abordagens teóricas de organização do conhecimento, a partir de um *corpus* de análise condizente com o universo da ISKO.

Para tanto, tomando como insumo um material a ser descrito na seção acerca do método, acredita-se ter encontrado um *leitmotiv* que se mostrou capaz de simbolizar, no papel de narrativa, a identidade do terreno, tal como mencionado anteriormente.

A respeito da referida narrativa, foi possível encontrar um lastro histórico contínuo que, partindo do bibliotecário norte americano Henry Evelyn Bliss (1870 – 1955), passando pelo bibliotecário e matemático indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892 – 1972) e se cristalizando na fundadora da ISKO, Ingetraut Dahlberg (1927 – 2017), permite entender a Organização do Conhecimento, tal como apresentada no contexto da ISKO, como um *movimento de teorização* da classificação bibliográfica e de instrumentos afins, que se consolida institucional e epistemologicamente na fundação da ISKO.

Esse *movimento de teorização* teria sido posto em marcha por causa da percepção, ao menos, ressalta-se, segundo os autores que compõem a narrativa, de que os até então sistemas de classificação não eram fundamentados teoricamente mas, antes, se baseavam em critérios pragmáticos e subjetivos que, por assim o serem, *tolhiam* aos esforços de classificação a capacidade de serem realmente eficazes.

Buscando introduzir aportes teóricos da filosofia e das ciências no quadro metodológico da classificação, os referidos autores buscaram alçar a classificação bibliográfica ao patamar de *organização do conhecimento*, isto é, classificação e instrumentos afins agora dotados de suporte teórico.

Reconhecendo e assumindo o propósito do *movimento de teorização*, Dahlberg empenhou-se para consolidá-lo pela via institucional (fundando sociedades e revistas) e pela via epistemológica (estudos sobre conceitos e sobre delimitação do campo).

A partir desse patamar alcançado com Dahlberg, forma-se um espaço aberto e um ambiente favorável (fundação da ISKO) para que as abordagens teóricas de organização do conhecimento se expandam, diversificando-se em termos de objetivos e de aporte oriundo da filosofia e das ciências⁴.

Esse aumento e diversificação das abordagens teóricas (construtos/adaptações) descrevem a situação que chamou a atenção do autor e que o motivou a adotá-las como objeto de estudo, inseparavelmente de seus núcleos teóricos, como se explicará adiante.

Dessa maneira, em síntese, as abordagens teóricas de organização do conhecimento presentes nos seus referidos núcleos teóricos compõem o fenômeno a ser estudado e delineado. Tal fenômeno tem como palco privilegiado a narrativa do *movimento de teorização*, e é perspectivado sob a chave teórico-metodológica, isto é, do auxílio aos interessados em aplicar de modo teoricamente pertinente as abordagens de organização de conhecimento veiculadas no âmbito da Organização do Conhecimento contextualizada na ISKO.

Nessa concernência, a questão investigativa que orienta esta pesquisa poderia ser resumida do seguinte modo: Como contribuir para o delineamento teórico referente às abordagens de organização do conhecimento presentes em seus núcleos teóricos aglutinadores e propostas no âmbito da Organização do Conhecimento atreladas à ISKO e dirigidas ao quadro de diferentes objetivos que conduz a se organizar conhecimento?

A resposta que melhor se adequou aos propósitos desta pesquisa é dada em termos de um serviço prestado. Um serviço de delineamento teórico materializado em um esforço de esclarecimento a respeito da presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento, em seus três núcleos teórico aglutinadores, que é oferecido à guisa de mostruário de opções metodológicas no qual, de acordo com seus objetivos, os interessados poderão encontrar subsídios para operacionalizar abordagens de organização do conhecimento em seu próprio contexto.

Dialeticamente, pode-se dizer que o aspecto problemático da situação de contato com os fenômenos em estudo (amplificação e diversificação das abordagens em termos de proposta metodológica, conceitos importados e objetivos) se constituiria em adotar abordagens teóricas de organização do conhecimento sem buscar esclarecer sua adequação (em sua proposta metodológica, suas noções e conceitos, e objetivos) aos objetivos concretos de organizar conhecimento a que se propõe realizar.

⁴ Nas entrelinhas dessa afirmação o autor quer, precisamente, se referir ao rompimento parcial com os objetivos de classificação universalistas e com os conceitos aristotélicos.

Tendo como objetivo, por exemplo, a representação do conhecimento oriundo de determinado grupo social na grelha categorial de uma classificação, seria de pouco proveito adotar uma abordagem teórica com uma proposta metodológica de cunho universalista e com noções e conceitos aristotélicos; uma vez que tal configuração levaria em conta a generalidade dos conhecimentos (por disciplinas, por exemplo) e não a especificidade de um grupo social. E em sentido epistemológico, o não esclarecimento ou organização com respeito às abordagens teóricas poderia acarretar consequências negativas, mas evitáveis, na medida em que, como destaca Hjørland (2008, p.87), a clareza teórica constitui elemento fundamental para o avanço do campo da Organização do Conhecimento, o que leva à necessidade de se identificar e descrever as distintas influências teóricas que nele operam, de tal modo que se torna imprescindível “analisar e interpretar, muito honesta e criteriosamente, os diferentes rótulos utilizados para tais abordagens, sem o que o campo ficará muito confuso” (HJORLAND, 2008, p. 87, tradução nossa).

Próprio do esforço de delineamento, todavia, é contextualizar o objeto que se presta a ser esclarecido dentro um espaço que lhe confira uma base sem a qual poderia permanecer inoperante, difuso, atomístico e se tornar, quem sabe, uma panaceia terminológica usada, sem justificativa e contexto, para sanar problemas em geral.

Tal espaço de contexto para as abordagens de organização do conhecimento foi aqui tratado em termos de uma narrativa e não de uma especulação epistemológica que primeiro buscasse encontrar elos interdisciplinares, depois influências teóricas, e, depois uma definição do campo ou área ou domínio etc.

A narrativa contribui para a contextualização na medida em que ajuda a delimitar o escopo, tornando os resultados contextualizados, através dos pressupostos que fornece, mais operacionalizáveis⁵.

Com a opção pela narrativa, entretanto, corre-se o inegável risco de cair em um reducionismo fantasioso. Mas, entre esta possibilidade e o abstracionismo epistemológico, opta-se pela contextualização fruto de uma narrativa⁶.

Tomando, desse modo, como objetivo geral, o delineamento teórico a respeito da presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus núcleos teóricos, da forma como são encontradas no campo da Organização do Conhecimento relacionado à

⁵ Sobre a restrição do escopo causada pela narrativa e a consequente operacionalização dos resultados, há um paralelo possível entre a ideia que se quis transmitir com isso e a restrição causada em um campo científico pela ação de um paradigma. A esse propósito ver Kuhn (2009, p. 43-44).

⁶ Com isso não se está negando o caráter epistemológico da pesquisa, mas apenas diferenciando o tipo de abordagem: contextualização orgânica e histórica e não uma contextualização em termos de relações científicas, por assim dizer.

ISKO, e tomando como objetivos específicos a elaboração de uma narrativa para contextualizar as abordagens teóricas de organização do conhecimento no âmbito e literatura da ISKO; a explicação, exemplificação e identificação das abordagens teóricas em núcleos teóricos que as aglutinam e diferenciam; e o esclarecimento a respeito das características que marcam a presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus núcleos na literatura da ISKO, buscou-se percorrer uma via de investigação pautada pela proposta metodológica da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009).

A vista do exposto, a presente tese pode contribuir, em alguma medida, com os pesquisadores e profissionais relacionados aos capítulos da ISKO, primeiramente pela opção de abordagens de organização do conhecimento colocadas a disposição, depois como insumo aos iniciantes no campo, para que tenham uma narrativa de onde partir para se contextualizar, em seguida como material de interesse para pesquisas epistemológicas, e por último, como exemplo (ou contraexemplo) de um modo possível de se abordar metodologicamente a Organização do Conhecimento.

Tendo sido feitas essas primeiras esclarecimentos, a estrutura deste relatório, que descreve o período total de pesquisa, está disposta tendo como primeira seção esta introdução, em que se procurou apresentar a temática, os pressupostos, o problema e os objetivos. Na segunda seção e em suas subseções se apresenta a referida narrativa. Em seguida, na terceira seção, são tratados aspectos estruturais da constituição das abordagens teóricas de organização do conhecimento por meio da análise de três exemplos selecionados de acordo com uma tipologia de núcleos teóricos. O método utilizado para a investigação e os aspectos da exposição são objeto da quarta seção. Na quinta seção e em suas subdivisões são veiculados os resultados, com uma análise dos dados autorais a respeito da presença dos núcleos de abordagens teóricas presentes na literatura da ISKO e uma análise categorial com sínteses, inferências e interpretações. Em seguida constam as considerações finais e os elementos pós-textuais.

2 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO COMO MOVIMENTO DE TEORIZAÇÃO: UMA NARRATIVA

Tendo sido despertado o interesse pelo delineamento teórico das abordagens de Organização do Conhecimento veiculadas no âmbito da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) e aglutinadas em núcleos teóricos, procurou-se identificar e estabelecer uma narrativa que pudesse contextualizar as abordagens de modo a não deixá-las soltas, sem vínculos com um espaço delimitado de possibilidade de ação, isto é, sem coordenadas que determinem, quais sejam: o sentido em que as abordagens foram perspectivadas, a justificativa do *corpus* de análise, a finalidade do delineamento das abordagens, a esteira comum dentro da qual, em continuidade, as abordagens são concebidas e operacionalizadas, o público a quem os resultados serão oferecidos e a possível razão pelo aumento e diversificação das abordagens teóricas de organização do conhecimento ao longo do tempo.

Nesse sentido, não é raro encontrar na Ciência da Informação⁷, em suas muitas buscas por perspectivas, principalmente nas mais eruditas, o estabelecimento de relações de continuidade histórica entre esferas do conhecimento filosófico e científico, em seu passado remoto ou recente, e as abordagens relacionadas ao conhecimento objeto de estudo (informação bibliográfica, administrativa, cultural etc.) para, dessa maneira, formar uma imagem identitária do campo, a partir de uma analogia.

A título de exemplo, e partindo da expressão “organização do conhecimento”, seria possível inferir que Aristóteles, Tomás de Aquino e Bacon (antiguidade, medievo e modernidade), pelo fato de terem buscado estabelecer uma estrutura categorial do conhecer humano (portanto uma espécie de “organização do conhecimento”), poderiam ser considerados a origem ou o germe daquilo que hoje se entende por Organização do Conhecimento, dentro de uma mesma esteira histórica de continuidade.

Entretanto, questiona-se: Esses filósofos tinham os mesmos objetivos (bibliográficos) da Organização do Conhecimento? Encontra-se explícito em Aristóteles a intenção de formar um campo e uma instituição nos mesmos moldes da Organização do Conhecimento e da ISKO? Todos eles, a partir de Aristóteles, assumiram a consciência de estarem num mesmo processo contínuo de absorção e desenvolvimento do pensamento anterior? É possível

⁷ Está-se ciente das perspectivas que concebem a Organização do Conhecimento como um universo científico que extrapola a Ciência da Informação, indo até o limiar da filosofia (Teoria do Conhecimento). Todavia, para os fins desta pesquisa, a Organização do Conhecimento tem a ver como aquilo que “se faz” na Ciência da Informação, isto é, organizar informação registrada tal como se opera em arquivos, bibliotecas e museus.

verificar elos materiais de continuidade entre esses filósofos e, por exemplo, os objetivos e a consciência fundacional de Ingetraut Dahlberg, de modo a ver nessa continuidade uma narrativa histórica e não analógica da Organização do Conhecimento⁸?

Supondo que uma resposta negativa a essas questões seja a mais plausível, buscou-se um meio concreto de estabelecer um contexto para as abordagens de organização do conhecimento vinculadas ao campo da Organização do Conhecimento especificamente no âmbito da ISKO. Esse meio concreto refere-se a uma narrativa, cujo delineamento passa a ser apresentado a partir deste ponto.

Ao prefaciar o livro *The Organization of Knowledge and The System of The Science* do bibliotecário norte-americano Henry Evelyn Bliss, o filósofo, também norte-americano, John Dewey (1859-1952) afirma que “a biblioteca moderna está posicionada no ponto de cruzamento entre as duas grandes correntes: da integração intelectual e da aplicação prática com interesses de unificação social” (BLISS, 1929, p. viii, tradução nossa).

Dewey descreve o quadro que emolduraria a intersecção do fator intelectual com o prático-social na esfera de atuação biblioteconômica, a partir da dupla constatação de que, cada vez mais, as atividades práticas são orientadas por “descobertas científicas, pelo progresso intelectual e pela difusão de conhecimento genuíno” (BLISS, 1929, p. vii, tradução nossa), e de que a organização social está, em crescente medida, envolvida em uma relação de dependência com a “habilidade de se utilizar competentemente conhecimento organizado”, a despeito de uma subserviência à “tradição e ao mero custo” (BLISS, 1929, p. vii, tradução nossa).⁹

Essa orientação básica de abertura do universo do fazer biblioteconômico às coordenadas do pensamento filosófico-científico descreve, com suficiência conceitual, a contribuição pioneira de Bliss aos métodos e processos de classificação bibliográfica, com a qual pretendeu elevá-los, de um modo especificamente inédito, à condição teórica de uma organização do conhecimento.

Nesse texto, Bliss busca assentar as bases de um *movimento de teorização* da classificação que tomaria como pressuposto o postulado de que a “classificação bibliográfica

⁸ Aqui cabe ressaltar que não se está referindo a relações epistemológicas. Trata-se de narrativa, percurso histórico e não de influência teórico-conceitual.

⁹ Essa concepção vai se refletir, a partir da década de 20 do século XX, no ideário da denominada Escola de Chicago (Chicago Graduate Library School), notadamente com Jesse Shera e Pierce Butler, como bem destaca John Richardson Jr. (1982).

RICHARDSON, junior, John. *The spirit of inquiry: the Graduate Library School at Chicago, 1921-1951*. Chicago ; American Library Association, 1982.

somente poderia ser eficiente e adequada se se baseasse em princípios fundamentais da organização e classificação do conhecimento” (BLISS, 1929, p. xiv, tradução nossa).

Tratar-se-ia, desse modo, de uma busca por eficácia quanto aos métodos e processos de classificação (e de todo instrumental relacionado a ela) a partir da introdução das potencialidades e instrumentos científicos que até então não eram empregados pelos sistemas de classificação mais recorrentes, como a Classificação Decimal de Melvil Dewey (CDD), sistemas esses que, segundo Bliss (1929, p.107, tradução nossa), “impediam a classificação de ter uma base científica” pelo fato de terem sido “construídos sob uma base prática, isto é, uma base arbitrária e artificial concernente às ideias peculiares dos bibliotecários que os construíram”¹⁰.

A tônica do argumento de Bliss por uma teorização da classificação como organização do conhecimento não se refere, por conseguinte, à simples aplicação de conteúdos eruditos à construção e manutenção dos sistemas. A chave de abóboda de sua proposta, seu objetivo orientador, está na busca de uma máxima eficácia quanto à representação do conhecimento nos quadros categoriais dos sistemas de classificação por meio da inserção desses sistemas em uma perspectiva científica, perspectiva esta claramente entendida como uma forma de aprimoramento racionalizante dos métodos até então empregados; dito de outra maneira, a cientificidade estaria a serviço da eficácia de uma maneira que o pragmatismo de até então não estaria apto a alcançar.

De um modo bastante inteligível, Bliss (1929, p. 411, tradução nossa) justifica sua via argumentativa por meio da compreensão de que “a melhor e mais útil classificação é aquela que é conformada com o sistema científico”; e com isso dá o impulso inicial para a consolidação da teorização da classificação bibliográfica como organização do conhecimento para além (mas não fora) da esfera prática de aplicação biblioteconômica.

Em um segundo livro, *The Organization of Knowledge in Libraries*, Bliss (1933) busca especificar os postulados filosófico-científicos aventados no livro anterior, operacionalizando-os no contexto de uma teoria da classificação.

Partindo do problema da construção de sistemas de classificação sob uma base pragmática (sem respaldo científico) que teria como efeito a ineficácia quanto à representação

¹⁰ Vale ressaltar que aquilo que se está alegando quanto à ausência de teoria, de cientificidade e de aporte teórico no sistema de classificação de Dewey são argumentos dos autores que formam a narrativa. O autor desta tese está ciente de que houve influência filosófica (hegeliana) no sistema de Dewey, por meio de William Torrey Harris, como demonstram Sales, Matínez-Ávila e Guimarães (2018, p.352) em: SALES, R.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; GUIMARÃES, J.A. Dialogical elements in Harris, Dewey, Cutter, Otlet, Kaiser, and Ranganathan: Theoretical convergences in the history of Knowledge Organization. **Transinformação**, v.30, n.3, p.348-362, 2018. Desse modo, a alegação de ausência de teoria tem aqui um valor de argumento na narrativa, já que é evidenciada nos textos dos autores que formam a narrativa.

do conhecimento na estrutura categorial, Bliss (1933, p.16, tradução nossa) se questiona a respeito de uma solução possível e conclui que uma “resposta válida” seria o desenvolvimento de uma teoria.

Entendendo teoria como “enunciados gerais sobre fatos básicos, relações e princípios” (BLISS, 1933, p. 16, tradução nossa), o autor, antes de apresentar uma lista de trinta princípios teóricos concebidos para embasar os métodos e processos de classificação, informa que, estruturalmente, a aplicação de tais princípios corresponderia a se alcançar uma “organização do conhecimento” (*organization of knowledge*), na estatura da qual a classificação estaria “melhor qualificada” para servir aos propósitos biblioteconômicos de “máxima eficácia” (BLISS, 1933, p. 36, tradução nossa).

Com isso há uma identificação definitiva da teorização da classificação (não da classificação em si, *lato sensu*) com a designação de organização do conhecimento¹¹.

Por fim, Bliss (1933, p.309, tradução nossa) se pergunta se, a partir da constatação da insuficiência teórica quanto às formas de classificação, não seria oportuno conjugar esforços na direção de um “movimento cooperativo” para promover a teorização dos métodos classificatórios.

Tal movimento de cooperação para promoção da teorização, acredita-se, foi posto em marcha e assumido em uma continuidade narrativa que desembocou na consolidação da organização do conhecimento (teorização da classificação e de instrumentos afins) em termos epistemológicos, conceituais e institucionais, da maneira a ser explicitada adiante.

Nesse sentido, anos após a atuação pioneira de Bliss, o matemático e bibliotecário indiano Shiyali Ramamritam Ranganathan se mostrava preocupado com as inadequações verificadas na primeira edição de seu sistema de classificação *Colon Classification* (RANAGANATHAN, 1967, P.21).

Tomando em consideração o quadro de problemas que constatou em seu sistema, Ranganathan (1967, p.21, tradução nossa) conclui que tais problemas poderiam ter sido evitados se ele “pudesse ter trabalhado sobre as bases de uma completa e bem testada teoria da classificação”.

Totalmente envolvido com a aporia acerca de uma teoria da classificação, Ranganathan (1967, p.23) relata que em uma noite, em que se encontrava impossibilitado de

¹¹ Não seria o caso de tratar a organização do conhecimento como simples sinônimo de classificação, mas como sinônimo de teorização da classificação; como empenho de se imbuir a classificação de aportes teóricos com objetivo, a princípio, de alcançar eficácia e depois, com a consolidação do campo e a fundação da ISKO, com objetivo de melhor organizar o conhecimento em termos contextuais; de organizar de modo justo e ético; de organizar interoperacionalizando contextos etc.

dormir, foi-lhe sugerido que lesse algo, pois essa atividade cognitiva poderia, quem sabe, atrair o sono. Assim, Ranganathan tomou então dois livros que havia previamente selecionado para ler, mas que até então não haviam despertado sua especial atenção.

Os dois livros que tomou para ler como expediente para alcançar o sono eram *The Organization of Knowledge and The System of The Science* e *The Organization of Knowledge in Libraries* de Bliss.

Perdendo definitivamente o sono, Ranganathan leu os dois livros naquela mesma noite e de imediato, sob sua influência, iniciou a elaboração da teoria da classificação de que necessitava.

A primeira versão de sua teoria, construída sob influência de Bliss, foi exposta na primeira edição de seu livro *Prolegomena to Library Classification*, publicada em 1937.

Nas edições posteriores do livro o autor refina criticamente sua teoria a partir dos contatos e experiências que teve com estudiosos e instituições relacionadas com a classificação bibliográfica, como a Federação Internacional de Documentação – FID (RANGANATHAN, 1967, p. 24) e o *Classification Research Group* – CRG (RANGANATHAN, 1967, p. 27).

Em substância, a noção de teoria apresentada por Ranganathan (1967) corresponde à mesma compreensão encontrada em Bliss, isto é, trata-se da construção e aplicação de princípios teóricos “normativos” aos métodos e processos de classificação.

Com Ranganathan, nesse sentido, o *movimento de teorização* alcança uma maior visibilidade institucional e acadêmica, ainda que num patamar difuso e com uma consolidação fragmentada.

Nessa linha, nos anos de 1970, emerge mais uma consciência atenta à necessidade de uma teoria da classificação, consciência essa que assume e promove as noções propostas por Bliss e Ranganathan, conduzindo o *movimento de teorização* da classificação bibliográfica até um estado de estabilização plenamente reconhecível em termos de cientificidade (institucional e teórica).

Trata-se de Ingetraut Dahlberg, que, como filósofa e *cientista da informação*, revisita o problema da relação entre ontologia (ser) e epistemologia (conhecer), apontando uma nova estruturação¹² das categorias que classificam o conhecimento humano e aplicando-a ao âmbito da classificação bibliográfica.

¹² Disposição das categorias em uma derivação evolutiva, a partir dos “níveis integrados” (DAHLBERG, 1971, 1982; HARTMANN, 1964).

Dahlberg se coloca na esteira do *movimento de teorização* reconhecendo que o primeiro bibliotecário que atinou sobre necessidade de se atentar às questões teóricas a respeito dos esquemas de classificação foi Henry Evelyn Bliss, o qual, por meio de seus livros *Organization of Knowledge and The System of The Science* e *The Organization of Knowledge in Libraries*, “combinou o conhecimento filosófico acerca da classificação com a disposição dos livros nas estantes das bibliotecas”, contribuindo assim para colocar a classificação bibliográfica em contato direto com os “princípios filosóficos da classificação” (DAHLBERG, 1976, p.85, tradução nossa).

Para Dahlberg, ademais, esse arranjo teórico proporcionado por Bliss constituiu a “mais frutuosa inspiração dada ao classificacionista indiano Ranganathan” (DAHLBERG, 1976, p. 85, tradução nossa) que, por sua vez, teria promovido a “matematização qualitativa da classificação¹³”, por meio da noção de classificação a partir de uma combinatória de conceitos essenciais que promovem a “representação do conhecimento do homem sobre os objetos de seu mundo”.

Ainda na mesma esteira, a situação problemática da qual Dahlberg parte é essencialmente a mesma verificada em Bliss e Ranganathan, ou seja, a ausência de fundamentos teóricos na esfera da classificação.

A autora constata (DAHLBERG, 1978, p. 103) que os sistemas de classificação mais recorrentes até então, sobretudo a CDD, eram erigidos sobre uma base intuitiva e pragmática.

Melvil Dewey (1851-1931), afirma Dahlberg (1978, p.103, tradução nossa), “era um pragmático para quem qualquer tratamento teórico parecia desnecessário”, e que por isso “nunca tentou alargar as bases teóricas de seu sistema”, ao contrário do que fez “Ranganathan com seu *Colon Classification* no contexto de seu livro *Prolegomena*, motivado pelo exemplo de Henry Evelyn Bliss em seus dois livros sobre organização do conhecimento”.

A concepção *dahlbergniana* (1976, p. 87, tradução nossa) de teoria faz, a princípio, referência também às noções propostas por Bliss e Ranganathan, no sentido de se conceber uma via processual na qual se formulam “regras, cânones e postulados, dos quais se derivam princípios” a serem aplicados à classificação.

Todavia, sua ideia de “ciência da classificação” (DAHLBERG, 1976, p. 87, tradução nossa) ou “teoria da ciência da classificação” (DAHLBERG, 1980, p. 87, tradução nossa), se

¹³ Quanto a isso, Dahlberg ombreia Ranganathan a Leibniz, filósofo e matemático para quem os conceitos, como expressão do conhecimento, existem essencialmente em um número reduzido, sendo que o pensamento humano acerca dos objetos do mundo, por mais amplo e abrangente que seja, alcança sua expressão pela combinatória dos mesmos conceitos essenciais, *mutatis mutandis*, no sentido de que palavras são constituídas a partir das mesmas letras de um único alfabeto (DAHLBERG, 1976, p. 86).

específica, mais explicitamente do que em Bliss e do que no próprio Ranganathan, como uma “teoria do conceito” (DAHLBERG, 1976, p. 89; 1978, p.142-171; 1983, p.5; 1992, p.66; 2008a, p. 84; 2008b, p.171; 2014, p.86), em que o “conceito” é entendido como a “unidade básica de organização do conhecimento” (DAHLBERG, 1981, p.16; 1982, p.88; 1983, p.6; 1987, p. 125; 1990, p.106; 1992, p.66), isto é, como o elemento primário sobre o qual os esquemas classificatórios se estruturam, com base teórica, em categorias.

Foi motivada pelo intuito de consolidar e promover a teoria do conceito, em sentido de teorização da classificação, que Dahlberg passou a atuar em várias frentes acadêmicas e institucionais, alçando, com isso, o *movimento de teorização* ao patamar de Organização do Conhecimento.

Nesse sentido, Dahlberg funda o periódico *International Classification*, cujo primeiro fascículo foi publicado em maio de 1974, com o subtítulo “Revista sobre a teoria e a prática dos Sistemas de Classificação Universal e Especial e Tesouros”.

Motivada pelo mesmo intuito, Dahlberg funda em 12 de fevereiro de 1977, em companhia de Martin Scheele e Robert Fugmann, a Sociedade Alemã para a Classificação (DAHLBERG, 2014, p.85); sociedade essa da qual participa ativamente até 1989, quando se desligou por motivos relacionados à sua concepção de teoria do conceito como complexo teórico para a classificação bibliográfica. A autora (DAHLBERG, 1989, p.71; 2008, p.84; 2011, p.72) informa, nesse sentido, que a Sociedade Alemã para a Classificação sofreu uma guinada profunda quando a maioria de seus membros passou a se interessar mais por aspectos estatísticos e matemáticos concernentes à classificação e abandonou o enfoque sobre os aspectos conceituais.

Após sua saída da Sociedade Alemã para a Classificação, Dahlberg (1989) funda, juntamente com Robert Fugman e sob a assistência de Dagobert Soergel, em 22 de julho de 1989 em Frankfurt, Alemanha, a *International Society for Knowledge Organization* (ISKO).

Na carta fundacional da nova sociedade (DAHLBERG, 1989, p.71, tradução nossa) está declarado que a ISKO visa a “unir pessoas e instituições que se interessem pela pesquisa, desenvolvimento e aplicação de todos os métodos de organização do conhecimento, em campos gerais ou particulares, por meio da especial integração de abordagens conceituais de classificação [...]”. Verifica-se claramente nesse axioma uma reverberação, um eco do apelo inicial de Bliss, citado anteriormente, por um “movimento cooperativo” para promover a teorização dos métodos e processos de classificação bibliográfica, o que configura, estruturalmente, uma linha narrativa e um nexo de continuidade referente à Organização do Conhecimento.

Essa noção de continuidade se intensifica se se toma em consideração o fato de Dahlberg (2012, p. 143, tradução nossa) definir a Organização do Conhecimento como um “campo do conhecimento”, em termos de “uma esfera profissional que reúne um grupo de pessoas para desenvolver pesquisas e atividades operacionais e de publicação, bem como para o desenvolvimento de conceitos e terminologias relevantes, desfrutando de seu status social próprio” (DAHLBERG, 2012, p. 143, tradução nossa).

Com isso, nota-se certa identificação entre campo (Organização do Conhecimento) e instituição (ISKO) no interior de um espaço epistemológico coordenado em que os membros da instituição, enquanto pesquisadores do campo, “veem suas tarefas principalmente dentro de uma área que busca auxiliar, teórica e metodologicamente, a todos os tipos de trabalhos dentro de seus campos, sejam estes, bibliotecas, arquivos, museus, mídias, ciências sistemáticas, tarefas administrativas (estatística), tecnologia, cultura, terminologia etc.” (DAHLBERG, 2006, p. 17, tradução nossa).

Desse modo, a ISKO se consolida como um dos palcos privilegiados¹⁴ para a atuação da Organização do Conhecimento.

Adotando como seu veículo de comunicação científica a revista *International Classification* – que, por recomendação dos membros da ISKO reunidos no contexto de sua segunda conferência internacional em Madras, Índia, em agosto de 1992 (DAHLBERG, 1993, p.1) teve, em 1993, seu nome alterado para *Knowledge Organization* -, a ISKO desenvolve um amplo trabalho de desenvolvimento do campo da Organização do Conhecimento por meio, dentre outras medidas, da reunião de bibliografias com referências de trabalhos acerca da classificação, tesouros e demais elementos constitutivos dos chamados *Knowledge Organization Systems* (LÓPEZ-HUERTAS, 2008; BARITÉ, 2011; GNOLI, 2010, 2011) ou *Knowledge Organizing Systems* (HJORLAND, 2010) como “vocabulários controlados, classificações, ontologias digitais” (GNOLI, 2011, p. 30, tradução nossa), “ontologias, tesouros, taxonomias” (TUDHOPE; NIELSEN, p. 6, 2006, tradução nossa), “indexação” (BARITÉ, 2011, p. 99, tradução nossa) e toda a gama de elementos elencados por Mazzochi (2018) acerca dos *knowledge Organization Systems*, além de outros instrumentos e processos relacionados a se organizar o conhecimento bibliograficamente; mantendo com isso um claro domínio conceitual sobre o estado da arte das temáticas e problemas de pesquisa no campo.

¹⁴ Talvez o mais original e propício, já que pode ser considerado a expressão qualificada da intenção que regeu o movimento de teorização, em termos de campo/instituição. Na acepção de uma intenção que se materializa quando se alcança um patamar suficiente de consolidação de um campo, a ISKO está para a Organização do Conhecimento, se se permite uma comparação um pouco exagerada, como o *Bayreuth Festspielhaus* está para as óperas de Wagner, e o *Globe Theatre* está para as peças de Shakespeare, isto é, “foi feito para isso”.

Outra frente de atuação da ISKO é a promoção de conferências internacionais (cujos anais são publicados na série *Advances in Knowledge Organization*) e de conferências em nível regional e nacional. Tais eventos reúnem estudiosos de todo o mundo em torno de temáticas contemporâneas acerca de organização do conhecimento.

Em sua atuação, a ISKO estendeu, com efeito, o *movimento cooperativo de teorização da classificação* a uma dimensão global, de modo a contar atualmente com catorze capítulos nacionais e regionais e mais alguns membros correspondentes¹⁵. Os capítulos em questão são: capítulo do Brasil¹⁶; capítulo do Canadá e Estados Unidos; capítulo da República Popular da China; capítulo da França; capítulo da Alemanha, Áustria e Suíça; capítulo da Índia; capítulo do Irã; capítulo da Itália; capítulo da Tunísia, Argélia e Marrocos (Maghreb); capítulo da Polônia; capítulo de Singapura; capítulo da Espanha e Portugal; capítulo do Reino Unido; capítulo da África Ocidental; e mais os correspondentes da Austrália; Bélgica; Hungria; Rússia; Geórgia; Eslováquia; e do norte da Europa.

Com tudo isso, desde a contribuição inicial de Bliss até a estabilização consciente e institucional na ISKO, é possível afirmar que o *movimento de teorização da classificação* como organização do conhecimento alcançou, ao menos na concepção do autor desta tese, um patamar teórico suficientemente delineável. Tanto em termos epistemológicos (a abertura à teorização, à introdução de preceitos filosófico-científicos e, posteriormente, de análises sociais/culturais); quanto conceituais (a adoção de noções e tramas conceituais de correntes teóricas de outros campos); e institucionais (ISKO, publicações e eventos) verifica-se uma consolidação da Organização do Conhecimento como culminância¹⁷ do *movimento de teorização da classificação*.

Com isso o Rubicão da teorização foi atravessado, e uma vez alcançando esse patamar favorável, não era de se estranhar que fosse introduzida, no âmbito da Organização do Conhecimento, uma variedade de abordagens teóricas de diversas orientações, e com diversos objetivos.

Uma vez que o intuito era agregar esforços em torno da teorização dos métodos e processos de classificação (e de todo o quadro de instrumentos que lhes são afins), alcançando-se os meios científicos e institucionais de ação, era deduzível que a noção de

¹⁵ Sobre os capítulos da ISKO, veja-se: <http://www.isko.org/chapters.html>

¹⁶ No Brasil a ISKO conta com um capítulo próprio desde 2007. Nascido do interesse de pesquisadores relacionados ao grupo de trabalho sobre Organização e Representação do Conhecimento do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), o capítulo brasileiro já realizou quatro congressos nacionais e sediou um congresso internacional da ISKO, tendo seus trabalhos publicados *online* na série Estudos Avançados em Organização do Conhecimento.

¹⁷ Estabilizada, mas não encerrada.

teorização passasse a abranger também toda e qualquer concepção acerca de teoria, não se resumindo mais à proposição de princípios normativos para sistemas eficazes de classificação universalista.

Nesse sentido, no repertório de abordagens teóricas da Organização do Conhecimento passam a constar (para além dos aprimoramentos metodológicos baseados em princípios normativos, como verificados em Bliss, Ranaganathan e, em certa medida, também em Dahlberg e segundo o autor da tese pode compreender) abordagens que visam a: a) aprimorar os esquemas de classificação universalistas sob uma ótica que mescla realismo e pragmatismo¹⁸ (DAHLBERG, 1978; GNOLI, 2006, 2008; GNOLI; SZOSTAK, 2014), cujo objetivo permanece sendo a maior eficácia na representação do conhecimento na estrutura categorial; abordagens que buscam b) desenvolver esquemas de organização do conhecimento e análises epistemológicas contextuais sob uma perspectiva histórico-social (HJORLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJORLAND, 2002; MAI, 2004), cujo objetivo é melhor expressar contextos de conhecimento social e historicamente definidos; abordagens que c) reivindicar adequações nos esquemas de representação do conhecimento de acordo com pontos de vista de grupos sociais, tais como mulheres (OLSON, 2001, 2010), negros (FURNER, 2007), público *Queer* (CAMPBELL, 2000), minorias étnicas (AFOLABI, 1992), entre outros; cujo objetivo é fazer com que a representação do conhecimento seja justa e condizente com o discurso de coletividades.

Dessa forma, nota-se que o *movimento de teorização* passou a abarcar uma constelação de abordagens teóricas que, diferentes, contrárias ou contraditórias entre si, compõem, na percepção do autor desta tese, por assim dizer, um único repertório de modos de organização do conhecimento, vez que organização do conhecimento nada mais seria do que teorizações dos métodos e processos de classificação, em particular, e dos demais *Knowledge Organization Systems*, em geral.

Essa narrativa constitui o mapa do terreno sobre o qual a investigação das abordagens teóricas de organização do conhecimento se desenvolveu.

A partir dela, como pressuposto global, se estabeleceu que o *copus* de análise precisaria condizer com o universo de objetivos que levou os pesquisadores do campo da Organização do Conhecimento a compartilhar sua “teorização” da classificação e dos demais *knowledge organization systems* nos veículos de comunicação da ISKO e sob sua própria

¹⁸ Em sentido exclusivo de utilidade, e sem vinculação a correntes filosóficas.

“autoclassificação” temática, o *Classification System for Knowledge Organization Literature* (CSKOL).

Além disso, a partir dessa narrativa, os resultados alcançados pela pesquisa deverão ser entendidos como delimitados à perspectiva da Organização do Conhecimento ligada à ISKO o que, malgrado a possível restrição epistemológica, pode contribuir com a articulação, por parte do leitor, entre objetivos de organização do conhecimento e abordagens teóricas, isto é, entre aquilo que se pretende alcançar organizando conhecimento (classificando ou aplicando qualquer outro *knowledge organization system*) e as abordagens que se encaixam em tal intento (por exemplo: busca-se alcançar eficácia sem se preocupar com o contexto, então usam-se abordagens universalistas; busca-se privilegiar os contextos de conhecimento, então usam-se abordagens que mapeiam os domínios de conhecimento; busca-se alertar e conscientizar a respeito de problemas com as classificações em termos éticos, então usam-se abordagens críticas; e assim por diante).

A compreensão, ademais, de que a culminância do *movimento de teorização* teria, para a perspectiva do autor deste trabalho, aberto espaço para que, no âmbito da ISKO, as abordagens teóricas se diversificassem, fez com que se procurasse um meio de categorizá-las em núcleos teóricos. Tais núcleos teóricos constituem, para os fins desta pesquisa, uma tipologia de objetivos para se organizar conhecimento (construir e aplicar classificação, tesouro, ontologia etc.).

Partindo de um entendimento que o próprio campo da Organização do Conhecimento demonstra ter a respeito, a partir de alguns autores, dentre os quais Kleineberg (2013) e Gnoli (2011), se estabeleceu o número de três núcleos de abordagens teóricas.

Cada núcleo congregaria, segundo o autor desta tese, abordagens a partir do critério de se adotar um ou mais objetivos norteadores, com os quais os interessados em organizar conhecimento se identificariam por algum motivo, seja por influência paradigmática, por semelhança discursiva, por comungar dos mesmos problemas e das mesmas preocupações, por aderência ideológica ou mesmo por considerar oportuno participar dos interesses de pesquisa sobressalentes no momento.

Esses núcleos teóricos serviram de base para a seleção do *corpus* de análise da pesquisa e serão melhor descritos na seção a seguir, ao se tratar das abordagens teóricas de organização do conhecimento.

3 ABORDAGENS TEÓRICAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Para melhor tratar das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus núcleos teóricos, parte-se de um breve recorrido histórico acerca de perspectivas ocidentais sobre o conhecimento filosófico e científico, o que servirá de analogia para a distinção entre os três núcleos teóricos dentro dos quais as abordagens são categorizadas.

No centro mesmo da história da discussão epistemológica (entendida como Teoria do Conhecimento) está a relação sujeito-objeto como enfoque da operação cognitiva de conhecer.

No âmbito de tal relação, observa-se que durante todo o período antigo e medieval o enfoque estava no objeto, no ser. Nessa acepção o que cabia ao intelecto humano era reconhecer a presença do ser e as relações entre os modos de ser, sem procurar intervir na ordem das coisas. Tratava-se, desse modo, de um enfoque realista, descritivo e generalista, pois o que importava era conhecer o mesmo ser, o mesmo mundo objetivo que seria igualmente acessível a todos os homens, já que estes “por natureza desejam conhecer” (ARISTÓTELES, 1994, p.69, tradução nossa).

O resultado almejado da operação cognitiva era o conhecimento da verdade, entendida como realidade à qual todos tinham acesso e que, por isso, era considerada incontestável e o critério último para todo conhecimento filosófico/científico.

Com o advento do período dito moderno, há uma profunda guinada de perspectiva na relação sujeito/objeto, e o sujeito passa a ser o enfoque da operação cognitiva, chegando, com Kant, a criar a realidade. Tal guinada trouxe condições favoráveis a três propostas¹⁹ filosóficas como modelos ou formas de conhecer.

A primeira seria a proposta de René Descartes (1596-1650) que, tentando refutar Aristóteles, apresentou uma narrativa acerca de sua “procura da verdade” (DESCARTES, 2001, p. 37). Para tanto, procurou negar como duvidosas e falsas todas as suas crenças até perceber, que

enquanto queria pensar assim que tudo era falso, era necessariamente preciso que eu, que o pensava, fosse alguma coisa. E, notando que essa verdade – **penso, logo existo** – era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cépticos não eram capazes de abalar, julguei que podia admiti-la sem escrúpulo como o primeiro princípio da filosofia que buscava (DESCARTES, 2001, p. 38, grifo nosso).

¹⁹ Optou-se por chamar de propostas as três iniciativas a serem apresentadas. Todavia, os três proponentes não viam suas iniciativas senão como algo a ser necessariamente adotado, dada a irrefutabilidade que acreditavam ter alcançado.

Com isso, Descartes alça a perspectiva do sujeito (o Eu que existe porque pensa, independentemente de existir ou não um mundo a sua volta) a critério de verdade, tornando a filosofia/ciência algo desatrelado da realidade enquanto objeto dado que existe independente da contraparte do sujeito cognitivo, isto é, mesmo sem ser pensado. A partir daí, é o sujeito que passa a ser o crivo necessário para todo conhecimento considerado verdadeiro, portanto científico. Disso decorre a noção moderna de conhecimento como delimitado ao que puder ser materialmente medido, já que “medida”, entendida como expediente de cálculo e aferição, vem de *mens*, que remete a mente, ou seja, algo convencionado e padronizado pela mente (do sujeito) para a instrumentalização técnica da realidade.

A segunda proposta seria a concepção de Giambattista Vico (1668-1744) que destituiu a identificação da verdade com o ser (com a realidade) e passou a identificá-la com aquilo que é feito – “*verum esse ipsum factum*” (STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY, 2017, [s./p.]) - fazendo entender, com isso, que a operação cognitiva deixava de ser descritiva (passiva) da realidade objetiva e geral, para explicar e justificar a ação histórica do sujeito. Assim, não só o sujeito passa a ser o crivo do conhecimento científico, mas também o criador de verdades feitas (produzidas). Trata-se, desse modo, de tecnologia no sentido profundo do termo, isto é, de um conhecer para intervir na natureza²⁰.

A terceira proposta que marca a história da epistemologia seria a contribuição de Immanuel Kant (1724-1804), para quem o conhecimento não alcança a realidade das coisas (as famosas “coisas em si”), mas tão somente os fenômenos que representam a realidade (inacessível). Para Kant, seria a mente do sujeito que projetaria a estrutura da realidade em termos de formas de tempo e espaço, dentro das quais os fenômenos em geral seriam enfocados. Nessa medida, o próprio sujeito (o EU) acaba ficando destituído de substrato ontológico, reduzindo-se, também ele, à condição de fenômeno. Nas palavras do pensador de Königsberg tem-se que:

Esse espaço, porém, em conjunto com este tempo e, juntamente com ambos, todos os fenômenos, não são em si mesmos coisas, são unicamente representações, que não podem existir fora do nosso espírito; e a própria intuição interna e sensível do nosso espírito (como de um objeto da consciência), cuja determinação é representada pela sucessão de diversos estados no tempo, não é também o

²⁰ Em suas “Teses sobre Feuerbach”, mais precisamente na tese XI, Marx (2001, p.102.) afirma: “os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras, do que se trata é de transformá-lo”. Com isso, postula explicita e definitivamente a guinada do conhecimento, sob quase o mesmo ângulo de Vico, para a tecnologia, para a intervenção no mundo, a despeito da descrição do ser tal como assinalada pelos filósofos da antiguidade e pelos Escolásticos. (No Brasil tais teses foram publicadas, por exemplo, como anexo ao livro MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martis Fontes, 2001).

verdadeiro eu, tal como existe em si, ou o sujeito transcendental, mas tão-só um fenômeno, dado à sensibilidade, desse ser que nos é desconhecido (KANT, 2001, p. 546, A 492).

Nesse sentido, tratar-se-ia de uma extrema polarização da relação sujeito-objeto na direção do sujeito. Entretanto, não se trataria mais do sujeito isolado, como o Eu cartesiano (que existe ontologicamente porque pensa), mas de um Eu cuja constituição se dá na medida em que participa da mesma projeção das formas ditas a priori, já que todos os sujeitos projetariam as mesmas formas de tempo e espaço que estruturam a realidade conhecida. Dessa maneira, tratar-se-ia de um subjetivismo coletivo para o qual, dado que a realidade objetiva seria inacessível, não toma mais a verdade como critério de conhecimento, mas apenas a validade coletiva e consentida em termos discursivos, vez que os fenômenos conhecidos são representações, signos, linguagem...

Dessas três propostas surgiria, por verticalização, todo a cabedal de concepções epistemológicas que pode ser incluído sob a rubrica de pensamento pós-moderno: desconstrucionismo, pensamento pós-colonial, epistemologias feministas, teorias críticas²¹ entre outras. Para todas essas correntes, em maior ou menor medida, é o discurso coletivo crítico e reivindicatório que vai coordenar suas propostas. Além disso, todas essas correntes criam realidades e não aceitam a existência de uma objetividade vinculante acessível ao conhecimento geral.

Feitas essas considerações acerca do percurso histórico da epistemologia ocidental, chega-se ao ponto de interesse para a análise das abordagens dentro do movimento de teorização identificado com o campo da Organização do Conhecimento.

Acredita-se que há um paralelo entre os modelos epistemológicos das visões apresentadas e a estrutura das abordagens de organização do conhecimento, tal como estão sendo concebidas neste trabalho.

Trata-se apenas de um análogo estrutural²² que, guardadas as devidas proporções, poderia ajudar a melhor entender e classificar as abordagens. Tal analogia diria respeito a se considerar as abordagens a partir de núcleos teóricos, a depender dos objetivos de cada uma, do modo como vai ser explicado adiante.

Assim, desde a concepção a) ontológica e generalista, passando pela b) contextual subjetivista e chegando até a c) crítica e reivindicatória, seria possível categorizar as

²¹ O marxismo cultural poderia tranquilamente ser incluído nesse contexto.

²² De uma analogia e não de uma continuidade histórica entre aquilo que aconteceu na esfera da filosofia/ciências e a esfera bibliográfica da Organização do Conhecimento.

abordagens de organização do conhecimento em uma grelha triádica ou em uma triangulação que conferiria maior inteligibilidade às mesmas.

Cada polo da referida tríade é aqui entendido como um núcleo teórico que aglutina as abordagens por semelhança de objetivos para se organizar conhecimento. Nesse sentido, toma-se em conta que há diferentes níveis e graus de aproximação de cada abordagem aos núcleos. A categorização das abordagens dentro desta triangulação tem um teor apenas de auxílio metodológico, já que uma análise das causas da aglutinação em termos de relação e sucessão paradigmática demandaria um esforço de análise histórica e epistemológica que extrapolaria o escopo do presente trabalho.

A seguir passa-se a tratar, com mais pormenor, da categorização das abordagens teóricas de organização do conhecimento nos três núcleos.

3.1 Núcleos de abordagens teóricas de organização e representação do conhecimento

A Organização do Conhecimento demonstra ter consciência da diversidade de suas abordagens teóricas ao distinguir as formas de organização do conhecimento em dois polos ou tipos de estruturas.

Segundo Gnoli (2011, p. 30) as principais dessas formas reconhecidas pelo campo são a “ontológica”, que se refere ao pressuposto de que se conhece (e organiza e representa) a realidade em si mesma, e a “epistemológica”, que enfoca os fenômenos de conhecimento a partir de perspectivas diversas (propósitos, aspectos culturais, elementos metodológicos, objetivos, etc.).

Hjørland (2008, p. 260), por sua vez, vinculando à forma ontológica um pressuposto positivista e à forma epistemológica uma retaguarda pragmática, declara que a primeira pode ser considerada uma perspectiva para quem o conhecimento e a Organização do Conhecimento são entendidos como um “reflexo passivo de uma ordem externa”; e que a segunda permite ser compreendida, em oposição à primeira, como uma visão para quem a organização do conhecimento deve ser “funcional e, dessa forma, refletir metas, propósitos e valores”.

Kleineberg (2013, p.340), no mesmo sentido, equaciona a relação entre esses dois polos, o ontológico e o epistemológico, em termos de “modernismo” e “pós-modernismo”.

Para ele, as teorias modernistas são aquelas que “consideram o objeto conhecido como algo pré-dado, completamente independente do observador” (KLEINEBERG, 2013, p.341, tradução nossa), e que, em decorrência disso, objetivam a elaboração de um esquema de classificação de tipo universal que seja configurado do modo “mais neutro e objetivo possível” (KLEINEBERG, 2013, p.341, tradução nossa).

Já as teorias pós-modernistas seriam aquelas que concebem o objeto de conhecimento como algo socialmente construído e não como dado de antemão, o que equivale a se enfatizar a contraparte do observador em seus “pressupostos históricos e sociais” e a uma posição de recusa frente a toda e qualquer estrutura universalista de classificação (KLEINEBERG, 2013, p.341, tradução nossa).

A partir dessa distinção paradigmática²³ entre os dois polos, malgrado sua configuração demasiado esquemática e consciente da graduação de formas possíveis entre os dois polos nas quatro denominações, seria possível estabelecer uma primeira e mais elementar categorização das abordagens teóricas no âmbito da Organização do Conhecimento.

Generalizando os atributos caracterizadores dos dois polos, que doravante serão chamados de núcleos teóricos²⁴, é possível inferir que a forma ontológica (modernismo) objetiva atuar de um modo universalista, dedutivo, sincrônico, normativo e padronizante, enquanto que a forma epistemológica (pós-modernismo) atua de um modo contextual, indutivo, sob uma base linguística e discursiva, diacrônica e social.

Considerando tal esquematização bipolarizada como uma tipologia e criteriologia que o campo ora em estudo encontrou para classificar suas abordagens teóricas com fins de esclarecimento do seu espectro de opções metodológicas para organizar conhecimento (classificar, indexar, criar ontologias etc.), deseja-se seguir na mesma esteira e adotar tal esquematização como meio de referência para o delineamento das abordagens teóricas de organização do conhecimento.

Entretanto, sente-se, ao mesmo tempo, a necessidade de desdobrar a bipolarização na direção de uma triangulação baseada nos objetivos orientadores que articulam os elementos constitutivos de cada abordagem.

O quadro de objetivos referente aos três núcleos, aparentemente, se resume a três: 1) o aprimoramento dos esquemas classificatórios universais e seus instrumentos correlatos; 2) a contestação dos esquemas universais em favor de esquemas contextuais de base sócio-

²³ Estrutura modelar e exemplo típico.

²⁴ Pois, acredita-se, a expressão núcleo dá margem a se compreender uma variação interna, enquanto que polo passa a ideia de mútua exclusão.

histórica; e a 3) crítica ou reivindicação por uma mais justa e adequada representatividade de grupos sociais nos quadros categoriais de classificação.

As abordagens configuradas pelo primeiro tipo de objetivo se enquadram de todo no núcleo ontológico (modernismo) das teorias de organização do conhecimento; o segundo se refere ao núcleo epistemológico (pós-modernismo) que aqui prefere-se denominar “contextual”; e o terceiro, em parte se refere ao núcleo epistemológico (pela recusa do universalismo em favor do enfoque contextual) e em parte o extrapola, indo na direção de uma concepção dinâmica de contexto como identidade e orientação e, precisamente por isso, passa a constituir um terceiro núcleo teórico, o núcleo reivindicatório ou crítico.

Adotando essa triangulação esquemática como referência para a identificação e categorização das abordagens, apresenta-se a seguir, a título de exemplo, três análises de abordagens teóricas de organização do conhecimento, cada uma referindo-se a um dos ângulos do triângulo (a um núcleo teórico), que podem ajudar a esclarecer a compreensão que se requer a respeito delas.

Trate-se, nesse sentido, de um conjunto de análises feitas sobre a teoria ôntica do conceito de Ingetraut Dahlberg (objetivo de aprimoramento dos esquemas universais de classificação/ núcleo ontológico); sobre a análise de domínio²⁵ de Birger Hjørland (objetivo de contestação do universalismo em vista do fator contextual/ núcleo contextual ou epistemológico); e sobre algumas propostas ético metodológicas sumarizadas, além da proposta de Hope Olson, ambas ligadas às abordagens críticas ou reivindicatórias (objetivo de reivindicar uma justa representatividade de grupos sociais/ em parte polo epistemológico).

Antes, porém, veicula-se um quadro que pode contribuir com uma mais eficiente inteligibilidade quanto aos três núcleos teóricos.

Quadro 1: Caracterização dos núcleos de abordagens teóricas de Organização do Conhecimento.

Núcleo teórico	Objetivos	Características
Ontológico	Aprimoramento dos esquemas classificatórios universais e seus instrumentos correlatos	Atua de um modo universalista, dedutivo, sincrônico, normativo e padronizante
Contextual	Contestação dos esquemas universais em favor de esquemas contextuais de base sócio-histórica	Atua de um modo contextual, indutivo, sob uma base linguística e discursiva, diacrônica e social
Crítico (Reivindicatório)	Crítica ou reivindicação por uma mais justa e adequada representatividade de grupos sociais	Concebe o contexto de forma dinâmica, como identidade e

²⁵ Apesar de essa abordagem ter passado a ser utilizada como metodologia de investigação em geral, a intenção de Hjørland, ao introduzi-la na Organização do Conhecimento, foi, como se verá, proporcionar uma abordagem de enfoque contextual (sócio-histórico) de classificação bibliográfica.

	nos quadros categoriais de classificação	orientação
--	--	------------

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.1.1 Abordagem exemplo referente ao núcleo ontológico.

Iniciando, então, pela proposta de Dahlberg, pode-se afirmar que é a sua acepção de conceito, entendido como unidade de conhecimento (DAHLBERG, 1992, p.66; 1990, p.106; 1987, p. 125; 1983, p.6; 1982, p.88; 1981, p.16) que vai prover a linha lógica de seu raciocínio, linha esta que está pressuposta tanto em sua teoria conceitual, quanto em seu sistema de classificação.

Sua teoria do conceito, com efeito, parte do pressuposto de que o Homem está apto a conhecer a realidade e a descrevê-la por meio de enunciados ou afirmações que expressam²⁶ as características essenciais (necessárias e suficientes) dos objetos de conhecimento (DAHLBERG, 1995, p.1; 1994, p.60; 1978, p.143).

Esquemáticamente, a teoria do conceito (DAHLBERG, 2014, p. 86; 2012, p.144; 2009, p.169; 2008, p.171; 1983, p.1; 1978, p.142-151; 1976, p.89; 1975, p.31; 1974, p.12) segue uma via processual que explica a formação dos conceitos partindo da 1) escolha de um referente (um objeto de conhecimento, concreto ou abstrato); passando à 2) atividade de formulação de afirmações acerca das características que conferem identidade ao referente (destacando os atributos que informam aquilo que o referente é enquanto tal e o que o distingue de qualquer outro objeto de cognição); 3) condensando o conjunto das características do referente em uma “unidade de conhecimento” a qual chama “conceito”; e 4) atribuindo ao conceito uma expressão comunicável (termos e/ou códigos).

Dahlberg explica, ademais, que o conceito não tem uma natureza linguístico-discursiva (DAHLBERG, 1974, p.12) que lhe daria uma natureza culturalmente variável mas, sim, um caráter de expressão direta da realidade. Essa expressão se dá por meio do conjunto das características (DAHLBERG, 2014, p.86; 1978, p.142) que se extrai dos referentes selecionados. Tais características, como sendo expressão da realidade objetiva à qual todo Homem tem acesso, seriam universalmente reconhecidas como atributos qualificadores do referente, independentemente das especificidades culturais e linguísticas de cada campo do

²⁶ Talvez fosse mais oportuno dizer que “refletem” como em um espelho, sem interferência de elementos subjetivos.

conhecimento, cada sociedade, cada grupo social etc. Desse modo, o referente, enquanto ente real passível de ser conhecido poderia, a partir de suas características, ser classificado em uma ordem de categorias universalmente reconhecida, já que transportaria a mesma marca ontológica que transcende os contextos linguísticos.

Ao transpor essa noção para a esfera dos sistemas de classificação bibliográficos, a autora passa a conceber as classes de assunto não mais como sendo delimitadas por disciplinas e áreas do conhecimento (como se dá com os sistemas tradicionais, CDD, por exemplo), mas como categorias estruturadas a partir de “objetos da realidade” (DAHLBERG, 2014, p.87; 1998, p.81) que todos estariam aptos a conhecer (por meio dos conceitos), independentemente de se estar vinculado a tal e qual disciplina, área ou contexto²⁷. Com isso, seria possível alcançar uma universalidade pragmática padronizável (DAHLBERG, 1977, p.1) que contribuiria com uma maior abrangência de conhecimentos, tanto em termos de um mais amplo abarcamento de temáticas dos materiais bibliográficos a serem classificados em classes de assunto, quanto no que se refere à contraparte do público usuário dos sistemas de classificação, que não necessariamente precisariam estar circunscritos a categorias de campos, disciplinas e contextos de conhecimento.

Dessa presumível universalidade útil atribuída à função conceitual, por conseguinte, deriva o sistema de classificação de Dahlberg, denominado *Information Coding Classification-ICC* (DAHLBERG, 2014; 2011; 2009; 2008b; 2008a; 2006; 1998; 1996; 1994; 1993; 1985; 1982). Tal sistema foi concebido como um sistema de classificação universal e facetado; não estruturado por disciplinas, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), mas por objetos da realidade (referentes) tal como são retidos nos conceitos; além de almejar atender a uma dupla exigência de rigor teórico e de pragmaticidade.

Nessa linha, apresentando um quadro no qual articulam as classes em uma dinâmica evolutiva (DAHLBERG, 1996, p.157; 1982, p.91) em que uma pressupõe e condiciona a outra, primeiro são alocadas as classes de assuntos teóricos e fundamentais (sujeito), depois as classes cujos assuntos se relacionam com as atividades desenvolvidas no âmbito da aplicabilidade de conhecimentos (ação) e, por fim, as classes dos conhecimentos relativos aos efeitos das ações dos sujeitos, ou seja, concernentes aos artefatos produzidos (objeto).

A vista do até então exposto, podem ser delineadas algumas inferências acerca da proposta de Dahlberg, as quais podem ajudar a compreender a articulação das abordagens teóricas de organização do conhecimento no núcleo teórico ontológico.

²⁷ É esse, acredita-se, o sentido de sua opção pelo fator ontológico e universalista das formas de organização do conhecimento/classificação, isto é, alcançar um extrato mais amplo e disseminado de conhecimentos.

Em primeiro lugar, é possível inferir que o motivo condutor da adoção da concepção ontológica de conceito (que perpassa todos os extratos temáticos de sua proposta) não se deveu a uma reflexão filosófica e nem mesmo a uma simples adesão, por ser (ou não) o pressuposto ontológico um elemento constitutivo de sua composição ideológica mas, sim, a uma preocupação pragmática de índole pedagógica (DAHLBERG, 1993, p.212) em que a autora supõe ser a concepção ontológica a maneira mais útil, simples e ampla de se organizar conhecimento e, assim, poder disseminá-lo, a partir do aprendizado, a um número maior pessoas.

Nessa linha, e uma vez caracterizada a proposta *dahlbergniana* em termos de realismo, ontologia e universalismo, seria possível enquadrá-la naquela categoria descritiva das formas de organização do conhecimento que Gnoli (2011), como visto, chama “ontológica”, ou núcleo ontológico, como se está referindo nesta pesquisa.

Em sentido de proposta metodológica para se organizar conhecimento, a contribuição de Dahlberg diz respeito a se abandonar a classificação por disciplinas no contexto dos sistemas universais, para classificar, com base em conceitos (unidades de conhecimento), por meio de objetos da realidade, para cujo acesso cognitivo todo Homem é capacitado, o que proporcionaria uma mais ampla abrangência dos sistemas e uma maior eficácia representativa.

Para operacionalizar a proposta, são adotadas noções e conceitos da filosofia em seu campo correspondente ao ser (ontologia/ôntica); com menções explícitas e operacionais²⁸ a Aristóteles (DAHLBERG, 1976, 1978, 1990, 1992, 2008, entre outros), Hartmann (DAHLBERG, 1988, 1997, 2006, 2008, entre outros), Feibleman (DAHLBERG, 2006, 2008, 2012, entre outros) e, curiosamente, a Kant²⁹ (DAHLBERG, 1987, 1990, 1992, entre outros).

Desse modo, a proposta (aprimoramento dos sistemas universais a partir da adoção da categorização por objetos e não mais por disciplinas) e as noções e conceitos (da ontologia) são articulados em concernência com o objetivo orientador da maior eficácia e abrangência representativa dos sistemas de classificação universais.

3.1.2 A abordagem exemplo do núcleo contextual.

²⁸ Em que os autores citados cumprem função explicativa na operacionalização de sua proposta.

²⁹ Ao colocar Kant (realismo como “consenso” intersubjetivo (mesmas formas *a priori*)) na mesma esteira de realistas ontológicos como Aristóteles, a autora, acredita-se, deixa aparecer seu tipo específico de realismo e de universalismo, nos quais transparece um tipo de pragmatismo: se todos têm acesso, se há um reconhecimento universal das mesmas categorias, logo uma classificação que reflita essa mesma base terá uma alcance mais amplo e, assim, será mais eficaz, mais útil.

Parte-se, a partir deste ponto, para a análise da Análise de Domínio de Hjørland, da qual se buscará extrair elementos para a articulação das abordagens teóricas de organização do conhecimento no núcleo contextual. Para tanto é requerido, neste caso, um esforço investigativo mais atento, dada a inclinação de Hjørland a perspectivar seus objetos de estudo de modo multidimensional, e, às vezes, sobreposto.

Dessa forma, para se captar a urdidura de motivos e objetivos da Análise de Domínio como abordagem teórica de organização do conhecimento, se faz necessário repassar a via argumentativa de Hjørland, buscando a continuidade de nexos que contextualizam sua proposta de Análise de Domínio ante o quadro geral de seu pensamento acerca da Organização do Conhecimento, o que requer uma análise interpretativa que relacione duas noções-chave propostas pelo autor: a concepção dual de organização de conhecimento e a teoria do conceito.

Hjørland (2008, p.86), ao referir-se à natureza da Organização do Conhecimento, estabelece uma perspectiva dual de sentidos: um, mais estreito, que diz respeito à esfera documental de representação do conhecimento na qual se desenvolvem as atividades de “descrição documental, indexação e classificação realizadas em bibliotecas, bases bibliográficas de dados, arquivos e outras ‘instituições de memória’ (HJORLAND, 2008, p.86, tradução nossa); e um sentido mais amplo, que se refere à representação do conhecimento de acordo com a “divisão social do trabalho **mental**” (HJORLAND, 2008, p.86, tradução nossa, grifo nosso), isto é, em concernência com as formas de organização do conhecimento em universidades, disciplinas, profissões, mídias sociais etc.

No que se refere ao sentido mais amplo de Organização do Conhecimento, o autor (HJORLAND, 2008, p.86-87) esclarece que as ciências, em sua representação do conhecimento, buscam refletir os recortes da realidade que estudam, em uma grelha conceitual e terminológica que lhes é própria, ou melhor, que mais propriamente expressa os objetivos que visam a alcançar. E após ressaltar esse ponto, continua o argumento afirmando que o sentido mais estreito, por sua vez, busca refletir o social no documental, isto é, a representação científica na esfera bibliográfica (HJORLAND, 2008, p.86-87).

O trajeto, então, seria: as ciência singulares (sentido mais amplo de Organização do Conhecimento) cobrem conceitualmente a estrutura da realidade, organizando primariamente esse conhecimento a partir das teorias e paradigmas que condicionam seus conceitos, e a Organização do Conhecimento na Ciência da Informação (sentido mais estreito) reflete organicamente essa organização na esfera documental.

Com isso, Hjørland (2008, p.87) busca justificar a necessidade de a Organização do Conhecimento estar aberta a - e consciente de - desenvolvimentos teóricos nas ciências que, como instrumento humano para a solução de problemas históricos e socialmente cambiáveis, vão mudando seus conceitos, teorias e paradigmas e, por conseguinte, sua forma de organização.

Não há, com efeito, universos fechados de conhecimento de tal forma que se a representação documental do conhecimento se fechar na sua esfera, sem atentar ao fluxo evolutivo do conhecimento que se dá na esfera das ciências, vai acabar por universalizar suas formas de organização e por oferecer sistemas padronizados, *prêt-à-porter*, e sem vinculação real com os domínios de conhecimento na sua versão conceitual contemporânea.

Em se pensando as duas concepções sobre a natureza da Organização do Conhecimento, seria possível inferir que, para Hjørland, a Organização do Conhecimento constitui como que uma matriz de perspectivas acerca das muitas formas de organização que, teórica e funcionalmente, são trabalhadas pela Ciência da Informação³⁰ para favorecer o trânsito conceitual entre a dimensão científica e a documental.

Tendo discorrido acerca desse primeiro núcleo de noções que pretensamente pode contribuir com a contextualização dos conceitos utilizados por Hjørland em sua Análise de Domínio parte-se, a seguir, para a apresentação da segunda noção-chave, sua teoria conceitual.

É no contexto da teoria do conceito de Hjørland, que se verifica, explicitamente, a motivação para a introdução da Análise de Domínio como abordagem de representação contextual (em sentido sócio-histórico) para as classificações e demais *knowledge organization systems*.

Hjørland (2009), como de costume, inicia seu raciocínio apresentando uma diacronia do tema, por meio da qual apresenta o estado da arte acerca das concepções filosóficas e científicas de conceito. Nesse contexto, o autor esclarece a motivação de sua proposta e revela a posição que ocupa no quadro geral das investigações em Ciência da Informação.

Segundo Hjørland (2009, p.1527) os conceitos estão pervasivamente presentes em todas as esferas de atuação da Ciência da Informação: na produção, organização, recuperação uso e apropriação da informação. Além disso, os sistemas de organização do conhecimento, como esquemas de classificação, tesouros e ontologias (HJORLAND, 2009, p.1528), são

³⁰ Da qual a Organização do Conhecimento seria um “subcampo” (HJORLAND, 2009, p.1528)

considerados pelo autor como sendo “essencialmente sistemas de conceitos organizados” (HJORLAND, 2009, p.1528, tradução nossa).

Ressaltada a importância dos conceitos para a Ciência da Informação e, especificamente, para seu “subcampo”, a Organização do Conhecimento (HJORLAND, 2009, p.1528), Hjørland explica que até a década de 1990 a Ciência da Informação adotava uma visão cognitivista individualista³¹ sobre a função conceitual enquanto expressão e representação do conhecimento, o que, em termos práticos, equivalia a se trabalhar com modelos universais e descontextualizados de classificação de conceitos.

Essa visão não permitia que se concebessem fatores de ordem histórica e social na construção de conceitos, nem muito menos em sua representação em sistemas de organização do conhecimento.

Hjørland (2009, p. 1520, tradução nossa), ao criticar essa visão, afirma que por causa da insuficiência metodológica por ela apresentada levou a

desenvolver uma alternativa, a ‘análise de domínio’ (HJØRLAND & ALBRECHTSEN, 1995), na qual os conceitos são estudados em domínios e disciplinas, e em relação com, entre outras coisas, teorias e paradigmas daqueles domínios e, por isso, tal análise é inspirada por uma visão pós-Kuhniana.

Desse modo, a teoria do conceito de Hjørland tem como mote abrir à Ciência da Informação/Organização do Conhecimento uma perspectiva histórico-social sobre a questão da representação do conhecimento em conceitos.

Procedimentalmente, o autor (HJORLAND, 2009, p.1522) explica que os conceitos têm como função básica fixar coisas em sinais ou na mente, com o objetivo de propiciar o pensamento e a comunicação e essa fixação geraria uma estabilidade de significado dos conceitos de acordo com as atividades socialmente padronizadas que eles refletiriam, e para as quais eles cumpririam uma função semântica.

Aqui entra em cena a noção de *active theory*, expressão metodológica do pragmatismo na esfera da Psicologia, que compreende os objetos de conhecimento como artefatos humanos, cujo significado (o conceito) precisa ser buscado na relação evolutiva (histórica e social) entre objetos e práticas (HJORLAND, 2009, p.1522).

³¹ Influenciada pela psicologia cognitivista (que sucedeu o *behaviorismo*) que pensava o conhecimento em termos de operações cerebrais e com base em metáforas sobre o funcionamento de computadores (HJORLAND, 2009, p.1520).

Nessa concepção, apreender o conceito (significado) de um objeto consiste em entender a co-evolução histórica entre o objeto e a prática humana a que ele serve (representa), ou seja, a sucessão dos tipos de padronizações a que se referiu anteriormente.

Alterando a dimensão da linha de raciocínio, Hjørland (2009, p.1522) passa a explicar que segundo a visão pós-Kuhniana (visão que adota) os conceitos e as mudanças de significação dos conceitos estão associados aos desenvolvimentos nas teorias científicas e que, por isso, seria preciso adotar um ponto de vista histórico para se compreender a função conceitual e cognitiva de acordo com a evolução das ciências. Em outras palavras, os conceitos teriam a sua função semântica atrelada aos rumos que, historicamente, as ciências tomarem na investigação de seus objetos.

Nesse ponto, o autor (HJORLAND, 2009, p. 1526) introduz as noções do pragmatismo acerca de conceitos, afirmando que segundo essa corrente de pensamento os conceitos são meios de se fixar partes da realidade no pensamento, na linguagem, e em outros sistemas simbólicos. Essas partes da realidade não são fixadas (classificadas) apenas por similaridade (concepção aristotélica), por divisão lógica (racionalismo clássico), ou por genealogia (historicismo), mas por aquilo que é considerado funcionalmente equivalente entre os objetos de conhecimento, isto é, aquilo que concorre para a representação de uma função, atividade ou prática.

Tendo em conta as noções tomadas da *active theory*, da concepção pós-Kuhniana e do pragmatismo, Hjørland (2009, p.1528) declara que, em termos de Organização do Conhecimento, a meta mais importante da Ciência da Informação consiste em habilitar os usuários a formar sua própria opinião acerca do que é ou não relevante quando das buscas bibliográficas que fazem, e que, para propiciar esse tipo de liberdade fundamentada, seria preciso que os sistemas de organização do conhecimento fossem considerados “organização de conceitos” como provedores de acesso a diferentes teorias.

Para alcançar tal patamar, o autor sugere (HJORLAND, 2009, p.1529) que os sistemas de organização do conhecimento precisariam reconhecer, em seu modo de estruturação, a natureza pragmática e histórica dos conceitos, explicitando essa natureza por meio do estabelecimento de nexos entre paradigmas, discursos e os próprios conceitos.

Do que foi exposto, é possível inferir que, como corolário, as teorias formuladas pelas ciências (historicamente motivadas) e expressas em conceitos, constituem práticas padronizadas, cujas funções explicativas da realidade são fixadas por meio de conceitos.

Tomando em consideração essas duas noções chave (concepção dual e teoria do conceito), é preciso agora concatenar os pontos para poder articular as abordagens teóricas de organização do conhecimento na Análise de Domínio, como exemplo de núcleo contextual.

Nessa linha, Hjørland³² (HJORLAND; ALBRECHTSEN, 1995, p.401, tradução nossa) define a sua proposta de Análise de Domínio por meio de uma declaração de princípios que condensa várias linhas de ação e várias dimensões conceituais em um ponto de vista metodológico:

O paradigma da análise de domínio na ciência da informação (CI) afirma que o melhor modo para se compreender a informação no âmbito da CI é estudar os domínios de conhecimento como comunidades de pensamento ou de discurso, as quais são parte integrante da divisão social do trabalho. Organização do conhecimento, estrutura, padrões de cooperação, formas de linguagem e comunicação, sistemas de informação e critério de relevância são reflexos dos objetos de trabalho dessas comunidades.

Pela natureza condensada da definição e por seu caráter alusivo, ela se torna um símbolo, uma fórmula carregada de semântica que dá margem a muitas interpretações possíveis. Todavia, para se alcançar uma interpretação que equalize a definição com as perspectivas do autor que a elaborou, seria preciso recorrer às noções que, como pano de fundo, conferem o contexto teórico à definição. Tais noções, por seu turno, precisariam veicular as motivações e objetivos do autor de um modo explícito.

Acredita-se ter encontrado nas noções de concepção dual de Organização do Conhecimento e de teoria do conceito, a base para se articular os conceitos da Análise de Domínio dentro da contribuição teórica de Hjørland para a Organização do Conhecimento.

No entanto, para construir o argumento da interpretação acerca do contexto da Análise de Domínio no pensamento de Hjørland, torna-se necessário remontar às noções veiculadas nas seções precedentes.

Primeiramente está a ideia de que a esfera social do conhecimento em seus domínios, ou seja, nos campos do conhecimento científico³³, reflete a realidade a partir de um ponto de vista delimitado por interesses, valores e objetivos historicamente cambiáveis. Depois, tem-se a compreensão de que a esfera social se reflete na esfera documental do conhecimento.

³² Apesar de se tratar de uma coautoria, é forçoso reconhecer que pelo menos o parágrafo citado corresponde de todo aos conceitos chave recorrentemente utilizados por Hjørland.

³³ Perguntado, certa vez, se a Análise de Domínio deveria se restringir a dimensão acadêmica do conhecimento, Hjørland (2005, p.21) responde que não e declara que até *hobbies* podem ser considerados domínios. Entretanto, não há como negar que ao referir-se à Organização do Conhecimento o autor somente trata de campos do conhecimento.

Esse trânsito entre uma esfera e outra, em que a esfera documental participa da esfera científica para colaborar com seu desenvolvimento - desenvolvimento este que reverbera no desenvolvimento social - não é algo novo no âmbito da Ciência da Informação uma vez que, como destacam Mendes e Moraes (2014, p.549), há um paralelo entre esta noção de Hjørland e a noção *otletiana* de documentação como o meio de se promover a ancoragem da esfera documental em práticas científicas atuais.

Longe, todavia, de aderir ao universalismo padronizante de Otlet, Hjørland perspectiva a relação entre o conhecimento científico e sua representação documental desde uma ótica histórico social. Nesse sentido, o autor altera a visão antes proposta por Otlet e concebe a relação entre ciência e documentos não mais do universal para o particular, mas do particular para o particular.

Nesse ponto são introduzidas as concepções pragmatistas, sobretudo a versão adotada na psicologia cognitiva, a *active theory* tendo como pressuposto básico pensar os conceitos (expressão do conhecimento) como reflexos verbais de práticas sociais relativamente estabilizadas, cujo campo semântico só é inteligível dentro do âmbito das comunidades que participam das mesmas práticas.

Ao identificar essas práticas estabilizadas com os campos do conhecimento (que se estabilizam em termos de paradigmas, teorias e conceitos), Hjørland advoga a necessidade de se conhecer tais estabilizações para fazer com que elas sejam identificadas quando o conhecimento científico é representado nos sistemas de organização do conhecimento da esfera documental, de modo a que cada estabilização (leia-se cada domínio), com seu cabedal de teorias e conceitos (leia-se discurso), seja bibliograficamente refletido, sem universalização.

Nos termos da narrativa interpretativa que se está desenvolvendo, essa noção de relação entre as esferas científica e documental do conhecimento poderia ocupar a posição de círculo teórico mais amplo, como uma dimensão de pressuposto dentro da qual, concentricamente, encontra-se o núcleo de noções relativo à teoria do conceito proposta por Hjørland.

No âmbito da teoria do conceito, Hjørland apresenta a justificativa para a elaboração da Análise de Domínio.

Segundo o autor, os conceitos (elementos essenciais para a Ciência da Informação/Organização do Conhecimento) estavam sendo abordados a partir da perspectiva cognitivista pós-*behaviorismo*, para a qual os conceitos não transportam fatores causais extra-cerebrais, como condicionamentos históricos e sociais.

O enfoque dessa corrente prende os conceitos a seus fatores individuais e isso corresponde a uma concepção de modelos cognitivos universalizantes, sem atenção aos contextos de conhecimento, o que, por tabela, fazia com que a esfera documental se baseasse em pressupostos igualmente universais.

Objetivando inserir os aspectos históricos e sociais no trabalho conceitual da Ciência da Informação, Hjørland recorre a Thomas Kuhn³⁴, filósofo da ciência, para quem os conceitos são *theory-laden*, ou seja, influenciados e condicionados por teorias.

Nesse sentido, não existem conceitos atomísticos com significado universal, mas somente conceitos com semântica vinculada à função que cumprem no interior de uma teoria.

Teorias, por sua vez, evoluem, transformando-se e estabilizando-se de acordo com as demandas sociais que buscam solucionar, e com isso seus conceitos (discursos) também se transformam. Nisso se verifica a historicidade e a influência social que os conceitos carregam.

Tais fatores não podem ser desdenhados pelos sistemas de organização do conhecimento, cuja função é refletir na esfera documental a organização conceitual da esfera científica.

Uma vez abordados esses dois núcleos de noções como dois círculos concêntricos, o mais amplo se referindo aos pressupostos e o mais estreito à problematidade, é preciso discorrer acerca das motivações e objetivos concretos que levaram o autor a propor a Análise de Domínio à Ciência da Informação/Organização do Conhecimento e depois relacionar essas motivações e objetivos com as noções anteriormente apresentadas.

No artigo seminal, em que propõem onze abordagens de Análise de Domínio para a Ciência da Informação, Hjørland (2002, p. 422-423) se refere à “filosofia” subjacente às bibliotecas de especialidade e diz que o principal problema em se adotar essa filosofia tem sido capacitar os profissionais da informação a empreendê-la.

A filosofia em questão diz respeito a se identificar, descrever, organizar e comunicar as fontes de informação de acordo com propósitos específicos.

Identificando esses propósitos com a circunscrição dos domínios de conhecimento, Hjørland explica que a dificuldade em dotar os profissionais da informação de habilidades aptas a abordar os domínios reside em se conjugar a formação geral em Ciência da Informação e a especificidade de cada domínio; e então declara que “a abordagem de análise

³⁴ Para se ter uma noção da influência das concepções de Kuhn sobre o pensamento de Hjørland, ver: Hjørland, 2015. Nesse documento Hjørland defende a ideia *kuhniana* de *theory-laden* até o ponto de afirmar que os sistemas de organização do conhecimento e que os sistemas de organização do conhecimento são teorias, ou pelo menos influenciados por teorias.

de domínio é uma tentativa de enfrentar esse problema” (HJORLAND, 2002, p.423, tradução nossa).

Em seu *site Core Concepts for Library and Information Science*, Hjørland (2016) afirma que as onze abordagens de Análise de Domínio que propôs em 2002 constituem competências especiais dos especialistas e cientistas da informação. Em outra oportunidade o autor (HJORLAND, 2005, p.17) declara que o conjunto das onze abordagens define as competências específicas dos cientistas da informação.

Também em seu *site Core Concepts for Library and Information Science*, Hjørland (2016) afirma que a Ciência da Informação é uma derivação da Biblioteconomia especializada e que, assim como ela, carrega implícita a tradição de ter seu enfoque no “conhecimento de assunto”, isto é, na *expertise* acerca do quadro de conceitos, termos, linguagens que dado campo do conhecimento adota na organização do conhecimento em nível social (os valores e metas que delimitam sua especificidade disciplinar e dentro desta os paradigmas e teorias).

Com isso tudo é possível inferir que a Análise de Domínio foi pensada como solução metodológica para propiciar o trânsito da esfera social do conhecimento para a documental em um patamar de representação que tomasse em conta, da melhor forma possível, as especificidades de cada domínio quando de sua transposição para os sistemas de organização do conhecimento.

Mas, entretanto, qual seria o efeito prático de tal abordagem?

Em outro *site* seu, o *Lifeboat for Knowledge Organization*, Hjørland (2016) afirma que a Análise de Domínio constitui um modo de fortalecer as principais perspectivas e competências da Ciência da Informação por meio da análise sociológica e epistemológica que confere o conhecimento de assunto necessário para abordar os domínios e representá-los nos sistemas de organização do conhecimento. Segundo o autor, os sistemas de organização do conhecimento são sempre, em maior ou menor medida, o reflexo do domínio que busca organizar, por isso que para melhor representar, por assim dizer, documentalmente o domínio se faz necessário conhecer a visão (teorias e paradigmas) que nele atua buscando, com isso, o favorecimento das buscas dos usuários, a partir da explicitação dos paradigmas e teorias dos domínios que estão refletidas nos sistemas.

A tal respeito, Hjørland (2005, p.17) declara que, com a Análise de Domínio, busca humanizar a relação dos usuários com os sistemas de organização do conhecimento, por meio da qualificação das buscas, o que equivale a, por meio da representação explicitada das teorias

e paradigmas (discurso) do domínio em sua evolução histórica e função social, habilitar o usuário³⁵ a fazer escolhas fundamentadas acerca da informação que busca.

Com isso, o último círculo da estrutura é apresentado: a dimensão teleológica³⁶, em que o motivo e o objetivo consistem em tornar mais consciente a relação dos usuários com os sistemas de organização do conhecimento.

Retomando a definição programática de Análise de Domínio apresentada no início desta seção, haveria razoáveis indícios para se inferir que domínios são campos de conhecimento com sua função social (resolução de problemas) específica em cada momento histórico e com seu específico repertório de teorias, conceitos e paradigmas (discurso), estabilizados em termos de uma delimitação circunscrita por práticas de investigação (divisão social do trabalho) e, uma vez considerando todo esse panorama, a Ciência da Informação /Organização do Conhecimento estaria mais apta a oferecer sistemas de organização do conhecimento que favorecessem as buscas fundamentadas do usuário (melhor entendimento da informação).

Para terminar a articulação, seria possível notar que a Análise de Domínio consiste na opção metodológica logicamente derivada de todo esse quadro conceitual do pensamento de Hjørland para a Organização do Conhecimento, pois ela reflete, em holograma, cada um dos círculos da proposta teórica do autor: tanto o círculo dos pressupostos (a necessidade de refletir, histórica e socialmente, a esfera científica de conhecimento na esfera documental), passando pelo círculo da problematidade (a universalização dos esquemas de organização de conceitos, motivada pela influência cognitivista), quanto pelo círculo teleológico (motivo e objetivo de habilitar os envolvidos com Ciência da Informação a obter conhecimento de assunto dos domínios e assim oferecer uma busca livre e fundamentada aos usuários dos sistemas de organização do conhecimento).

Dessa maneira, é possível afirmar que, quanto à proposta metodológica de aprimoramento dos esquemas universais, sua contestação em vista dos esquemas contextuais, ou a reivindicação de justa representatividade, a Análise de Domínio figura claramente como um meio de favorecer o fator contextual da organização do conhecimento por meio da inserção da perspectiva sócio-histórica de conceituação.

As noções e conceitos que adota são declaradamente tomadas do pragmatismo³⁷, da versão psicológica do pragmatismo a *active theory*, e de Thomas Khun.

³⁵ A figura do usuário em Hjørland lembra quase que exclusivamente os pesquisadores envolvidos nos domínios do conhecimento

³⁶ Do grego *Telos*: fim, propósito.

O objetivo que articula a proposta metodológica às noções e conceitos adotados se refere a dotar a Ciência da Informação/Organização do Conhecimento com a habilidade de compreender o contexto de conhecimento (domínio) a ser organizado e representado em termos de seus paradigmas e teorias e, assim, poder oferecer um serviço de informação mais fundamentado, mais “humanizado” (HJORLAND, 2005, p.17, tradução nossa).

Com o delineamento desses dois exemplos de estruturação típica das abordagens teóricas de organização do conhecimento, os núcleos ontológico e contextual estão contemplados. Cabe agora analisar um terceiro tipo de abordagem teórica que se posiciona, quanto à adoção do âmbito contextual de organização e representação e quanto aos objetivos de crítica e reivindicação de justa representatividade, e, indo além desse núcleo, abarca aspectos, por assim dizer, “infracontextuais”, como identidade e orientação.

3.1.3 Abordagem exemplo do núcleo crítico ou reivindicatório.

Parte-se agora para análise do terceiro exemplo de abordagens teóricas de organização do conhecimento, relativa ao arranjo teórico feito a partir da articulação entre as teorias críticas acerca de temas sociais e político-culturais, oriundas do pensamento de intelectuais “ativistas”, como os membros da chamada Escola de Frankfurt, do pensamento pós-modernista e da perspectiva pós-estruturalista (MARÍNEZ-ÁVILA; SEMIDÃO; FERREIRA, 2016, p.119) -, e o estado reivindicatório por uma mais justa e adequada representação identitária de grupos sociais específicos nos esquemas de classificação e demais *knowledge organization systems*.

Partindo sempre de uma circunstância problemática verificada a respeito da organização e representação de cabedais de conhecimento de grupos sociais (MARTÍNEZ-ÁVILA; SEMIDÃO; FERREIRA, 2016, p.122), as abordagens teóricas reivindicatórias podem ser consideradas metodologias com fundamento *aporético*, isto é, que buscam responder teoricamente a problemas (injustiças, principalmente) identificados no contexto dos *knowledge organization systems*.

Tomando por pressuposto o fato de que a “classificação posiciona identidades em uma estrutura” (MARTÍNEZ-ÁVILA; FOX; OLSON, 2012, p.160, tradução nossa), as teorias críticas buscam oferecer uma contribuição teórica capaz de promover um estado de

³⁷ Não há como especificar um autor específico do pragmatismo americano no qual, particularmente, Hjørland tenha se inspirado.

conscientização ética a respeito dos problemas verificados quanto à representação categorial do conhecimento de determinados coletivos nos esquemas de classificação.

Nesse sentido, o quadro de tipos de problemas que vêm sendo trabalhado por essas abordagens foi sistematizado por Olson e Schlegl (2001, p. 65, tradução nossa) como sendo constituído pela seguinte tipologia: a) o tratamento de um assunto como sendo uma exceção à regra; b) o abandono do assunto a um gueto; c) a omissão do assunto; d) a estruturação inapropriada do padrão; e e) a aplicação de uma terminologia enviesada.

Todas essas circunstâncias problemáticas são, em essência, consideradas inadequações representativas com apelo ético à ação por um estado de coisas mais justo. Tais tipos de problema, ademais, impactariam, cada um a seu modo, as formas de organização do conhecimento de grupos sociais marginalizados.

Nesse sentido, por exemplo, têm-se as chamadas “epistemologias feministas” que, na Organização do Conhecimento, visam a trabalhar a relação gnosiológica entre sujeito e objeto de conhecimento transpondo as mulheres da posição de objeto para a de sujeito de conhecimento e proporcionando, com isso, o questionamento das suposições enviesadas acerca da condição feminina na cultura ocidental (OLSON; FOX, 2012).

Tem-se também o empenho em questionar os problemas verificados nos esquemas de classificação quanto à representação do público negro e dos não brancos em geral, como a chamada “teoria crítica de raça” que busca avaliar os sistemas de classificação para averiguar seus reais objetivos e com isso acusar possíveis “injustiças raciais institucionalizadas” (FURNER, 2007).

Outro tipo de abordagem teórica de organização do conhecimento seria aquela que aborda questões relativas à orientação sexual e à identidade de gênero, como a teoria *Queer*, que contesta a rigidez das categorias dos sistemas universais de classificação que, quanto a seus pontos de acesso, não permitem adequadamente a abrangência documental desses grupos (CAMPBELL, 2000).

Mais um tipo de abordagem teórica que se enquadra nessa categoria reivindicatória/crítica seria a chamada teoria da *Intersectionality*, no contexto da qual se busca meios de conscientização dos envolvidos com os esquemas de classificação sobre a necessidade de se representar, na grelha categorial, a realidade das múltiplas experiências de injustiça em uma identidade interseccional como, por exemplo, de uma mulher, latina e lésbica, que sofre injustiça enquanto mulher (sexismo), enquanto latina (preconceito étnico) e enquanto lésbica (injustiça devido a orientação sexual) (MARTINEZ-ÁVILA; FOX; OLSON, 2012).

Dessa maneira, conforme descrito em estudo paralelo (MARTINEZ-ÁVILA; SEMIDÃO; FERREIRA, 2016, p.122), as teorias críticas no âmbito da Organização do Conhecimento apresentam uma dinâmica metodológica que se estruturaria a partir da constatação de uma situação problemática (injusta, opressiva) para a qual se busca uma solução pautada em correntes de pensamento de outros campos para formar uma base que fundamente uma solução, a qual consiste da proposição de uma resposta que sintetize os aspectos éticos e teóricos com os elementos operacionais da classificação.

Uma proposta típica desse núcleo teórico seria aquela que resulta do trabalho de Hope Olson (1998; 1999; 2002) que, partindo de uma perspectiva que entende a classificação como uma construção social que reflete a cosmovisão central do espaço e tempo em que foi construída, se empenha em descobrir as injustiças praticadas contra os conhecimentos (e seus produtores) marginalizados e excluídos das fronteiras dos sistemas de classificação. Tais injustiças, uma vez descobertas, são “denunciadas” e suas causas rastreadas até os pressupostos inconscientes que condicionam a representação do conhecimento nos contextos de assuntos dos sistemas de classificação.

Posicionando-se desde o ponto de vista do conhecimento não ou pouco representado, sobretudo o conhecimento referente às mulheres, Olson (1999; 2001; 2003; 2012) busca revelar as relações de poder por trás das lógicas que fundamentam a classificação. Tais lógicas se mostram imbuídas do discurso hegemônico do lugar e do tempo em que foram criadas.

De modo mais específico, a autora, sempre tomando por fundamento algum aporte metodológico crítico, busca desvendar forças de poder subjacentes aos discursos predominantes e, ao mesmo tempo, invisíveis e inconscientes (*presumptions*) (OLSON, 1999, p.72), que acabam reforçando injustiças e posturas anti-éticas na representação do conhecimento de grupos que não se enquadram ao que é considerado “normal”, e são, nessa medida, considerados os Outros.

A abordagem investigativa de Olson coaduna, por assim dizer, uma compreensão territorial da classificação (explicitada, sobretudo em Olson, 1998, p.237); a capacidade de ver o que está pressuposto (em termos de discursos e lógicas) em propostas de classificação (melhor explicitado na ocasião da indicação da presença da lógica aristotélica (OLSON, 1999), e das noções hegelianas (OLSON, 2010)); e o teor de conscientização das soluções que oferece (em praticamente todos os textos³⁸).

³⁸ Evidentemente, os textos lidos pelo autor.

Em tudo isso, acredita-se, está presente o desejo de uma adequada (justa, ética) representação do conhecimento dos grupos marginalizados na grelha categorial das classificações.

Tendo esse intuito geral em consideração, seria possível dizer que, a visão territorial está presente nas indicações de exclusão e marginalização de determinados grupos (na forma como são representados) das classes de sistemas universais de classificação. A capacidade de enxergar discursos de poder (dominação, discriminação etc.), oriunda das abordagens críticas, consiste na metodologia que leva a autora a identificar as exclusões e marginalizações. E teor de apelo ético e de conscientização (reivindicatório/crítico, como se está chamando nesta pesquisa), resulta daquilo que viu “por traz” dos sistemas e da posição que grupos (não só mulheres) se encontram com respeito às fronteiras da classificação (OLSON, 1998).

Sobre as propostas de Olson, nas quais se encontram o teor reivindicatório/crítico, vale a pena ressaltar, as mesmas não consistem no chamado “trabalho do negativo” de Hegel (1992, p.30), que se faz presente, por exemplo, na crítica total à cultura ocidental feita pela Escola de Frankfurt (WIGGERSHAUS, 2010, p.636).

Não se trata da crítica pela crítica para que o positivo emergja automaticamente, mas de uma crítica construtiva³⁹ e cheia de opções para o melhoramento das situações de problema.

Para tentar esclarecer melhor o que se quer dizer a respeito da proposta de Olson, será feito uso de uma metáfora que, por analogia, pode promover uma inteligibilidade maior.

Trata-se do mito grego da Medusa⁴⁰, que conta a narrativa de um monstro com atributos femininos, com cabelos em forma de cobras e que transformava todos os que olhavam para ela em pedra.

Medusa,

nome de uma das Górgonas, filhas de Fórcis e Ceto, decapitada por Perseu; irmã de Esteno e Euriale; e também de uma filha de Príamo (Apollod. *Bibl* 3, 12, 5). Deriva do verbo μέδω, "mandar, reinar sobre", a partir da raiz indoeuropeia *med- (Frisk, *Gr. Et. Wört.*); significa, portanto, "a que manda", por simples formação participial (PELLIZER, 2013, p. 182),

recebeu um castigo de Atena (uma deusa grega), que consistiu em ter seus cabelos transformados em serpentes e o poder de transformar em pedra todos que olhassem para seu rosto.

³⁹ No sentido descritivo da expressão, sem apelo ao clichê.

⁴⁰ O autor já fez uso dessa metáfora em outro contexto, mas com a mesma função explicativa ou de tentativa de explicação: SEMIDÃO, R. A. M. **Dados, Informação e Conhecimento enquanto elementos de compreensão do universo conceitual da Ciência da Informação**: contribuições teóricas. Marília, 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 2014. p.31.

A Medusa teria sido morta por um herói grego chamado Perseu, que cortou sua cabeça com o auxílio de um escudo espelhado. Perseu não olhou diretamente para o rosto da Medusa, mas olhou para o espelho em seu escudo e, com isso foi capaz de matar o monstro e de não ficar paralisado.

Pois bem, se se concede um pouco de simpatia, as cobras na cabeça da Medusa e o seu efeito paralisante representam as situações problema com as injustas representações do conhecimento de grupos marginalizados, excluídos, colonizados etc. Ao olhar para a representação que deles é feita nos sistemas de classificação universalistas e outros instrumentos parecidos, os mesmos caem “paralisados”, não recuperam informação, não têm acesso ao conhecimento e, assim, ficam fora das fronteiras (OLSON, 1998).

Seria somente através do espelho/escudo do herói grego, representando aqui as representações justas e éticas em sistemas adequados de organização do conhecimento, que, socialmente construído, permitiria aos grupos olharem indiretamente⁴¹ para a Medusa e, dessa forma, poderem se ver no conhecimento representado e organizado, alcançando assim a recuperação da informação e o acesso favorável ao conhecimento.

Para ir direto ao ponto, Olson é aquela, que, ao mesmo tempo, denuncia a presença da Medusa, e ajuda na construção de espelhos/escudos que sirvam para bem representar aqueles todos que são considerados pelo *mainstream* como sendo os Outros, os que não se adequam aos padrões ditos de normalidade.

Dessa forma, denunciando e conscientizando e propondo soluções, Olson e os pesquisadores do núcleo reivindicatório/crítico produzem abordagens teóricas de organização do conhecimento que compõem a literatura da *International Society for Knowledge Organization* – ISKO e se distinguem das abordagens dos outros núcleos.

Tal como esse escudo espelhado, o modelo analógico da cognição atribuiria referência à investigações científicas, não de maneira estrita como um algoritmo, mas como uma macro relação de semelhanças e diferenças (analogia, portanto) que favorece a operacionalização de conceitos dentro de uma margem de atuação demarcada pelo potencial explicativo da cognição humana.

Por fim, é possível notar que essas abordagens críticas expressam uma forma de proposta metodológica que figura como uma reivindicação ética por uma justa representatividade dos cabedais de conhecimento de grupos sociais nas estruturas categoriais da classificação. As noções e conceitos que Olson adota são originários de correntes de

⁴¹ Lembrando que olhar diretamente, evoca concepções ontológicas de conhecimento, como algo retido diretamente da realidade não construída.

pensamento social e político-cultural como a Escola de Frankfurt, o pós-modernismo e o pós-estruturalismo (MARTINEZ-ÁVILA; SEMIDÃO; FERREIRA, 2016, p.119). Seu tipo de objetivo orientador é reivindicar, criticar, acusar, contestar um estado de coisas injusto e proporcionar em resposta uma conscientização geral que permita aos envolvidos com a classificação adotar uma atitude ética em seu trabalho de “colocar identidades em uma estrutura” (MARTINEZ-ÁVILA; FOX; OLSON, 2012, p.160, tradução nossa).

Delineados esses três exemplos de abordagens teóricas de organização do conhecimento - um correspondendo ao núcleo Ontológico com objetivo de aprimorar os esquemas de classificação universais; outro pertencente ao núcleo Contextual com objetivo de contestar os esquemas universais para propor abordagens contextuais (de base sócio histórica); e outro em parte contido pelo núcleo Contextual e em parte extrapolando-o com objetivo de crítica às inadequações na representação de conhecimento de grupos sociais -, seria possível dizer que as abordagens, em sua estrutura, foram descritas conforme o argumento dessa pesquisa e conforme o pressuposto do *movimento de teorização* da classificação que propicia a narrativa que articula as partes do estudo.

Feitas essas considerações, os próximos passos de pesquisa concernem às análises da Análise de Conteúdo, no intuito de esclarecer a presença dos três núcleos de abordagens teórica na literatura da ISKO. Antes, porém, seguem as explicações metodológicas.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

No contexto desta seção é apresentada uma descrição justificante das opções metodológicas da pesquisa em termos de referência ao tema, problema e objetivos. Busca-se também ressaltar algumas características da forma de exposição que, uma vez explicadas, podem conferir maior inteligibilidade ao encadeamento das partes do processo investigativo.

Em vista do objeto de estudo contextualizado - em que se concebem as abordagens teóricas de organização do conhecimento dispostas num *continuum* de teorização da classificação e de demais *knowledge organization systems*, trama essa da qual se quer esclarecer as inclinações aos três núcleos teóricos -, concluiu-se que um método que conjugasse as potencialidades da descrição fundamentada em evidenciações (declarações publicadas em veículo de comunicação científica) e da interpretação estruturada e coordenada por parâmetros de ordem dedutiva (se interpreta sem extrapolar o alcance dos elementos identificados, na direção de suposições extemporâneas), estaria apto a guiar as investigações.

Encontrando, nesse sentido, nas potencialidades da Análise de Conteúdo de Bardin (2009) o meio pertinente para se estudar as abordagens teóricas de organização do conhecimento, optou-se por adotá-la como método. Nessa linha, o que mais interessa na via metodológica da Análise de Conteúdo para o contexto desta pesquisa é o encadeamento dedutivo e controlado entre suas etapas, no sentido de se partir do elemento vislumbrado, para o indicial, para o textualmente verificado e deste para as inferências e interpretações coordenadas.

Dada a articulação complexa das abordagens teóricas de organização do conhecimento no interior de cada núcleo teórico, essa via proporcionada pela Análise de Conteúdo poderia parametrizar a identificação e sistematização das abordagens sem permitir que se enverede por suposições despropositadas, mantendo os resultados sempre dentro de uma margem de verificação com os textos analisados.

Bardin (2009, p.121), nesse sentido, prevê três fases ou polos cronológicos da Análise de Conteúdo, a saber, a 1) pré-análise; a 2) exploração do material; e o 3) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014, p. 16) especificam que a pré-análise “compreende a leitura flutuante, constituição do corpus, formulação e reformulação de hipóteses ou pressupostos”; na fase exploração do material, “o investigador busca encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de

uma fala será organizado”, e no tratamento dos resultados “o analista propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugerida pela leitura do material”.

Incorporando esse quadro de etapas ao contexto da presente pesquisa, pode-se dizer que a fase de pré-análise constitui a formulação da narrativa do movimento de teorização a partir da leitura flutuante com o “deixar-se impregnar por impressões e orientações” (BARDIN, 2009, p.77), como meio de contextualizar as abordagens teóricas à *International Society for knowledge Organization* (ISKO) e, dessa maneira, justificar a seleção do *corpus* de análise.

Quanto à fase de exploração do material, foram feitas leituras dos textos selecionados em busca de duas categorias (Concepção de Organização do Conhecimento e Tipos de Universalismo, de Contexto e de Problemas/grupos) que ajudassem a esclarecer os meandros que envolvem as abordagens teóricas no interior dos núcleos.

Por fim, a fase de tratamento dos resultados, com as inferências e interpretações, corresponde ao quadro de delineamentos teóricos que, ao menos na proporção delimitada pelos pressupostos, ajudam a melhor compreender as abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus três núcleos e desde a perspectiva relacionada à ISKO. De modo específico, essa fase compreende três momentos: em primeiro lugar são apresentados dados autorais a respeito dos textos, por veículo, e com as análises consequentes. Depois são tratadas duas categorias de análise para cada um dos núcleos, sendo que a primeira refere-se da concepção de Organização do Conhecimento que cada núcleo apresenta, e a segunda corresponde àquilo que especifica, diferenciando, cada um dos núcleos: a categoria do Tipo de Universalismo para o Núcleo Ontológico; a categoria de Tipo de Contexto para Núcleo Contextual; e a categoria Tipo de Problema/Grupo Social para o Núcleo Reivindicatório/Crítico. E o último momento veicula interpretações a respeito do que foi descoberto.

Isso posto, passa-se à descrição de mais alguns elementos do método.

Desde o início, como já mencionado em outras partes do relatório, teve-se interesse em estudar as abordagens teóricas no contexto do campo da Organização do Conhecimento desenhado a partir do que se entendeu ser a perspectiva da ISKO. Diante disso, à medida que o curso de doutorado foi sendo desenvolvido, com o cursar das disciplinas, as orientações e a realização das primeiras leituras, foram emergindo algumas noções que contribuíram, pouco a pouco, com a delimitação da pesquisa tal como ela é agora relatada.

A primeira noção surgida, um tanto pueril ou básica, foi a percepção de que a Organização do Conhecimento tratava de ordenar informação para um uso qualificado, e isso, sobretudo, feito a partir da classificação. Decorrendo disso, as várias abordagens teóricas que motivaram o interesse de pesquisa passaram a ser vistas como modos se abordar a classificação e demais processos/instrumentos para ordenar informação.

A partir daí surgiram questionamentos do tipo: se esse é mesmo o caso, por que não chamar o campo simplesmente de Documentação ou Ciência da Informação? O que poderia ser considerado como diferencial no modo como a Organização do Conhecimento aborda a classificação?

A esse respeito, pareceu suficiente pensar na tradicional distinção analítica entre a produção, a organização e o uso da informação; na qual a organização desempenharia o papel de centro, mediando a comunicação entre a informação produzida e o público usuário, sendo, nesse sentido, a Organização do Conhecimento um olhar específico sobre a organização, deixando para outros campos informacionais o interesse pela produção e pelo uso.

Aceitou-se essa concepção como um modo pertinente de se conceber o campo. Porém, logo apareceu a necessidade de especificar o referido olhar da Organização do Conhecimento sobre a organização, isto é, sobre a classificação.

Disso resultou a noção de *movimento de teorização* da classificação, apresentado no contexto da narrativa, em que a Organização do Conhecimento seria um olhar teórico (científico e filosófico) sobre a classificação⁴² e demais *knowledge organization systems* a despeito da classificação tida por solução empírica e pragmática.

Outra noção surgida consistiu na compreensão, a princípio difusa, que havia um nexos especial entre o campo da Organização do Conhecimento e a ISKO. Esse nexos, de início, foi equacionado em termos de uma simples relação entre um campo do conhecimento e uma, entre outras, instituição científica que o promove, por meio de eventos e publicações, tal como, no Brasil, a Ciência da Informação e a ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação) ou, na América do norte, a ASIST.

Aos poucos se foi formando a compreensão (uma das teses aqui defendidas) de que o referido nexos entre o campo e a instituição, no caso da Organização do Conhecimento, era um pouco diferente.

⁴² A opção pelo uso da palavra classificação (singular) como um *Knowledge Organization System* não tem nenhum pressuposto teórico por trás. O autor está ciente da existência, em alguns textos que tratam da questão, que também seria possível atribuir a expressão singular classificação aos *Knowledge Organization Process* e se valer da expressão plural da mesma palavra para indicar os *Knowledge organization Systems*. De qualquer forma os interessados ficam, desta maneira, esclarecidos que o autor, ao optar pelo uso no singular, não está aderindo a nenhuma corrente em particular.

Tal como depois se buscou explicar na narrativa, Organização do Conhecimento e ISKO pareciam guardar uma relação de tipo não só institucional, mas também epistemológico, como se o palco (instituição) fosse elemento essencial da peça (campo). Essa relação foi expressa em termos de um *movimento cooperativo* para imbuir a classificação de aportes teóricos.

Uma terceira importante noção surgida foi a percepção de que boa parte das abordagens teóricas possuía um “inimigo” comum, os sistemas de classificação universal e, especificamente a CDD de Dewey.

Tomada como protótipo ou contra exemplo, tais sistemas universalistas anteriores à proposta de Dahlberg, representava, aparentemente, a encarnação mesma da classificação “sem teoria”⁴³, isto é, da classificação não organização do conhecimento.

Dessa percepção decorreu outra que consistia no fato de que as abordagens de organização do conhecimento faziam referência aos sistemas universalistas a partir de diferentes modos de crítica. Nesse sentido, algumas abordagens alegavam simplesmente que esses referidos sistemas não tinha aporte teórico (como visto em Dahlberg) e que, portanto, não era eficaz para representar o conhecimento científico; outras alegavam que esses sistemas não era eficaz por ser baseada em disciplinas (GNOLI, 2010) e não em objetos ou fenômenos do conhecimento; outras diziam que ela não era capaz de representar contextos de conhecimento (MAI, 2004); outras ainda afirmavam que esses sistemas não tinham fundamento histórico e social (HJORLAND; ALBRECHTSEN, 1995); algumas também alegavam que a CDD era um instrumento para construção de realidades injustas por marginalizar conhecimentos oriundos de determinado grupo social (OLSON, 1998); e assim por diante.

Dessa variedade de tipos de “ataque” aos sistemas de classificação universalistas, por parte das abordagens teóricas de organização do conhecimento, surgiu no autor desta tese o pensamento de que poderia haver uma categorização de abordagens a partir da qual elas se aglutinariam desde algum critério e que essa categorização ou tipologia poderia servir de base para se estudar as abordagens.

A partir de então passou-se a indagar a respeito de um critério para tratar as abordagens em categorias.

Com as leituras a respeito do tema foi possível encontrar as categorias prontas. Tratavam-se das acepções ontológica e epistemológica de Organização do Conhecimento.

⁴³ Sobre isso ver nota na seção sobre a narrativa, na qual se ressalva ser essa uma posição dos autores que formam a narrativa, tendo o autor desta tese a consciência da possível influência filosófica da CDD.

Contudo, como visto em seções anteriores, ponderou-se que essas duas categorias precisariam ser desdobradas em três, passando a figurar, dessa forma, também a acepção crítica ou reivindicatória.

Dessa maneira, querendo condensar organicamente as noções acima apresentadas como uma possível perspectiva da ISKO acerca do campo da Organização do Conhecimento, perspectiva essa que fosse apta a contextualizar o tratamento dado às abordagens teóricas de organização do conhecimento, partiu-se para a elaboração da narrativa.

Como visto, é próprio da Análise de Conteúdo construir significados a partir do que se verifica expresso nos textos.

Ao verificar que os escritos de Dahlberg apresentavam uma continuação consciente de Bliss e de Ranganathan na trajetória da Organização do Conhecimento, tomou-se como parâmetro para a construção da narrativa aquilo que se percebeu ser o (ou um) *leitmotiv* suficientemente simbólico para representar o percurso histórico de consolidação do campo e de sua instituição.

Equacionando esse *leitmotiv* em termos de resposta/solução a um problema verificado nos sistemas de classificação universalistas, precisamente quanto a sua ineficácia para se representar efetivamente o conhecimento científico, dada a falta de teoria (aportes científicos e filosóficos) em sua base, construiu-se uma narrativa que concebeu a Organização do Conhecimento como um *movimento de teorização* da classificação, no qual os aportes teóricos foram sendo agregados à classificação elevando-a à condição de organização do conhecimento.

E no interior mesmo desse movimento concebeu-se a ISKO como palco favorável ao desenvolvimento do campo na acepção de *movimento cooperativo* para a agregação de teoria à classificação e aos processos e instrumentos a ela relacionados.

Esse movimento culminou, no entender do autor desta tese, tendo a ISKO como condição, na consolidação de uma ampla diversificação de teorias acerca da classificação, já sob a denominação de organização do conhecimento.

Uma vez que todo o esforço foi colocado em marcha para “teorizar” a classificação e demais processos/instrumentos, não foi de se estranhar que, estabelecido o campo e a instituição dedicados à teorização, houvesse uma diversificação quanto às teorias (perspectivas, correntes, movimentos etc.) a serem aplicadas a classificação de acordo com objetivos específicos.

Agora não era a apenas a questão de imbuir os sistemas universalistas de teorias, mas também de torná-los aptos a representar contextos de conhecimento, de conscientizar a

respeito dos problemas éticos que eles apresentam, de negar qualquer possibilidade e utilidade de se ter sistemas universalistas, de abrir a Organização do Conhecimento a aspectos históricos e culturais, de absorver as potencialidades da tecnologia da informação para organizar conhecimento e assim por diante.

Correspondendo a essa diversidade de objetivos no trato teórico da organização do conhecimento, teriam sido articuladas e vinculadas várias correntes de pensamento filosófico e científico. E esse estado de diversificação foi o ponto de contato, a situação problema que fez surgir o interesse por se pesquisar as abordagens teóricas de organização do conhecimento.

Tomando-o em consideração e desejando contextualizá-lo como a perspectiva da ISKO acerca da Organização do Conhecimento em cujo interior tais abordagens são apresentadas, foi que se procurou tecer a narrativa, em busca de meios para construção do contexto das abordagens teóricas de Organização do Conhecimento na ISKO, para o que foram lidos artigos-sínteses que revelavam traços estruturais do campo, alguns valendo-se de estudos métricos. No entanto, o que se conseguiu foram apenas “retratos” de aspectos epistemológicos, sem potencial para articular organicamente o campo, a instituição e as abordagens em um contexto justificante.

Foi então que surgiu a ideia de recorrer a um expediente que poderia contribuir o intuito da contextualização, ou ao menos trazer alguma luz.

Sabendo que a ISKO havia sido fundada por Ingetraut Dahlberg, foi feita uma busca com seu nome na base *Web of Science*, no dia 14 de maio de 2015.

Tal busca recuperou 145 trabalhos, desses 121 estavam redigidos em inglês e 24 em alemão.

Foram selecionados os trabalhos em inglês⁴⁴ e colocados em ordem cronológica a partir da data do trabalho publicado mais remotamente até o mais recente.

Foram feitas leituras completas de todos os trabalhos, inclusive dos editoriais do período em que Dahlberg exerceu a função de editor chefe da revista *International Classification/ Knowledge Organization*, (1974-1996) e a partir dessa leitura foi que se verificou o dado de que havia uma continuidade consciente entre Dahlberg (e a fundação da ISKO e das revistas), Bliss e Ranganathan numa esteira comum de propósitos.

Tais propósitos, como visto, consistiam no *movimento de teorização* e no *movimento cooperativo*. Desse modo, a partir da notícia verificada em Dahlberg da continuidade entre ela

⁴⁴ Foi impossível ler os textos em alemão, inclusive valendo-se de dicionários.

e os outros dois autores, partiu-se para leitura dos livros mencionados dos dois autores e se pôde observar que existia o registro da continuidade, ou seja, em Bliss estava declarada a necessidade de teorização, em Ranganathan, registrada a inspiração causada pela leitura que fez de Bliss e, em Dahlberg a continuidade até a culminação na ISKO e na diversificação das abordagens teóricas. A partir daí foi tecida a narrativa.

Contribuiu para a opção pela narrativa o fato de que é próprio da Análise de Conteúdo partir de evidenciações em textos para depois estabelecer a cadeia de deduções e interpretações.

Desse modo, estava registrado, havia “garantia literária” para a ideia de que havia continuidade entre os três autores. A partir disso foi-se articulando a narrativa até que tomasse o aspecto com o qual é agora apresentada.

Está-se consciente que se trata apenas de uma possível, dentre tantas, narrativas históricas a respeito da Organização do Conhecimento. Outras possíveis narrativas poderiam remontar até à invenção da escrita, ou até o nascimento da filosofia grega, e ainda considerar outros nexos causais, como a relação com a Documentação e a Biblioteconomia Especializada. Todavia, para os fins desta pesquisa e a partir da compreensão que se teve do método da Análise de Conteúdo, essa narrativa foi considerada suficiente.

Dessa forma, compreendendo (interpretando) como se teria dado a abertura do espaço para a diversificação das abordagens teóricas de organização do conhecimento, e com o objetivo de esclarecer melhor seus meandros na perspectiva da ISKO, encontrou-se, na dicotomia entre as visões ontológica e epistemológica, uma base para categorizar as abordagens.

Como visto, a visão epistemológica/contextual foi desdobrada em outra visão, a crítica ou reivindicatória.

Optou-se por chamar as três visões de núcleos teóricos para significar a agregação das abordagens sem ter que apelar à noção de polo ou paradigma, pois esta remete a aspectos de investigação epistemológica e, com isso, se demandaria o recurso a outros aportes, e aquela recorda aspectos de mútua exclusão.

Nesta pesquisa os núcleos reuniriam as abordagens teóricas apenas pelo vínculo sutil dos objetivos. Nesse sentido, se o objetivo das abordagens para organizar conhecimento orbitar em torno da eficácia representativa dos esquemas universalistas, essas abordagens participariam do núcleo ontológico. Caso o objetivo se refira a representação contextual, considerando aspectos históricos e sociais, as abordagens estariam próximas ao núcleo contextual. Por sua vez, se o objetivo for concernente à busca por consciência ética

relacionada a problemas com as estruturas da classificação e demais *knowledge organization systems*, então essas abordagens poderiam ser vistas como participantes do núcleo crítico.

Como meio de ilustrar a ideia dos três núcleos, foram oferecidos três exemplos condensados referentes, primeiro, ao núcleo ontológico, depois ao contextual e, por fim e em menor medida⁴⁵, ao reivindicatório/crítico.

Adotada a “narrativa” (TENNIS, 2008, p.104) acerca do *movimento de teorização* da classificação, com toda a sua consolidação material (um leu e declarou que leu o outro⁴⁶ e se pôs em uma articulação de continuidade em que havia meios de se realizar o intento e tais meios foram empregados), que culmina no campo da Organização do Conhecimento e na *International Society for Knowledge Organization (ISKO)*, seria preciso que o *corpus* de análise, utilizado para esclarecer as abordagens se fundamentasse numa base correspondente a esse pressuposto.

Nesse sentido, a ISKO oferece um meio pertinente de delimitação do *corpus* através de um esquema de classificação temático de suas abordagens que pode propiciar uma delimitação condizente com o escopo da pesquisa.

Nessa linha, então, decidiu-se fundamentar o *corpus* de análise no *Classification System for Knowledge Organization Literature (CSKOL)*, concebido por Dahlberg (1993, p. 212-215) para operar como um sistema de classificação facetado (BARITÉ, 2011, p. 270) que espelhasse o espectro temático da ISKO em categorias de conhecimento estruturadas e que servisse de expediente para a classificação da literatura concernente ao campo da Organização do Conhecimento, constituindo o “mais exaustivo e relevante sistema de classificação do campo temático da Organização do Conhecimento” (BARITÉ, 2011, p. 25, tradução nossa)⁴⁷.

O CSKOL é composto de nove grandes grupos de temas de investigação interligados e subdivididos (como vasos comunicantes) entre si, de forma a expressar a totalidade das esferas de atuação da Organização do Conhecimento conforme as temáticas de estudo cristalizadas em sua literatura. Desde 2009⁴⁸ o CSKOL é operacionalizado *online* pela fonte de buscas *Knowledge Organization Literature*⁴⁹, fonte esta que recupera referências de textos

⁴⁵ Por se considerar que este núcleo participa do Contextual, apenas se diferenciando quanto ao teor de denúncia e conscientização.

⁴⁶ Bliss, Ranganthan e Dahlberg.

⁴⁷ Para se obter mais detalhes a respeito do CSKOL e de sua operacionalização na *web*, ver *site* da ISKO (<http://www.isko.org/lit.html>).

⁴⁸ 2009 refere-se ao início da operacionalização digital do CSKOL; já quanto à data limite inicial dos textos cujas referências são recuperadas, não há, no *site* da *knowledge Organization Literature*, uma menção acerca do diapasão temporal abarcado, entretanto, buscas já realizadas conseguiram recuperar referências datadas da década de 1970.

⁴⁹ <http://www.isko.org/lit.html>

veiculados em formato de artigos, livros, trabalhos em anais e demais gêneros publicados em uma grande variedade de veículos de comunicação científica.

Como o objeto de estudo são as abordagens teóricas de organização do conhecimento, seria preciso selecionar um *corpus* que refletisse este panorama; por isso optou-se pelo material recuperado a partir do campo: 1- *Theoretical foundations and general problems* (e suas subdivisões) do CSKOL, cujas subdivisões estão apresentadas em anexo.

Os subtemas que elas representam abrangem um espectro que vai do solo epistemológico à preocupação com a história da Organização do Conhecimento em certos países, passando por aspectos relacionados a conceitos, aplicações etc., e por vários fatores que envolvem os fundamentos da Organização do Conhecimento⁵⁰.

Dessa forma, foram feitas buscas no dia 10 de novembro de 2015⁵¹ tendo sido recuperadas 1541 referências a materiais de diversos gêneros: artigos, editoriais, *book reviews*, anais, livros e patentes; e em diversos idiomas: alemão, chinês, francês, inglês, italiano e português.

Após a realização das buscas, tomou-se a lista de referências selecionando-se efetivamente os trabalhos publicados nos veículos oficiais da ISKO: *International Classification/Knowledge Organization* e *Advances in Knowledge Organization* (anais das conferências internacionais da ISKO). Justifica-se essa opção como delimitação do *corpus*, por serem veículos especializados que fazem referência ao pressuposto do *movimento de teorização* que liga Organização do Conhecimento e ISKO como palco privilegiado para as abordagens de organização e recuperação do conhecimento.

Dessa forma, partindo das referências recuperadas no Campo 1 - *Theoretical foundations and general problems*, foram recuperados 171 artigos na revista *International Classification/Knowledge Organization* e 112 capítulos na série *Advances in Knowledge Organization*.

Os trabalhos foram separados em duas pastas correspondentes aos dois veículos e depois foram elaborados formulários de identificação dos textos, nos quais constam dados bibliográficos, o título e o resumo, procurando-se padronizar o registro dos dados.

⁵⁰ Como se fará menção mais explícita em seção adiante, pela leitura dos textos foi possível observar que, ao menos os publicados pela revista *Knowledge Organization* e pela série *Advances in Knowledge Organization*, o teor sobressalente é epistemológico e metodológico, no qual encontram-se tentativas de fundamentar o campo e suas atividades técnicas, mas, em todo caso, são sempre abordagens eivadas de teoria.

⁵¹ Acesso em: <http://www.isko.org/kolit.php?cl=1>

Completado o trabalho de preenchimento dos formulários, passou-se à seleção do *corpus* de análise, excluindo-se *Book Reviews*, fóruns e demais formatos de texto que não consistiam em artigos ou capítulos.

Passou-se então à leitura atenta dos formulários com enfoque no título e no resumo para se poder identificar evidências da participação do trabalho em algum dos três núcleos.

Vale adiantar a ocorrência de trabalhos que, dada sua natureza, não se inseriam em nenhum dos núcleos assim como trabalhos que participaram de mais de um núcleo. A configuração do *corpus* ficou assim: um total de 93 trabalhos, 44 da revista *Knowledge Organization* e 49 da série *Advances in Knowledge Organization*.

Em seguida passou-se a ler cada trabalho, começando pelo núcleo ontológico, passando pelo contextual e terminando com o crítico/reivindicatório. Para essas leituras foi confeccionado mais um formulário, dessa vez para acondicionar os trechos dos textos referentes às categorias de análise, acima descritas.

Tomando em consideração as categorias como “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos [...] sob um título genérico, agrupamento esse efectuado [sic] em razão das características comuns destes elementos” (BARDIN, 2009, p.145), partiu-se para sua identificação nos textos do *corpus* de análise.

Essa identificação não pode ser feita através de buscas por termos-chave no corpo do texto, dada a complexidade constitutiva da estrutura das abordagens teóricas da qual as categorias são expressão. Nesse sentido, todos os textos foram lidos integralmente e as categorias que neles forem verificadas, foram documentadas em formulários contendo o título do periódico (*Knowledge Organization* (KO) *Advances in Knowledge Organization* (AIKO)); dados do fascículo; título do trabalho; trecho(s) em que consta a categoria (menção ou referência a ela, de acordo com a descrição de cada categoria veiculada acima); número de página; e identificação de qual núcleo teórico foi contemplado⁵².

Seguidos esses passos, os formulários foram sistematizados e com isso partiu-se para a etapa de inferências, na qual simplesmente se busca deduzir o significado das relações entre as categorias trabalhadas, de acordo com o que for identificado nas análises do *corpus*. Serão feitas sistematizações em núcleos de significado preparando, desse modo, um insumo para a próxima etapa, a etapa da interpretação.

No âmbito da interpretação, se busca, basicamente, articular as inferências com os pressupostos acerca da Organização do Conhecimento como *movimento de teorização*,

⁵² Sobre os núcleos teóricos de abordagens de organização e representação do conhecimento, ver seção 3 – Abordagens Teóricas de Organização e Representação do Conhecimento.

indicando os pontos de intersecção entre as abordagens teórica (por meio de cotejo) no todo do campo.

Os resultados apresentam-se expressos com o recurso a quadros e diagramas, sempre com o objetivo de se proporcionar o máximo de informação acerca das abordagens teóricas.

Por último, cabe ressaltar que o modo de exposição de toda a pesquisa segue uma ordem argumentativa, dos pressupostos aos resultados, em que se busca articular cada parte em referência com o todo coordenado pelos pressupostos, problema e objetivos.

5 TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DA PRESENÇA DOS TRÊS NÚCLEOS NA LITERATURA DA ISKO.

Neste contexto são apresentados alguns traços delineadores da presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus três núcleos teóricos na literatura vinculada à *International Society for Knowledge Organization* – ISKO, segundo os critérios de seu *Classification System for Knowledge Organization Literature* – CSKOL.

Primeiramente, vale ressaltar que o *corpus* de análise compõe-se dos textos selecionados a partir dos critérios já mencionados, estes entendidos como sendo teóricos, pois participam do campo 1 do CSKOL, enquanto abordagens de caráter teórico.

De fato, pode-se constatar, pela leitura dos textos, que os mesmos oscilam entre um teor mais epistemológico, com preocupação em definir o campo em seus nexos interdisciplinares e seus fundamentos na filosofia; e um teor mais metodológico, com intuito de propor abordagens teóricas de organização do conhecimento.

Nesse sentido, entende-se que o que vai ser veiculado trata de abordagens teóricas de organização do conhecimento, posicionadas entre os dois teores mencionados, e involucradas no interior dos núcleos teóricos.

A dinâmica de exposição desse conteúdo compreende três momentos: em primeiro lugar são apresentados dados autorais a respeito dos textos, por veículo (revista *Knowledge Organization* e série *Advances in Knowledge Organization*), e com as análises consequentes. A seguir, são trabalhadas duas categorias de análise para as abordagens teóricas em cada um de seus núcleos, sendo que a primeira trata da concepção de Organização do Conhecimento que cada núcleo apresenta, e a segunda trata daquilo que diferencia e especifica cada uma, nos núcleos: a categoria do Tipo de Universalismo para o Núcleo Ontológico; a categoria de Tipo de Contexto para Núcleo Contextual; e a categoria Tipo de Problema/Grupo Social para o Núcleo Reivindicatório/Crítico. O terceiro momento da exposição apresenta interpretações (etapa final da Análise de Conteúdo) a respeito do que se descobriu e tomando novamente em consideração a narrativa mencionada seções atrás.

A seguir são apresentados os dados autorais dos textos selecionados, destacando elementos a respeito dos autores e das datas de publicação, dentro de cada um dos dois veículos de diálogo científico da ISKO.

5.1 Dados autorais dos textos do *corpus*.

Para a seleção dos textos dos dois veículos dentro de cada dos três núcleos, como já mencionado em seção anterior, foram feitas análises do título e do resumo dos textos em busca de evidências da presença das características próprias de cada um dos núcleos: o universalismo, as propensões ontológicas, o pressuposto histórico e social das abordagens, qualquer forma de contexto em contrapartida a perspectivas universalistas, a crítica ética, aspectos de conscientização contra a presença de poder e preconceitos e assim por diante.

Aqui gostar-se-ia de ressaltar que para a referida seleção, os dados dos textos, seus títulos e resumos foram transcritos em formulários de análise a partir da conferência exaustiva das informações (os resumos foram formatados e aqueles que foram colados com alguma distorção foram digitados palavra a palavra) e com a repetição de três leituras.

Dessa forma, deseja-se afirmar que seleção do material buscou ser rigorosa⁵³. Aquilo que pode ter passado despercebido ou porventura passado em excesso, não possui, ao menos conscientemente, base intencional.

Decorrente dessa ressalva, seria também oportuno informar que a disparidade entre a quantidade de textos selecionados em cada núcleo deveu-se unicamente ao referido critério de se encontrar, ou não, evidências da participação deles nos núcleos.

Uma outra ressalva importante refere-se ao fato que verificou-se a presença de autores em mais de um núcleo, isso se deveu ao fato de que o objeto de análise foram os trabalhos dos autores e sua vinculação aos núcleos.

Dadas essas explicações, passa-se a apresentar os dados autorais, começando pelo Núcleo Ontológico, com os dados dos dois veículos e com dados acerca dos cinco autores que mais publicaram nesse núcleo, seguindo o mesmo para o Núcleo Contextual e para o Núcleo Reivindicatório/Crítico.

Dados Autorais do Núcleo Ontológico.

A seguir são apresentados dois quadros referentes aos autores e ao ano de publicação dos textos deste núcleo. O primeiro quadro refere-se à revista *Knowledge Organization* e o segundo à série *Advances in Knowledge Organization*.

⁵³ Sem, no entanto, nutrir qualquer preocupação positivista.

QUADRO 2: Ontológico - Autores e anos Revista *Knowledge Organization*.

Autores	Ano de Publicação
Paris Arnopoulos	1993
I. C. McIlwaine	2003
Claudio Gnoli; Roberto Poli	2004
Ingetraut Dahlberg	2006
Claudio Gnoli	2006
Ingetraut Dahlberg	2009
Claudio Gnoli	2010
Ingetraut Dahlberg	2011
Claudio Gnoli	2012
Martin G. Channon	2013
John Budd	2014
Rick Szostak	2014

Fonte: elaborado pelo autor.

Como pode ser depreendido pela leitura desse quadro, a maioria dos autores mencionados são notórios proponentes de soluções universalistas e ontológicas. Entretanto, pela leitura feita dos textos, pode-se perceber que não se trata de universalismo e de suposições ontológicas que marcavam os proponentes de sistemas de classificação universal. Os textos demonstram, ao contrário, tratarem-se de propostas filosoficamente bem fundamentas. Aqui a reina a noção de que quanto mais teórico mais prático. Vale a pena notar também que as datas de publicação, em sua maioria, transcendem o limiar do ano 2000, encontrando, dessa maneira, uma Organização do Conhecimento já consolidada institucionalmente.

QUADRO 3: Ontológico - Autores e anos Série *Advances in Knowledge Organization*.

Autores	Ano de Publicação
A. Neelameghan	2000
Ia C. McIlwaine	2000
Jeremy J. Shapiro	2002
Rebecca Green	2002
Claudio Gnoli	2004
Alfred Gerstenkorn	2010
Thomas M. Dousa	2010
A.Y.Asundi	2012
L. Hajibayova; E. K. Jacob	2012
H. Peter Ohly	2014
Thomas M. Dousa	2014
Thomas M. Dousa; Fidelia Ibekwe-SanJuan	2014

Fonte: elaborado pelo autor.

O mesmo que ficou dito a respeito do quadro anterior poderia ser afirmado no contexto desse quadro, com a ressalva que periodicidade da série *Advances in Knowledge Organization* é menor que a da revista *Knowledge Organization*. Quanto às datas, percebe-se

que o interesse pelas propostas universalistas e ontológicas continuam presentes na literatura da Organização do Conhecimento, porém com bem menos presença que as propostas contextuais, como se verá.

A seguir é apresentada uma tabela com os números referentes aos autores que mais publicaram no contexto do núcleo ontológico, considerando aos dois veículos científicos da ISKO, e tomando em conta os autores que tiveram ao menos duas publicações.

TABELA 1: Autores que mais publicaram no Núcleo Ontológico.

Autores	Trabalhos
Claudio Gnoli	5
Ingetraut Dahlberg	3
Thomas M. Dousa	3
Ia C. McIlwaine	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dois autores que mais publicaram são conhecidos proponentes do pensamento universalista e ontológico na Organização do Conhecimento. Além disso, os dois guardam entre si afinidades quanto ao modo de pensar os sistemas de classificação: são adeptos do chamado *Integrative Levels*, uma concepção evolucionista de classificação universal. Seria interessante mencionar que o terceiro autor mencionado, Thomas M. Dousa (2014, 2010a, 2010b), demonstra, em seus textos, ser ciente da dicotomia entre os pressupostos ontológicos e epistemológicos (contextuais) de organização do conhecimento, adotando, dessa forma, uma postura de síntese, que busca harmonizar os dois pressupostos.

Apresentadas essas considerações acerca dos dados bibliográficos do núcleo Ontológico, parte-se a seguir para as considerações concernentes ao núcleo Contextual.

Dados Autorais do Núcleo Contextual.

Neste âmbito são apresentados dois quadros referentes aos autores e ao ano de publicação dos textos referentes ao Núcleo Contextual. O primeiro quadro refere-se à revista *Knowledge Organization* e o segundo à série *Advances in Knowledge Organization*.

QUADRO 4: Contextual - Autores e anos Revista *Knowledge Organization*.

Autores	Ano de Publicação
Birger Hjørland; Hanne Albrechtsen	1999
Anders Ørom	2003
Birger Hjørland	2003
Birger Hjørland; Jenna Hartel	2003
Chaim Zins; David Guttman	2003
Hanne Albrechtsen; Annelise Mark Pejtersen	2003

Jenna Hartel	2003
Joseph T. Tennis	2003
Olof Sundin	2003
Birger Hjørland	2008
Thomas M. Dousa	2010
Mauri Kaipainen; Antti Hautamäki	2011
Birger Hjørland	2013
Fulvio Mazzocchi	2013
Joacim Hansson	2013
Michael Kleineberg	2013
Magali Rezende Gouvêa Meireles; Beatriz Valadares Cendón; Paulo Eduardo Maciel de Almeida	2014
Renata Cristina Gutierrez Castanha; Maria Cláudia Cabrini Grácio	2014
Birger Hjørland	2015

Fonte: elaborado pelo autor.

Logo de início salta aos olhos a quantidade bem maior de textos ligados ao núcleo Contextual em contraste com o Ontológico. Um dos motivos para essa quantidade maior está na própria amplitude da noção de contexto, embora, claramente, o fator contextual apresentado nos textos refere-se à posição contrária às abordagens universalistas e ontológicas. Contexto, nesse sentido carrega a marca do social e historicamente construído.

Ademais, a noção de contexto está definitivamente marcada pela noção de domínio. A maioria dos textos refere-se precisamente à ideia de domínio, e domínio (na maioria dos casos) como alguma circunscrição de conhecimento científico.

Nesse sentido, o contexto/domínio carrega em si uma forte preocupação epistemológica de conhecimento do campo da Organização do Conhecimento. A maior parte das abordagens teóricas de organização do conhecimento veiculadas nesses textos tem, precisamente um caráter epistemológico.

Quanto à questão diacrônica, nota-se, assim como aconteceu com o núcleo Ontológico, que a maioria dos textos foi publicada depois do ano 2000, encontrando uma Organização do Conhecimento aberta à diversidade de abordagens teóricas e, pela quantidade maior de textos atrelada a esse núcleo, poderia ser dito que se trataria de uma Organização do Conhecimento em franco rompimento com os ideais universalistas.

QUADRO 5: Contextual - Autores e anos Série *Advances in Knowledge Organization*.

Autores	Ano de Publicação
Hanne Albrechtsen; Elin K. Jacob	1998
Elin K. Jacob	2000
Hope A. Olson	2000
Jens-Erik Mai	2000
Mikel Breitenstein	2000

Clare Beghtol	2002
Elin K. Jacob	2002
Hope A. Olson	2008
Birger Hjørland	2010
Maria J. López-Huertas; María José López-Pérez	2010
Thomas M. Dousa	2010
Thomas M. Dousa	2010
A.Y.Asundi	2012
Aline Elis Arboit; Maria Cláudia Cabrini Gracio; Ely Francina Tannuri de Oliveira; Leilah Santiago Bufrem	2012
José Augusto Chaves Guimarães; Ely Tannuri de Oliveira; Maria Cláudia Cabrini Gracio	2012
K. S. Raghavan; A. Neelameghan	2012
Richard P. Smiraglia	2012
A.Neelameghan; K.S. Raghavan	2014
Ann M. Graf; Richard P. Smiraglia	2014
H. Peter Ohly	2014
Hajibayova Lala; Jacob Elin K.	2014
José Augusto Chaves Guimarães; Rodrigo de Sales; Daniel Martínez-Ávila; Maira Fernandes Alencar	2014
Juliana Assis; Maria Aparecida Moura	2014
Jihee Beak; Richard P. Smiraglia	2014
Thomas M. Dousa; Fidelia Ibekwe-SanJuan	2014
Vera Dodebei; Evelyn Goyannes Dill Orrico	2014
Michael Kleineberg	2014
K. S. Raghavan; I. K. Ravichandra Rao	2014

Fonte: elaborado pelo autor.

O mesmo que ficou dito a respeito do quadro anterior poderia ser aqui reafirmado, com a interessante ressalva de que, aparentemente, a ISKO, por meio de seus congressos internacionais, mostra-se aberta à compreensão contextual de organização do conhecimento.

A seguir veicula-se uma tabela que informa os autores que mais publicaram no âmbito do núcleo contextual, compreendendo a revista *Knowledge Organization* e a série *Advances in Knowledge Organization*, considerando novamente os autores que tiveram ao menos duas publicações.

TABELA 2: Autores que mais publicaram no Núcleo Contextual.

Autores	Trabalhos
Birger Hjørland	7
Richard P. Smiraglia	4
Thomas M. Dousa	4
Hanne Albrechtsen	3
Hope A. Olson	2
José Augusto Chaves Guimarães	2
Michael Kleineberg	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste contexto seria interessante observar que o autor com maior presença é, precisamente, o principal proponente da noção de domínio na Organização do Conhecimento.

A metodologia de Análise de Domínio foi adotada na maioria dos textos referentes a este núcleo e sua ideia de considerar aspectos históricos, sociais e discursivos tem marcado a compreensão de uma organização do conhecimento contextual.

O segundo autor mencionado, vale também ressaltar, constitui outro proponente de conceitos, métodos e teorias relacionados ao domínio. Além disso, consta novamente a presença de Thomas Dousa (2014, 2010a, 2010b, 2010c), um dos autores que demonstra ter consciência da dicotomia entre núcleos (pelo menos entre os dois primeiros).

De qualquer maneira, a ideia de contexto/domínio tem ocupado, ao menos na proporção dos estudos desta pesquisa, o patamar anteriormente estabelecido pelas ideias universalistas teóricas que estavam presentes na gênese da Organização do Conhecimento ligada à ISKO.

Em seguimento são apresentados os dados referentes ao núcleo Reivindicatório/Crítico.

Dados Autorais do Núcleo Reivindicatório/Crítico.

Neste seguimento são apresentados dois quadros referentes aos autores e ao ano de publicação dos textos referentes ao Núcleo Reivindicatório/Crítico. O primeiro quadro refere-se à revista *Knowledge Organization* e o segundo à série *Advances in Knowledge Organization*.

QUADRO 6: Reivindicatório/Crítico - Autores e anos Revista *Knowledge Organization*

Autores	Ano de Publicação
Hope A. Olson	1999
Jonathan Furner	2009
Hur-Li Lee; Wen-Chin Lan	2011
Melodie J. Fox	2011
Patrick Keilty	2012
Jens-Erik Mai	2013
Joseph T. Tennis	2013
Melissa Adler; Joseph T. Tennis	2013
Melodie J. Fox; Austin Reece	2013
Antonio García Gutiérrez	2014

Fonte: elaborado pelo autor.

Observando o quadro, pode-se concluir que a presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento relacionadas a esse núcleo ainda encontram-se em menor número que as abordagens dos outros núcleos. Porém, a partir da leitura dos textos, percebe-se que essas abordagens são também contextuais e, com isso, guardam a mesma proporção de

interesse que aquelas que participam do núcleo contextual. Aqui também se observa o rompimento com as noções universalistas e ontológicas, mas a preocupação central não recai sobre os aspectos epistemológicos e aos contextos de conhecimento científicos. Os contextos aqui estão mais próximos de grupos sociais e da denúncia ética de injustiças praticadas através dos meios consolidados de representação do conhecimento, notadamente a classificação.

Essa diferenciação básica entre a compreensão de contexto que faz com que se franqueiem as essas abordagens um núcleo teórico próprio.

O arco de tempo das publicações, por sua vez, também diz respeito aos anos 2000, e isso também pode demonstrar, em comparação com períodos anteriores, uma abertura da Organização do Conhecimento contemporânea aos fatores éticos envolvidos na representação do conhecimento. Além disso, é perceptível que as datas de publicação desses textos são, marcadamente, posteriores aos outros dois núcleos, o que pode levar a se cogitar que a abertura a abordagens teóricas referentes aos objetivos reivindicatórios/críticos e éticos em geral vieram depois da abertura à perspectiva contextual.

QUADRO 7: Reivindicatório/Crítico - Autores e anos Série *Advances in Knowledge Organization*.

Autores	Ano de Publicação
Frank Sejer Christensen	2000
Hope A. Olson	2000
Antonio Garcia Gutierrez	2002
Hur-Li Lee	2008
Hope A. Olson	2010
Eduardo Ismael Murguia; Rodrigo de Sales	2012
Ann M. Graf; Richard P. Smiraglia	2014
Melodie J. Fox	2014
Rosa San Segundo Manuel; Daniel Martínez-Ávila	2014
Suellen Oliveira Milani; José Augusto Chaves Guimarães; Hope A. Olson	2014

Fonte: elaborado pelo autor.

Sobre esse quadro referente à presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento de teor crítico nos congressos internacionais da ISKO, fica dito o mesmo que foi mencionado sobre o quadro anterior.

A seguir apresenta-se uma tabela com dados a respeito dos autores que mais publicaram no âmbito deste núcleo teórico nos dois veículos da ISKO.

TABELA 3: Autores que mais publicaram no Núcleo Reivindicatório.

Autores	Trabalhos
Hope A. Olson	4

Melodie J. Fox	3
Antonio Garcia Gutierrez	2
Hur-Li Lee	2
Joseph T. Tennis	2

Fonte: elaborado pelo autor.

A propósito desses dados, seria interessante notar que a autora com presença mais ampla pode ser considerada pioneira na inserção dos estudos críticos na Organização do Conhecimento. Trazendo aportes das concepções pós-estruturalistas e pós-colonialistas, Olson munuiu a Organização do Conhecimento com bases sólidas para a conscientização dos pressupostos injustos que norteiam as práticas universalistas de organização do conhecimento.

Tendo sido feitas essas considerações a respeito dos dados bibliográficos sobre os textos dos três núcleos, e antes de passar para a análise das categorias, valeria a pena destacar a presença de intersecções entre os autores que participam dos núcleos.

Além do que fica dito, seria importante ressaltar que alguns autores, mais precisamente doze deles, transitaram entre os três núcleos teóricos.

O quadro abaixo demonstra a intersecção de autores entre os núcleos.

QUADRO 8: Intersecção de autores entre os núcleos.

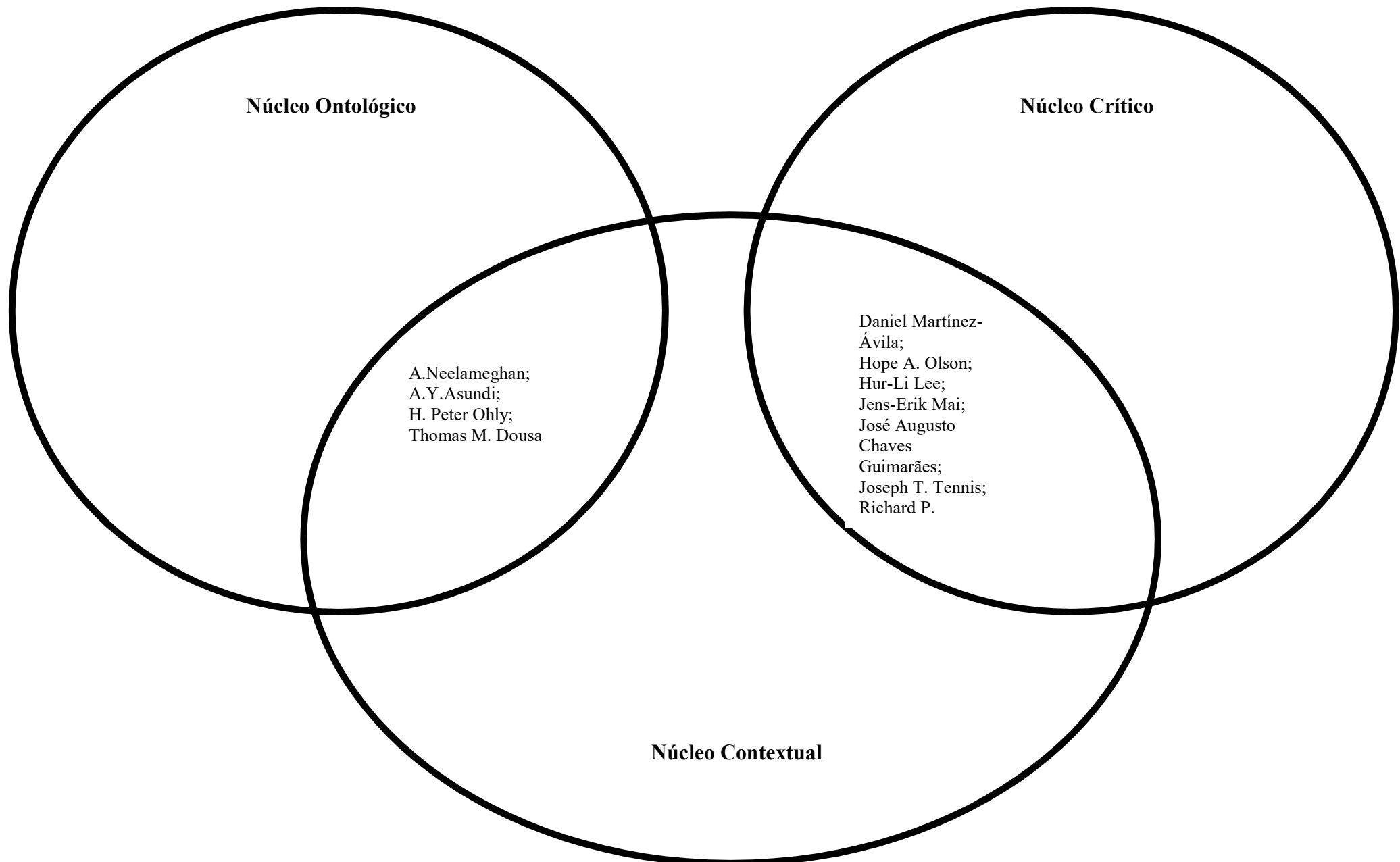
Autores	N. Ontológico	N.Contextual	N.Crítico
A.Neelameghan	X	X	
A.Y.Asundi	X	X	
Daniel Martínez-Ávila		X	X
H. Peter Ohly	X	X	
Hope A. Olson		X	X
Hur-Li Lee		X	X
Jens-Erik Mai		X	X
José Augusto Chaves Guimarães		X	X
Joseph T. Tennis		X	X
Richard P. Smiraglia		X	X
Rodrigo de Sales		X	X
Thomas M. Dousa		X	

Fonte: elaborado pelo autor.

Seria oportuno perceber que pouca intersecção é notada entre os núcleos no que se refere ao núcleo Ontológico. De fato, tanto as abordagens teóricas relacionadas ao núcleo Contextual, quanto aquelas ligadas ao núcleo Reivindicatório/Crítico têm por diretriz se opor aos fatores universalistas e ontológicos.

No entanto, também o núcleo Ontológico faz intersecção com o núcleo contextual que tem se revelado um palco para aqueles que buscam sintetizar aos benefícios das noções universalistas com as noções contextuais, caso isso seja possível.

Para melhor demonstrar as relações interseccionais entre os núcleos teóricos, apresenta-se abaixo um Diagrama de Venn que, de modo, plástico, procura posicionar os autores na intersecção dos núcleos.



Como pode ser notado, não há ponto de contato direto entre os núcleos Ontológico e Reivindicatório/Crítico, pois essa intersecção passa, necessariamente, pelo núcleo contextual. Isso se explicaria, talvez, por uma questão cronológica.

Isso talvez também se explique pelo fato de o núcleo Reivindicatório/Crítico ser diametralmente oposto a toda e qualquer aspiração universalista e ontológica que, como pressuposto para organizar conhecimento, adote concepções como reflexo da realidade, verdade universal e demais expressões do tipo.

Entre o núcleo Ontológico e o núcleo Contextual a intersecção poderia ser explicada pela relativa abertura dos empreendimentos universalistas à representação contextual do conhecimento, ou pela consciência de que há possibilidade de síntese pragmática entre as duas visões, como ocorre com o autor Thomas M. Dousa, conforme as obras citadas.

Já no que se refere à intersecção entre o núcleo Contextual e o núcleo Reivindicatório/Crítico, basicamente o que poderia ser considerado que é que os dois núcleos têm propostas contrárias e concorrentes às propostas universalistas e ontológicas. O núcleo Reivindicatório/Crítico é sempre contextual, porém não se liga necessariamente a contextos de conhecimentos relacionados à prática científica, mas transcende essa esfera abrangendo grupos sociais e a denúncia ética de injustiças na representação do conhecimento.

O núcleo Contextual, nesse sentido, e sobretudo quando se entende contexto como sinônimo de domínio, está, na maior parte dos casos, se referindo a contextos científicos.

Feitas essas considerações pautadas nos dados bibliográficos obtidos acerca dos três núcleos teóricos, a seguir passa-se a apresentar uma análise concernentes a duas categorias relacionadas aos núcleos.

5.2 Análise categorial.

Neste contexto é apresentado um conjunto de análises relativas à caracterização da presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus três núcleos de abordagens teóricas de organização do conhecimento na literatura da *International Society for Knowledge Organization* – ISKO.

As análises foram pautadas em duas categorias consideradas suficientes para revelar mais alguns traços da presença dos três núcleos. Suficientes, pois de um lado podem revelar uma perspectiva a respeito do campo da Organização do Conhecimento dentro da qual o núcleo se estabelece (concepção de Organização do Conhecimento) e, de outro lado, podem revelar matizes a respeito da diferenciação entre os núcleos e suas abordagens teóricas.

A primeira categoria diz respeito à concepção de Organização do Conhecimento que consta nos textos selecionados; e a segunda se refere àquilo que especifica e diferencia um núcleo do outro: para o núcleo Ontológico, o tipo de universalismo; para o núcleo Contextual, o tipo de contexto; e para o núcleo Reivindicatório/Crítico, o tipo de problema/grupo social.

Para o trabalho de identificação de trechos dos textos que pudessem se referir e expressar alguma das categorias, foi preciso se valer da leitura completa dos textos pois, ao menos no caso da categoria referente ao tipo (de universalismo, contexto, problema/grupos social), o uso de busca por termos ou expressões se mostrou, logo de início, insuficiente.

A primeira categoria, concepção de Organização do Conhecimento, teve seus trechos selecionados a partir da menção à Organização do Conhecimento enquanto aquilo que se poderia chamar de campo científico, e não à prática de organizar conhecimento.

A segunda categoria, os tipos, se diversificou no contexto de cada núcleo: para o núcleo Ontológico (tipo de universalismo) buscou-se identificar trechos que versassem sobre algum aspecto de universalismo, de realismo, de representação de totalidades e de toda e qualquer manifestação que, consistentemente, se aproximasse da noção ontológica de organização do conhecimento. Para núcleo Contextual (tipo de contexto), buscou-se identificar trechos que se referissem a aspectos de organização do conhecimento relacionados à noção de domínio, de comunidade, de aspectos históricos e sociais e de demais marcas que caracterizam a compreensão contextual de organização do conhecimento a despeito da compreensão ontológica. E para o núcleo Reivindicatório (tipo de problema/grupo social) buscou-se identificar trechos referentes a aspectos sociais, éticos, de denúncia de injustiças e demais elementos que orbitam a noção de teoria crítica acerca da organização do conhecimento.

Os trechos selecionados em cada categoria foram inseridos em formulários, separados por veículo de comunicação da ISKO, revista *Knowledge Organization* e série *Advances in Knowledge Organization*. Os formulários encontram-se em apêndice a este relatório e podem servir para a retomada do percurso metodológico da análise.

Caberia ressaltar, neste contexto, que a separação das análises, do modo como será apresentado (por núcleo teórico e por categoria dentro dos núcleos), também será disposta com a informação a respeito do veículo ao qual os trechos foram selecionados, como já mencionado anteriormente, a revista *Knowledge Organization* e série *Advances in Knowledge Organization*. Essa subdivisão por veículos tem o objetivo de oportunizar aos interessados o conhecimento para diferenciar os veículos, dado que são publicações científicas com propósitos diversos: o primeiro (revista *Knowledge Organization*) consiste de um periódico

científico que pressupõe uma maior verticalidade de abordagem; e o segundo (série *Advances in Knowledge Organization*) é dedicado à expressão de um evento internacional realizado bienalmente.

A respeito, propriamente, do esquema de apresentação, além do que fica dito acima, as análises serão apresentadas respeitando a seguinte ordem: primeiro o núcleo Ontológico, com as análises das duas categorias, separadas pelos veículos; depois os outros dois núcleos, seguindo a mesma ordem.

Optou-se por esse tipo de apresentação e análise, pois se considerou tratar de um modo mais informativo de trazer à tona os vários graus de nuances que os núcleos, em suas abordagens teóricas, apresentam, permitindo, dessa maneira, que os interessados possam ter acesso também àquilo que a capacidade de síntese do autor não tenha abarcado.

Além disso, com o objetivo de complementar mais o que vai ficar expresso, ao final veiculou-se um quadro geral com dados acerca dos autores/ano de publicação dos textos referentes a cada categoria, dentro de cada núcleo.

O conjunto de trechos articulados e às sínteses poderiam ser considerados inferências, tal, como mencionado de passagem acima, como propõe a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009).

Após as inferências é apresentada uma subseção com uma interpretação possível acerca do que acabou sendo descoberto com as análises.

Parte-se, dessa maneira, para a apresentação das categorias do núcleo Ontológico.

5.2.1 Núcleo Ontológico: concepção de Organização do Conhecimento e tipo de universalismo.

Categoria Concepção de Organização do Conhecimento.

Partindo para a análise e reflexão acerca da categoria Concepção de Organização do Conhecimento neste núcleo Ontológico, primeiramente é veiculada uma síntese esquemática acerca dos trechos referentes à revista *Knowledge Organization*.

Neste contexto de análise, a Organização do Conhecimento, em sua concepção, transita entre as noções de domínio (ARNOPOULOS, 1993, p.139), ainda que sem qualquer menção ao que se conhece como domínio a partir da introdução da Análise de Domínio na Ciência da Informação e na Organização do Conhecimento; de disciplina (BUDD, 2014, p.421; DAHLBERG, 2006, p.11, 16,18; DAHLBERG, 2009, p.169; e DAHLBERG, 2011,

p.68, 70, 72-72); de campo (BUDD, 2014, p.423, 426; DAHLBERG, 2006, p.14, 16; e GNOLI, 2010, p.226); de profissão (BUDD, 2014, p.420); e de subcampo da Ciência da Ciência (DAHLBERG, 2006, p.11, 16; DAHLBERG, 2009, p.176).

Além disso, há a expressão de algumas funções programáticas, atributos e relações a respeito da Organização do Conhecimento que a colocam como tendo um domínio dual de atuação (organizar conhecimento), tanto no que diz respeito aos aspectos culturais, quanto a essência natural do conhecimento (objeto de organização) (ARNOPOULOS, 1993, p.139). Domínio dual este que requerem que a Organização do Conhecimento direcione escopo e métodos específicos.

Um atributo caracteristicamente ontológico e universalista que é vinculado à Organização do Conhecimento é a necessidade de que a mesma adote um propósito metafísico bem esclarecido para guiar sua ação (organizar conhecimento) e a educação que promove (BUDD, 2014, p.420).

Grande parte dessas noções está dentro de uma esfera marcada por um intuito de cientificidade atribuído à Organização do Conhecimento.

Em alguns casos a atribuição de cientificidade aparece pressuposta e não explicada pelo simples uso de qualificativos como campo e disciplina; em outros a atribuição de cientificidade aparece com uma marca, por assim dizer, “apologética”, que defende o estatuto científico da Organização do Conhecimento como um objetivo central.

Uma das principais pesquisadoras dedicadas a definir cientificamente a Organização do Conhecimento, Ingetraut Dahlberg (2006, p.12), informa que a Organização do Conhecimento expressa em seu nome, tanto o seu objeto (conhecimento), quanto a atividade (organizar) que desempenha sobre o objeto, configurando, com isso, a existência de um critério válido para que uma ciência exista, isto é, ter um objeto e uma atividade.

Para alcançar esse patamar de cientificidade, a Organização do Conhecimento, segundo Dahlberg (2006, p. 16), teria se desenvolvido a partir de uma arte intuitiva, evoluindo até poder ser considerada uma verdadeira disciplina científica que, como tal, passaria a figurar, perante o quadro geral das ciências, como uma subdivisão da Ciência da Ciência (DAHLBERG, 2006, p. 16; 2009, p.176; 2011, p.72-73), sem estar em relação de subordinação com a Ciência da Informação, a Biblioteconomia e a Documentação de quem se emancipou (DAHLBERG, 2009, p.176).

E como uma nova disciplina científica (autônoma, destacada dos campos relacionados à informação e vinculada à Ciência da Ciência), a Organização do Conhecimento pode oferecer não apenas conhecimento para aprimorar e estabelecer ordem aos conceitos usados

no mundo de hoje, mas também pode contribuir com programas de treinamento de mão de obra para os profissionais ligados à função de organizar conhecimento (DAHLBERG, 2006, p.18).

Todavia, essa nova disciplina científica, também é reconhecida como atuante no tradicional espaço institucional relacionado à informação. Nesse sentido, Claudio Gnoli (2012, p.269) entende que a Organização do Conhecimento é referida (em sua função de organizar) a documentos de arquivo, museus e outras instituições.

A partir deste ponto é apresentada a análise acerca os trechos referentes à série *Advances in Knowledge Organization*.

A configuração da Organização do Conhecimento como um campo científico é recorrente em todo um conjunto de pesquisadores (DOUSA, 2010, p.15; GERSTENKORN, 2010, p.32; e DOUSA; IBEKWE-SANJUAN, 2014, p.152), o que se reitera na concepção de Ohly (2014, p.44-46) que, ao denomina-lo como Organização do Conhecimento e da Informação, refere-se ao fato de agregar distintas áreas de estudo. Já em uma visão mais restritiva, Neelameghan (2000, p.164), entende a Organização do Conhecimento como parte componente da Ciência da Informação, abrangendo – e mesmo transcendendo - a classificação biblioteconômica e denotando, com isso, a abrangência de outros instrumentos (ASUNDI, 2012, p.166).

Além do que fica exposto, também aqui há a expressão de algumas funções programáticas, atributos e relações a respeito da Organização do Conhecimento.

Basicamente, e um pouco destoante da perspectiva de Dahlberg acima mencionada, a Organização do Conhecimento é entendida como algo que abrange a classificação biblioteconômica e que a transcende, denotando, com isso, a abrangência de outros instrumentos, porém sendo algo (campo, abordagem etc.) envolucrado na Biblioteconomia (ASUNDI, 2012, p.166). Nessa mesma linha, para Ohly (2014, p.45-46) a Organização do Conhecimento é vista como sendo uma área entre outras áreas ligadas à informação e ao conhecimento, dando a entender que o vínculo com os campos informacionais se mantém.

Aquilo que se pode inferir desse conjunto de acepções é, em primeiro lugar, a opção por uma moldura moderna de ciência.

Em seguida, baseada também na leitura integral dos textos, está a inferência de que é geralmente dado como pressuposto o fato de a Organização do Conhecimento constar do rol das ciências, seja como campo ou disciplina. Nesse sentido, não se verifica uma preocupação em estabelecer uma exatidão conceitual quanto ao que significa os predicados “campo”,

“disciplina”, “ciência” etc., predicados estes atribuídos à Organização do Conhecimento para toma-la como dotada de cientificidade.

Da pretensão de alçar a Organização do Conhecimento ao patamar de campo científico e da proposta de destaca-la da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, pode-se inferir a presença de uma consciência a respeito da necessidade de justifica-la como algo diferente das disciplinas reconhecidamente presentes na mesma esteira do trato informacional.

Decorrente disso, a solução pelo estabelecimento de vínculo epistemológico com o que foi denominado Ciência da Ciência, pode fazer com que se infira uma tentativa de escapar pela tangente. Ciência da Ciência expressa, salvo engano, a ideia de Teoria do Conhecimento que, no caso, seria Teoria do Conhecimento científico, logo uma Epistemologia no sentido original do termo. O fato de a Organização do Conhecimento tratar de organizar e representar conhecimento a pode colocar em uma posição, de fato, “meta”, ela conhece o conhecimento dos campos científicos para organizá-los, porém isso não a ombreia a uma abordagem epistemológica como, por exemplo, é o caso daquilo que se tem chamado Sociologia do Conhecimento ou as abordagens filosóficas de epistemologia.

Por outro lado, as passagens selecionadas também revelam a compreensão de uma Organização do Conhecimento ligada à Ciência da Informação e àquilo que se faz na biblioteca, no arquivo, no museu e em outros espaços institucionais.

No mais, o que mais salta aos olhos, como ficou dito, é o uso da terminologia e da estrutura de ciência moderna para expressar a concepção de Organização do Conhecimento por parte deste núcleo Ontológico.

Categoria Tipo de Universalismo:

A partir deste ponto serão apresentadas as análises sintetizadas a respeito dos trechos selecionados da revista *Knowledge Organization* a respeito da categoria Tipo de Universalismo.

O quadro nocional aqui formado a respeito do tipo de universalismo demonstra, guardados os devidos graus de nuances, uma esquemática simples e totalmente baseada na relação epistemológica (Teoria do Conhecimento) entre sujeito de conhecimento e objeto conhecido, sendo que aquilo que se conhece existe objetivamente, na realidade única e universal, a qual pode ser conhecida por todo Homem.

Decorrente disso, os traços de realismo, universalismo, ontologia/ôntica, e outros encontram-se sustentando o fundamento do quadro nocional formado.

Dessa forma, entre os pesquisadores relacionados a este núcleo emerge a compreensão de que a realidade é única (ARNOPOULOS, 1993, p.139) e que, precisamente por isso, o conhecimento da realidade (do cosmos, do universo, do mundo objetivo etc.) poder ser unificado e representado (ARNOPOULOS, 1993, p.139; CHANNON, 2013, p.83, 86, 87, 96, 97, 98, 99).

Relacionado a isso, e talvez até como condição para isso, está a noção de que há a possibilidade de um conhecimento objetivo da realidade, ou seja, daquilo que existe independente do sujeito cognoscente chegar a conhecer (BUDD, 2014, p.422; DAHLBERG (2006, p.12; GNOLI, 2012, p.269; SZOSTAK, 2014, p.160).

A respeito disso, tem um papel importante a noção de conceito (meio ou instrumento de conhecimento) como consistindo na síntese somatória das afirmações consideradas verdadeiras e necessárias (essenciais) a respeito de um objeto da realidade ou referente (DAHLBERG, 2009, p.171; 2011, p.69) (algo existente, em sentido lato); tais enunciados, com seu caráter de necessidade (*sine qua non*), remetem à ideia de essência, isto é, das características ontológicas que informam a constituição dos entes de realidade.

Com base em e apelo a essa referida esquemática, encontra-se algumas noções universalistas que orbitam aquilo que é concernente à classificação, como o propósito de abarcar nos quadros categoriais de um sistema universal de classificação todos os campos de conhecimento (DAHLBERG, 2011, p.72-73); como a defesa de uma classificação universal enfocada, não em disciplinas, mas em fenômenos da realidade em seus extratos ou níveis (GNOLI; POLI, 2004, p. 142, 151; GNOLI, 2006, p. 140, 145, 146, 148; GNOLI (2010, p.228); e como uma classificação universal adotada como instrumento para a representação da diversidade de conhecimento (SZOSTAK, 2014, p.160).

Além dessa conformação geral, é possível identificar alguns traços de universalismo em concepções decorrentes da mesma esquemática.

Desse modo, tem-se a concepção de que a informação também consiste em algo objetivo ou dado na realidade (BUDD, 2014, p.419) e que há uma definição fundamental de conhecimento que transcende contextos (BUDD, 2014, p.419-420), denotando com isso a noção de algo não construído ou construtivista.

Semelhante a essa noção, tem-se a ideia de que há leis, regularidades e padrões universais que regem as ciências ou o conhecimento científico e que, por isso, precisariam ser também representadas (CHANNON, 2013, p. 97).

Para além do que ficou dito, alguns detalhes e nuances caberiam ser informados.

Um primeiro ponto, relacionado ao ato de conhecer que desemboca no conhecimento científico a ser posteriormente organizado, refere-se à tese universalista no sentido de não se considerar necessário conhecer detalhes para se chegar a conhecer o esquema total das coisas na realidade (ARNOPOULOS, 1993, p.139). Relacionado a isso, Channon (2013, p.96), refere-se à identificação das grandes categorias dos fenômenos da realidade, como sendo uma ação científica básica.

E esse conhecimento universal da realidade pode ser compartilhado por meio da habilidade de lidar com as coisas deste mundo, demonstrando assim um traço da objetividade própria da concepção ontológica de conhecimento (conhecimento como reflexo da realidade, das coisas do mundo) (DAHLBERG, 2006, p.12).

Uma vez obtido o conhecimento, o mesmo precisa receber uma forma de representação para ser entendido, para ser comparado em comunicação com outras pessoas, mas, sobretudo, para permitir a verificação de sua veracidade através da sua comparação com a realidade (DAHLBERG, 2006, p.12).

Essa referida representação estaria contida na ideia de conceito, a qual, além de conter a representação, também operacionaliza o próprio ato de conhecer. Nesse sentido, aparece a noção de que o conceito consiste na síntese das características essenciais de um referente e, com isso, se faz novamente presente a ideia da ontologia tradicional que defende a existência de uma essência para os entes (DAHLBERG, 2011, p.69).

Outros pontos que valeriam a pena ressaltar referem-se a ação de organizar o conhecimento aprendido e representado/comunicado. Nessa linha, Gnoli (2006, p.136), defende a necessidade de que esquemas de classificação sigam princípios gerais e consistentes com um modelo geral de conhecimento, pois sem isso os esquemas não alcançariam facilmente generalizações e interoperabilidade.

Para alcançar esse fim, Gnoli (2006, p.140), propõe que para arranjar fenômenos em um esquema geral, a classificação deve ser independente do cânon de sequência de disciplinas. Com isso, a ideia subjacente consiste em que o objeto de classificação passa a ser os fenômenos da realidade, independente da ordem de disciplinas (Biologia com os fenômenos vivos; Física com massa e energia etc.).

Especificando sua proposta de classificação universal com base em fenômenos e não em disciplinas, Gnoli (2006, p.145, 148), advoga por um critério de classificações baseadas em origem comum e em similaridade, pois assim se estaria alcançando uma categorização mais objetiva.

Uma decorrência dessa concepção universalista de conhecimento consiste em um possível fruto de progresso científico a partir da classificação. Nesse sentido, surge a ideia de que o progresso científico está relacionado à interconecção e unificação de todo o conhecimento; e que a adoção da classificação por meio dos níveis integrados pode consistir num critério de unificação do conhecimento, com os assuntos arranjados de forma não ambígua e natural, em um esquema global (Gnoli; Poli, 2004, p.154).

Mais um ponto a destacar seria o potencial da concepção universalista de conhecimento e classificação para a abertura do objeto a ser organizado (o conhecimento) para além da esfera biblioteconômica do documento bibliográfico. Nessa linha de raciocínio, Gnoli (2010, p.224), apresenta compreensão de que os modelos gerais para gerir o conhecimento são necessários, uma vez que aquilo que é gerido (o conhecimento) não é mais exclusivamente reconhecido como documento bibliográfico, mas também abrange documentos arquivísticos, artefatos arqueológicos etc., dessa forma, os modelos gerais poderiam dar conta da diversidade de entidades de conhecimentos a serem organizadas/geridas.

Na mesma esteira dessa referida abertura, Gnoli (2010, p.228) defende que a adoção dos níveis integrados de realidade como meio de classificação é defendida como uma boa forma de integração da diversidade de fontes de conhecimento disponíveis hoje em dia. Com isso pode-se perceber que a integração da diversidade talvez possa ser alcançada com a adoção de um esquema universalista; indicando que unificação seria um sinônimo de integração da diversidade.

Outra nota de universalismo e ontologia a ser ressaltada, consiste da ideia de que os documentos (registros de conhecimento a serem organizados) são expressão (reflexo) da realidade objetiva. Nesse sentido, Gnoli (2012, p.268) afirma que, em última análise, os referentes dos documentos são os fenômenos do mundo real, que podem ser organizados pela ontologia, que é o estudo daquilo que existe. Especificando, Gnoli (2012, p.270) também declara que a realidade consiste na base dos documentos, sendo aquilo que seus autores tentam descrever e aquilo que os usuários buscam encontrar (investigar).

Esticando as noções de universalismo e de fundamento ontológico até as potencialidades da tecnologia do computador, Gnoli (2012, p.269), informa a noção de que o ambiente digital tem levado bibliotecas, arquivos e museus a abrangerem um espaço comum e universal de conhecimento. Isso estaria conduzindo as instituições a se integralizarem em termos de princípios de catalogação e em esquemas.

Decorrente disso, e relacionada a sua proposta ontológica de classificação por extratos e fenômenos da realidade, Gnoli (2012, p.270), sugere que a classificação por fenômenos da realidade pode favorecer uma generalização de conhecimento por meio de diferentes mídias e, com isso, é possível notar o alcance e uma das novas direções que o universalismo na Organização do Conhecimento tem tomado.

A esse propósito, autor desta tese, apenas como parênteses aberto neste contexto de análise, acredita que a manutenção do interesse universalista de organização do conhecimento sobreviverá, e talvez até ganhe novo alento, transpondo-se à esfera digital da técnica e também dos fundamentos da Organização do Conhecimento.

Um último ponto a ser ressaltado consiste em uma noção que propõe a abrangência dos diversos contextos de conhecimento pela solução universalista. A esse respeito, Szostak (2014, p.160, 169), afirma que para a classificação dar conta da diversidade, ela requer ser universalista, facilitando a comunicação entre grupos.

Especificando sua proposta, Szostak (2014, p.160), informa que é possível e desejável desenvolver uma classificação universal que reflita e dê suporte à diversidade social. Entende-se, todavia, o atributo universal como sinônimo de integrado: uma classificação que segue a mesma abordagem e utiliza a mesma terminologia, e não justapondo domínios que seguem princípios diferentes.

Seguindo esse princípio, Szostak (2014, p.163), postula que é possível promover a comunicação através de grupos (sociais) e dentro de grupos, valendo-se, para isso, de uma classificação universal que classifique trabalhos em termos de uma perspectiva autoral.

E trazendo ao diálogo com sua proposta a Análise de Domínio, Szostak (2014, p.163), reconhece que a referida metodologia desempenha um importante papel assegurando que a terminologia utilizada dentro de cada grupo social seja refletida em uma classificação, a comunicação através dos grupos fica dificultada, a menos que a Análise de Domínio seja complementada por algum tipo verdadeiro de classificação universal.

Detalhando mais sua proposta, Szostak (2014, p.164), afirma que seria preciso buscar uma classificação universal informada pela Análise de Domínio, dando a entender que a metodologia da Análise de Domínio poderia ajudar a aprimorar a comunicação entre os domínios através de um esquema universal.

Por último, referindo-se ao consenso em torno do conhecimento a ser organizado, Szostak (2014, p.163) declara que consenso é possível devido a acurada habilidade humana de apreender a realidade. Nisso é possível notar um traço da tradição ontológica, no sentido de

que todos têm acesso à mesma e única realidade e, com base nesse conhecimento, arbitramos e encontramos consenso, desde que a realidade seja aceita.

A partir deste ponto passa-se a veicular a análise referente aos trechos selecionados da série *Advances in Knowledge Organization*.

A partir dessas noções, alguns corolários são tirados, dentre eles a ideia de que documentos textuais são registro de conhecimentos do mundo (realidade) (DOUSA; IBEKWE-SANJUAN, 2014, p.154); a ideia de que a presença de universais de conhecimento (independente de contexto) na organização e representação do conhecimento promove a integração do conhecimento (GREEN, 2002, p.15); e a ideia de que a classificação universal é mais pragmática, pois esquemas e instrumentos universais estão aptos a minimizar tempo e custos (NEELAMEGHAN, 2000, p.166) e de serem potencializadoras do acesso máximo e de descobertas úteis.

De modo semelhante ao que se viu no contexto da revista *Knowledge Organization*, o quadro nocional formado pelos trechos selecionados posiciona-se no entroncamento entre as ideias de realidade e de capacidade de conhecimento da realidade.

Quanto à realidade e as coisas que nela existem, há a noção de que existe uma ordenação natural entre as coisas existentes (DOUSA, 2010, p.16), ordenação esta que pode ser captada pela mente humana (GNOLI, 2004, p.265), e que, por conseguinte, deve ser espelhada na forma como as ciências são classificadas.

Trata-se de um tipo de objetivismo no conhecimento das coisas da realidade ou do mundo fora do cérebro (GERSTENKORN, 2010, p.31), objetivismo este que, novamente, aparece envolto a noções de essência na constituição dos objetos de conhecimento (GERSTENKORN, 2010, p.32, 34) que, como não construídos, são coisas naturalmente dadas na realidade (OHLI, 2014, p.41).

Além do que fica expresso, alguns outros pontos devem ser referidos.

Um primeiro aspecto refere-se à compreensão de que espaço e tempo, em termos de conhecimento, são considerados entidades universais aplicáveis a todos os assuntos (ASUNDI, 2012, p.166). Esse aspecto evoca a proposta kantiana das formas a priori e, com isso, traz uma distinção fundamental do universalismo aristotélico, presente na maior parte das propostas universalistas de classificação. Porém, com base no texto mencionado não é possível confirmar tal suspeita.

Por seu turno, algo notoriamente aristotélico pode ser encontrado na afirmação de Dousa (2010, p.19), o qual declara que as categorias do conhecimento humano são relacionadas à estrutura da realidade.

Decorrente dessa afirmação, Dousa (2014, p.160) demonstra compreender que as categorias, ou conceitos de mais alta generalidade, representam os mais básicos tipos de entidades (da realidade), e que as categorias têm sido elementos fundamentais na construção dos sistemas de organização do conhecimento.

Outra nota a respeito das características de universalismo deste núcleo teórico é encontrada na afirmação de Gerstenkorn (2010, p.34), o qual declara que no modelo universalista de Dahlberg (teoria do conceito como reflexo da realidade), o denominado universo de itens do qual os conceitos são formados, deveria ser concebido como a totalidade das entidades do mundo, sendo o chamado item de referência um indivíduo desse mundo.

O referido reflexo da realidade em termos de conhecimento, conceitos e categorias, é, por Gnoli (2004, p.263), equacionado em termos realista biológicos. Nesse sentido, as categorias humanas são conectadas à estrutura da realidade por meio de ligação biológica, e isso, por sua vez, permitiria uma abordagem naturalística (de classificação). Além disso, essa abordagem biológica poderia ser considerada como parte de uma imagem geral que formamos ao conhecer o mundo.

O autor (GNOLI, 2004, p.265) ainda especifica que para organizar conhecimento, a abordagem naturalista pode tentar articular princípios relacionados às categorias da percepção (chamadas epistemologia), e princípios ligados à estrutura da realidade (ontologia).

Como fundamento dessa noção, Gnoli (2004, p.265), assim como Aristóteles, declara que o Homem, como qualquer outra espécie de animal, está apto a perceber elementos do mundo real que são relevantes para a sua vida.

Um detalhe importante a respeito da proposta de Gnoli (2004, p.265) refere-se ao que chama de realismo hipotético. Segundo o autor, o realismo hipotético tomaria como pressuposto a necessidade de se confiar que as categorias do conhecimento humano sejam estritamente relacionadas à estrutura da realidade, ainda que não de modo perfeito e completo. Aqui é possível observar uma atenuação do realismo que concebe o conhecimento como reflexo necessário da realidade. O fato de requer a confiança pode demonstrar um fato prático concernente a se valer do realismo e universalismo porque funciona (e isso também é kantiano), isto é, não importa se o conhecimento de fato reflete a realidade apreensível por todos, desde que a alegada reflexão esteja funcionando como meio de organizar o conhecimento.

Outra nota de universalismo com respeito ao conhecimento que depois desemboca na organização desse mesmo conhecimento, está na afirmação de Green (2002, p.18), a qual declara que os contextos de cognição humanos podem ser universais através de todas as

culturas e de todas as linguagens, na medida em que o mundo real, que é o mesmo para todos os seres humanos, é objeto de cognição. E a mesma noção de transversalidade é transmitida por Hajibayova e Jacob (2012, p.159), os quais postulam que os níveis básicos das categorias dos sistemas de classificação são considerados como sendo úteis para a construção de *crosswalks* entre sistemas diferentes de classificação.

Um dado que se diferencia um pouco das noções até então tratadas de conhecimento como expressão da realidade é a afirmação de Ohly (2014, p.46), o qual postula que o conhecimento não é auto evidente entre sujeitos, mas sua estrutura pode ser objetivamente trabalhada.

Uma característica pragmática relacionada ao dado universalista é expressa por Shapiro (2002, p.100), o qual afirma que a universalidade, junto com a clareza e a coerência, é crucial para a organização e representação do conhecimento, pelo motivo de que ambas podem proporcionar um máximo de acessibilidade e de capacidade de descobertas de forma útil. Aqui vale ressaltar, novamente, a ligação entre o universalismo e a pragmaticidade: adoção do universalismo porque é mais útil.

E, por fim, o mesmo autor, Shapiro (2002, p.101), declara que todo esquema de classificação e ordenação de informação é baseado ou implica em uma filosófica ontológica ou cosmologia.

Do conjunto de acepções formado a partir desse repertório de trechos selecionados, a primeira inferência refere-se a uma impressão: tem-se a impressão de estar presenciando uma conferência no Liceu aristotélico. Apesar de constar como presente uma gama de nuances, seria possível afirmar que a base do universalismo e do fundamento ontológico deste núcleo, de fato, reside no quadro nocional formado pelas ideias que comumente são atribuídas a Aristóteles.

Nesse sentido, a compreensão de que há uma única realidade acessível a todos os Homens, e de que o conhecimento humano reflete a realidade do mundo, aparentemente coordena os esforços por uma organização e representação universal do conhecimento.

Entretanto, cabe a ressalva de que o que motiva a adoção ampla desses aspectos universais e ontológicos, infere-se, seja a preocupação pragmática em se alcançar maior eficácia na organização e representação do conhecimento pelo estabelecimento de quadros gerais sem se ater a dados contextuais. E esse fator de pragmatismo vai inclusive na direção de se alcançar (com eficácia) a abrangência da diversidade em um fundo universalista.

Para além do que fica expresso pela articulação dos trechos selecionados, vale destacar que as abordagens teóricas expressas neste núcleo (a partir da leitura dos textos é possível

notar isso claramente), adotam, em uma variada graduação, o fundamento de universalismo e ontologia sempre relacionando-o a coesas reflexões (filosóficas, inclusive) e com aportes vindos de vigorosas concepções filosóficas.

Esse universalismo e ontologismo (se se pode assim chama-lo) não pode ser equiparado aos interesses práticos de Dewey, por exemplo, que propôs uma abordagem universalista de classificação. Pela leitura dos textos foi possível observar que as abordagens teóricas veiculadas no âmbito deste núcleo são, assim como se pontuou no contexto da narrativa sobre o *movimento de teorização*, teóricas e teoricamente fundamentadas.

A motivação pragmática parece estar presente, porém tratar-se-ia de uma eficácia teórica, ou um pragmatismo informado.

5.2.2 Núcleo Contextual: concepção de Organização do Conhecimento e tipo de contexto.

Concepção de Organização do Conhecimento.

A partir deste ponto passa-se a apresentar a síntese esquemática acerca dos trechos da revista *Knowledge Organization* concernentes à categoria Concepção de Organização do Conhecimento no núcleo Contextual.

A concepção de Organização do Conhecimento que emerge deste núcleo apresenta traços bastante diversificados em comparação com o núcleo anteriormente tratado.

A síntese aqui se torna mais difícil de ser visualizada esquematicamente.

De qualquer forma, a Organização do Conhecimento é vista simplesmente como um campo (HJØRLAND, 2008, p.96, 99; HJØRLAND, 2013, p.174, 179; KAIPAINEN; HAUTAMÄKI, 2011, p.505; e MEIRELES; CENDÓN; ALMEIDA, 2014, p.145), ou como um campo e mais um atributo, como campo de pesquisa (HJØRLAND, 2003, 87), campo de estudo (HJØRLAND, 2008, p.86), e campo interdisciplinar: (HJØRLAND, 2003, p.87).

Além disso, a Organização do Conhecimento figura como um subcampo da Ciência da Informação (DOUSA, 2010, p.65), ou um ponto de vista dentro da Ciência da Informação (ØROM, 2003, p.142), ou ainda algo (não especificado) dentro da Ciência da Informação (DOUSA, 2010, p.69).

Próxima a essas formas de relação com a Ciência da Informação, aparece a noção de uma Organização do Conhecimento como subdomínio dos Estudos de Informação (SMIRAGLIA, 2013, p.276; 282; e TENNIS, 2003, p.194).

Em um sentido mais epistemológico, a Organização do Conhecimento também figura como uma meta-ciência (HJØRLAND, 2013, p.179).

E em um sentido mais, por assim dizer, operacional, a Organização do Conhecimento ocupa a posição de núcleo mediador entre a produção e o uso da informação (CASTANHA; GRÁCIO, 2014, p.171).

Além dessa configuração sintetizada, outros traços característicos da concepção de Organização do Conhecimento neste núcleo são apresentado a seguir.

Algumas notas a respeito da concepção de Organização do Conhecimento referem-se a informar seu fundamento, suas relações e suas unidade. Nesse sentido, Hansson (2013, p.384) informa que Organização do Conhecimento tem como fundamento a relação entre conhecimento, poder e divisão do trabalho, e que a sociedade consiste em sua unidade básica.

Quanto à definição das relações da organização do Conhecimento, Hjørland (2003, p.87), declara que a mesma é um campo interdisciplinar muito mais amplo que a Ciência da Informação, e que, na Ciência da Informação, a Organização do Conhecimento tem tido diferentes abordagens e tradições que pouco se influenciam.

Versando sobre a presença da Organização do Conhecimento na Ciência da Informação, Hjørland (2003, p.88), informa que o campo está ligado ao desenvolvimento de sistemas de classificação e de indexação em bibliotecas, à bibliografias, e a bases de dados eletrônicas. Além disso, o autor, Hjørland (2008, p.86), especifica que a Organização do Conhecimento é concernente à atividades como: descrição de documentos, indexação e classificação feitas em bibliotecas, base de dados, arquivos etc.

A modo de ressalva, porém, Hjørland (2008, p.98) estabelece que a Organização do Conhecimento não é apenas algo que possa ser feito no âmbito da profissão da Ciência da Informação, mas algo que necessita do aporte de outros domínios, como a Ciência da Computação, Linguística etc.

Especificando a relação da Organização do Conhecimento com a Ciência da Informação, Hjørland (2008, p.99), ainda informa que a Organização do Conhecimento tem sido particularmente ligada à Ciência da Informação com o objetivo de dar suporte a atividades de aprendizagem e de pesquisa, e isso pode ser considerado um importante pilar para o campo. Além disso, também é destacado que outro pilar a ser considerado é a relação da Organização do Conhecimento com conceitos e teorias do conhecimento, relação essa que faz com que se deva ater ao nome do campo.

Quanto aos procedimentos técnicos de organizar conhecimento, Hjørland (2003, p.93), afirma que a Organização do Conhecimento envolve dois tipos de organização, sendo um

deles a organização intelectual que pode ser chamada de organização cognitiva do conhecimento.

Ainda quanto aos procedimentos técnicos, Hjørland (2003, p.97), declara que a Organização do Conhecimento se vê frente a dois tipos de decisões: fazer um sistema de classificação ou um tesouro; e decidir onde classificar determinado documento no sistema. Nessa linha, Hjørland (2008, p.96), também afirma que a Organização do Conhecimento é um campo que organiza algumas unidades, elementos, ou entidades e algumas relações entre essas unidades, como as relações semânticas.

Prosseguindo com dados a respeito dos procedimentos técnicos, Hjørland (2013, p.174), apresenta a compreensão de que a Organização do Conhecimento consiste em um campo relacionado à classificação e à indexação de documentos e que, como tal, necessita considerar teorias e paradigmas presentes nos domínios que visa organizar.

Em um sentido genérico, Hjørland (2008, p.86), também apresenta a compreensão de que a Organização do Conhecimento consiste em um campo de estudo preocupado com a natureza e a qualidade dos processos de organização do conhecimento, e com os sistemas de organização do conhecimento.

E voltando a especificar a concepção de Organização do conhecimento, Hjørland (2008, p.86), declara que a mesma tem dois sentidos: um sentido estreito que diz respeito a atividades como descrição de documentos, indexação e classificação praticadas em bibliotecas, base de dados bibliográficos, arquivos e outros tipos de instituição de memória, sendo desenvolvida por bibliotecários, arquivistas, especialistas em informação, especialistas em assunto, por algoritmos de computador e por leigos. E um sentido amplo, no qual a Organização do Conhecimento refere-se à divisão social do trabalho mental, ou seja, refere-se à organização de universidades e outras instituições de pesquisa e ensino; além disso, também diz respeito à estrutura de disciplinas e profissões, à organização social das mídias, e à produção e disseminação de conhecimento.

Decorrente dessa distinção entre os dois sentidos, Hjørland (2008, p.87) ressalta que a Ciência da Informação é a disciplina central que se preocupa com a Organização do Conhecimento no sentido estreito; e que a Sociologia do Conhecimento e a Metafísica são as principais disciplinas preocupadas com a Organização do Conhecimento em sentido amplo.

Relacionada ao sentido mais amplo de Organização do Conhecimento, Hjørland e Albrechtsen (1999, p.134), declaram que as organizações sociais do conhecimento (em disciplinas, em campos interdisciplinares e em comunidades discursivas) constituem as unidades fundamentais na Organização do Conhecimento.

Renovando a mesma afirmação, Hjørland e Hartel (2003, p.243), declaram que disciplinas e outras organizações sociais são a unidade da Organização do Conhecimento e que, nesse sentido, soa estranho que elas estejam quase totalmente ausentes na Organização do Conhecimento.

Uma nota que pode revelar uma visão mais crítica é apresentada Hjørland (2008, p.87), no sentido de que a Organização do Conhecimento tem sido principalmente uma atividade prática sem muita teoria, e que não tem recebido contribuições teóricas genuínas. Além disso, é destacada a urgência de que haja contribuições teóricas tendo em linha de conta os desafios aos quais o campo (aqui a Organização do Conhecimento aparece como campo) tem que confrontar.

Uma característica importante a ressaltar é a relação da Organização do Conhecimento com o ambiente digital. Sobre isso, Hjørland (2008, p.99), afirma que a Organização do Conhecimento é considerada um entre outros campos que tenta desempenhar um papel no âmbito dos futuros ambientes de comunicação e de troca de conhecimento.

E por último, uma última nota declara que a Organização do Conhecimento é concebida como um campo baseado em diferentes abordagens e tradições, como estudos de usuários, cognitivismo, perspectivas de facetas, análise de domínio etc. Sendo, também, que essas referidas abordagens e teorias são conectadas a pontos de vista epistemológicos que devem ser considerados (HJØRLAND, 2013, p.169).

A partir daqui são veiculados as análises referentes à série *Advances in Knowledge Organization*.

De modo semelhante ao que se expressou acima acerca da síntese de traços que compõem a categoria de concepção de Organização do Conhecimento, aqui, no âmbito da série *Advances in Knowledge Organization* a diversidade de concepções também é maior do que o que se observou no núcleo anterior.

De qualquer modo, a Organização do Conhecimento é vista como um campo (DOUSA, 2010, p.78; 83; DOUSA, 2010, p.15; DOUSA; IBEKWE-SANJUAN, 2014, p.152, 155; GUIMARÃES; SALES; MARTÍNEZ-ÁVILA; ALENCAR, 2014, p.101, 102, 103; e KLEINEBERG, 2014, p.85); ou um campo interdisciplinar (LÓPEZ-HUERTAS; LÓPEZ-PÉREZ, 2010, p.92).

Acerca das relações interdisciplinares da Organização do Conhecimento, são apresentados nexos com as Ciências Cognitivas, a Ciência da Informação, a Ciência da Comunicação, a Matemática e a Ciência da Computação (GUIMARÃES; OLIVEIRA; GRACIO, 2012, p.31), e com a Neurociência, a Psicologia, a Epistemologia, as Ciências da

Informação e da Comunicação, a Semiótica, a Linguística, a Matemática, a Lógica e a Ciência da Computação (GUIMARÃES; SALES; MARTÍNEZ-ÁVILA; ALENCAR; 2014, p.101).

Especificamente no que tange à relação com a Ciência da Informação, a Organização do Conhecimento é vista como algo (sem se especificar) atuando dentro da Ciência da Informação (DOUSA, 2010, p.15; GUIMARÃES; OLIVEIRA; GRACIO, 2012, p.32; e RAGHAVAN; RAO, 2014, p.107).

Além disso, a Organização do Conhecimento, neste contexto, também figura como uma área: (GUIMARÃES; OLIVEIRA; GRACIO, 2012, p.31, 36; GUIMARÃES; SALES; MARTÍNEZ-ÁVILA; ALENCAR; 2014, p.101, 103; RAGHAVAN; RAO, 2014, p.107); como um domínio: (ARBOIT; GRACIO; OLIVEIRA; BUFREM, 2012, p.44; DOUSA; 2010, p.83; GUIMARÃES; SALES; MARTÍNEZ-ÁVILA; ALENCAR, 2014, p.102; e SMIRAGLIA, 2012, p.1). como um domínio científico domínio científico: (SMIRAGLIA, 2012, p.6); e como uma comunidade (BEAK; SMIRAGLIA, 2014, p.136).

Além dessa configuração sintetizada, outros traços característicos da concepção de Organização do Conhecimento, tais como relações, atributos e unidades são apresentados a seguir.

Um primeiro ponto a ressaltar refere-se a um tipo de reconhecimento. Trata-se da afirmação de que a Organização do Conhecimento figura como um domínio que tem por fundamento a teoria do conceito de Dahlberg, uma autora considerada pioneira no campo de estudos relacionado com a Organização do Conhecimento (ARBOIT; GRACIO; OLIVEIRA; BUFREM, 2012, p.44).

Uma relação importante é declarada por Dodebei e Orrico (2014, p.65; 67), para quem a Organização do Conhecimento está presente tanto no campo da informação, quanto no campo da memória. Esse dado pode sugerir uma relação com campos ligados à história, algo que, em geral, é mais relacionado à Arquivologia, dessa com a Ciência da Informação e, somente sob essa condição, acaba tocando a fimbria da Organização do Conhecimento.

Uma nota a respeito do fundamento metodológico da Organização do Conhecimento é postulada por Graf e Smiraglia (2014, p.114), para quem a Organização do Conhecimento é algo (não é informado se campo, disciplina, domínio etc.) que tem a Análise de Domínio como núcleo.

Em modo de síntese, é possível, com base em Guimarães; Sales; Martínez-Ávila e Alencar (2014, p.101), ter a informação de que a Organização do Conhecimento toma por objeto de estudo o conhecimento registrado e as estruturas conceituais, tendo como principais processos a classificação, a indexação e a recuperação da informação. Além disso, também é

informado que a Organização do Conhecimento apresenta uma natureza relacionada à construção de discursos especializados e que a sua dimensão metodológica se articula com a sistematização de conhecimento científico registrado.

Os mesmos autores (GUIMARÃES; SALES; MARTÍNEZ-ÁVILA; ALENCAR, 2014, p.103) também informam que a Organização do Conhecimento, possui, predominantemente, um fator operacional, e que é voltada para a construção de discursos especializados para a organização e representação de conceitos, para a recuperação da informação e para dar acesso ao conhecimento.

Mais uma nota a respeito do fundamento da Organização do Conhecimento é dada por Hjørland (2010, p.38), o qual declara que a Organização do Conhecimento é algo (não é informado se se trata de campo, área etc.) que tem na teoria do conceito a sua fundação. De modo semelhante, Smiraglia (2012, p.1), afirma que a Organização do Conhecimento aparece como sendo uma disciplina que tem em seu núcleo a teoria do conceito.

Partindo de um ponto de vista diametralmente oposto à perspectiva realista, Ohly (2014, p.41), concebe a Organização do Conhecimento, desde o ponto de vista construtivista, é vista como uma convenção social.

Por último, assim como visto em Hjørland parágrafos acima, Smiraglia (2012, p.2), concebe a Organização do Conhecimento como tendo dois sentidos. Em um sentido mais amplo, a Organização do Conhecimento consiste na arena na qual a heurística de ordenação do conhecimento é estudada. E de modo específico, a Organização do Conhecimento surge como uma comunidade de pesquisa dedicada a estudar classificação, ontologia, tesouros, vocabulários controlados, epistemologia e garantia, e sistemas aplicados. Complementando sua declaração, Smiraglia (2012, p.6), afirma que a Organização do Conhecimento é concebida como um domínio científico, mas que tem profundas raízes nos métodos e modo de pensar das humanidades.

Diante do que fica exposto a partir dessa urdidura de acepções a respeito da Organização do Conhecimento, é possível inferir a presença de uma mais ampla perspectiva a respeito do conhecimento científico. Aqui, além das noções modernas de “campo”, e políticas de “área”, existe uma variedade de atributos com os quais a Organização do Conhecimento é concebida cientificamente. Tais atributos transcendem, ao menos em seu significado comum, as fronteiras da ciência e fazem com que a Organização do Conhecimento abarque aspectos sociais, como a divisão de trabalho.

A relação da Organização do Conhecimento com a Ciência da Informação é reconhecida e, ao mesmo tempo, transcendida. Transcendida em direção à estruturação do conhecimento na sociedade: universidades, disciplinas, divisão de trabalho etc.

Nisso, nessa transcendência, é possível também inferir uma consciência se esforçando por justificar o estatuto epistemológico da Organização do Conhecimento ante, sobretudo, a Ciência da Informação. Dessa forma, a Organização do Conhecimento ganha dois sentidos, um dentro da Ciência da Informação e outro em direção à sociedade.

Também pode-se inferir que a variedade de qualificativos utilizada para nutrir as concepções de Organização do Conhecimento neste núcleo teórico, pode revelar uma abertura a um perspectiva de conhecimento científico que rompe com as noções modernas de ciência. Aqui seria possível vislumbrar algo do que se tem chamado de pensamento pós-moderno e de compreensões análogas. Nesse sentido, expressões como comunidade, domínio, relações interdisciplinares e transdisciplinares etc. demonstram diversidade de pontos de vista que este núcleo reúne para expressar concepções de Organização do Conhecimento.

Entretanto, é possível verificar também, como já mencionado, a presença de qualificadores modernos, como, sobretudo campo.

De qualquer forma, também é preciso ressaltar que muitas concepções são pressupostas e não explicadas, ou seja, vale-se do qualificativo “campo” sem se preocupar com o seu significado ou com a motivação de sua adoção no entendimento da Organização do Conhecimento como ciência.

Tipo de Contexto.

A partir deste ponto é veiculada uma síntese esquemática acerca dos trechos da revista *Knowledge Organization* sobre a categoria Tipo de Contexto, no núcleo Contextual.

Nesta circunstância, o esforço de síntese também é dificultado pela diversidade de acepções encontradas e pela variedade de matizes que podem ser observados, inferidos e interpretados.

Mesmo assim, é possível afiançar que a quase totalidade dos trechos selecionados, contextualizados nos textos dos quais foram retirados, inclinam-se a um horizonte de particularidades (históricas, sociais, científicas, profissionais, linguísticas, discursivas e, até

certo ponto, éticas) para organizar e representar conhecimento, desde uma perspectiva epistemológica de fundamentação ou metodológica, mas sempre teórica⁵⁴.

Os detalhes e as variações de matizes poderão ser também captados pela leitura dos repertórios de trechos que seguem após as sínteses esquemáticas.

Optou-se por focar as sínteses esquemáticas, tanto aqui, quanto depois, no contexto da série *Advances in Knowledge Organization*, na identificação da noção de contexto com a de domínio. Isto pela atual representatividade que a noção de domínio transporta no âmbito da literatura de Organização do Conhecimento, e porque considera-se, após a leitura do *corpus* e a reflexão acerca do exemplo de abordagem teórica contextual de organização do conhecimento veiculada seções atrás, que domínio (e sobretudo o científico, por mais lastros sociais, históricos e de valor que se articule) constitui a, ou uma das, chave de abóboda que tem sustentado e favorecido a guinada do interesse das abordagens teóricas do fator universal, para o contextual.

Nesse sentido, a noção de domínio figura como sendo ou estando ligado a campos científicos (HJØRLAND, 2008, p.95; HJØRLAND; HARTEL, 2003, p.239; HJØRLAND, 2015, p.118, 122; HJØRLAND, 2013, p.169; ØROM, 2003, p.128, 129; SMIRAGLIA, 2013, p.274; Castanha; Grácio, 2014, p.171).

Relacionada a essa noção, e sem que se tenha encontrado uma diferenciação contrastante o suficiente, também aparece a noção de domínio como campo de conhecimento (HJØRLAND, 2008, p.96; MEIRELES; CENDÓN; ALMEIDA, 2014, p.152; 157; SUNDIN, 2003, p.170; 171; ZINS; GUTTMANN, 2003, p.196, 197, 201).

Ainda dentro do âmbito científico, aparecem as noções de domínio como disciplina específica (HJØRLAND, 2003, p.107), como domínio acadêmico (ØROM, 2003, p.131) e como comunidade epistêmica (DOUSA, 2010, p.68; TENNIS, 2003, p.191).

Em uma mesma pesquisa acadêmica (fato ilustrativo da variedade de concepções, ainda que dentro do mesmo contexto científico), cada componente considerado foi tratado como sendo um domínio: domínio de filme (vídeos) (ALBRECHTSEN; PEJTERSEN, 2003, p.218; 221), enquanto objeto de estudo; domínio dos atores (ALBRECHTSEN; PEJTERSEN, 2003, p.221), que aparecem nos filmes e que, como tais, são também objetos de estudo; domínio dos arquivos (ALBRECHTSEN; PEJTERSEN, 2003, p.221), enquanto fontes de pesquisa onde se encontram os filmes; e domínio dos estudantes (ALBRECHTSEN; PEJTERSEN, 2003, p.221), enquanto pesquisadores interessados nos filmes.

⁵⁴ Lembrando que o textos foram selecionados a partir da classe 1 do CSKOL e que o objeto de estudo são as abordagens teóricas de organização do conhecimento.

Em sentido, aparentemente, não científico e acadêmico, também aparecem as noções de domínio de experiência (MAZZOCCHI, 2013, p.369); domínio como comunidade discursiva (TENNIS, 2003, p.191); domínio como comunidade de prática: (TENNIS, 2003, p.191); domínio como área de expertise (TENNIS, 2003, p.191); domínio como um corpo de literatura (TENNIS, 2003, p.191); domínio como um sistema de pessoas (TENNIS, 2003, p.191).

E figurando, aparentemente, nas antípodas das acepções científicas de domínio, aparecem as noções de domínio de *hobbies* (HARTEL, 2003, p.228, 233, 235; HJØRLAND, 2015, p.125) e domínio do lazer (HARTEL, 2003, p.229).

Todavia, esses últimos dois parágrafos que aparentemente demonstram a diversidade de adoções da noção de domínio para além do orbe científico ou acadêmico ou de pesquisa, também contem traços característicos de uso científico para organizar e representar conhecimento. O *hobby* (HARTEL, 2003, p.228, 233, 235), por exemplo, identifica-se com a atividade de cozinhar que tem suas receitas sistematicamente classificadas, e que também é definido como um lazer sério, não qualquer lazer ou diversão, mas um lazer, ao menos foi o que o autor pode observar pela leitura do artigo, apto a constar como objeto de estudo e com conhecimentos organizáveis e representáveis.

Apresentada essa síntese esquemática, segue-se a seguir mais algumas notas descritivas.

Uma concepção específica da ideia de contexto é apresentada por Albrechtsen e Pejtersen (2003, p.213), as quais entendem contexto como uma situação de tarefas colaborativas enquanto unidades de análise para capturar estruturas semânticas em domínios de trabalho. Nessa acepção estão conjugadas as esferas prática (tarefas de trabalho) e intelectual (estruturas semânticas) como formas de especificação de uma situação contextual a ser representada e organizada.

Próxima a essa noção, para Hjørland e Hartel (2003, p.244), a ideia de contexto refere-se a grupos profissionais enquanto construtores de conhecimento.

Em se tratando de procedimentos de organização do conhecimento, o fator contextual é visto por Dousa (2010, p.68), como comunidades específicas que, como tais, requerem uma classificação multidimensional. De forma paralela, Hansson (2013, p.385), entende contexto como as relações sintagmáticas de classificação, as quais tomam em consideração significados sociais, ideológicos e pragmáticos.

O mesmo autor, Hansson (2013, p.389), versando ainda acerca dos procedimentos técnicos, apresenta uma ideia de contexto em relação com a chamada *Social Tagg*, um modo de descrever documentos na internet que resulta dos pontos de vista dos usuários.

E decorrente dessa sua proposta, Hansson (2013, p.389), estabelece uma relação de contexto com as comunidades sociais de usuários da web que, agregando *taggs* a conteúdos (documentos) da internet formam ontologias conformadas a seus interesses e aos interesses de suas comunidades. Relacionado a essa noção de protagonismo dos usuários, Hjørland (2008, p.95), declara que os aspectos contextuais referem-se a grupo de usuários e a propósitos dados, no âmbito da Análise de Domínio.

Dentro dessa acepção que relaciona contexto a comunidades, Hartel (2003, p.233), estabelece que a experiência humana da realidade é conformada por forças sociais e culturas no interior de comunidades.

Desde um ponto de vista linguístico, Hjørland (2003, p.97), atribui uma relação de contexto com os modos pelos quais é dado significado a palavras e símbolos em contextos específicos, dando-se a entender que tais contextos específicos referem-se a disciplinas.

Outro aspecto seria o estabelecimento de nexos entre a noção de contexto e o ambiente digital de organização do conhecimento. Nesse sentido, Hjørland (2003, p.99), afirma que os aspectos contextuais estão relacionados à noção de diferentes domínios a receberem sistemas computadorizados de recuperação da informação.

Reforçando a ideia de que domínio tem a ver, sobretudo, com o universo científico ou acadêmico em geral, para Hjørland (2008, p.95), a ideia de contexto refere-se a diferentes visões dentro de um campo (no caso, as Artes). Além disso, Hjørland e Albrechtsen (1999, p.133), aproximam as noções de contexto às comunidades discursivas, as quais abrangem campos disciplinares e interdisciplinares enquanto unidades sociais.

De algum modo relacionado a isso, para Hjørland e Hartel (2003, p.242), a compreensão de contexto está ligada à noção de disciplinas e universidades, enquanto unidades envolvidas na divisão social do trabalho.

Em termos de vinculação filosófica, Hjørland e Hanne Albrechtsen (1999, 134), declaram que a ideia de contexto tem um caráter pragmático (da filosofia pragmática), no sentido que envolve valores, visões, prioridades e metas quando da classificação. Relacionado a isso, decorre a noção de que, em se tratando da ideia de contexto, é preciso considerar o conhecimento em seus contextos históricos, sociais e culturais (HJØRLAND; ALBRECHTSEN (1999, p.134).

Algumas noções de contexto encontram-se relacionadas a noções que envolvem comunidades e partes de outras formas circunscrições.

Nesse sentido, para Hjørland e Hartel (2003, p.244), contexto refere-se a grupos de pessoas e a tradições nacionais e regionais dentro de campos do conhecimento.

Já para Hjørland (2015, p.123), os fatores contextuais referem-se a comunidades no interior das quais conceitos são entendidos de determinados modos. O mesmo autor (Hjørland, 2013, p.171), vê os aspectos contextuais dizendo respeito a comunidades discursivas, as quais desenvolvem as suas próprias estruturas conceituais.

Próxima à noção pragmática (da filosofia pragmática) está a concepção proposta por Hjørland (2013, p.171), para quem a noção de contexto se refere a grupos alvos e seus propósitos ideais.

No âmbito, mais uma vez, dos aspectos científicos e acadêmicos, Kaipainen e Hautamäki (2011, p.504), propõem que a ideia de contexto está ligada a particulares paradigmas científicos, pedagógicos ou estáticos, cada um com seus conjuntos particulares de valores e prioridades. Nessa mesma linha, Kaipainen e Hautamäki (2011, p.505), ainda especificam que a noção de contexto refere-se a perspectivas que constantemente alteram percepções, impressões, influências e ideias, e que são concebidas por meio da linguagem e da educação social.

E Kleineberg (2013, p.341), também versando sobre aspectos de cientificidade, informa que a ideia de contexto refere-se a culturas epistêmicas vistas como comunidades discursivas, as quais também constituem formas de vida, jogos de linguagem e visões de mundo próprias.

Um pesquisador que trabalha com a questão de contexto na Organização do Conhecimento, Kleineberg (2013, p.340), informa que a noção de contextualismo propõe que o conhecimento não é disponibilizado de um modo neutro e objetivo, mas está sempre entrelaçado com os processos de produção do conhecimento e com os pré-requisitos da pessoa que conhece.

O mesmo autor, Kleineberg (2013, p.341), ainda declara que a noção de contexto é concernente a diferentes perspectivas e visões acerca de um fenômeno do conhecimento. Além disso, a realidade informada por essas perspectivas seria construída socialmente e dependeria da base cultural e histórica da pessoa que conhece o fenômeno.

Partindo para uma perspectiva gnosiológica, Kleineberg (2013, p.342, 349, 355), refere-se a ideia de contexto ligada a circunstâncias de produção de conhecimento, de

descoberta do conhecimento e de gênese de conhecimento, sendo que esses contextos (considerados epistêmicos) estão relacionados a métodos específicos, entendidos como práxis.

Indo em direção ao universo cultural, Mazzocchi (2013, p.370-371) propõe uma noção de contexto como o reflexo de códigos básicos de uma cultura.

Já para Ørom (2003, p.134, 135), a noção de contexto refere-se a contexto cultural e a contextos regionais e nacionais de estilos de obras de arte.

E extrapolando o fator cultural do contexto, Ørom (2003, p.138), também propõe a noção de contexto refere-se a uma combinação de mudanças econômicas e de estrutura de classes que acaba alterando visões de mundo, novos extratos de público, o uso político da arte e as interpretações de artistas individuais entendidos como expoentes de novas ideias, de pontos de vista e qualidades artísticas. Além disso, é informado que as artes têm funções sociais e, como tais, devem ser tratadas em um contexto social.

O mesmo autor, Ørom (2003, p.139) também compreende a noção de contexto como relacionada a contexto social que inclui estruturas de poder e relações entre os artistas e o público.

Identificado contexto a domínio, Smiraglia (2013, p.271), apresenta uma concepção de contexto que se refere a um grupo coerente ou domínio. Além disso, aparece uma definição de domínio, segundo a qual o domínio constitui um grupo com uma base ontológica, uma teleologia subentendida, hipóteses comuns, epistemologia e significados sociais (semântica social).

Sundin (2003, p.171, 179), por sua vez, compreende a ideia de contexto como orbitando a noção de significado e relevância dentro de uma comunidade e como grupos ocupacionais.

No âmbito das concepções que relacionam contexto/domínio a noções de comunidades, para Tennis (2003, p.191), o contexto/domínio é visto como um tipo de comunidade discursiva e, por ser um tipo (dentre outros) de comunidade discursiva, não é o mesmo que comunidade discursiva.

Para o mesmo autor, Tennis (2003, p.191), a ideia de contexto/domínio, na Ciência da Informação, está ligada às noções de comunidades de prática, comunidades epistêmicas, área de expertise, um corpo de literatura, e até um sistema de pessoas e práticas trabalhando com uma linguagem comum.

A partir daqui são veiculadas análises referentes à série *Advances in Knowledge Organization*.

Neste contexto, fica valendo o que foi explicado anteriormente no contexto da revista *Knowledge Organization*, isto é, o enfoque é mantido sobre a noção de domínio, ficando os demais matizes contidos no repertório de trechos que seguem abaixo.

Nesse sentido, a noção de domínio figura como campo científico (ARBOIT; GRACIO; OLIVEIRA; BUFREM, 2012, p.44; BEAK; SMIRAGLIA, 2014, p.136; DODEBEI; ORRICO, 2014, p.72; DOUSA, 2010, p.83; NEELAMEGHAN; RAGHAVAN, 2014, p.51; RAGHAVAN; NEELAMEGHAN, 2012, p.177).

Relacionadas a essa concepção, também a aparece as noções de domínio do conhecimento (ALBRECHTSEN; JACOB, 1998, p.2; ASUNDI, 2012, p.172; DODEBEI; ORRICO, 2014, p.65; JACOB, 2000, p.20; MAI, 2000, p.26); domínio como disciplina (ASUNDI, 2012, p.171; DODEBEI; ORRICO, 2014, p.67; LÓPEZ-HUERTAS; LÓPEZ-PÉREZ, 2010, p.95); domínio como literatura de campos científicos (RAGHAVAN; NEELAMEGHAN, 2012, p.178); e domínio como um corpo de literatura (GUIMARÃES; OLIVEIRA; GRACIO, 2012, p.32; GUIMARÃES; SALES; MARTÍNEZ-ÁVILA; ALENCAR, 2014, p.101).

Além disso, o domínio aparece relacionado à noção de comunidade. Dessa forma, aparecem as noções de domínio como comunidade discursiva (ARBOIT; GRACIO; OLIVEIRA; BUFREM, 2012, p.45; HAJIBAYOVA; JACOB, 2014, p.392; HJØRLAND, 2010, p.38; JACOB, 2000, p.18, 20,21; KLEINEBERG, 2014, p.81; LÓPEZ-HUERTAS; LÓPEZ-PÉREZ, 2010, p.91; SMIRAGLIA, 2012, p.1); domínio como comunidade de prática (BREITENSTEIN, 2000, p.13; KLEINEBERG, 2014, p.81); domínio como comunidade epistêmica (DOUSA, 2010, p.19); domínio como comunidade linguística (OHLIY, 2014, p.45); domínio como comunidades científicas (OLSON, 2008, p.235); e domínio como comunidade crítica (JACOB, 2000, p.20).

Também constam algumas outras concepções, tais como domínio semântico (ASSIS; MOURA, 2014, p.359-360); domínio de artefatos físicos (JACOB, 2002, p.39); domínio de trabalho de usuário (MAI, 2000, p.26); domínio de análise facetada: (RAGHAVAN; RAO, 2014, p.107); domínio de cultura específica (RAGHAVAN; NEELAMEGHAN, 2012, p.176).

Como visto, também aqui a diversidade de noções é grande.

Entretanto, também é preciso reconhecer que grande parte das noções orbita algum fator de científico, sobretudo de pesquisa.

Tem-se, nesse sentido, a impressão de que a variedade de noções, ou pelo menos a variedade de nomes (mais precisamente, locuções adjetivas) relacionados aos domínios expressam algum componente de pesquisa; por exemplo, as muitas comunidades poderiam ser

relacionadas ou identificadas, com os pesquisadores de um campo, ou com um grupo de pessoas sendo estudadas.

De qualquer forma, segue abaixo o repertório de trechos referentes a série *Advances in Knowledge Organization*, para tentar ilustrar as nuances que escapara a essas sínteses.

Uma nota a respeito da noção de contexto/domínio é apresentada por Albrechtsen e Jacob (1998, p.2), para quem a noção de contexto se refere a diferentes domínios do conhecimento e a múltiplas interpretações e aplicações locais.

No âmbito dos procedimentos técnicos de organização do conhecimento, Asundi (2012, p.171; 172), relaciona a noção de contexto às categorias especiais de sistema de classificações, entendidas como categorias de domínio específico.

Mais uma vez adentrando no âmbito científico e acadêmico, Asundi (2012, p.171), entende que o contexto/domínio é relacionado a conhecimento conhecido, representado por várias disciplinas.

Também nesse mesmo âmbito, Hjørland (2010, p.38), apresenta a noção de que contexto refere-se a diferentes epistemologias e suas correspondentes teorias conceituais e diferentes ideais metodológicos competindo em domínios.

Beak; Smiraglia (2014, p. 136), apresentam uma definição de domínio que, pode-se dizer, também está inserida no âmbito científico. Esses autores entendem domínio como sendo um grupo com uma base ontológica que revela uma teleologia subjacente, um conjunto de hipóteses comuns, consenso epistemológico sobre abordagens metodológicas, e semânticas sociais.

Duas acepções interessantes de contexto são extraídas de noções propostas por Beghtol (2002, p.46). A primeira refere-se, a noção de contexto refere-se a membros de uma cultura, e a segunda a contexto/domínio enquanto tempo, considerado um domínio abstrato.

Beghtol (2002, p.48), também informa que noção de contexto está ligada diferentes culturas e diferentes tarefas de informação. Guardando relação com essa noção, está o entendimento proposto por Dousa (2010, p.20), para quem o contexto está relacionado a membros de diferentes culturas.

Relacionada questão de tempo, Breitenstein (2000, p.10), afirma que a noção de contexto reside, em termos diacrônicos, em um contexto retrospectivo.

O mesmo autor, Breitenstein (2000, p.13), também declara que a concepção de contexto está ligada a perspectivas situadas, perspectivas estas entendidas como práticas masculinas, práticas femininas, práticas de pessoas nativas e práticas científicas.

Retornando às compreensões de contexto/domínio como comunidades, Dousa (2010, p.78), apresenta a noção de contexto refere-se à comunidade de colegas investigadores, a diferentes indivíduos em uma comunidade e a diferentes comunidades dentro de uma sociedade complexa. E o mesmo autor, Dousa (2010, p.80), também faz referência à ideia de contexto está ligada à linguagem de uma comunidade a qual seres humanos pertencem e a partir da qual encontram as coisas do mundo.

Relacionada a essas noções, Dousa e Ibekwe-SanJuan (2014, p.158), apresentam a ideia de contexto como comunidade de usuários cujos interesses, metas e valores embasariam a construção de vocabulários de sistemas de organização do conhecimento.

Saindo do espaço cultural, Dousa e Ibekwe-SanJuan (2014, p.155), apresentam a noção de que contexto refere-se a organizações de negócios enquanto público alvo para a construção de índices.

E adentrando no espaço social, Hajibayova e Jacob (2014, p.390), destacam que a noção de contexto refere-se a contexto social que produz, reproduz, modifica e representa (fazendo referência a gênero textual).

Jacob (2002, p.39), faz referência à ideia de domínio cognitivo humano de linguagem de conceitos e símbolos que abrangem instrumentos linguísticos de cultura e domínio de artefatos físicos.

Uma nota descritiva que aparece pela primeira vez nas análises é a compreensão, segunda a qual, contexto refere-se ponto de vista ideológico específico e comunidade discursiva particular (JACOB, 2000, p.18).

Há também a compreensão que equaciona a noção de contexto em termos hermenêuticos. Nesse sentido, Jacob (2000, p.20), faz uma menção ao fato de domínio consistir em um produto de interpretação dentro de uma, entre muitas, possíveis estruturas experiencial e conceitual.

A intersecção de tempo, espaço, cultura e sociedade também é utilizada para compreender a noção de contexto. Nessa linha, Kleineberg (2014, p.80), apresenta a noção de contexto como referente a ambiente social e cultural posicionado em certo ponto no tempo e no espaço.

Kleineberg (2014, p.81), também apresenta alguns outros elementos como participando da noção de contexto, noção essa que é equiparada a forma simbólica, estilo de pensamento, horizonte, episteme, paradigma e cultura epistêmica.

Retornando à esfera científica e acadêmica, López-Huertas e López-Pérez (2010, p.91), trazem à tona a noção de que contexto está relacionado a contexto sociocultural que pode afetar o desenvolvimento teórico e epistemológico de um domínio científico.

De uma maneira mais específica ainda, López-Huertas e López-Pérez (2010, p.91), afirmam que a noção de contexto diz respeito a especialidades científicas entendidas como comunidades discursivas que têm uma dimensão social. Além disso, para as mesmas autoras López-Huertas e López-Pérez (2010, p.95), o contexto/domínio é descrito como sendo disciplinar e interdisciplinar e demonstrando comportamento epistemológico similar.

Mai (2000, p.26), sugere a noção de domínio específico de conhecimento, o qual pode ser um campo de estudo, um grupo de pessoas com um propósito específico e, sobretudo, um grupo de pessoas formando uma comunidade discursiva.

O mesmo autor, Mai (2000, p.26), também declara que a noção de contexto refere-se a contexto social e cultural como elemento influenciador de representação e interpretação de documentos.

Em um sentido linguístico, Ohly (2014, p.45) propõe a ideia de que contexto refere-se à comunidade linguística, dentro da qual (do significado involucrado nela) objetos experimentados e situações podem ser comunicados.

O mesmo autor, Ohly (2014, p.46), também sugere que a noção de contexto refere-se a contexto de aplicação da visão do usuário.

Retomando as noções que orbitam a esfera cultural, Olson (2000, p.5), propõe a noção de que contexto refere-se à organização social de uma cultura particular que é refletida na classificação.

A autora mencionada, Olson (2000, p.8), também sugere aparece a noção de subcultura ou perspectiva cultural, as quais são identificadas com o feminismo.

Em tom de cientificidade, Raghavan e Rao (2014, p.107-108), recorrendo a uma citação, apresentam uma definição de domínio como sendo um grupo com uma base ontológica que revela uma teleologia subjacente, um conjunto de hipóteses comuns, consenso epistemológico acerca de abordagens metodológicas e semânticas sociais.

Fazendo uma guinada em sentido dos fatores culturais, Raghavan e Neelameghan (2012, p.176), afirmam a noção de que contexto refere-se a cultura e ao ambiente no qual a cultura se desenvolve.

Diante dessa vasta gama de concepções de contextos, estabelecer uma síntese torna-se uma tarefa difícil.

Todavia, alguns aspectos podem ser analisados e sintetizados em uma forma que confira inteligibilidade a este núcleo teórico.

Um primeiro traço a ser destacado, é a noção de contexto. Na maioria das acepções expressas através dos textos selecionados, a ideia de contexto em si, e mais ainda quando contexto é identificado a domínio, refere-se a uma parcela específica de conhecimento científico. Nesse sentido, disciplinas como Biologia foram consideradas domínio, carregando em si os termos associados a noção de domínio, tais como discurso, comunidade, prática experiência etc.

Mesmo quando o domínio é identificado a *hobby*, é possível observar que se trata de uma atividade relacionada, em alguma medida, com algum aspecto da sistematicidade científica (no caso mencionado, o *hobby* é tratado como um lazer sério e refere-se a receitas de culinária a serem organizadas).

De qualquer forma, a diversidade de acepções pode demonstrar a abertura da Organização do Conhecimento à novas concepções de conhecimento e ao rompimento com as acepção e propostas universalistas.

É também um dado notável a presença vicária e constante da noção de “domínio” e da Análise de Domínio como método favorável à técnicas de organização do conhecimento voltadas a domínios de conhecimento.

Também seria possível inferir (ou interpretar), que a abertura da Organização do Conhecimento à diversidade de abordagens teóricas que atualmente transitam na literatura do campo recebeu muito da adoção da noção de domínio por parte dos pesquisadores interessados com a organização do conhecimento de ordem contextual.

Noções e ideias como discurso, comunidade, valor, meta, fator histórico, fator social, influência epistemológica, vieses, ética, aspectos culturais, grupos etc., possuem, todas, caráter contextual, e todas compõem o universo de significados que sustenta a noção de domínio.

5.2.3 Núcleo Reivindicatório/Crítico: concepção de Organização do Conhecimento e tipo de problema/grupo.

Concepção de Organização do Conhecimento.

A partir deste ponto é apresentada uma síntese esquemática acerca dos trechos da revista *Knowledge Organization* a respeito da categoria Concepção de Organização do Conhecimento no núcleo Reivindicatório/Crítico.

Neste contexto, as concepções são poucas, restando pouca margem para síntese.

Basicamente, a Organização do Conhecimento é vista como um campo científico (ADLER; TENNIS, 2013, p.268; GARCÍA GUTIÉRREZ, 2014, p.400; MAI, 2013, p.244).

E como um campo de acadêmicos (FURNER, 2009, p.8).

As demais nuances que envolvem a concepção de Organização do Conhecimento que podem captadas são referidas abaixo.

Constando como um campo, a Organização do Conhecimento aparece valendo-se de como um campo de acadêmicos preocupados com o design, o estudo e a crítica dos processos de organizar e representar documentos que a sociedade vê como dignos de serem preservados (FURNER, 2009, p.8).

Adotando um caráter, por assim dizer, de aprimoramento de qualidade, Furner (2009, p.8), apresenta uma definição de Organização do Conhecimento, na qual consta que o campo consiste na prática e a teoria de construir sistemas de organização do conhecimento que trabalhem bem.

O mesmo autor, Furner (2009, p.9), também faz referência à Organização do Conhecimento como tendo duas concepções rivais: uma que vê a Organização do Conhecimento como conjunto de processos (organização, representação etc.) com fins em si mesmos; e outra que concebe a Organização do Conhecimento como tendo uma variedade de fins, incluindo a aprendizagem, o entendimento, o mapeamento e a modelagem.

Em tom de crítica, Mai (2013, p.244), destaca que a Organização do Conhecimento é concebida como um campo que enveredou esforços para enfocar sua fundação conceitual e que falhou em providenciar uma teoria ética para a classificação.

A partir daqui são apresentados os trechos da série *Advances in Knowledge Organization*.

O mesmo que ficou dito no contexto anterior, devido às poucas noções.

De qualquer forma, a Organização do Conhecimento é vista como um campo (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2014, p.400); e como uma disciplina (SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2014, p.96).

As demais poucas nuances podem ser observadas abaixo.

A partir de uma ótica prática ou utilitarista, Christensen (2000, p.310), concebe a Organização do Conhecimento como algo (não menciona área, campo etc.) que sempre serve a propósitos pragmáticos e deve refletir esses propósitos.

Para o mesmo autor, Christensen (2000, p.310), a Organização do Conhecimento é entendida como a organização de enunciados em uma discussão, e deve refletir não apenas o que é dito, mas também quem disse e o motivo.

Em tom de direção dada, para Garcia Gutierrez (2002, p.516), a Organização do Conhecimento é definida como um campo de pesquisa que deve estar aberto ao novo paradigma no qual a Teoria Crítica e a Hermenêutica estão juntas.

Já para San Segundo Manuel e Martínez-Ávila (2014, p.96), a Organização do Conhecimento é vista como uma disciplina científica que lida com fundamentos, critérios e validação pelos quais o conhecimento científico é justificado, incluindo circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais.

Das acepções reunidas acima, pode-se inferir que a concepção de Organização do Conhecimento emergida no contexto deste núcleo teórico não se diferem muito das acepções dos outros dois núcleos, incluindo o Ontológico.

A utilização de qualificativos científicos como “campo” também é pressuposta e não explicativa. Além disso, como nos outros dois casos, esses qualificativos remetem a noções modernas de conhecimento científico.

Tipo de Problema/Grupo

A partir deste ponto é apresentada uma síntese esquemática sobre dos trechos da revista *Knowledge Organization* acerca da categoria Tipo de Problema/Grupo do núcleo Reivindicatório/Crítico.

Os referidos problemas e grupos, em sua maioria, trazem em si a marca da conscientização, da denúncia, da reivindicação contra situações injustas e verificadas em algum âmbito da ação e dos pressupostos de organizar e representar conhecimento, com destaque para a classificação.

Nesse sentido, as análises revelaram uma gama de situações problemáticas que tem como elementos principais, sobretudo, o exercício do poder (ADLER; TENNIS, 2013, p.267; 268;270; FOX; REECE, 2013, p.262;265; FURNER, 2009, p.8; LEE; LAN, 2011, p.25, 27, 37, 40; OLSON, 1999, p.66, 71); a dominação (FOX, 2011, p.328; FURNER, 2009, p.8; GARCÍA GUTIÉRREZ, 2014, p.393-394; LEE; LAN, 2011, p.38; OLSON (1999, p.65); e o

uso inadequado (injusto) da linguagem e a expressão terminológica enviesada (ADLER; TENNIS, 2013, p.267, 269; KEILTY, 2012, p.418).

Decorrente desses elementos, encontra-se toda uma lista de aporias que são denunciadas, dentre elas: restrição de liberdade de expressão (ADLER; TENNIS, 2013, p.267-268); violência sistêmica (ADLER; TENNIS, 2013, p.268; TENNIS, 2013, p.44, 48); violência simbólica (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2014, p.393-394); excepcionalismo (ADLER; TENNIS, 2013, p.269); guetização (ADLER; TENNIS, 2013, p.269), isto é, por meio de alguma forma de organizar e representar conhecimento algum grupo ou tópico é relegado a um gueto; omissão (ADLER; TENNIS, 2013, p.269); padrões com estrutura inapropriada (ADLER; TENNIS, 2013, p.269); apagamento (erasure) (ADLER; TENNIS, 2013, p.269); patologização (ADLER; TENNIS, 2013, p.269); imperialismo (ADLER; TENNIS, 2013, p.270); subordinação (FOX, 2011, p.328); sociedade patriarcal (FOX, 2011, p.331); opressão do Outro (FOX; REECE, 2013, p.261); desrespeito (FOX; REECE, 2013, p.261); colonização (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2014, p.393-394); usurpação de espaços e culturas (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2014, p.440); autoritarismo (KEILTY, 2012, p.418); vieses (*biases*) (MAI, 2013, p.242, 244; OLSON, 1999, p.65).

Quanto aos grupos que sofrem sob peso dessas situações problemáticas e injustas, é recorrente a menção ao “Outro” (FOX; REECE, 2013, p.261; 262; FURNER, 2009, p.8; LEE; LAN, 2011, p.37; MAI, 2013, p.244; TENNIS, 2013, p.44), ou seja, àqueles que escapam ao padrão e à “nomalidade”.

Além desse grupo que, na verdade, pode ser considerado um grupo genérico que abarca todos os grupos contrastantes com o que se considera como *mainstream*, aparecem menções à comunidades gay e lésbica (FOX, 2011, p.330; KEILTY, 2012, p.418); à comunidade *queer* (FOX, 2011, p.331; KEILTY, 2012, p.418, 423); aos bissexuais (ADLER; TENNIS, 2013, p.269); às pessoas que se encontram entre o masculino e o feminino ou aqueles que resistem a adotar o comportamento de gênero socialmente prescrito (FOX, 2011, p.329); às mulheres (FOX, 2011, p.331); aos trabalhadores (ADLER; TENNIS, 2013, p.267-268); e ao Islã (FOX; REECE, 2013, p.262).

Feita essa tentativa de síntese, segue-se, a seguir, mais traços descritivos referentes à revista *Knowledge Organization*, dentro desta categoria.

Posicionando-se na esfera linguística, Adler e Tennis (2013, p.267), apresentam como fator problemático o fato de que o uso da linguagem pode frequentemente consistir em ato de violência e as classificações sempre têm o potencial para infligir algum nível de dano.

Estando agora no interior de uma perspectiva coletivista, Adler e Tennis (2013, p.267), expressam que o aspecto de problema está no fato de que o poder deriva de um grupo de pessoas agindo em concerto, sendo que uma regra da maioria pode suprimir os direitos das minorias sem instrumentos. Além disso, é informado que a autoridade pode ser exercida em pessoas ou em escritórios.

E adentrando a esfera específica dos procedimentos técnicos de organização do conhecimento, os mesmo autores, Adler e Tennis (2013, p.268), apontam que o fator problemático está no fato de que um sistema de organização do conhecimento é um instrumento de documentação que carrega poder disciplinar. Além disso, os autores também destacam que todos os sistemas de organização do conhecimento são potencialmente danosos (ADLER; TENNIS, 2013, p.269).

Os mesmos autores, Adler e Tennis (2013, p.268), apontam que o aspecto de problema está no ato de nomear, que produz algum nível de poder, e no ato de organizar parte do universo, que consiste em um ato coercitivo.

E tratando especificamente da classificação, Adler e Tennis (2013, p.270), ressaltam que o problema refere-se ao fato de que as classificações apresentam ideologias e atitudes que dependem das lentes pelas quais os classificadores veem o mundo. Além disso, é mencionado o imperialismo.

Os autores, Adler e Tennis (2013, p.270), complementam o supracitado informado que as pessoas e as instituições que criam sistemas de classificação têm poder com relação àqueles a serem classificados e àqueles que usam o sistema.

Continuando no âmbito da classificação, Fox (2011, p.328), aponta que o aspecto de problema consiste no fato de que a classificação, com seu fundamento na Grécia antiga, tem fronteiras conceituais rígidas e estrutura hierárquica. Além disso, é informado que essas características da classificação têm sido criticadas por classificacionistas, feministas e acadêmicos pertencentes a grupos marginalizados.

Em termos genéricos, Fox e Reece (2013, p.261), apontam que o problema refere-se ao desrespeito à autonomia e à singularidade.

Em tom de crítica ao ponto de vista universalista, Fox e Reece (2013, p.262), destacam que o aspecto de problema consiste em aplicar padrões universais e com isso correr o risco de excluir os Outros.

Referindo-se aos Outros, Fox e Reece (2013, p.262), sinalizam que o problema consiste na promulgação de poder sobre o estranho, o convidado, o outro. Isso reforça uma

hierarquia ou sistema de poder. O exemplo dado refere-se ao fato dos tópicos sobre o Cristianismo ocuparem mais classes na CDD do que os tópicos sobre o Islã.

Voltando, explicitamente, ao contexto da classificação, García Gutiérrez (2014, p.393-394), postula que o fator de problema refere-se à batalha de dominação da qual a classificação toma parte no empenho de projetos de colonização cultural e cognitivo. Além disso, menciona-se os atos de violência simbólica causada pelos arquivos do nazismo.

Continuando, em tom de crítica, García Gutiérrez (2014, p.394), ressalta que o aspecto de problema refere-se à atuação da classificação em defesa de ações de colonização, revelando estruturas e objetivos totalitários. Além disso, é informado que a classificação usurpa, distorce, sobrepõe, subordina e coloniza o fluxo ilimitado de sentido, tornando praticamente impossível o livre movimento no mundo que ela controla, por meio de suas categorias.

Uma nota descritiva interessante (para revelar o alcance da crítica), proposta por García Gutiérrez (2014, p.407), refere-se a apontar que o aspecto problemático está no privilégio de séculos que os substantivos têm sobre outros tipos de palavras para expressar a essência das coisas.

Partindo de uma perspectiva ético linguística, Keilty (2012, p.418), ressalta que os aspectos problemáticos referem-se ao uso inadequado de nomenclaturas relacionadas a gênero e sexo, de modo que tais nomenclaturas não refletem a nomenclatura utilizada por pessoas não conformadas em questão de gênero e sexo. Além disso, esse referido uso inadequado das nomenclaturas, além de restringir o acesso de pessoas queer à informação, também força esses sujeitos a navegar e adotar uma nomenclatura ofensiva a respeito de si mesmos.

O mesmo autor, Keilty (2012, p.418) também complementa, também mencionando o poder de nomear como uma autoridade absoluta imposta sobre uma subcultura sexual.

Partindo da esfera dos instrumentos de organização do conhecimento, Lee e Lan (2011, p.25), apontam que o fator de problema diz respeito ao suporte dado ao controle intelectual, político e social por parte de um catálogo bibliográfico.

E voltando à questão do Outro, Lee e Lan (2011, p.37), ressaltam que o fator de problema refere-se à oposição entre o próprio e o outro, por meio da qual grupos de pessoas excluem ou marginalizam outros.

Adotando um tipo de visão ontológica, Mai (2013, p.242), aponta que o aspecto problemático é concernente ao fato de que classificações refletem a realidade e a realidade é enviesada, injusta e cheia de contradições.

Decorrente disso, Mai (2013, p.244) especifica que o aspecto de problema refere-se ao fato de que todas as classificações são enviesadas, porque elas expressam visões particulares sobre assuntos.

E o mesmo autor, Mai (2013, p.244), ainda aponta que o fator de problema é concernente à constatação de que qualquer classificação, inevitavelmente, privilegia alguns conceitos, perspectivas, experiências, pontos de vista ou questões, e marginaliza ou move para fora as visões dos outros.

Mantendo-se na esfera de crítica à classificação, Olson (1999, p.65), destaca que o aspecto problemático reside no fato da classificação bibliotecária falhar em acomodar efetivamente tópicos fora do que é considerado convencional pela corrente principal. Além disso, menciona-se os vieses de raça, gênero, habilidade, nacionalidade, sexualidade, religião etc. como fatores estabelecidos na classificação.

A autora, Olson (1999, p.65), também postula que o fator problemático reside no fato de que a forma como a classificação é feita não apenas reflete a cultura da corrente principal, mas também serve de instrumento dessa cultura, refletindo e ao mesmo tempo a reforçando.

Considerando os aspectos de fundo das situações problemáticas que apontou, Olson (1999, p.66), explica que o aspecto problemático refere-se ao controle masculino (dominação masculina) da sociedade (Grécia) da qual emanou a lógica subjacente à classificação.

Em tom de conscientização, Olson (1999, p.67), declara que o aspecto de problema está na presunção de mutua exclusividade dos esquemas de classificação. É mencionado que tal presunção é perigosa para o amplo tecido social do qual todos fazem parte.

Por fim, para Olson (1999, p.71), os aspectos mencionados estão relacionados à lógica que consiste no pressuposto básico da classificação (lógica grega), são eles: sexismo, homofobia, racismo e xenofobia.

E por último, duas notas descritivas são dadas por Tennis (2013). Na primeira delas o aspecto problemático reside na violência como expressão de força contra si ou contra o outro, sendo usada como instrumento de manipulação (TENNIS, 2013, p.44).

E na segunda delas (TENNIS, 2013, p.48), o aspecto problemático está na violência sistemática presente na rotina burocrática de desenhar e manter sistemas de organização do conhecimento, especialmente aqueles que privilegiam padrões a despeito da participação dos usuários.

A partir deste ponto é apresentada uma síntese esquemática a respeito dos trechos da série *Advances in Knowledge Organization*.

No mesmo sentido mencionado no contexto anterior de síntese, as concepções aqui sintetizadas também apresentam um teor de denúncia, reivindicação, e conscientização acerca de aporias éticas na organização e representação do conhecimento, seja no âmbito dos fundamentos e pressupostos ou nas ações.

E assim como ocorreu anteriormente, aqui o problema mais recorrente é o exercício do poder (CHRISTENSEN, 2000, p.306; 312; LEE, 2008, p.279; MILANI; GUIMARÃES; OLSON, 2014, p.337; MURGUIA; SALES, 2012, p.184, 188; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2014, p. 96, 97). Com menos frequência aparece também a marginalização (FOX, 2014, p.228; MILANI; GUIMARÃES; OLSON, 2014, p.338-339; OLSON, 2010, p.28); a discriminação (MILANI; GUIMARÃES; OLSON, 2014, p.337; OLSON, 2000, p.7); e a dominação (GARCIA GUTIERREZ, 2002, p.517; OLSON (2010, p.29).

Além dessas aporias, constam também a guetização (FOX, 2014, p.232-233); a exclusão (GARCIA GUTIERREZ, 2002, p.517); o colonialismo (GARCIA GUTIERREZ, 2002, p.517); a desigualdade (GRAF; SMIRAGLIA, 2014, p.116); os vieses (*biases*) (MILANI; GUIMARÃES; OLSON, 2014, p.337, 338, 339); e os preconceitos: (MILANI; GUIMARÃES; OLSON, 2014, p.338-339).

Consta ainda alguns problemas que também carregam a marca da reivindicação e da busca por conscientização, mas que se referem ao interior do processo científico. Nesse contexto, são considerados situações problemáticas: o modelo positivista de ciência (GARCIA GUTIERREZ, 2002, p.517, 520); e os efeitos causados por esse modelo: a fragmentação da ciência/conhecimento (GARCIA GUTIERREZ, 2002, p.520); a descontextualização do conhecimento (GARCIA GUTIERREZ, 2002, p.520); e, como problema solidário à fragmentação, a hiperespecialização do conhecimento científico (GARCIA GUTIERREZ, 2002, p.520).

Quanto aos grupos apontados como elementos que padecem desses problemas mencionados, constam: as mulheres (FOX, 2014, p.231, 232,233; OLSON, 2000, p.8); os afro americanos (OLSON, 2010, p.28); os transgêneros (FOX, 2014, p.228); os intersexo (FOX, 2014, p.228); e as *gendered people* (FOX, 2014, p.228).

Estabelecida essa síntese, a seguir seguem mais algumas notas descritivas.

A partir do ponto de vista da crítica à classificação, Fox (2014, p.228), aponta que o aspecto problemático reside no fato das classificações formais tenderem a marginalizar as *gendered people* ou aquelas pessoas que não se identificam com o tradicional entendimento dos gêneros.

Um ponto interessante (pois revela o alcance da crítica) é destacado por Garcia Gutierrez (2002, p.517), o qual ressalta que o fator de problema está na exclusão da mente irracional da representação da natureza e da tomada de decisão.

Desde a perspectiva do ambiente digital, Garcia Gutierrez (2002, p.517), aponta que o aspecto de problema refere-se à dominação e ao colonialismo verificado no âmbito da informação digital.

Partindo do ponto de vista dos instrumentos técnicos, Lee (2008, p.279), destaca que os aspectos de problema dizem respeito ao controle intelectual e à engenharia social promovidas por um catálogo bibliográfico.

No mesmo sentido de crítica aos instrumentos, Milani; Guimarães e Olson (2014, p.337), destacam que o aspecto problemático consiste na presença de vieses americanos em um cabeçalho de assunto.

Na mesma linha, porém especificando, Milani; Guimarães e Olson (2014, p.337), apresentam algumas inclinações danosas em um cabeçalho de assunto, dentre elas: discriminação de pessoas de certas regiões, vieses ideológicos, e vieses relacionados a gênero, sexualidade, raça, idade, habilidade, etnia, linguagem e religião.

Os mesmos autores, Milani; Guimarães e Olson (2014, p.337), apontam que o aspecto problemático está no fato da classificação não apenas refletir aspectos culturais ligados à corrente principal, mas também contar como um instrumento que reforça tais aspectos culturais.

Agora desde a ótica da crítica ao poder estatal exercido sobre as ciências, Murguia e Sales (2012, p.188), apontam que o aspecto problemático reside no uso de discurso hegemônico para estruturar áreas do conhecimento no Brasil.

Para os mesmos autores, Murguia e Sales (2012, p.184), o fator de problema refere-se ao estabelecimento de hierarquia entre diferentes áreas do conhecimento para controlar a produção científica e a alocação de recursos, o que demonstra um instrumento de exercício de poder.

Tratando especificamente da classificação, Olson (2000, p.3), declara que o fator problemático diz respeito à influência de europeus e de seus descendentes em sistemas de classificação.

A mesma autora, Olson (2000, p.7), ressalta que a questão problemática refere-se a se considerar a prática de classificação europeia (derivada da lógica grega) como ideal e considerar as culturas que não se adequam a esse ideal como sendo culturas primitivas.

Olson (2000, p.7), também destaca que o aspecto problemático é concernente ao reforço de hierarquia entre culturas pela presunção de universalidade da classificação.

Continuando a crítica acerca da classificação, Olson (2010, p.28), postula que o aspecto problemático refere-se à marginalização de estudos de mulheres, afro americanos e outros, por eles não se encaixarem na estrutura estabelecida.

Especificando, Olson (2010, p.28), aponta que o fator de problema consiste na dificuldade de classificar áreas interdisciplinares na CDD. Nesse sentido, é mencionada a filosofia feminista.

Mencionando novamente sistemas universais de classificação, Olson (2010, p.29), destaca que a questão problemática se refere ao fato de a CDD e a CDU refletirem e reforçarem a corrente principal epistemográfica (Hegel).

Em termos de conhecimento científico, San Segundo Manuel e Martínez-Ávila (2014, p. 96), apontam que o aspecto problemático refere-se ao fato de que a epistemologia nasceu como uma estratégia de controle do conhecimento dos outros.

E por último, San Segundo Manuel e Martínez-Ávila (2014, p.97), também apontam que o aspecto de problema diz respeito ao fato da tecnologia ter se tornado um novo meio de hegemonia.

Diante desse repertório de problemas e de grupos sociais, uma primeira inferência possível seria perceber a concernência de se ter aberto a dicotomia entre dois núcleos à presença de um terceiro.

Aqui não há simplesmente uma abertura a fatores contextuais de organização e representação do conhecimento que, como inferido da categoria Tipo de Contexto, refere-se, o mais das vezes, a parcelas de conhecimento científico.

O que se nota é a presença da crítica ética e do apelo à consciência da presença de injustiças e preconceitos em vários aspectos relacionados à organização e representação do conhecimento. Nesse sentido, é possível inferir que a noção de contexto (domínio e tudo o que ele carrega em si) também é adotada aqui, porém sempre sob a égide da ética.

Para tanto, a leitura dos textos revelou a recepção do aporte de abordagens filosóficas e científicas oriundas da esfera pós-moderna de pensamento.

Feitas essas considerações, antes de prosseguir para as interpretações, gostar-se-ia de oferecer uma quadro geral com os núcleos, as categorias e os autores e datas para, com isso, auxiliar com a inteligibilidade acerca das análises das categorias.

QUADRO 9: autores/ano por categorias e núcleos

Categoria	Núcleo	Autor/Ano
Concepção de Organização do Conhecimento	Ontológico	ARNOPOULOS (1993) ASUNDI (2012) BUDD (2014) DAHLBERG (2006; 2009; 2011) DOUSA (2010) DOUSA; IBEKWE-SANJUAN (2014) GERSTENKORN (2010) GNOLI (2010; 2012) NEELAMEGHAN (2000) OHLY (2014)
Tipo de Universalismo	Ontológico	ARNOPOULOS (1993) ASUNDI (2012) BUDD (2014) CHANNON (2013) DAHLBERG (2006; 2009; 2011) DOUSA (2010; 2014) DOUSA; IBEKWE-SANJUAN (2014) GERSTENKORN (2010) GNOLI (2004; 2006; 2010; 2012) GNOLI; POLI (2004) GREEN (2002) HAJIBAYOVA; JACOB (2012) NEELAMEGHAN (2000) OHLY (2014) SHAPIRO (2002) SZOSTAK (2014)
Concepção de Organização do Conhecimento	Contextual	ARBOIT; GRACIO; OLIVEIRA; BUFREM (2012) BEAK; SMIRAGLIA (2014) DODEBEI; ORRICO (2014) DOUSA (2010a; 2010b) DOUSA; IBEKWE-SANJUAN (2014) GRAF; SMIRAGLIA (2014) GUIMARÃES; OLIVEIRA; GRACIO (2012) GUIMARÃES; SALES; MARTÍNEZ-ÁVILA; ALENCAR (2014) HANSSON (2013) HJØRLAND (2003; 2008; 2010; 2013) HJØRLAND; ALBRECHTSEN (1999) HJØRLAND; HARTEL (2003) KAIPAINEN; HAUTAMÄKI (2011) KLEINEBERG (2014) LÓPEZ-HUERTAS; LÓPEZ-PÉREZ (2010)

		MEIRELES; CENDÓN; ALMEIDA (2014) OHLY (2014) ØROM (2003) RAGHAVAN; RAO (2014) SMIRAGLIA (2012; 2013) TENNIS (2003)
Tipo de Contexto	Contextual	ALBRECHTSEN; JACOB (1998) ALBRECHTSEN; PEJTERSEN (2003) ARBOIT; GRACIO; OLIVEIRA; BUFREM (2012) ASSIS; MOURA (2014) ASUNDI (2012) BEAK; SMIRAGLIA (2014) BEGHTOL (2002) BREITENSTEIN (2000) CASTANHA; GRÁCIO (2014) DODEBEI; ORRICO (2014) DOUSA (2010a; 2010b) DOUSA; IBEKWE-SANJUAN (2014) GRAF; SMIRAGLIA (2014) GUIMARÃES; OLIVEIRA; GRACIO (2012) GUIMARÃES; SALES; MARTÍNEZ-ÁVILA; ALENCAR (2014) HAJIBAYOVA; JACOB (2014) HANSSON (2013) HARTEL (2003) HJØRLAND (2003; 2008; 2010; 2013; 2015) HJØRLAND; ALBRECHTSEN (1999) HJØRLAND; HARTEL (2003) JACOB (2002) KAIPAINEN; HAUTAMÄKI (2011) KLEINEBERG (2013; 2014) LÓPEZ-HUERTAS; LÓPEZ- PÉREZ (2010) MAI (2000) MAZZOCCHI (2013) MEIRELES; CENDÓN; ALMEIDA (2014) NEELAMEGHAN; RAGHAVAN (2014) OHLY (2014) OLSON (2000) ØROM (2003) RAGHAVAN; NEELAMEGHAN (2012) RAGHAVAN; RAO (2014) SMIRAGLIA (2013) SUNDIN (2003) TENNIS (2003)

		ZINS; GUTTMANN (2003)
Concepção de Organização do Conhecimento	Reivindicatório/Crítico	ADLER; TENNIS (2013) CHRISTENSEN (2000) FURNER (2009) GARCÍA GUTIÉRREZ (2002; 2014) MAI (2013) SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ-ÁVILA (2014)
Tipo de Problema/Gupo	Reivindicatório/Crítico	ADLER; TENNIS (2013) CHRISTENSEN (2000) FOX (2011; 2014) FOX; REECE (2013) FURNER (2009) GARCIA GUTIERREZ (2002; 2014) GRAF; SMIRAGLIA (2014) KEILTY (2012) LEE (2008) LEE; LAN (2011) MAI (2013) MILANI; GUIMARÃES; OLSON (2014) MURGUIA; SALES (2012) OLSON (1999; 2000; 2010) SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ-ÁVILA (2014) TENNIS (2013)

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3 A presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus núcleos teóricos na literatura da ISKO: uma interpretação possível.

Neste contexto são tecidas interpretações e cotejos referentes a presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus três núcleos teóricos de na literatura especializada do campo/instituição.

Partindo dos dados bibliográficos referentes aos núcleos teóricos, seria possível reconhecer a virada dos anos de 1990 para os anos 2000, como o ponto de abertura da Organização do Conhecimento à diversidade de abordagens teóricas que marcam os três núcleos teóricos.

No contexto da narrativa foi informado que com a consolidação da Organização do Conhecimento e da *International Society for Knowledge Organization* – ISKO, houve um “salto de qualidade”, uma abertura à diversidade de abordagens teóricas de organização do conhecimento e que foi o propósito de estudar essas diversas abordagens teóricas que motivou a presente pesquisa. Pois bem, aparentemente, ao menos na amplitude do recorte desta pesquisa, tal abertura se deu, ou se identificou na passagem de século.

Tendo em vista o propósito de estudar as abordagens teóricas de organização do conhecimento, passou-se a tomar como meio de estruturação (incluindo a seleção dos textos do *corpus* de análise) os três núcleos teóricos vastamente mencionados ao longo deste relatório.

Feitas as leituras dos textos selecionados em cada núcleo e separados em formulários os trechos concernentes às duas categorias adotadas, pode-se dizer que a presença das abordagens nos três núcleos teóricos na literatura da Organização do Conhecimento ligada à ISKO pode ser considerada como real, ou ao menos sugerível.

Aquilo que se reuniu no repertório de referente às duas categorias, acredita-se, pode ser considerado ao menos um índice da presença de três inclinações teóricas diferentes e que aqui se preferiu denominar como núcleos teóricos.

Dada a quantidade maior de textos pertencer ao núcleo Contextual, talvez seja possível aventar que este núcleo e tudo o que leva no bojo, conta com a sobressalência (prefere-se não usar aqui o qualificativo “hegemonia”) dos interesses dos pesquisadores que publicam na revista *Knowledge Organization* e na série *Advances in Knowledge Organization*.

Relacionado a isso, acredita-se não ser possível caracterizar ou não os núcleos e principalmente esse, como paradigma, se bem que o interesse pela noção de domínio seja algo expressivo por seu poder aglutinador.

Não é possível também afirmar taxativamente qual seria o motivo aglutinador dos textos dentro de cada núcleo, talvez visões de mundo comuns, talvez a busca por objetivos comuns, talvez pela moda de temas do momento, talvez devido à composição ideológica do pesquisador.

De qualquer maneira, o que se gostaria de destacar é o aspecto de objetivo, no sentido, talvez ingênuo, de que quem quiser organizar conhecimento com objetivos de efetividade, que recorra ao núcleo universalista; quem desejar organizar conhecimento com objetivos de representar especificidades contextuais, que se valha dos aportes oriundos do núcleo contextual; e quem sente o apelo ético pela conscientização acerca da presença de injustiças nos instrumentos e teorias de organização do conhecimento, poderá compor a perspectiva formada pelo núcleo Reivindicatório/Crítico.

Sobre a possibilidade de síntese entre os três núcleos, esta talvez seja impossível, ao menos entre o núcleo Reivindicatório/Crítico, que nega a existência de universais (verdade, realidade objetiva etc.) e o núcleo Ontológico que se fundamenta precisamente nesses universais.

Entre o núcleo Contextual e o núcleo Reivindicatório/ Crítico existe uma proximidade, sendo que os dois podem ser caracterizados como antíteses, das referências universalistas.

Todavia, a ideia de contexto, sobretudo quando identificada à noção de domínio, está quase sempre ligada a parcelas de conhecimento científico, enquanto que os problemas apontados pelo núcleo Reivindicatório/Crítico referem-se mais a fatores éticos, ainda que dentro de contextos de conhecimento científicos.

Ademais, a tônica do argumento de cada um desses dois núcleos é diferentes. A do Reivindicatório/Crítico é marcadamente de conscientização e de denúncia, enquanto que no núcleo Contextual o mote está na representação adequada de contextos, levando em conta fatores, históricos, sociais e pragmáticos.

No que se refere à narrativa e aos exemplos dados de cada um dos três núcleos, acredita-se o que foi encontrado pelas análises, em alguma medida, confirma o que ficou dito, ainda que não se tenha objetivado confirmar ou não a narrativa e os exemplos como se fossem hipóteses. Na verdade eles foram pensados, como já foi mencionado, para contextualizar as abordagens teóricas no âmbito da literatura da ISKO.

De qualquer maneira, a ideia de que a Organização do Conhecimento consistiu de um *movimento de teorização* da classificação e que quando se consolidou abriu espaço para a diversificação de abordagens teóricas pode ter o momento de sua consolidação identificado pela passagem de século, dado que os textos selecionados, principalmente os que escapam ao predomínio universalista, datam dessa época.

Por fim, gostar-se-ia de reafirmar, chegado a este ponto do percurso metodológico, que existem indícios da presença de três núcleos teóricos aglutinando abordagens teóricas de organização do conhecimento, dentro do âmbito das publicações oficiais da ISKO.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa buscou-se analisar e caracterizar a presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento em seus núcleos teóricos veiculadas nas revistas *Knowledge Organization* e na série *Advances in Knowledge Organization*, ambos veículos de comunicação científica publicados pela *International Society for Knowledge Organization – ISKO*.

Tomando em consideração a Organização do Conhecimento como um campo atrelado à ISKO, elaborou-se uma narrativa que permitisse articular campo e instituição e, então, conferir contexto ao estudo das abordagens teóricas de organização do conhecimento.

Ao mesmo tempo percebeu-se que as abordagens teóricas eram perspectivadas por alguns autores como posicionadas entre dois polos de interesse, o polo Ontológico, e o polo Epistemológico. Vendo nessa diferenciação entre os dois polos um ensejo criteriológico para a seleção do *corpus* de análise e para o desenvolvimento da Análise de Conteúdo (método de base desta pesquisa), foram feitas leituras sobre o assunto e chegou-se à conclusão provisória de na verdade seriam três polos, que se preferiu chamar de núcleos teóricos, já que os mesmos aglutinariam abordagens teóricas de organização do conhecimento.

Com base nesses três núcleos foram selecionados os textos componentes do *corpus*, e foram analisadas duas categorias.

Com as análises acredita-se que a presença das abordagens teóricas em seus três núcleos na literatura da ISKO pode ser razoavelmente caracterizada.

Chegado a este ponto do trajeto, entretanto, alguns aspectos merecem ser ressaltados.

O primeiro deles é que, com a preocupação de contextualizar as abordagens teóricas no diálogo de Organização do Conhecimento e ISKO, acabou-se gastando muito tempo e leituras para a construção da narrativa e dos exemplos e, talvez, não se tenha dado não a mesma atenção para outros possíveis desdobramentos. A mesma preocupação em bem contextualizar as abordagens talvez tenha cerrado demasiadamente a perspectiva, no sentido de que Organização do Conhecimento seja muito mais do que aquilo que se pode chegar a conhecer por meio da ISKO. Tais aspectos sinalizam para a importância da continuidade dessa linha de pesquisa em incursões investigativas futuras.

De qualquer forma o intento de manter organicamente articulados campo, instituição e *corpus*, dada a difusão de literatura que leva a expressão *knowledge organization* como rótulo, foi, acredita-se, alcançada, ainda que com todo risco de reducionismo que isso pode acarretar,

e revela-se uma empreita pioneira no âmbito desse campo, cuja sistematização pode contribuir para a sua própria constituição enquanto tal.

Acredita-se que a presença das abordagens teóricas de organização do conhecimento aglutinadas em três núcleos teóricos na literatura da ISKO pode ser caracterizada e também inicialmente provada.

Por fim, gostar-se-ia de sugerir como possíveis modos de uso deste relatório, talvez um uso propedêutico de introdução à Organização do Conhecimento, como um auxílio aos estudos epistemológicos e como um repertório de noções acerca de cada um dos três núcleos.

REFERÊNCIAS

- ADLER, M.; TENNIS, J. T. Toward a Taxonomy of Harm in Knowledge Organization Systems. **Knowledge Organization**, v. 40, n.04, p. 266 - 272, 2013.
- AFOLABI, M. Spiritual Matters: Provision for Independent African Churches in General Classification Schemes. **International Classification**, v.19, n.4, p.210-213, 1992.
- ALBRECHTSEN, H; JACOB, E. K.. The Role of Classificatory Structures as Boundary Objects in Information Ecologies. In: WIDAD, M. E.-H. (Ed.). **Structures and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Fifth International ISKO Conference**, Lille, August 1998. Würzburg: ERGON VERLAG, 1998. p. 01-03. (Advances in Knowledge Organization, 06).
- ALBRECHTSEN, H; PEJTERSEN, A. M. Cognitive Work Analysis and Work Centered Design of Classification Schemes. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 03-04, p. 213- 227, 2003.
- ARBOIT, A. E.; GRACIO, M. C. C.; OLIVEIRA, E. F. T.; BUFREM, L. S. The Relationship between Authors and Main Thematic Categories in the Field of Knowledge Organization: A Bibliometric Approach. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K.S. (Eds.). **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference**, Mysore, August 2012. Würzburg: ERGON VERLAG, 2012. p. 44- 50. (Advances in Knowledge Organization, 13).
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Madrid: Editorial Gredos, 1994.
- ARNOPOULOS, P. A SUM of Science: The Taxonomy and Methodology of Sociophysics. **Knowledge Organization**, v. 20, n. 03, p. 139 – 149, 1993.
- ASSIS, J.; MOURA, M. A. Consensus Analysis on the development of meta-languages: a study of the semantic domain of Biotechnology. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference**, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 359-366. (Advances in Knowledge Organization, 14).
- ASUNDI, A. Y. Domain Specific Categories and Relations and their Potential Applications: A Case Study of Two Arrays of Agriculture Schedule of Colon Classification. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K.S. (Eds.). **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference**, Mysore, August 2012. Würzburg: ERGON VERLAG, 2012. p. 171- 175. (Advances in Knowledge Organization, 13).
- ASUNDI, A. Y. Epistemological Basis of some Common Categories - A Study of Space and Time as Common Concepts. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K.S. (Eds.). **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference**, Mysore, August 2012. Würzburg: ERGON VERLAG, 2012. p. 166- 170. (Advances in Knowledge Organization, 13).

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARITÉ, M. **La garantía literaria como herramienta de revisión de sistemas de organización del conocimiento: modelo y aplicación**. 2011. 377 f. Tese (Doutorado em Informação Científica) - Universidad de Granada, Granada, 2011.

BEAK, J.; SMIRAGLIA, R. P. Contours of Knowledge: Core and Granularity in the Evolution of the DCMI Domain. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects**: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 136-143. (Advances in Knowledge Organization, 14).

BEGHTOL, C. Universal Concepts, Cultural Warrant, and Cultural Hospitality. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J.; MUNOZ-FÉRNANDEZ, F. J. (Eds.). **Challenges in Knowledge Representation and Organization for the 21st Century. Integration of Knowledge across Boundaries**: Proceedings of the Seventh International ISKO Conference, Granada, July 2002. Würzburg: ERGON VERLAG, 2002. p. 45-49. (Advances in Knowledge Organization, 08).

BLISS, H. E. **The organization of knowledge and the system of the science**. Nova York: Henry Holt and Company, 1929.

_____. **The organization of knowledge in libraries**. Nova York: The H. W. Wilson Company, 1933.

BREITENSTEIN, M. Classification, Culture Studies, and the Experience of the Individual: Three Methods for Knowledge Discovery. In: BEGHTOL, C.; HOWARTH, L. C.; WILLIAMSON, N. J. (Eds.). **Dynamism and Stability in Knowledge Organization**: Proceedings of the Sixth International ISKO Conference, Toronto, July 2000. Würzburg: ERGON VERLAG, 2000. p. 10- 15. (Advances in Knowledge Organization, 07).

BUDD, J. Organizing Acts and Objects: Metaphysical Foundations. **Knowledge Organization**, v. 41, n. 06, p. 419 – 428, 2014.

CAMPBELL, D. G. Queer Theory and the Creation of Contextual Subject Access Tools for Gay and Lesbian Communities. **Knowledge Organization**, v. 27, n.3, p.122-31, 2000.

CASTANHA, R. C. G.; GRÁCIO, M. C. C. Bibliometrics Contribution to the Metatheoretical and Domain Analysis Studies. **Knowledge Organization**, v. 41, n.02, p. 171 - 174, 2014.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade**, v. 24, n.1, p.13-18, 2014.

CHANNON, M. G. The Unification of Concept Representations: An Impetus for Scientific Epistemology. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 02, p. 83-101, 2013.

CHRISTENSEN, F. S. Power and the Production of Truth in the Sciences. In: BEGHTOL, C.; HOWARTH, L. C.; WILLIAMSON, N. J. (Eds.). **Dynamism and Stability in Knowledge Organization**: Proceedings of the Sixth International ISKO Conference, Toronto, July 2000. Würzburg: ERGON VERLAG, 2000. p. 306- 312. (Advances in Knowledge Organization, 07).

DAHLBERG, I. What is Knowledge Organization? **Knowledge Organization**, v.41, n.1, p.85-91, 2014.

_____. A Systematic New Lexicon of All Knowledge Fields based on the Information Coding Classification. **Knowledge Organization**, v. 39, n. 2, p. 142-150, 2012.

_____. How to Improve ISKO's Standing: Ten Desiderata for Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 38, n.1, p. 68-74, 2011.

_____. Brief Communication: How to Improve ISKO's Standing: Ten Desiderata for Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 38, n. 01, p. 68 -74, 2011.

_____. Concepts and Terms ISKO's Major Challenge. **Knowledge Organization**, v. 36, n. 2, p. 169-177, 2009.

_____. Brief Communication: Concepts and Terms – ISKO's Major Challenge. **Knowledge Organization**, v. 36, n. 02-03, 2009.

_____. The Information Coding Classification (ICC): A Modern, Theory-Based Fully-Faceted, Universal System of Knowledge Fields. **Axiomathes**, v.18, n.2, p.161-176, 2008a.

_____. Interview with Ingetraut Dahlberg. **Knowledge Organization**, v.35, n.2-3, p.82-85, 2008b.

_____. Knowledge Organization: A New Science? **Knowledge Organization**, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006.

_____. Classification Structures principles: Investigations, Experiences, Conclusions. In: WIDAD, M. E.-H. (Ed.). **Structures and Relations in Knowledge Organization**: Proceedings of the Fifth International ISKO Conference, Lille, August 1998. Würzburg: ERGON VERLAG, 1998. p.80-88. (Advances in Knowledge Organization, 06).

_____. Classification and the tree of cognition. **International Classification**, v.14, n.3, p.125-126, 1997.

_____. Library Catalogs in the internet. In: GREEN, R. (Ed.). **Knowledge Organization and Change**: Proceedings of the Fourth International ISKO Conference, Washington, July 1996. Würzburg: ERGON VERLAG, 1996. p.155-164. (Advances in Knowledge Organization, 05).

_____. World Problems and Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v.22, n.1, p.1-1, 1995.

_____. Domain interaction - theory and practice. In: ALBRECHTSEN, H.; OERNAGER, S. (Eds.) **Knowledge Organization and Quality Management**: Proceedings of the Third International ISKO Conference, Copenhagen, June, 1994. Würzburg: ERGON VERLAG, 1994. p. 60-71. (Advances in Knowledge Organization, 04).

_____. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, v.20, n.4, p.211-222, 1993.

_____. Knowledge organization and terminology - philosophical and linguistic bases. **International Classification**, v. 19, n.2, p.65-61, 1992.

_____. Philosophical Foundations of Conceptual Ordering Systems. In: NEGRINI, G.; FARNESI, T.; BENEDIKTSSON, D. (Eds.). **Documentary Languages and Databases**: Papers from the Rome conference , Rome, December 1990. Frankfurt: INDEKS VERLAG, 1990, p. 102-119. (Advances in Knowledge Organization, 03).

_____. The Founding of The International Society for Knowledge Organization. **International Classification**, v.16, n.2, p.71-72, 1989.

_____. Classification and Structure. **International Classification**, v.15, n.1, p.1, 1988.

_____. Classifications and "The Tree of Cognition". **International Classification**, v.14, n.3, p.125-126, 1987.

_____. The international classification and indexing bibliography (icib) and its classification systems. **International Classification**, v.12, n.13, p.143-152, 1985.

_____. Reflections on trends in classification. **International Classification**, v.10, n.1, p.1-1, 1983.

_____. Conceptual compatibility of ordering systems. **International Classification**, v.10, n.1, p.5-6, 1983.

_____. ICC - Information Coding Classification - principles, structure and application possibilities. **International Classification**, v.9, n.2, p.87-93, 1982.

_____. Conceptual definitions for INTERCONCEPT. **International Classification**, v.8, n.1, p.16-22, 1981.

_____. Universal Classification. **International Classification**, v.7, n.2, p. 55, 1980.

_____. Referent-oriented, analytical concept theory for INTERCONCEPT. **International Classification**, v.5, n.3, p.142-151, 1978.

_____. Classification and standardization. **International Classification**, v.4, n.1, p.1-1, 1977.

_____. Classification theory, yesterday and today. **International Classification**, v.3, n.2, p.85-90, 1976.

_____. The terminology of subject-fields. **International Classification**, v.2, n.1, p., 1975.

_____. Toward a theory of concept. **International Classification**, v.1, n.1, p.12, 1974.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DODEBEL, V.; ORRICO, E. G. D. Knowledge in Social Memory: empirical experiment for a domain conceptual-discursive mapping. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century:**

Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 65-72. (Advances in Knowledge Organization, 14).

DOUSA, T. M. Categories and the Architectonics of System in Julius Otto Kaiser's Method of Systematic Indexing. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century:**

Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 160-167. (Advances in Knowledge Organization, 14).

_____. Classical Pragmatism and its Varieties: On a Pluriform Metatheoretical Perspective for Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 37, n.01, p. 65 – 71, 2010.

_____. The simple and the complex in E. C. Richardson's theory of classification. Observations on an early KO model of the relationship between ontology and epistemology. In: GNOLI, C; MAZZOCCHI, F. (Eds.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization:** Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference, Rome, February 2010. Würzburg: ERGON VERLAG, 2010. p. 15-22. (Advances in Knowledge Organization, 12).

_____. Whither pragmatism in knowledge organization? Classical pragmatism vs. neopragmatism as KO metatheories. In: GNOLI, C; MAZZOCCHI, F. (Eds.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization:** Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference, Rome, February 2010. Würzburg: ERGON VERLAG, 2010. p. 78-84. (Advances in Knowledge Organization, 12). b

DOUSA, T. M.; IBEKWE-SANJUAN, F. Epistemological and Methodological Eclecticism in the Construction of Knowledge Organization Systems (KOSs). The Case of Analytico-synthetic KOSs. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects:** Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 152-159. (Advances in Knowledge Organization, 14).

FOX, M. J. Medical Discourse's Epistemic Influence on Gender Classification in Three Editions of the Dewey Decimal Classification. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century:**

Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth

International ISKO Conference, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 228-235. (Advances in Knowledge Organization, 14).

_____. Prototype Theory: An Alternative Concept Theory for Categorizing Sex and Gender? **Knowledge Organization**, v. 38, n.04, p. 328 – 334, 2011.

FOX, M. J.; REECE, A. The Impossible Decision: Social Tagging and Derrida's Deconstructed Hospitality. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 04, p. 260 – 265, 2013.

FURNER, J. Interrogating "Identity": A Philosophical Approach to an Enduring Issue in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 36, n.01, p. 3 – 16, 2009.

_____. Dewey Deracialized: A Critical Race-Theoretic Perspective. **Knowledge Organization** v. 4, n.3, p.144-68, 2007.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Declassifying Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 41, n. 05, p. 393 – 409, 2014.

_____. Knowledge Organization from a "Culture of the Border": Towards a Transcultural Ethics of Mediation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J.; MUNOZ-FÉRNANDEZ, F. J. (Eds.). **Challenges in Knowledge Representation and Organization for the 21st Century. Integration of Knowledge across Boundaries: Proceedings of the Seventh International ISKO Conference, Granada , July 2002.** Würzburg: ERGON VERLAG, 2002. p. 516-526. (Advances in Knowledge Organization, 08).

GERSTENKORN, A. Entities and quiddities. About ontological and epistemological conceptualization for knowledge organization. In: GNOLI, C; MAZZOCCHI, F. (Eds.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference, Rome, February 2010.** Würzburg: ERGON VERLAG, 2010. p. 31-37. (Advances in Knowledge Organization, 12).

GNOLI, C. Metadata About What? Distinguishing Between Ontic, Epistemic, and Documental Dimensions in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 39, n.04, p. 268 – 275, 2012.

_____. Ontological foundations in knowledge organization: the theory of integrative levels applied in citation order. **Scire**, v. 17, n. 1, p. 29-34, 2011.

_____. Classification Transcends Library Business. **Knowledge Organization**, v. 37, n.03, p. 223 – 229, 2010.

_____. Levels, types, facets: three structural principles for KO. In: GNOLI, C.; MAZZOCCHI, F. (Eds.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization.** Würzburg: ERGON, 2010. p. 31-37.

_____. Ten Long-Term Research Questions in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 137-149, 2008.

_____. Phylogenetic Classification. **Knowledge Organization**, v.33, n. 3, p.138-152, 2006.

_____. Naturalism vs. pragmatism in knowledge organization. In: MCILWAINE, I. C. (Ed.). **Knowledge Organization and the Global Information Society: Proceedings of the Eighth International ISKO Conference**, London, July 2004. Würzburg: ERGON VERLAG, 2004. p. 263-268. (Advances in Knowledge Organization, 09).

GNOLI, C.; POLI, R. Levels of Reality and Levels of Representation. **Knowledge Organization**, v. 31, n. 03, p. 151- 160, 2004.

GNOLI, C.; SZOSTAK, R. Universality is Inescapable. **Advances in Classification Research**, 2014, November 1, 2014.

GRAF, A. M.; SMIRAGLIA, R. P. Race & Ethnicity in the *Encyclopedia of Milwaukee: A Case Study in the Use of Domain Analysis*. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference**, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 114-120. (Advances in Knowledge Organization, 14).

GREEN, R. Conceptual Universals in Knowledge Organization and Representation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J.; MUNOZ-FÉRNANDEZ, F. J. (Eds.). **Challenges in Knowledge Representation and Organization for the 21st Century. Integration of Knowledge across Boundaries: Proceedings of the Seventh International ISKO Conference**, Granada , July 2002. Würzburg: ERGON VERLAG, 2002. p. 15-27. (Advances in Knowledge Organization, 08).

GUIMARÃES, J. A. C.; OLIVEIRA, E. T.; GRACIO, M. C. C. Theoretical Referents in Knowledge Organization: A Domain Analysis of the Knowledge Organization Journal. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K.S. (Eds.). **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference**, Mysore, August 2012. Würzburg: ERGON VERLAG, 2012. p. 31- 37. (Advances in Knowledge Organization, 13).

GUIMARÃES, J. A. C.; SALES, R.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; ALENCAR, M. F. The Conceptual Dimension of Knowledge Organization in the ISKO Proceedings Domain: A Bardinian Content Analysis. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference**, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 101-106. (Advances in Knowledge Organization, 14).

HAJIBAYOVA, L.; JACOB, E. K. A Theoretical Framework for Operationalizing Basic Level Categories in Knowledge Organization Research. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K.S. (Eds.). **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference**, Mysore, August 2012. Würzburg: ERGON VERLAG, 2012. p. 159- 165. (Advances in Knowledge Organization, 13).

HAJIBAYOVA, L.; JACOB, E. K. User-Generated Genre Tags Through the Lens of Genre Theories. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century:**

Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 390-396. (Advances in Knowledge Organization, 14).

HANSSON, J. The Materiality of Knowledge Organization: Epistemology, Metaphors and Society. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 06, p. 384 – 391, 2013.

HARTEL, J. The Serious Leisure Frontier in Library and Information Science: Hobby Domains. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 03-04, p. 228 – 238, 2003.

HARTMANN, N. **Ontología: IV** filosofía de la naturaleza, teoría especial de las categorías. Categorías organológicas: V el pensar teleológico. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1986

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espirito**, parte I. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HJORLAND, B. Domain analysis. **Core Concepts for Library and information Science**. 2016. Disponível em: <<http://www.iva.dk/bh/Core%20Concepts%20in%20LIS/articles%20a-z/Domain%20analysis.htm>>. Acesso em: 15/01/2016.

_____. Domain Analysis as approach to Knowledge Organization (KO). **Lifeboat for Knowledge Organization**. 2016. Disponível em: <http://www.iva.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/domain_analysis.htm>. Acesso em: 15/01/2016.

_____. Theories are Knowledge Organizing Systems (KOS). **Knowledge Organization**, v.42, n.2, p.113-128, 2015.

_____. Theories of Knowledge Organization—Theories of Knowledge. **Knowledge Organization**, v. 40, n.03, p. 169 – 181, 2013.

_____. Concepts, paradigms and knowledge organization. In: GNOLI, C; MAZZOCCHI, F. (Eds.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference, Rome, February 2010**. Würzburg: ERGON VERLAG, 2010. p. 38-42. (Advances in Knowledge Organization, 12).

_____. Concept theory. **Journal of The American Society for Information Science and Technology**, v.60, n.8, p.1519-1536, 2009.

_____. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, v.35, n.2; 3, p.86-101, 2008.

_____. Domain Analysis: A Socio-Cognitive Orientation for Information Science Research. **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, fevereiro, p.17-21, 2005.

_____. Domain analysis in information science: Eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v.58, n.4, p. 422-462, 2002.

_____. Fundamentals of Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 02, p. 87 – 111, 2003.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. An Analysis of Some Trends in Classification Research. **Knowledge Organization**, v. 26, n. 03, p. 131 – 139, 1999.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: Domain-Analysis. Journal of **The American Society for Information Science and Technology**, v.46, n.6, p.400-425, 1995.

HJØRLAND, B.; HARTEL, J. Afterword: Ontological, Epistemological and Sociological Dimensions of Domains. **Knowledge Organization**, v. 30, n.03-04, p. 239 – 245, 2003.

JACOB, E. K. Augmenting Human Capabilities: Classification as Cognitive Scaffolding. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J.; MUNOZ-FÉRNANDEZ, F. J. (Eds.). **Challenges in Knowledge Representation and Organization for the 21st Century. Integration of Knowledge across Boundaries: Proceedings of the Seventh International ISKO Conference, Granada , July 2002.** Würzburg: ERGON VERLAG, 2002. p. 38-144. (Advances in Knowledge Organization, 08).

JACOB, E. K. The legacy of pragmatism: implications for knowledge organization in a pluralistic universe. In: BEGHTOL, C.; HOWARTH, L. C.; WILLIAMSON, N. J. (Eds.). **Dynamism and Stability in Knowledge Organization: Proceedings of the Sixth International ISKO Conference, Toronto, July 2000.** Würzburg: ERGON VERLAG, 2000. p. 16- 22. (Advances in Knowledge Organization, 07).

KAIPAINEN, M.; HAUTAMÄKI, A. Epistemic Pluralism and Multi-Perspective Knowledge Organization: Explorative Conceptualization of Topical Content Domains. **Knowledge Organization**, v. 38, n. 06, p. 503 – 514, 2011.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 5ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KEILTY, P. Sexual Boundaries and Subcultural Discipline. **Knowledge Organization**, v. 39, n. 06, p. 417 – 431, 2012.

KLEINEBERG, M. Integrative Levels of Knowing: An Organizing Principle for the Epistemological Dimension. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014.** Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 80-87. (Advances in Knowledge Organization, 14).

_____. The Blind Men and the Elephant: Towards an Organization of Epistemic Contexts. **Knowledge Organization**, v. 40, n.05, p. 340 – 362, 2013.

KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LEE, H.-L.; LAN, W.-C. Proclaiming Intellectual Authority Through Classification: The Case of the Seven Epitomes. **Knowledge Organization**, v. 38, n. 1, p. 25 – 42, 2011.

LEE, H.-L. Origins of the Main Classes in the First Chinese Bibliographic Classification. In: ARSENAULT, C.; TENNIS, J. T. (Eds.). **Culture and Identity in Knowledge Organization: Proceedings of the Tenth International ISKO Conference**, Montréal, August 2008. Würzburg: ERGON VERLAG, 2008. p. 275- 281. (Advances in Knowledge Organization, 11).

LÓPEZ-HUERTAS, M. J.; LÓPEZ-PÉREZ, M. J. Epistemological dynamics in scientific domains and their influence in knowledge organization. In: GNOLI, C; MAZZOCCHI, F. (Eds.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference**, Rome, February 2010. Würzburg: ERGON VERLAG, 2010. p. 91-97. (Advances in Knowledge Organization, 12).

LÓPEZ-HUERTAS, M. J. Some Current Research Questions in the Field of Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 113-136, 2008.

MAI, J.-E. Ethics, Values and Morality in Contemporary Library Classifications. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 04, p. 242 – 253, 2013.

_____. Classification in context: Relativity, reality, and representation. **Knowledge organization**, n.1, v.31, p.39-48, 2004.

_____. Likeness: A Pragmatic Approach. In: BEGHTOL, C.; HOWARTH, L. C.; WILLIAMSON, N. J. (Eds.). **Dynamism and Stability in Knowledge Organization: Proceedings of the Sixth International ISKO Conference**, Toronto, July 2000. Würzburg: ERGON VERLAG, 2000. p. 23- 27. (Advances in Knowledge Organization, 07).

MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; FOX, M. J; OLSON, H. A. Intersectionality in users of library knowledge organization systems: Lessons learned from the misrepresentation of Latina lesbians. In: GUIMARÃES, J. A. C.; DODEBEI (Eds.). **Estudos Avançados em Organização do Conhecimento: Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. Marília: Fundepe, 2012, p.160-163.

MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; SEMIDÃO, R.; FERREIRA, M. Methodological Aspects of Critical Theories in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v.43, n. 2, p.118-125, 2016.

MAZZOCHI, F. Knowledge Organization System (KOS): An Introductory Critical Account. **Knowledge Organization**, v.45, n.1, 2018.

_____. Images of Thought and Their Relation to Classification: The Tree and the Net. **Knowledge Organization**, v. 40, n.06, p. 366 – 374, 2013.

MCILWAINE, I. C. Trends in Knowledge Organization Research. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 02, p. 75 – 86, 2003.

_____. Interdisciplinarity: a New Retrieval Problem? In: BEGHTOL, C.; HOWARTH, L. C.; WILLIAMSON, N. J. (Eds.). **Dynamism and Stability in Knowledge Organization: Proceedings of the Sixth International ISKO Conference**, Toronto, July 2000. Würzburg: ERGON VERLAG, 2000. p. 261- 267. (Advances in Knowledge Organization, 07).

MEIRELES, M. R. G.; CENDÓN, B. V.; ALMEIDA, P. E. M. Bibliometric Knowledge Organization: A Domain Analytic Method Using Artificial Neural Networks. **Knowledge Organization**, v. 41, n.02, p. 145 – 159, 2014.

MENDES, L. C.; MORAES, A. P. Documentation as Knowledge Organization: an assessment of Paul Otlet's proposals. In: Babik, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects**. Würzburg: ERGON, 2014. p.548-555. (Advances in Knowledge Organization, 14)

MILANI, S. O.; GUIMARÃES, J. A. C.; OLSON, H. A. Bias in subject representation: convergences and divergences in the international literature. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014**. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 335-342. (Advances in Knowledge Organization, 14).

MURGUIA, E. I.; SALES, R. CNPq's Knowledge Area Table as a Knowledge and Power Apparatus. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K.S. (Eds.). **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization: Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference, Mysore, August 2012**. Würzburg: ERGON VERLAG, 2012. p. 183- 189. (Advances in Knowledge Organization, 13).

NEELAMEGHAN, A. Dynamism and Stability in Knowledge Organization Tools: S. R. Ranganathan's Contributions. In: BEGHTOL, C.; HOWARTH, L. C.; WILLIAMSON, N. J. (Eds.). **Dynamism and Stability in Knowledge Organization: Proceedings of the Sixth International ISKO Conference, Toronto, July 2000**. Würzburg: ERGON VERLAG, 2000. p. 164- 169. (Advances in Knowledge Organization, 07).

NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K. S. Science of Consciousness as a Domain: Issues for Knowledge Organization. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014**. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 50-56. (Advances in Knowledge Organization, 14).

OHLY, H. P. Sociological aspects of knowledge and knowledge Organization. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century: Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014**. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 41-49. (Advances in Knowledge Organization, 14).

OLSON, H. A. Hegel's epistemograph, classification, and Spivak's postcolonial reason. In: GNOLI, C; MAZZOCCHI, F. (Eds.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference, Rome, February 2010**. Würzburg: ERGON VERLAG, 2010. p. 23-30. (Advances in Knowledge Organization, 12).

_____. Wind and Rain and Dark of Night Classification in Scientific Discourse Communities. In: ARSENAULT, C.; TENNIS, J. T. (Eds.). **Culture and Identity in**

Knowledge Organization: Proceedings of the Tenth International ISKO Conference, Montréal, August 2008. Würzburg: ERGON VERLAG, 2008. p. 235- 241. (Advances in Knowledge Organization, 11).

_____. Transgressive deconstructions: feminist/postcolonial methodology for research in Knowledge Organization. In: FRÍAS, J. A.; TRAVIESO, C. (Org.). **Tendencias de investigación en organización del conocimiento**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2003. p. 731-740.

_____. **The power to name:** locating the limits or subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2002.

_____. Patriarchal Structures of Subject Access and Subversive *Techniques* for Change. **The Canadian Journal of Information and Library Science**, v.26, n.2-3, p.1-28, 2001.

_____. Reading Cultures: "Primitive Classification" The Metaphysics of Social and Misreading and Logical Classification. In: BEGHTOL, C.; HOWARTH, L. C.; WILLIAMSON, N. J. (Eds.). **Dynamism and Stability in Knowledge Organization:** Proceedings of the Sixth International ISKO Conference, Toronto, July 2000. Würzburg: ERGON VERLAG, 2000. p. 03- 09. (Advances in Knowledge Organization, 07).

_____. Exclusivity, teleology and hierarchy: our Aristotelian legacy. **Knowledge Organization**, v. 26, n. 2, p. 65-73, 1999.

_____. Mapping beyond Dewey's boundaries: constructing classificatory space for marginalized knowledge domains (Dewey Decimal Classification excludes some groups). **Library Trends**, v. 47, n. 2, p. 233-254, 1998.

OLSON, H. A.; FOX, M. S. Feminist Epistemologies and Knowledge Organization. In: SMIRAGLIA, R. P.; LEE, H.-L. **Cultural Frames of Knowledge**. Würzburg: ERGON, 2012. p.79-97.

OLSON, H. A.; SCHLEGL, R. Standardization, Objectivity, and User Focus: A Meta-Analysis of Subject Access Critiques. **Cataloging & Classification Quarterly**, v.32, n.2, p.61-79, 2001.

ØROM, A. Knowledge Organization in the Domain of Art Studies – History, Transition and Conceptual Changes. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 03-04, p. 128 – 143, 2003.

PELLIZER, E. **Dicionário Etimológico da Mitologia Grega**. Trieste: Hirema, 2013. Disponível em: <http://demgol.units.it/pdf/demgol_pt.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2013.

RAGHAVAN, K. S.; NEELAMEGHAN, A. Indic Cultures and Concepts: Implications for Knowledge Organization. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K.S. (Eds.). **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization:** Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference, Mysore, August 2012. Würzburg: ERGON VERLAG, 2012. p. 176- 182. (Advances in Knowledge Organization, 13).

RAGHAVAN, K. S.; RAVICHANDRA RAO, I.K.. Facets of Facet Analysis: A Domain Analysis. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century:**

Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p.107-113. (Advances in Knowledge Organization, 14).

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to Library Classification**. 3. ed. Nova York: Asia Publishing House, 1967. Disponível em: <<http://arizona.openrepository.com/arizona/handle/10150/106370>>. Acesso em: 13/11/2015.

SAN SEGUNDO MANUEL, R.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Digital as a Hegemonic Medium for Epistemology and Knowledge Organization. In: BABIK, W. (Ed.). **Knowledge Organization in the 21st Century:**

Between Historical Patterns and Future Prospects: Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, May 2014. Würzburg: ERGON VERLAG, 2014. p. 96-100. (Advances in Knowledge Organization, 14).

SHAPIRO, J. Interdisciplinary Knowledge Integration and Intellectual Creativity. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J.; MUNOZ-FÉRNANDEZ, F. J. (Eds.). **Challenges in Knowledge Representation and Organization for the 21st Century. Integration of Knowledge across Boundaries:** Proceedings of the Seventh International ISKO Conference, Granada , July 2002. Würzburg: ERGON VERLAG, 2002. p. 100-106. (Advances in Knowledge Organization, 08).

SMIRAGLIA, R. Is FRBR A Domain? Domain Analysis Applied to the Literature of The FRBR Family of Conceptual Models. **Knowledge Organization**, v. 40, n.04, p. 273 – 282, 2013.

_____. Universes, Dimensions, Domains, Intensions and Extensions: Knowledge Organization for the 21st Century. In: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K.S. (Eds.). **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization:** Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference, Mysore, August 2012. Würzburg: ERGON VERLAG, 2012. p. 01- 07. (Advances in Knowledge Organization, 13).

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. **Giambattista Vico**. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/vico/>> Acesso em: 12/01/2017.

SUNDIN, O. Towards an Understanding of Symbolic Aspects of Professional Information: An Analysis of the Nursing Knowledge Domain. **Knowledge Organization**, v. 30, n.03-04, p. 170 – 181, 2003.

SZOSTAK, R. Classifying for Social Diversity. **Knowledge Organization**, v. 41, n. 02, p. 160 – 170, p. 2014.

TENNIS, J. T. Ethos and Ideology of Knowledge Organization: Toward Precepts for an Engaged Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 01, p. 42 – 49, 2013.

_____. Epistemology, Theory, and Methodology in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2; 3, p. 102-112, 2008.

_____. Two Axes of Domains for Domain Analysis. **Knowledge Organization**, v. 30, n.03-04, p. 191 – 195, 2003.

TUDHOPE, D.; NIELSEN, M. L. Introduction to Knowledge Organization Systems and Services. **New Review of Hypermedia and Multimedia**, v. 12, n. 1, p. 3-9, 2006.

WIGGERSHAUS, R. **La Escuela de Fráncfort**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad Metropolitana Autónoma, 2010.

ZINS, C; GUTTMANN, D. Domain Analysis of Social Work: An Example of an Integrated Methodological Approach. **Knowledge Organization**, v. 30, n.03-04, 2003.

APÉNDICES

Apêndice A.
Categorias do Núcleo Ontológico.

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	A SUM of Science: The Taxonomy and Methodology of Sociophysics	
Autor:	Paris Arnopoulos.	
Dados Bibliográficos:	Ano (1993) Volume (20) Número (3) Páginas (139 - 149)	
Categorias:		
Concepção de OC:	This presentation should give a general idea of the scope and method of knowledge organization applicable to both cultural and natural domains. (p.139)	
Tipo de universalismo:	<p>Attempt to order the main parameters of scientific theory into a coherent taxonomy. To that end, a System Unification Model (SUM) is constructed which serves as a formal frame classifying the salient structures and functions of empirical existence. (p.139)</p> <p>As a result, it contributes in enhancing, understanding and appreciating the global picture of human reality. (p.139)</p> <p>We therefore accept the thesis that there exist isomorphic structures and functions not only throughout space and time but at all levels of existence, thus reflecting the essential unity of reality. (p.139)</p> <p>Meanwhile, we adopt the universality thesis that it is not necessary to know specific details in order to understand the overall scheme of things. (p.139)</p> <p>We begin the elaboration of this coding scheme by the common sense premise that reality presents us with certain patterns in space and regularities in time which are perceived and emphasized. (p.146)</p>	

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Organizing Acts and Objects: Metaphysical Foundations.	
Autor:	John Budd	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (41) Número (6) Páginas (419 - 428)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>In fact, the positive argument will be made here that enrichment of the professions of librarianship and knowledge organization will be constrained and stifled if there is not a clear metaphysical purpose which can guide action and education. (p.420)</p> <p>To place this matter within a context, the discipline of knowledge organization is still struggling to</p>	

<p>articulate a definition of “information” that not only can be widely accepted, but widely applied. (p.421)</p> <p>In fact, the most useful aspect of pragmatics in a field like knowledge organization is the very act of situating. (p.423)</p> <p>The metaphysical status of what genuinely inform humans is something that must be recognized for the field of knowledge organization to progress in a manner that it has desired to move for decades. (p.426)</p> <p>Tipo de universalismo: The concept of metaphysical, or ontological, natures of information and organization is not new; Marcia Bates (2006) articulates a clear premise when she states that “the argument presented here is that we can talk about information as an objectively existing phenomenon in the universe, which is also constructed, stored, and acted upon by living beings in countless different subjective ways, each way distinctive to the individual animal having the experience” (1034). (p.419)</p> <p>I do differ with him (and agree with Bates) that there should be a “fundamental” definition of what knowledge is. Knowledge carries meaning, and meaning is certainly inferred from it. Also, we employ information and knowledge as metaphysical realities as a means for gaining understanding of the world around us. (p.419-420)</p> <p>The second aspect of realism about the everyday world of macroscopic objects and their properties concerns independence. The fact that the moon exists and is spherical is independent of anything anyone happens to say or think about the matter. (p.422)</p>
--

Periódico/Série: KO (X) AIKO ()
Título do Trabalho: The Unification of Concept Representations: An Impetus for Scientific Epistemology
Autor: Martin G. Channon.
Dados Bibliográficos: Ano (2013) Volume (40) Número (2) Páginas (83 - 101)
Categorias:
Concepção de OC:
<p>Tipo de universalismo:</p> <p>This produces a unification of schematics. As is discussed, this approach has the effect of allowing, more generally, an interactive unification of <i>all</i> graphical concept representations (schematics, graphs, formulae, tables, etc.). The result is a 3D, scientific, graphical user interface (GUI), one that is intended to map all knowledge. (p.83)</p> <p>The system can apparently accommodate any level of detail, encompassing the entire body of science concepts. (p.86)</p> <p>Furthermore, this approach is apparently conducive to the systematic, graphical presentation of all concepts from the various special disciplines (even philosophy and the humanities). Thus another characterization would be that this effort concerns an attempt to map all knowledge. (p.86)</p> <p>This is a project that must cover every intellectual discipline, every topic and every concept. (p.87)</p> <p>Finally in this connection, note that the unification of theories and disciplines has been one of the defining features of scientific progress. (p.96)</p>

What could be more basic to science than identifying the major categories of phenomena? (p.96)

Most importantly, it is a search for regularities, throughout and across the various disciplines. Any such regularities would be laws relating to laws (i.e., laws relating to knowledge), and therefore, they would be the subject matter of epistemology. (p.97)

We might, then, want to consider a corresponding effort, one flowing from a science at the other end of the spectrum of disciplines, the pursuit of a system of theories which characterizes all patterns amongst the laws of science. (p.98-99)

If successful, this effort would produce a theorist's dream machine, a set of constraints on theoretical models in *all* disciplines and indications of otherwise unsuspected features and regularities of the cosmos. (p.99)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Knowledge Organization: A New Science?	
Autor:	Ingetraut Dahlberg	
Dados Bibliográficos:	Ano (2006) Volume (33) Número (1) Páginas (11 - 19)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>The science-theoretical foundation of Knowledge Organization as a new scientific discipline is based on the propositional concept of science. Within a universal system of the sciences, KO has been regarded as a subfield of Science of Science. (p.11)</p> <p>Our journal, entitled <i>International Classification</i> from 1974 to 1992 and from 1993 onward <i>Knowledge Organization (KO)</i> introduced “Knowledge Organization” as comprising “the objects and activities of concept theory, classification and indexing and knowledge representation” where by “knowledge representation” we not only understood the logical structure of conceptual representation but also all issues of naming concepts by the fittest terms, whereby questions of terminology have to be considered also. (p.12)</p> <p>According to the science-theoretical understanding, a criterion for the existence of a science lies in the fact that it possesses its own object and mostly also its own activity area. In our case, the object area is already given in the name knowledge organization. The name includes a simple concept combination, in which the object and its own activity area are already indicated, as concepts of subject and predicate, i.e. “knowledge” in the sense of “the known” and “organization” in the sense of the activity of constructing something according to a plan. These two concepts cover, therefore, the object area of knowledge organization. (p.12)</p> <p>It is essential to remember that the method and activity area of knowledge organization is tightly connected to its object area. Scientific statements relating to the subject field of knowledge organization therefore must be reducible to concepts of both areas. (p.14)</p> <p>It is evident from the foregoing material that the subject field of Knowledge Organization comprises a rather large conceptual framework. (p.14)</p> <p>If we revert to the <i>essential point</i> delineated above, viz. that all statements related to the field of knowledge organization must be reducible to the concepts of the two areas 2 and 3, called object and activity area, then the criterion of “causal coherence” is fulfilled for these statements and their scientific authenticity is established. (p.14)</p>	

<p>Therefore, one may conclude that the field of “Knowledge Organization” obeys the science criteria formulated by Diemer, and that it received in the past century also the necessary theoretical foundation – especially by:</p> <ul style="list-style-type: none"> – The work of Ranganathan, regarding categorization (facet analysis) and ruled concept combinations – partly already anticipated by the invention of auxiliaries through Otlet and LaFontaine in revising and enlarging the <i>Dewey Decimal Classification</i>; and, – The work of Wüster regarding system formation on the basis of the two hierarchical forms of concept systems using the Logic of Port Royal. (p.16) <p>By applying this knowledge to the construction and utilization of concept as well as classification systems and thesauri, the field of knowledge organization has developed from a more or less intuitive art into a new and a truly scientific discipline. (p.16)</p> <p>If knowledge organization can be regarded as a new scientific discipline, into which environment would it come? Would it belong into the environment of the information sciences? (p.16)</p> <p>Looking at Figure 2, demonstrating these nine areas of being, it is obvious that area 8 is the one dealing with the intellectual products of man and society, which means “knowledge” and “information.” In the presentation of the matrix it can be seen that under 1 always the general and theoretical aspects of an object area are apprehended, which, in the case of area 8, must be “Science of Science.” (p.16)</p> <p>Therefore it seemed logical for me regarding the system character of knowledge, as every knowledge unit is related to another one by its concept characteristics, to place knowledge organization at position 4 of science of science under 81, thus 814. (p.16)</p> <p>May all those in charge in the area of science politics feel responsible for ensuring the recognition of knowledge organization as a new scientific discipline, which not only offers a lot of knowledge for establishing and enhancing order in our conceptual world of today, but can also propose necessary programmes for the training of manpower, if the much needed support can be made available. (p.18)</p>
<p>Tipo de universalismo:</p> <p>Although by this definition, “knowledge” is always but the knowledge of somebody, we do know – have the experience and certainty about this fact – that it can yet be shared via our ability to deal with the “things of this world,” and by using our linguistic abilities to express our experience and insights. (p.12)</p> <p>Thus this subjective knowledge needs a form of representation not only for understanding, but also for comparison in communication among people with other representations and particularly for checking against reality to verify its truth and render it intersubjective, i.e. as much as possible objective for at least a certain time. (p.12)</p> <p>In this latter sense Diemer defined “science” as (my translation, Diemer 1975, 2): “oriented towards the concept (postulate) of objective epistemological truth.” (p.14)</p>

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Brief Communication: Concepts and Terms – ISKO’s Major Challenge	
Autor:	Ingetraut Dahlberg	
Dados Bibliográficos:	Ano (2009) Volume (36) Número (2-3) Páginas (169 - 177)	
Categorias:		
Concepção de OC:		

<p>Starting from the premise that extant knowledge of the discipline of Knowledge Organization ought to be made accessible by its knowledge units (concepts) this article includes short descriptions of the work of E. Wuester (Austria) and F. Riggs (USA) who both had laid foundations in this field. (p.169)</p> <p>As the ICC is a universal system, the field of Knowledge Organization has been subordinated to the Science of Science. (p.176)</p> <p>Similarly our own field grew out of library and information science and owing to its new position under the science of science it has „emancipated“ to cater properly to all other sciences. (p.176)</p> <p>Do we have the enthusiasm and motivation we initially set out on our field of study? (p.176)</p>
<p>Tipo de universalismo:</p> <p>Each true statement about a certain item of reference delivers a knowledge element about this together with a characteristic of its concept. The sum of necessary statements about such an item of reference forms the whole of characteristics of its concept, it presents distinctly the contents of it. (p.171)</p> <p>However, in order not to get lost in such an undertaking as witnessed in the seventies of last century with the establishment of macrothesauri, it seems to be essential to stick to a given universal scheme of well-delimited subject fields. (p.176)</p> <p>I would wish that all of us could make an effort in order that the vision of the model project presented and its application to an appropriate modern organization of the concepts of all knowledge fields becomes a reality. . (p.176)</p>

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Brief Communication: How to Improve ISKO's Standing: Ten Desiderata for Knowledge Organization	
Autor:	Ingetraut Dahlberg.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2011) Volume (38) Número (1) Páginas (68 - 74)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>Nr.10) pleads for KO as a scientific discipline on its own. (p.68)</p> <p>In the paper mentioned (Dahlberg 2008), I outlined and proposed this necessary work for the scientific discipline of KO itself as a task for ISKO. (p.70)</p> <p>Knowledge Organization, having arisen from librarianship and documentation, the contents of which has many points of contact with numerous application fields, should—although still linked up with its areas of descent—be recognized in the long run as an independent autonomous discipline to be located under the science of science, since only thereby can it fully play its role as an equal partner in all application fields. (p.72-73)</p>	
Tipo de universalismo:	<p>A Knowledge Unit (concept) is the synthesis of the essential characteristics of a referent to be represented by designations (terms, names, codes). (p.69)</p> <p>It was on this basis that the <i>Information Coding Classification</i> (ICC) was developed in 1977 (Dahlberg 1982) as a universal system of knowledge fields with its mnemotechnical “Systematifier,” which among other things, takes care of system positions indicating interdisciplinary and transdisciplinary relationships between different knowledge fields. (p.72)</p>	

The synthesis and place of order of all knowledge becomes thus evident at a glance to everybody. Nobody would any longer be irritated by the abundance of singular apparently unrelated knowledge fields or become hesitant in his/her understanding of the world. (p.73)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Phylogenetic Classification	
Autor:	Claudio Gnoli.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2006) Volume (33) Número (3) Páginas (138 - 152)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
<p>Tipo de universalismo: These criteria can satisfy the needs at hand; however, as the resulting schemes have idiosyncratic structures, they are hardly suitable to generalizations and to interoperability with other schemes. To make this possible, instead, schemes should try to follow some general principle, not only internal to their special focus, but also consistent with a general model of knowledge. (p.138)</p> <p>In order to arrange phenomena in a general scheme, a classification principle is needed which be independent of the canonical sequence of disciplines. (p.140)</p> <p>Although any classification is legitimate, classifications based on both common origin and similarity are more deep and informative, and in this sense more objective. (p.145)</p> <p>So, can we use this arboreous-levelled model to outline a general classification? In principle this looks possible, and a good opportunity to arrange knowledge on the basis of unifying principles. (p.146)</p> <p>It means taking the experience gained by biologists, as well as experts of other domains, in classifying phenomena according to their origin and similarity as a useful model for a more general theory of classification. (p.148)</p>		

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Levels of Reality and Levels of Representation.	
Autor:	Claudio Gnoli; Roberto Poli.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2004) Volume (31) Número (3) Páginas (151 - 160)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de universalismo:		

Several philosophers in time have pointed out that reality is structured into a series of integrative levels, like the physical, the biological, the mental, and the cultural, and that each level plays as a base for the emergence of more complex levels. (p.151)

Ontologically, the example of the pen teaches us two important lessons: (1) reality is organized into strata (material, psychological, social); (2) these strata are organized into layers (the physical and chemical layers of the material stratum; the intentional and emotive layers of the psychological stratum; the productive, commercial and legal layers of the social stratum). (p.142)

The next step is to distinguish between universal categories that pertain to reality in its entirety (e.g., whole/part) and categories that pertain solely to one or some levels of reality. (p.153)

all progress in science at the time suggested a trend towards the interconnection and unity of all knowledge, so that traditional boundaries between disciplines could become inadequate to classify objects (Coates, 1969). Thus the need for a new general classification was comprehended, and the idea of integrative levels could have been a unifying criterion to arrange subjects unambiguously and naturally in a global scheme. (p.154)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Classification Transcends Library Business	
Autor:	Claudio Gnoli.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2010) Volume (37) Número (3) Páginas (223 - 229)	
Categorias:		
Concepção de OC:	These all seem to be potentially covered by the field of knowledge organization (Gnoli 2008, question 1), as they are taken as sources of knowledge, rather than just as everyday objects. (p.226)	
Tipo de universalismo:	More general models thus appear to be needed for the management of knowledge items. Extended notions of “work” and its “instantiations” as knowledge entities, encompassing not only published documents, but also archival pieces or archaeological artifacts, are explored by Smiraglia (2001; 2007). (p.224)	
	This should be given priority in classification, if we are to make possible a better integration of the huge diversity of knowledge sources available today. (p.228)	

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Metadata About What? Distinguishing Between Ontic, Epistemic, and Documental Dimensions in Knowledge Organization	
Autor:	Claudio Gnoli.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2012) Volume (39) Número (4) Páginas (268 - 275)	
Categorias:		

<p>Concepção de OC:</p> <p>Knowledge organization (KO) is thus concerned not only with libraries, but with any collection of knowledge items including archived documents, natural specimens, and artifacts of any kind displayed in museums, galleries, and exhibitions, perhaps even organizations dealing with the subjects of interest (Gnoli 2010a; Latham 2012). (p.269)</p>
<p>Tipo de universalismo:</p> <p>The ultimate referents of documents are the phenomena of the real world, that can be ordered by ontology, the study of what exists. (p.268)</p> <p>The digital carriers are pushing libraries, archives, and museums to converge towards a common universal knowledge space (Rayward 1998), a trend confirmed by the increasing integration of cataloguing principles and schemes, such as FRBR or CIDOC-CRM, across library science, archive science, and museology. (p.269)</p> <p>The schema makes clear how knowledge moves through a series of layers. The series originates in the real world, that pre-exists to knowledge and provides its objects. Real phenomena are studied by humans through their epistemic activities. (p.269)</p> <p>In this sense, phenomena offer a more generalizable basis that can be shared between very different media (Gnoli 2010a), because, as is shown in our scheme, they are a more fundamental dimension of knowledge: an Arabic parchment, a documentary film, and a planetarium presentation can all refer ultimately to “stars.” (p.270)</p> <p>In the words of librarian Douglas Foskett (1970, 45): “reality is the basis for the texts of documents; that is what authors try to describe, and what searchers are investigating.” (p.270)</p> <p>While perspectives and carriers can provide important specifications and sometimes even become the main theme, the most universal knowledge units, on which an analytico-synthetic KOS should be based, are phenomena. (p.272)</p>

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Trends in Knowledge Organization Research.	
Autor:	I. C. McIlwaine.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2003) Volume (30) Número (2) Páginas (75 – 86)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de universalismo:		

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Classifying for Social Diversity.	

Autor: Rick Szostak.
Dados Bibliográficos: Ano (2014) Volume (41) Número (2) Páginas (160 – 170)
Categorias:
Concepção de OC:
<p>Tipo de universalismo:</p> <p>This paper argues that a new approach to classification best supports and respects social diversity. We should want a classification that facilitates communication both within groups and across groups. We should also want no group to be privileged within the classification. These goals are best accomplished through a truly universal classification, grounded in basic concepts, that classifies works in terms of authorial perspective. (p.160)</p> <p>This paper will argue that it is both possible and desirable to develop a universal classification (for documents, and perhaps also for ideas) that reflects and supports social diversity. (p.160)</p> <p>“Universal” should be taken here to mean integrated: a classification that follows the same approach and uses the same terminology throughout, rather than merely juxtaposing domain-specific classifications that follow different principles and employ different terminology, and thus do not encourage exploration across domains. (p.160)</p> <p>Understanding across groups would be best facilitated by a truly universal classification, one that applies the same approach and terminology across domains. (p.160)</p> <p>In sum it is likely possible to enhance communication both across groups and within groups through a universal classification that classifies works in terms of authorial perspective. (p.163)</p> <p>While domain analysis does indeed have an important role to play in ensuring that the terminology employed within any group is reflected in a classification, communication across groups will be difficult unless this is supplemented by the pursuit of some sort of truly universal classification. (p.163)</p> <p>Though I am epistemologically more confident than Mai that consensus is possible due to our ability to fairly accurately apprehend reality, I can nevertheless appreciate that Mai provides a further justification for classifying works by perspective: this will help to identify some of the biases that an author brings to the work (it will not cope, though, with the perceptual and cognitive biases that all humans share; see Szostak 2004 for a classification of all scholarly biases). (p.163)</p> <p>We should seek a universal classification informed by domain analysis. (p.164)</p> <p>It is thus possible to develop a classification that respects and supports social diversity. Such a classification must be universal, must be grounded in the basic concepts that we perceive, must allow the free combination of all things and relationships, and should seek to classify works with respect to authorial perspective. (p.169)</p>
Periódico/Série: KO () AIKO (X)
Título do Trabalho: Epistemological Basis of some Common Categories - A Study of Space and Time as Common Concepts.
Autor: A.Y.Asundi.

Dados Bibliográficos: Ano (2012) Volume (13) Páginas (166 – 170)
Categorias:
Concepção de OC: The knowledge structure of space and time has to be elaborated consequent to their universal application not only in library classification but in knowledge organization in general. (p.166)
Tipo de universalismo: The status of Space and Time makes them universal entities, applicable to all subjects. Space and time at their verbal representation also need equal attention in understanding their core/intrinsic characteristics. (p.166)

Periódico/Série: KO (<input type="checkbox"/>) AIKO (<input checked="" type="checkbox"/>)
Título do Trabalho: The simple and the complex in E. C. Richardson's theory of classification. Observations on an early KO model of the relationship between ontology and epistemology.
Autor: Thomas M. Dousa.
Dados Bibliográficos: Ano (2010) Volume (12) Páginas (15 – 22)
Categorias:
Concepção de OC: In recent years, the field of knowledge organization (KO) has witnessed a vigorous debate about the relations between ontological and epistemological approaches to classification (e.g., Gnoli 2008, 139-140; Gnoli & Hjørland 2009). (p.15)
Tipo de universalismo: On this view, the things of the world are related to one another in a natural order accessible to the human mind and a well constructed classification of the sciences should seek to correlate their classificatory sequence in accordance with this order: in other words, the classification of the sciences should be based on a principle of ontological order. (p.16) This leads to a doctrine of "hypothetical realism", which views the "categories of human knowledge as being strictly related to the structure of reality, though not reflecting it in a perfect and complete way" (p. 265). (p.19)

Periódico/Série: KO (<input type="checkbox"/>) AIKO (<input checked="" type="checkbox"/>)
Título do Trabalho: Categories and the Architectonics of System in Julius Otto Kaiser's Method of Systematic Indexing.
Autor: Thomas M. Dousa
Dados Bibliográficos: Ano (2014) Volume (14) Páginas (160 – 167)
Categorias:
Concepção de OC:

<p>Tipo de universalismo: Categories, or concepts of high generality representing the most basic kinds of entities in the world, have long been understood to be a fundamental element in the construction of knowledge organization systems (KOSs), particularly faceted ones. (p.160)</p>

<p>Periódico/Série: KO () AIKO (X)</p>
<p>Título do Trabalho: Epistemological and Methodological Eclecticism in the Construction of Knowledge Organization Systems (KOSs). The Case of Analytico-synthetic KOSs.</p>
<p>Autor: Thomas M. Dousa; Fidelia Ibekwe-SanJuan</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2014) Volume (14) Páginas (152 – 159)</p>
<p>Categorias:</p>
<p>Concepção de OC: In recent years, the epistemological foundations of classification and indexing have increasingly become a subject of interest within the field of knowledge organization (KO). (p.152)</p>
<p>Tipo de universalismo: On the other, in accordance with the tenet that “literature” - that is to say textual documents - is a record of knowledge about the world (§§ 52–53, 297), he posited that the ontologico-epistemological distinction between concretes and processes was mirrored by a logico-linguistic distinction between things that are named (i.e., concretes and, by extension, countries) and that which is said about them (i.e., processes) in written texts (§§ 298, 301). (p.154)</p>

<p>Periódico/Série: KO () AIKO (X)</p>
<p>Título do Trabalho: Entities and quiddities. About ontological and epistemological conceptualization for knowledge organization.</p>
<p>Autor: Alfred Gerstenkorn</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2010) Volume (12) Páginas (31 – 37)</p>
<p>Categorias:</p>
<p>Concepção de OC: Yes, they can, as the field we are entering here is knowledge organization (KO) and knowledge refers to objects through perception. (p.32)</p>
<p>Tipo de universalismo: Material objects usually represent themselves, names usually represent something else (objects via concepts), but both are part of the world outside the brain, where only individuals exist. (p.31)</p> <p>“Knowledge is both epistemological and ontological, as it passes through human perception by its very</p>

nature, but also refers to real objects of the world having some intrinsic structure.” (Gnoli 2008, 139) (p.32)

In Dahlberg’s “model for concept construction” (Dahlberg 1978, 143) the “universe of items” must be understood as the whole world of entities, the “item of reference“ is then an individual of this world, which is possibly a concept, an object or a name. (p.34)

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Naturalism vs. pragmatism in knowledge organization.	
Autor:	Claudio Gnoli	
Dados Bibliográficos:	Ano (2004) Volume (09) Páginas (263 – 268)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de universalismo:		
However, human categories are connected with the structure of reality through biological bonds, and this allows for a naturalistic approach too. (p.263)		
In a Naturalistic approach, any knowledge element is considered as part of one general picture, that is, of our general representation of the world as we know it. (p.263)		
A naturalistic approach can try to found the principles for knowledge organization either on the categories of perception (epistemology), or on the structure of reality itself as we know it (ontology). (p.265)		
Another, more basic factor is that, just as any other animal species, Man is able to perceive certain elements of the real world, which are relevant for his life, but is unaware of many others not perceived by his organs (like ultrasounds, which are perceived by bats instead). (p.265)		
Hypothetical realism is a strong reason for trusting the categories of human knowledge as being strictly related to the structure of reality, though not reflecting it in a perfect and complete way. (p.265)		

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Conceptual Universals in Knowledge Organization and Representation.	
Autor:	Rebecca Green	
Dados Bibliográficos:	Ano (2002) Volume (8) Páginas (15 – 27)	
Categorias:		
Concepção de OC:		

<p>Tipo de universalismo: Within the overall conference theme-integration of knowledge across boundaries-an important subtheme is universality: Where universals of knowledge organization and representation exist, knowledge integration is more likely. (p.15)</p> <p>He further argues that "cognitive contents can be universal across all cultures and all languages-they will be universal to the extent that the real world around us[-]which is the same for humans all over the world[-]is the object of cognition" (p. 49). (p.18)</p>

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	A Theoretical Framework for Operationalizing Basic Level Categories in Knowledge Organization Research.	
Autor:	L. Hajibayova; E. K. Jacob	
Dados Bibliográficos:	Ano (2012) Volume (13) Páginas (159 – 165)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de universalismo:	Green (2006) has suggested that the universality of basic level categories can be used for building crosswalks between classificatory systems. (p.159)	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Interdisciplinarity: a New Retrieval Problem?	
Autor:	Ia C. McIlwaine	
Dados Bibliográficos:	Ano (2000) Volume (07) Páginas (261 – 267)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de universalismo:		

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
-------------------------	--------	------------

Título do Trabalho: Dynamism and Stability in Knowledge Organization Tools: S. R. Ranganathan's Contributions.
Autor: A. Neelameghan
Dados Bibliográficos: Ano (2000) Volume (07) Páginas (164 – 169)
Categorias:
Concepção de OC: His theories, postulates and nonnative principles anchored on the Five Laws provide a holistic integrated approach to research, development and practice in knowledge organization in particular and information science in general. (p.164)
Tipo de universalismo: In order to limit the range of search and browsing, thereby minimizing the cost to and effort of, users, most general schemes for subject classification postulate an initial, more or less stable set of primary divisions of the universe of knowledge, namely, Main Classes or primary Basic Subjects (BS). (p.166)

Periódico/Série: KO () AIKO (X)
Título do Trabalho: Sociological aspects of knowledge and knowledge Organization.
Autor: H. Peter Ohly
Dados Bibliográficos: Ano (2014) Volume (14) Páginas (41 – 49)
Categorias:
Concepção de OC: With respect to information and knowledge organization we can state that only scientific purposes can be served. (p.44) In knowledge organization as well as other knowledge and information areas this corresponds with the demand for overt, justified principles and democratic control. (45-46)
Tipo de universalismo: Since the middle of the last century knowledge organization, the development of scientific concepts and arrangements, has been seen as a cognitivistic (or rationalistic) problem and thus as universal and logical (cf. Turing 1950). Older approaches accordingly see areas of knowledge as naturally given and organically grown. The knowledge must only be detected and logically arranged. (p.41) The general conclusion can be drawn that knowledge is not intersubjectively self-evident as such. But rather the structure of knowledge can be objectively worked out. For information work can be concluded then that information should not be offered as an evaluative outcome but in its structure (p.46)

Periódico/Série: KO () AIKO (X)
Título do Trabalho: Interdisciplinary Knowledge Integration and Intellectual Creativity.

Autor: Jeremy J. Shapiro
Dados Bibliográficos: Ano (2002) Volume (08) Páginas (100 – 106)
Categorias:
Concepção de OC:
Tipo de universalismo: On the one hand, clarity, coherence, and universality are crucial to the organization and representation of knowledge in order to make it maximally accessible and discoverable in useful ways. (p.100) Every scheme for classifying or ordering information is grounded in or implies a philosophical ontology or cosmology. (p.101)

Apêndice B.
Categorias do Núcleo Contextual.

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Cognitive Work Analysis and Work Centered Design of Classification Schemes.	
Autor:	Hanne Albrechtsen; Annelise Mark Pejtersen.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2003) Volume (30) Número (3-4) Páginas (213 - 227)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	<p>We launch collaborative task situations as a new unit of analysis for capturing evolving semantic structures in work domains. (p.213)</p> <p>Cognitive work analysis is a methodology for systematic exploration and analysis of work domains. The framework comprises a taxonomy to capture the context in which domain semantics evolves, together with models for analysing decision-making (Rasmussen, Pejtersen and Goodstein, 1994). (p.215)</p> <p>The framework supports understanding and modelling of a work domain as a social system of work, which will then shape the basis for design of information systems. (p.215)</p> <p>The example case builds on results from field studies and cognitive work analysis of cross-cultural film research for the creation of a web-based collaborator to support decision-making in production, assessment and integration of knowledge in the film domain (Keiper et al, 2002; Pejtersen and Albrechtsen, 2002; Albrechtsen, Pejtersen and Cleal, 2002). (p.218)</p> <p>Presently, there exist very few classification schemes for the film domain (cf. Rasmussen, 1997; Turner, 1994; O'Connor, 1985). (p.221)</p> <p>This involves not only the higher means ends levels of the archive's domain, but also the higher means-ends levels of the actors' domains. For instance, the goals of the student's domain (academic education in film studies) would comprise contribution to research, and the internal constraints, regulating the curriculum and hence his studies, could be particular research paradigms and research methods. (p.221)</p>	

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Bibliometrics Contribution to the Metatheoretical and Domain Analysis Studies.	
Autor:	Renata Cristina Gutierrez Castanha; Maria Cláudia Cabrini Grácio.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (41) Número (2) Páginas (171 - 174)	
Categorias:		
Concepção de OC:		

<p>Within information science, knowledge organization stands as a mediator core between the production and use of information (Guimarães et al. 2004). (p.171)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>Along with the growth of scientific production, the bibliometric studies have become essential, providing relevant information about any domain while identifying, highlighting and viewing the scientific knowledge constructed within a theme, subject or knowledge area. (p.171)</p>

<p>Periódico/Série: KO (X) AIKO ()</p>
<p>Título do Trabalho: Classical Pragmatism and its Varieties: On a Pluriform Metatheoretical Perspective for Knowledge Organization.</p>
<p>Autor: Thomas M. Dousa.</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2010) Volume (37) Número (1) Páginas (65 - 71)</p>
<p>Categorias:</p>
<p>Concepção de OC:</p> <p>The LIS subfield of knowledge organization (KO), in particular, has witnessed a vigorous debate concerning metatheoretical issues, centering on the different epistemological positions informing the design of knowledge organization systems (KOSs) (e.g., Hjørland 2003, 105–107; Smiraglia 2002; Tennis 2008, 103–104). (p.65)</p> <p>The radical antiessentialism of Rorty’s Neopragmatism has increasingly found adherents within LIS in general (Sundin and Johannisson 2005) and KO in particular (Tennis 2007; 2008; Tennis and Sutton 2008): whether it offers greater metatheoretical “cash value” than the forms of classical Pragmatism reviewed here is an open question deserving further discussion within the KO community. (p.69)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>Jamesian Pragmatism thus provided potent support for Shera’s call for the creation of “multi-dimensional” classifications capable of accommodating multiple perspectives, an ideal that continues to inform KO theory to this day. It also undergirds Shera’s argument that special classifications intended for specific communities should seek to capture those properties of the concepts being classified that were relevant to the habits of use of those communities (91) (p.68)</p> <p>Likewise, the domain-analytic idea that the universe of knowledge consists of different domains correlated to different epistemic communities is consonant with Dewey’s pluralist vision of multiple communities.(p.68)</p>

<p>Periódico/Série: KO (X) AIKO ()</p>
<p>Título do Trabalho: The Materiality of Knowledge Organization: Epistemology, Metaphors and Society</p>

Autor: Joacim Hansson.
Dados Bibliográficos: Ano (2013) Volume (40) Número (6) Páginas (384 - 391)
Categorias:
<p>Concepção de OC:</p> <p>It emphasises the relation between knowledge, power, and division of labor as the foundation of knowledge organization. (p.384)</p> <p>In all, the development of the social web corroborates, in a very clear manner, the proposition that has been with us for the whole of this exposition: society is the basic unit of knowledge organization. (p.390)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>Elaine Svenonius refers to it as a shift from ‘paradigmatic’ to ‘syntagmatic’ relations in the term structures of classification systems and thesauri: “paradigmatic relationships are those that are context-free, definitional, and true in all possible worlds. Syntagmatic relationships are space-time dependent, aposteriori, empirical, synthetic, and often transient” (Svenonius 2004, 583). Thus, syntagmatic relationships emerge as they are formulated and their significance is socially, ideologically, and pragmatically constructed. (p.385)</p> <p>Social tagging does not. It is based on a bottom-up inductive structure, where web users provide documents with tags (terms) that can be of a variety of epistemic characters and knowledge forms (scientific, practical, emotional, religious, pastime). More than anything, they reflect the everyday understanding of the web users’ experiences in searching and storing documents (textual, commercial, pictorial) for sharing or further use. (p.389)</p> <p>One such method is seen in the <i>FolksOntology</i> strategy by Van Damme et al. (2007), using web-based social communities to enhance and aggregate tagging practices, thus providing a user-generated form of ‘ontology’ summarizing the collected understanding of term construction of a certain community—be it of a profession (e.g., medicine, psychology, law, librarianship) or a social media community targeting everyday practices and interests (e.g., progrock, home schooling, Gnosticism, long distance running, vegetarianism)—bringing together people of different cultural and sociopolitical contexts. (p.389)</p>

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	The Serious Leisure Frontier in Library and Information Science: Hobby Domains.	
Autor: Jenna Hartel.		
Dados Bibliográficos: Ano (2003) Volume (30) Número (3-4) Páginas (228 - 238)		
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:		

To facilitate research on information within hobbies, the article discusses two conceptual devices: Serious leisure (Stebbins, 1982) describes essential characteristics of leisure, establishes that some types are information-rich, and provides a framework to study leisure systematically; The collectivist theory of domain analysis (Hjørland and Albrechtsen, 1995) orients research to the hobby milieu and its objective information forms, recasting them as “hobby domains.” (p.228)

Likewise, LIS has few theories or methodologies tested within leisure contexts. (p.229)

The core belief of collectivism is that the human experience of reality is shaped by the social and cultural forces manifest within communities. (p.233)

Consequently, nothing prevents the extension of domain analysis from academic discourse communities to hobbies, in which case they are cast as “hobby domains.” (p.233)

The subject was defined as the serious leisure activity of hobby cooking and the unit of analysis was the “domain” of hobby cooking, technically a social world. (p.235)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Fundamentals of Knowledge Organization.	
Autor:	Birger Hjørland.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2003) Volume (30) Número (2) Páginas (87 - 111)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>This article is organized in 10 sections: (1) Knowledge Organization (KO) is a wide interdisciplinary field, much broader than Library and Information Science (LIS). (2) Inside LIS there have been many different approaches and traditions of KO with little mutual influence. These traditions have to a large extent been defined by new technology, for which reason the theoretical integration and underpinning has not been well considered. (p.87)</p> <p>For KO as a field of research it is important to establish a fruitful theoretical frame of reference for this overall field. (p.87)</p> <p>In the <i>Library and Information Science</i> community (LIS) Knowledge Organization (KO) means especially the organization of information in bibliographical records, including citation indexes, full text records and the Internet. (p.87)</p> <p>In library and information science (LIS) the concept of KO is connected to the development of classification and indexing systems in libraries, bibliographies, and electronic databases. (p.88)</p> <p>KO involves two kinds of organization: The intellectual organization of knowledge may also be termed the cognitive organization of knowledge. (p.93)</p> <p>KO involves two kinds of decisions: To make a classification system (or a thesaurus, etc.) and to decide where to classify a given document in that system. (p.97)</p>	
Tipo de contexto:		

<p>It is important for information science to provide models of actors, institutions and information services in different discourse communities. (p.94)</p> <p>What we must emphasize in IS, is to study the ways in which words and symbols are given meaning by their specific contexts. Of importance are the way in which different disciplines construct their meanings, the way in which document composition provides meaning to words and symbols, and the way in which different controlled vocabularies construct meanings. (p.97)</p> <p>The view of AT and social semiotic theories is that meanings, signs and documents are developed to function in relation to standardized practices in communities. (p.98)</p> <p>Although modern computer based retrieval systems are very flexible and seem efficient for almost all tasks, it is important to consider the limitations of each kind of system for different kinds of tasks and different domains. (p.99)</p> <p>The basic assumptions and attitudes have been that the basic units of KO are semantic relations between concepts. Such semantic relations cannot primarily be established by universalistic assumptions, but much primarily be understood as domain specific, as uncovered by (and constructed by) scientific disciplines. (p.107)</p>
--

<p>Periódico/Série: KO (X) AIKO ()</p>
<p>Título do Trabalho: What is Knowledge Organization (KO)?</p>
<p>Autor: Birger Hjørland.</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2008) Volume (35) Número (2-3) Páginas (86 - 101)</p>
<p>Categorias:</p>
<p>Concepção de OC:</p> <p>Knowledge Organization (KO) is about activities such as document description, indexing and classification performed in libraries, databases, archives etc. (p.86)</p> <p>KO as a field of study is concerned with the nature and quality of such knowledge organizing processes (KOP) as well as the knowledge organizing systems (KOS) used to organize documents, document representations and concepts. (p.86)</p> <p>In the narrow meaning Knowledge Organization (KO) is about activities such as document description, indexing and classification performed in libraries, bibliographical databases, archives and other kinds of “memory institutions” by librarians, archivists, information specialists, subject specialists, as well as by computer algorithms and laymen. (p.86)</p> <p>In the broader meaning KO is about the social division of mental labor, i.e. the organization of universities and other institutions for research and higher education, the structure of disciplines and professions, the social organization of media, the production and dissemination of “knowledge” etc. (p.86)</p> <p>While <i>Library and Information Science</i> (LIS) is the central discipline concerned with KO in the narrow sense of the word, other disciplines such as the sociology of knowledge, the single sciences and metaphysics are central disciplines concerned with KO in the broader sense of the word. (p.87)</p> <p>KO has mainly been a practical activity without much theory. (p.87)</p>

<p>Genuine theoretical contributions to KO are very rare, but seem mandatory in relation to the challenges with which this field is confronted. (p.87)</p> <p>Information retrieval (IR) and knowledge organization (KO) are normally considered two different—although strongly related—subfields within Library and Information Science (LIS)—related respectively to search labor and description labor (Warner 2002). (p.91)</p> <p>The field of knowledge organization consists of some units, elements or entities to be organized and some relations between those units (e.g., semantic relations and bibliographic relationships). (p.96)</p> <p>Knowledge Organization is not just something the LIS-profession can do without considering research in other domains, for example, computer science, linguistics and natural language processing, theory of knowledge, theory of social organization etc. (p.98)</p> <p>Knowledge Organization is one among many contemporary fields which try to play a role in the future environments of communicating and exchanging knowledge. (p.99)</p> <p>KO has in particular been connected with LIS and has aimed at supporting learning and research activities, which may be one of the important pillars on which to base the field. Another related pillar is the concept of knowledge and theories of knowledge. Knowledge Organization may have a valuable theoretical base in theory of knowledge, which may be the reason why we should stick to this label as the name of our field. (p.99)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>In order to consider the function of empirical user studies it might be fruitful to consider the development of a field such as biological systematics. Table 1 shows Mishler's (2000) historical outline of this domain: (p.93)</p> <p>Domain analysis is a sociological-epistemological standpoint. The indexing of a given document should reflect the needs of a given group of users or a given ideal purpose. (p.95)</p> <p>A description is never objective or neutral, and the goal is not to standardize descriptions or make one description once and for all for different target groups. (p.95)</p> <p>In any field of knowledge different views are always at play. In arts, for example, different views of art are always present. (p.95)</p> <p>DA assumes that different approaches (or "paradigms") exist in all domains of knowledge and have to be identified. (p.96)</p>

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	An Analysis of Some Trends in Classification Research.	
Autor:	Birger Hjørland; Hanne Albrechtsen.	
Dados Bibliográficos:	Ano (1999) Volume (26) Número (3) Páginas (131 - 139)	
Categorias:		
Concepção de OC:	We see the social organizations of knowledge (in disciplines as well as in interdisciplinary fields and "discourse communities") as fundamental units in knowledge organization. (p.134)	

<p>Tipo de contexto:</p> <p>Both disciplines and interdisciplinary fields are social units or kinds of "discourse communities". (p.133)</p> <p>A classification always reflects some values, priorities and views of what is classified and what goals the classification is intended to support. (p.134)</p> <p>We must consider knowledge in its historical, social and cultural context. (p.134)</p>

<p>Periódico/Série: KO (X) AIKO ()</p>
<p>Título do Trabalho: Afterword: Ontological, Epistemological and Sociological Dimensions of Domains</p>
<p>Autor: Birger Hjørland; Jenna Hartel.</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2003) Volume (30) Número (3-4) Páginas (239 - 245)</p>
<p>Categorias:</p>
<p>Concepção de OC:</p> <p>Given the importance of disciplines and other social organizations as units of knowledge organization, it is strange that this perspective is almost totally absent in knowledge organization. (p.243)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>An introduction to ontological problems in many domains such as chemistry, music and psychology can be found, for example, in Burkhardt & Smith (1991). (p.239)</p> <p>In our view, quality research in the spirit of domain analysis should begin with a high-level interpretive study of a subject or community of interest. (p.242)</p> <p>Disciplines are educational units as well as organizational units in universities and also an important organizing factor among publications such as journals. Disciplines and professions are social divisions of labor. (p.242)</p> <p>Particular professional groups use research methods and epistemologies to construe knowledge of importance to that profession. (p.244)</p> <p>Another example of a combination of a specific group of people and a specific epistemology is the existence of specific national traditions in some fields (cf. Crothers, 2001). Regional traditions are important to consider in information science. (p.244)</p>

<p>Periódico/Série: KO (X) AIKO ()</p>
<p>Título do Trabalho: Theories are Knowledge Organizing Systems (KOS).</p>

Autor: Birger Hjørland.
Dados Bibliográficos: Ano (2015) Volume (42) Número (2) Páginas (113 - 128)
Categorias:
Concepção de OC:
<p>Tipo de contexto:</p> <p>In Table 1 below, the levels of theory from the general philosophical level (or grand theory) over metatheories (or paradigms and traditions) to specific theories and finally to practice can be understood as a hierarchy of mutually dependent theories in a domain such as information science. (p.118)</p> <p>The basic claim in the present article is that any theory has implication for how its domain is organized and vice versa: Any specific KOS reflects in some way the theoretical understanding of its author. (p.122)</p> <p>This understanding of concepts can be stated in other words: We learn a concept (such as a swan) by growing up in a community in which this concept is understood in a certain way. That way of understanding the concept is not universal and may change over time (cf. the abovementioned change in the conception of blackbirds). (p.123)</p> <p>We presented the concept “aquarium fish” above and saw that it might be connected to a theory of human aesthetic preferences. It might also, however, be connected to more practical issues of which kinds of fish are practical to keep in aquariums and which kinds of cultural communications have favored some species of fish at the expense of other species. In other words, we need to understand the development of this hobby as a domain. Theory-theory needs to be connected with activitytheory, which study cultural-historical activity systems. (p.125)</p>

Periódico/Série: KO (X) AIKO ()
<p>Título do Trabalho: Theories of Knowledge Organization—Theories of Knowledge.</p>
Autor: Birger Hjørland.
Dados Bibliográficos: Ano (2013) Volume (40) Número (3) Páginas (169 - 181)
Categorias:
<p>Concepção de OC:</p> <p>The field of knowledge organization itself is based on different approaches and traditions such as user-based and cognitive views, facet-analytical views, numeric taxonomic approaches, bibliometrics, and domain-analytic approaches. These approaches and traditions are again connected to epistemological views, which have to be considered. (p.169)</p> <p>Knowledge organization (KO) is about classifying knowledge, for example, to define concepts and determine their semantic relations, i.e., to define “cat” (<i>Felis catus</i>) and its relation to other concepts such <i>Felix</i> and “mammal” (<i>Mammalia</i>) (in this case the semantic relation is termed an “is-a” relation, a “generic” and species-genus relation among others). In other words: KO is about concepts and their semantic relations (and at the same time about the real world, here: animals). (p.169)</p>

<p>The point is also that KO as a field cannot serve classifications where there are no criteria to decide whether one system is better than another and no goal at all to fulfill (as Feinberg 2008, 6, seems to believe). (p.171)</p> <p>KO is a field about classifying and indexing documents, for example, biological documents. As such, it needs to consider the fundamental theories and paradigms in the domains which it organizes (as we saw above—it needs to consider, for example, the new cladistics paradigm in biological taxonomy). (p.174)</p> <p>However, KO is a metascience and is dependent on substantial domain knowledge. (p.179)</p> <p>My claim is that the neglect of the importance of subject knowledge has brought forward a crisis in KO, and that no real progress can be observed in the field. (p.179)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>This example also shows that terms and classifications (such as “fishes” and “reptiles”) are inconsistently used even within one domain (biology); the new taxonomic victory named cladism has been incomplete. (p.169)</p> <p>Science and scholarship should be considered one among other kinds of discourse communities developing their own pragmatic conceptual structures. (p.171)</p> <p>The point is, however, that whatever domain is in need of <i>professional</i> information services and therefore knowledge organization systems developed within our field should be explored from its ability to serve their target groups or their ideal purposes. (p.171)</p> <p>It was the invention of the microscope (and a hundred years of using it) that led to the discovery that all plants and animals consist of cells, which led to the unified domain: biology. (p.178)</p>

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Epistemic Pluralism and Multi-Perspective Knowledge Organization: Explorative Conceptualization of Topical Content Domains.	
Autor:	Mauri Kaipainen; Antti Hautamäki.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2011) Volume (38) Número (6) Páginas (503 - 514)	
Categorias:		
Concepção de OC:	In the field of knowledge organization, Hjørland is not alone in suggesting that the categorizations are dynamical. (p.505)	
Tipo de contexto:	It is obvious that an ontology can serve as a means to promote a particular scientific, ideological, pedagogical, or aesthetical paradigm with its particular set of values and prioritizations. (p.504)	

There can be more than one correct account of how things are in any given domain (Baghramian 2004, Chapter 10). (p.505)

In this framework, perspectives are contexts of surrounding and constantly changing perceptions, impressions, influences, and ideas, conceived of through one's language and social upbringing. (See also Magnus and Higgins 1996). (p.505)

In summary, we have proposed an ontology model that accommodates varying perspectives as its inherent property, such that constitutes extraspatially observed perspective-relative similarity among entities of the topic domain. (p.507)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	The Blind Men and the Elephant: Towards an Organization of Epistemic Contexts	
Autor:	Michael Kleineberg.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2013) Volume (40) Número (5) Páginas (340 - 362)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	<p>Contextualism maintains that knowledge is not available in a neutral and objective way, but is always interwoven with the process of knowledge production and the prerequisites of the knower. (p.340)</p> <p>In contrast, the “postmodernist” approaches favor a much stronger interpretation emphasizing that observers from different perspectives “see” different phenomena indeed. In this view, the elephant as a metaphor for reality is seen as a social construction depending on the observer's cultural and historical background. (p.341)</p> <p>These epistemologically oriented theories consider phenomena not merely as pre-given but as constructed by knowing subjects (the WHO of knowledge) which are always situated in horizons of epistemic cultures seen as practice and discourse communities which constitute their own forms of life, language-games, and worldviews (Hjørland 2008; Olson 2010; Mai 2011; Smiraglia 2012). (p.341)</p> <p>If the elephant is a metaphor for reality, then the blind men represent the epistemic contexts, i.e., the circumstances of knowledge production which constitute the preconditions and limitations of human knowledge (p.342)</p> <p>Conclusively, neutral or context-independent knowledge simply does not exist. For that reason, each phenomenon has to be considered in its own context of discovery (or more precisely: context of genesis). (p.349)</p> <p>Therefore, most “postmodernists” insist that the scope of any KOS should be limited to specific “knowledge- domains” (Hjørland and Hartel 2003, 242) seen as practice and discourse communities which constitute their own forms of life, language-games, and worldviews. (p.352)</p> <p>Epistemic contexts, however, are not limited to the viewpoints or perspectives (theory) but also include the methods (praxis) applied by the knowing subjects. (p.355)</p>	

Periódico/Série:	KO (X) AIKO ()
Título do Trabalho:	Images of Thought and Their Relation to Classification: The Tree and the Net
Autor:	Fulvio Mazzocchi.
Dados Bibliográficos:	Ano (2013) Volume (40) Número (6) Páginas (366 – 374)
Categorias:	
Concepção de OC:	
Tipo de contexto:	
<p>Humans (as observers) only understand the world from their domain of experience, which cannot be transcended (being however systems involved in interactions and complex relationships with the environment and other systems) (Taylor 2001). (p.369)</p> <p>Any classification can be seen as a reflection of the basic codes of a culture, meaning that different orders can be imposed on the world as a result of different ways of looking at it (Foucault 1970). (p.370-371)</p> <p>Any cultural understanding of reality is structurally limited to what is visible from a given perspective (p.373)</p>	

Periódico/Série:	KO (X) AIKO ()
Título do Trabalho:	Bibliometric Knowledge Organization: A Domain Analytic Method Using Artificial Neural Networks
Autor:	Magali Rezende Gouvêa Meireles; Beatriz Valadares Cendón; Paulo Eduardo Maciel de Almeida.
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (41) Número (2) Páginas (145 – 159)
Categorias:	
Concepção de OC:	
<p>This study can contribute to the development of the field of knowledge organization by evaluating the use of artificial neural networks in the automatic categorization of documents in a constricted knowledge domain based on the analysis of the references cited by these documents. (p.145)</p>	
Tipo de contexto:	
<p>Bakus and others (2002) highlighted the growth of the researchers' interest in studies that explore methods and tools for organizing electronically available data. In their work, they defined an approach for categorizing documents that identified some of the contexts in which the words were inserted, using phrases rather than words. SOM was used with an algorithm for extracting phrases. (p.149)</p> <p>To create a test collection, a domain with 19 articles from the <i>Journal of the American Society for</i></p>	

<p><i>Information Science and Technology</i> (JASIST) was selected. (p.151)</p> <p>For the next test collection, the domain of knowledge was constricted in an attempt to obtain a greater number of common cited references. (p.152)</p> <p>The method is able to identify similarities in this kind of domain of knowledge where keywords and subject descriptors tend to be similar and therefore insufficient to differentiate documents. (p.157)</p>

Periódico/Série:	KO (X) AIKO ()
Título do Trabalho:	Knowledge Organization in the Domain of Art Studies – History, Transition and Conceptual Changes
Autor:	Anders Ørom.
Dados Bibliográficos:	Ano (2003) Volume (30) Número (3-4) Páginas (128 – 143)
Categorias:	
Concepção de OC:	<p>From a LIS knowledge organization point of view the challenge is to be able to represent the documents produced by the “new” art scholars in (theoretically) adequate ways, <i>in addition</i> to the representation of the whole historical corpus of documents on art. (p.142)</p>
Tipo de contexto:	<p>This article analyzes aspects of knowledge organization in the domain of visual art with special emphasis on painting. (p.128)</p> <p>This brief review of literature on knowledge organization in the domain of art studies, focuses on analysis of classification systems for literature and other materials on art in an historical and scholarly context. (p.129)</p> <p>Special attention is paid to analysis and reflections on historical factors influencing the conceptions of the classification systems and the conceptual structures in the scholarly domain, versus general classification theory and universal classification systems. (p.129)</p> <p>This means that the classification system for literature on the arts is understood in a domain context. The classification system is influenced by the publications and their use within the domain. (p.129)</p> <p>The scholarly domain of art studies is an integrating part of the art institution. Hence, this domain should be analyzed both in the context of the art institution and as a scholarly domain. (p.131)</p> <p>In this exhibition, as well as in “Symbolism in Danish and European painting 1870-1910,” works of art are presented in a cultural context and interpreted in the exhibition catalogues and guides. (p.134)</p> <p>The traditional way of organizing exhibitions in art museums follows the principles of the Louvre exhibition in 1793 as developed by the stylistic paradigm. The works of art are presented in a historical sequence where style follows style generally within a regional or national context. (p.135)</p> <p>In Hauser (1962), the art is understood in a context that combines changes in economic power, and class structure; altering worldviews; new strata of the public; the political use of art; and interpretations of individual artists as exponents of (new) ideas, social standpoints and artistic qualities. It is emphasized</p>

that the art and the different art forms have social functions and that they have to be treated in a social context because they are integrating parts of the society. (p.138)

In general, they conceive of art in a broader social context including power structures and the relations between artists and public. (p.139)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho: Is FRBR A Domain? Domain Analysis Applied to the Literature of <i>The FRBR Family of Conceptual Models</i> .		
Autor: Richard P. Smiraglia.		
Dados Bibliográficos: Ano (2013) Volume (40) Número (4) Páginas (273 – 282)		
Categorias:		
Concepção de OC: Overall, this distribution is comparable to the results in most domain analyses of information studies or its subdomains (such as knowledge organization), and the results resemble those of a social scientific domain, with a moderate rate of absorption, but a continued reliance on classic texts. (p.276) Overall, the domain has characteristics that mirror those of information studies in general, or knowledge organization (sometimes described as a sub-domain of information studies), but it also has its own <i>FRBR</i> -like character. (p.282)		
Tipo de contexto: Domain analysis helps visualize the semantic intellectual content of a coherent group, or domain. A domain is a group with an ontological base, an underlying teleology, common hypotheses and epistemology, and social semantics. (p.273) A major tool for knowledge organization, domain analysis has been successfully applied to such diverse domains as “musicianship” (Lam 2011), “gourmet cooking” (Hartel 2010), and “scientific computing” (Tanaka 2010). (p.273) In scientific domains, for instance, most cited works are relatively recent, because science is cumulative. (p.274)		

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho: Towards an Understanding of Symbolic Aspects of Professional Information: An Analysis of the Nursing Knowledge Domain.		
Autor: Olof Sundin		
Dados Bibliográficos: Ano (2003) Volume (30) Número (3-4) Páginas (170 – 181)		

Categorias:
Concepção de OC:
Tipo de contexto:
<p>These are analyzed in relation to changes and development within the profession's applied knowledge domain over time. (p.170)</p> <p>In particular, I study the increasing emphasis on academic knowledge within the professional knowledge domain of nursing. (p.171)</p> <p>Professional information is, therefore, seen as a socio-cultural tool whose meaning and relevance is constructed within the community it exists (cf. Cornelius, 2002; Hjørland & Albrechtsen, 1995). (p.171)</p> <p>A recurring theme in this article is that the knowledge claims communicated by means of professional information should be seen in relation to power and to the competing interests of different occupational groups. (p.179)</p>

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Two Axes of Domains for Domain Analysis.	
Autor:	Joseph T. Tennis.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2003) Volume (30) Número (3-4) Páginas (191 – 195)	
Categorias:		
Concepção de OC:	Degrees of Specialization are very familiar to knowledge organization research. Much of the research in this field deals with these types of distinctions. (p.194)	
Tipo de contexto:	<p>A domain can be seen, according to these authors, as a type of discourse community. Thus, the term domain is not the same as discourse community (p.191)</p> <p>There are a number of concepts similar to domains in Information Science; like Communities of Practice, and Epistemic Communities. It seems apparent to the casual reader what a domain might be. It could be an area of expertise, a body of literature, or even a system of people and practices working with a common language. (p.191)</p> <p>For example, we may know the domain of Religion by producing literature guides to the literature of religion. We may learn about the domain by conducting user studies, bibliometric studies, and historical studies of the people, documents, and institutions of Religion. (p.192)</p> <p>The same can hold for Religion. Religion is a domain in everyday life. It is a domain in religious practice</p>	

<p>and a domain in the academy.(p.193)</p> <p>Another domain is Biomedical Ethics. Biomedical Ethics might be considered its own domain without being a member of another broader group. (p.193-194)</p> <p>Buddhist monastic communities, as a domain, is very different from Buddhism in general or from Religion in general (p.194)</p>
--

Periódico/Série:	KO (<input checked="" type="checkbox"/>)	AIKO (<input type="checkbox"/>)
Título do Trabalho:	Domain Analysis of Social Work: An Example of an Integrated Methodological Approach.	
Autor:	Chaim Zins; David Guttmann.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2003) Volume (30) Número (3-4) Páginas (196 – 212)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	<p>Knowledge mapping is the formulation of the boundaries of the knowledge domain and its division into major parts. (p.196)</p> <p>Though most of the schemes are incomplete, some are comprehensive and adequately cover the social work knowledge domain. (p.197)</p> <p>We have succeeded in developing a systematic scheme that enables information professionals, as well as social workers, to understand the structure of the social work knowledge domain and the conceptual relations among its major parts. (p.201)</p>	

Periódico/Série:	KO (<input type="checkbox"/>)	AIKO (<input checked="" type="checkbox"/>)
Título do Trabalho:	The Role of Classificatory Structures as Boundary Objects in Information Ecologies.	
Autor:	Hanne Albrechtsen; Elin K. Jacob.	
Dados Bibliográficos:	Ano (1998) Volume (6) Páginas (1 – 3)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:		

<p>ii) that there are no general structures and relationships available at all, but that only diverse individual knowledge structures exist, which cannot be reconciled into a general organization of knowledge. (p.1)</p> <p>They are simultaneously: local (pertaining to the individual or small groups) and global (pertaining to society or cross-disciplinary communication); common to all domains and specialized for different knowledge domains; shared and segregated. Boundary objects are often quite generic and plastic, containing built-in ambiguities; and they are frequently open to multiple interpretations and local applications. (p.2)</p>
--

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	The Relationship between Authors and Main Thematic Categories in the Field of Knowledge Organization: A Bibliometric Approach	
Autor:	Aline Elis Arboit; Maria Cláudia Cabrini Gracio; Ely Francina Tannuri de Oliveira; Leilah Santiago Bufrem	
Dados Bibliográficos:	Ano (2012) Volume (13) Páginas (44 – 50)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>Considering knowledge organization (KO) as a domain, for which the continuous construction of a consistent epistemological statute is necessary, this research seeks to identify the main areas of thought and research in the domain. (p.44)</p> <p>The domain of KO has for its foundation the philosophical framework of Dahlberg's concept theory (1993), the author considered to be the pioneer in the field of studies related to KO. (p.44)</p>	
Tipo de contexto:	<p>Considering knowledge organization (KO) as a domain, for which the continuous construction of a consistent epistemological statute is necessary, this research seeks to identify the main areas of thought and research in the domain. (p.44)</p> <p>To Hjørland and Albrechsten (Hjørland, 2002, 2003; Hjørland & Albrechsten, 1995) (1995), a scientific domain is understood as the reflection of a discursive community and its role in science. (p.45)</p>	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Consensus Analysis on the development of meta-languages: a study of the semantic domain of Biotechnology.	
Autor:	Juliana Assis; Maria Aparecida Moura.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (359 – 366)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	Among effects, we highlight the increasing migration of concepts and the ineffectiveness of traditional	

KOS regarding the representation of information in interdisciplinary fields, such as Biotechnology. The domain was chosen as the empirical field of this study not only because of its interdisciplinary nature, but because of the recent emergence of properties that stand it in the transition between the inter and the transdisciplinary. (p.359)

This study investigated the dimensions of formation and expression of consensus within the semantic domains of Biotechnology in order to analyze the possibilities and limits of Consensus Analysis as a methodological tool adapted to knowledge organization. (p.360)

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Domain Specific Categories and Relations and their Potential Applications: A Case Study of Two Arrays of Agriculture Schedule of Colon Classification.	
Autor:	A.Y.Asundi.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2012) Volume (13) Páginas (171 – 175)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	<p>The CC has represented some unique special categories, especially in the Agriculture Subject schedule, and such a provision is not seen in any other classification system; not even in any other subject schedule of Colon Classification. These special categories are termed here as “Domain Specific Categories”. (p.171)</p> <p>The concept of domain connotes known knowledge, representing several disciplines, the fields of study which in other words are the cognitive content of known knowledge. (p.171)</p> <p>In the subject schedules of any classification scheme, there are some inherent domain specific categories with potential to represent knowledge within and outside their subject purview. For instance <i>Music</i> as a basic subject has two main modes of presentation – <i>Vocal and Instrumental</i>. The Musical Instruments though numerous would be brought under a finite number of categories – as <i>Keyboard, Wind, Percussion and String</i> instruments. (p.172)</p> <p>These finite number of categories found in some domains of knowledge are commonly found in most classification systems, and could be termed as domain specific common categories. (p.172)</p>	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Contours of Knowledge: Core and Granularity in the Evolution of the DCMI Domain	
Autor:	Jihee Beak; Richard P. Smiraglia.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (136 – 143)	
Categorias:		
Concepção de OC:		

<p>Indeed, the knowledge organization (KO) community has embraced domain analysis as a means of comprehending the ontological parameters of domains, frequently described as their intension and extension (see Tennis, 2003), as well as the evolution of new domains within the substrate of information science (see for example Smiraglia, 2009b, 2012a). (p.136)</p>
<p>Tipo de contexto: Domain analysis reveals the contours of knowledge in diverse discourse communities. The Dublin Core Metadata Initiative (DCMI) conferences represent the cutting edge of research in metadata for the digital age. (p.136)</p> <p>Using an epistemological meta-analysis of domain-analytic studies, Smiraglia (2012a, 114) has recently defined a domain as: “a group with an ontological base that reveals an underlying teleology, a set of common hypotheses, epistemological consensus on methodological approaches, and social semantics.” (p.136)</p>

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Universal Concepts, Cultural Warrant, and Cultural Hospitality.	
Autor:	Clare Beghtol.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2002) Volume (08) Páginas (45 – 49)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	<p>The concept of cultural warrant implies that a knowledge organization system is more likely to be useful and appropriate for those who are members of a culture and that it is less likely to be useful and appropriate for those who belong to some different culture, at whatever level of society that culture or domain may reside. (p.45)</p> <p>Calendars are an appropriate example because they subdivide the abstract domain of "time" for cultural purposes and because detecting bias in abstract domains is more difficult than detecting bias in other domains (Brey, 1999). (p.46)</p> <p>It appears, however, that we need to make specific universal concepts available for appropriate uses in different cultures and for different information tasks, and that this endeavour can promote the development of ethically-based knowledge organization systems. (p.48)</p>	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Classification, Culture Studies, and the Experience of the Individual: Three Methods for Knowledge Discovery.	
Autor:	Mikel Breitenstein	

Dados Bibliográficos: Ano (2000) Volume (07) Páginas (10 – 15)
Categorias:
Concepção de OC:
<p>Tipo de contexto: One approach to culture studies is clearly historical and atemporal, that of extracting a "snapshot" of practice and seeing it in retrospective context. (p.10)</p> <p>Culture studies examine these practice groups. (p.12)</p> <p>Donna Haraway has promoted the acknowledgement of situated perspectives successfully and aggressively. Male practices, female practices, native people practices, scientific practices-all have situated truth, but nothing more universal. (p.13)</p> <p>Ludwig Wittgenstein challenged his philosopher-colleagues to look at their community of practice and detached objectivity, and instead to do philosophy within their lived worlds and language frames. (p.13)</p>

Periódico/Série: KO () AIKO (X)
Título do Trabalho: Knowledge in Social Memory: empirical experiment for a domain conceptual-discursive mapping.
Autor: Vera Dodebei; Evelyn Goyannes Dill Orrico
Dados Bibliográficos: Ano (2014) Volume (14) Páginas (65 – 72)
Categorias:
Concepção de OC:
<p>Theoretical instruments for knowledge organization in the field of information as well as of memory are both central in contemporary social studies and they must help a clear representation of a domain, especially when it lies in disciplinary frontiers. (p.65)</p> <p>Considering visual representation of concepts and discourses a metaphorical way to map a knowledge domain, our proposal for this communication is to offer a theoretical frame for knowledge organization on both fields of information and memory, discussing two methodological strategies to map the Social Memory context. (p.67)</p>
<p>Tipo de contexto: Mapping a knowledge domain in the interdisciplinary field of Social Memory is discussed, considering the linguistic materiality and the conceptual relations that are most appropriate to its representation. (p.65)</p> <p>The second one observes, through discursive analysis (Pêcheux, 1993), how the discourse of a notable researcher in memory studies may help the construction of basic subjects or a syntagmatic framework for this trans and interdisciplinary domain. (p.67)</p> <p>Worthy of notice is the fact that we have detected, in both <i>corpora</i>, similar knowledge structures for the social memory domain. (p.72)</p>

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	The simple and the complex in E. C. Richardson's theory of classification. Observations on an early KO model of the relationship between ontology and epistemology.	
Autor:	Thomas M. Dousa	
Dados Bibliográficos:	Ano (2010) Volume (12) Páginas (15 – 22)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>In recent years, the field of knowledge organization (KO) has witnessed a vigorous debate about the relations between ontological and epistemological approaches to classification (e.g., Gnoli 2008, 139-140; Gnoli & Hjørland 2009). (p.15)</p> <p>The purpose of this paper is to present a case study of such an analysis by examining interrelation between ontology and epistemology in the theory of classification set forth by one of the pioneers of KO within library and information science, the American bibliographer and librarian E. C. Richardson (1860-1939). (p.15)</p>	
Tipo de contexto:	<p>It also sets it at odds with the currently fashionable canons of <i>pragmatist</i> epistemology, according to which classifications should reflect the socio-cultural goals, values, and interests of particular epistemic communities rather than try to represent the world as a whole in a neutral fashion (Hjørland 2003, 105-106; Hjørland 2008, 97). (p.19)</p> <p>Gnoli (2004, 265), by contrast, suggests that the correspondence between human categories and the things that they represent is not quite so absolute: in his view, members of different cultures may pick out different real features of a single entity and so their respective ideas about that entity may vary in particulars, although converging in their general contours (cf., already, Bliss 1929, 123). This realist account of human knowledge, which acknowledges local diversity within a deeper underlying cognitive unity, marks an advance over the monistic perspective of Richardson. (p.20)</p>	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Whither pragmatism in knowledge organization? Classical pragmatism vs. neopragmatism as KO metatheories.	
Autor:	Thomas M. Dousa	
Dados Bibliográficos:	Ano (2010) Volume (12) Páginas (78 – 84)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>Over the last fifteen years, the field of knowledge organization (KO) has witnessed a vigorous debate about its philosophical foundations, as researchers have sought to identify metatheoretical perspectives that might effectively guide research into the design and evaluation of knowledge organization systems (KOSs). (p.78)</p> <p>Although such a conclusion seems to hold for many cases of the use of pragmatism in KO, I would like to suggest that there is at least one area where the philosophical differences between CP and NP may make a</p>	

<p>crucial difference for KO metatheory – namely, in the field’s very conception of itself. (p.83)</p> <p>In this regard, at least, CP provides a more integrative, and so perhaps more useful, ideal for bringing order – and solidarity – to the domain of KO than does NP. (p.83)</p> <p>Tipo de contexto: The cycle of testing and adjusting one’s concepts and beliefs in the light of experience is understood to be socially embedded, for all knowledge claims are evaluated and communicated within the framework of a community of fellow inquirers: this, in turn, is taken to result in pluralism, for diferente individuals within a community, and different communities within a complex society, may advance different, and often competing, knowledge claims with respect to a single phenomenon (Bernstein 1997, 387-388, 389). (p.78)</p> <p>My argument is that, as regards the practical guidance of KO practice and research, it appears to make little difference whether one adopts CP or NP: however, if one seeks a metatheoretical vision for organizing KO as interdisciplinary domain, CP’s approach may be more integrative than that of NP. (p.79)</p> <p>On this view, human beings encounter the things of the world only within the framework of the language(s) of the community to which they belong (Rorty 1989, 5-6; 1999, 48). (p.80)</p> <p>Each community of inquiry develops its own intersubjective agreements as to what beliefs its members are to take as justified: needless to say, these will vary from community to community. (p.81)</p> <p>after all, if the goal of constructing a classification on pragmatist principles is to cater to the values, goals, and interests of a given community of users, one can do so for a scientific domain without asking whether the knowledge that one is organizing has a privileged epistemic status vis-à-vis that generated in other fields of inquiry or not. (p.83)</p> <p>In this regard, at least, CP provides a more integrative, and so perhaps more useful, ideal for bringing order – and solidarity – to the domain of KO than does NP. (p.83)</p>
--

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Epistemological and Methodological Eclecticism in the Construction of Knowledge Organization Systems (KOSs). The Case of Analytico-synthetic KOSs.	
Autor:	Thomas M. Dousa; Fidelia Ibekwe-SanJuan	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (152 – 159)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>In recent years, the epistemological foundations of classification and indexing have increasingly become a subject of interest within the field of knowledge organization (KO). (p.152)</p> <p>Within the framework of an ambitious project to characterize and evaluate different approaches to research and practice in KO and, more generally, in the field of library and information science (LIS), Birger Hjørland has elaborated, in a number of publications (e.g., Hjørland, 1998, 2003, 101, 105–107; 2011; 2013a, 174, Table 1), a typology of epistemological positions that identifies four primary streams of philosophical views regarding knowledge. (p.152)</p> <p>These latter works, in the judgment of one recent commentator, “still stand as seminal texts in the field” of KO (Broughton, 2011, 44) and continue to serve as touchstones for present-day writers on FA (e.g., La Barre, 2010, 249-250). (p.155)</p>	

<p>Tipo de contexto: Here it is important to remind ourselves that Kaiser intended his indexing method to be used to construct indexes for libraries belonging to business organizations. In his eyes, such indexes had the function of supporting a business library's mission of supplying businessmen with the information that they needed to conduct their business successfully (Kaiser, 1911, §§ 24, 36, 47-48). (p.155)</p> <p>We have already noted that his methodological guidelines were intended primarily for the design of specialized classification schemes for particular scientific and technological fields. In his view, designing such a "special scheme" entailed taking into consideration "the field of interest of a particular group of users" and demarcating the subject scope of the classification in light of these interests (Vickery, 1966, 42-44). (p.157)</p> <p>Kaiser more forcefully than Vickery - the pragmatist tenet that one should stock and structure the vocabulary of a KOS in a manner that corresponds to the interests, goals, and values of the user community for which it is being designed. (p.158)</p> <p>It would perhaps be unwise to generalize too hastily this pattern to all faceted KOSs, for the particular conjunction of methodological rationalism, empiricism, and pragmatism that we have discussed here may well be a <i>proprium</i> of analytico-synthetic KOSs designed for specialized contexts or domains. (p.158)</p>
--

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Race & Ethnicity in the <i>Encyclopedia of Milwaukee</i> : A Case Study in the Use of Domain Analysis.	
Autor:	Ann M. Graf; Richard P. Smiraglia	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (114 – 120)	
Categorias:		
Concepção de OC:	Smiraglia (2012, 111) writes: "domain analysis is at the heart of knowledge organization, for without it we would have no ontological matter to constitute our knowledge organization systems." (p.114)	
Tipo de contexto:	Smiraglia (2012, 114) defined a domain as "a group with an ontological base that reveals an underlying teleology, a set of common hypotheses, epistemological consensus on methodological approaches, and social semantics." (p.115)	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Theoretical Referents in Knowledge Organization: A Domain Analysis of the Knowledge Organization Journal.	
Autor:	José Augusto Chaves Guimarães; Ely Tannuri de Oliveira; Maria Cláudia Cabrini Gracio	
Dados Bibliográficos:	Ano (2012) Volume (13) Páginas (31 – 37)	
Categorias:		
Concepção de OC:		

<p>Aiming at contributing to the epistemological characterization of the area of knowledge organization, our goal is to analyze the KO journal, since its creation in 1993, as a knowledge domain, from a nuclear community of the most productive and greater impact authors, analyzing the dialogue among citing authors and cited ones, and also the co-citations established by the citing authors. (p.31)</p> <p>Placed among Cognitive Science, Information Science, Communication Science, Math and Computer Science, Knowledge Organization can be characterized by its social and scientific nature, revealing itself as an inter and trans disciplinary field (Garcia Marco, 1995, 1997; Miranda, 1999) and evidencing an “integration platform of the documentary sciences” (Esteban Navarro, 1995, p.66). (p.31)</p> <p>Although authors like Dahlberg (1993, p.214) have pointed out the individual concept of knowledge as “subjective certainty or objective conclusion of the existence of a fact or state of a case, not being transferrable and only acquired by means of reflection”, knowledge organization, within Information Science, focuses mainly on socialized, recorded and published knowledge, whose organization and representation will be developed in a way that, new knowledge may be generated from it (Miranda, 1999; Barité, 2001; Guimarães, 2001). (p.32)</p> <p>Finally, we observe that the knowledge organization area, taking into account its scientific production, reveals balance and diversity concerning the geographical origin, as well as subject cohesion and coherence, allowing us to clearly visualize the nucleus of its theoretical referents and confirming the effective role performed by the KO journal as a catalyzing agent of the theoretical construction in the area worldwide. (p.36)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>This current work assumes the whole collection of KO journal as a knowledge domain in itself and presents it as a differential, in that it reveals a crystallized international space for scientific publishing with the seal of ISKO, thus representing the research tendencies in the area. (p.32)</p>

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	The Conceptual Dimension of Knowledge Organization in the ISKO Proceedings Domain: A Bardinian Content Analysis.	
Autor:	José Augusto Chaves Guimarães; Rodrigo de Sales; Daniel Martínez-Ávila; Maira Fernandes Alencar	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (101 – 106)	
Categorias:		
Concepção de OC:	<p>The results show that KO has been mainly understood as an area or field of knowledge whose objects are recorded knowledge and conceptual structures, and whose main processes are classification and indexing, as well as information retrieval. The nature of KO is mostly linked to the construction of specialized discourses and the methodological dimension of such area is related to the systematization of recorded scientific knowledge. (p.101)</p> <p>Standing on an interdisciplinary ground with disciplines such as Neuroscience, Psychology, Epistemology, Information and Communication Sciences, Semiotics, Linguistics, Mathematics, Logic and Computer Science are established (García Marco, 1997), KO has been reflecting on the challenges of a world with an ever-increasing production of scientific knowledge and less effective access to it (Jaenecke, 1994). (p.101)</p>	

<p>The choice of such a term for the study is justified by its use as a formal denomination for the domain or field of knowledge, being internationally coined by its discourse community. (p.102)</p> <p>Regarding the nature of KO, the results show that it is an area or field of knowledge (Ohly; Gopinath; Guimarães; Oliveira; Gracio; Barros and Moraes), predominantly applied or operational (García Gutiérrez, Luz, Green, Arboit, Gracio, Oliveira and Bufrem) turned to the construction of specialized discourses (García Gutiérrez), for the organization and representation of concepts (Green), for information retrieval (García, Oliveira, Luz) and for the access to knowledge (García Gutiérrez). (p.103)</p> <p>The results show that KO has been mainly understood as a theoretical-practical area/field of knowledge whose object is knowledge, specially recorded knowledge, as well as the concepts and their structures, that are instrumentally stated by the KOS. (p.103)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>This paper aims to study the conceptual dimension of Knowledge Organization (KO) in the ISKO proceedings (1990-2012) domain. (p.101)</p>

<p>Periódico/Série: KO () AIKO (X)</p>
<p>Título do Trabalho: User-Generated Genre Tags Through the Lens of Genre Theories</p>
<p>Autor: Hajibayova Lala; Jacob Elin K.</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2014) Volume (14) Páginas (390 – 396)</p>
<p>Categorias:</p>
<p>Concepção de OC:</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>Genre is part of a social context that produces, reproduces, modifies and ultimately represents a particular text, but how to reunite genre and situation (or text and context) in systems of knowledge organization has not been addressed. (p.390)</p> <p>This study suggests application of social network analysis to detect communities (Newman, 2006) of genre taggers and argues that communities of genre taggers can better define the nature and constitution of a discourse community while simultaneously shedding light on multifaceted representations of the resource genres. (p.390)</p> <p>Because “topical” (p. 353) and hierarchical representation of document genre in traditional representational systems such as Dewey Decimal Classification [DDC] and Library of Congress Subject Headings [LCSH] does not take into account social context, use of a faceted approach could provide “multiple fundamental dimensions ...[that] can be described and then clustered” (p. 357). (p.391)</p> <p>Because genre is a part of the social process or context that produces, reproduces, modifies and ultimately represents a particular genre, questions remain as to how to reunite genre and situation (or text and context) in systems of knowledge representation and organization. (p.392)</p> <p>In this regard, Devitt (1993) suggests that, "rather than looking at human membership to define community, perhaps discourse membership – that is, genre sets – can better define the nature and constitution of a discourse community, just as the community better defines the nature of the discourse" (p. 582). (p.392)</p>

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Concepts, paradigms and knowledge organization.	
Autor:	Birger Hjørland	
Dados Bibliográficos:	Ano (2010) Volume (12) Páginas (38 – 42)	
Categorias:		
Concepção de OC:	By implication the theory of concepts constitutes the foundation for knowledge organization (KO). (p.38)	
Tipo de contexto:	<p>Different theories of knowledge such as empiricism, rationalism, historicism and pragmatism imply different theories of concepts. Such different epistemologies and their associated theories of concepts represent different methodological ideals which probably compete in all knowledge domains. (p.38)</p> <p>A further implication of the pragmatic view is that the construction of a KOS must be understood as a way of participating in the discourses in the domain that is being represented. (p.38)</p>	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Augmenting Human Capabilities: Classification as Cognitive Scaffolding	
Autor:	Elin K. Jacob	
Dados Bibliográficos:	Ano (2002) Volume (08) Páginas (38 – 44)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	<p>Within this evolutionary process, the role of culture has been to provide the individual with a practical framework that integrates the human cognitive domain of language the concepts and symbols that comprise a culture's linguistic tools and the technological domain of physical artifacts so as to maximize the application of the individual's basic cognitive capabilities to the problems and goals of human society. (p.39)</p> <p>The scaffolding function of a classification scheme is impressive. It simultaneously orders knowledge and constitutes the basis upon which "reality" is constructed within a social system, knowledge domain or community of practice (Jacob & Albrechtsen, 1997). (p.40)</p>	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	The legacy of pragmatism: implications for knowledge organization in a pluralistic universe.	
Autor:	Elin K. Jacob.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2000) Volume (07) Páginas (16 – 22)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:		
<p>Current sociological and anthropological theories of knowledge, however, including, for example, actor-network theory (Bowker & Star, 1997) and situationism (Haraway, 1991), reject the assumption of an external and objective reality. These theories posit that all knowledge is inherently subjective and created on an as-needed basis to reflect either a specific ideological viewpoint or a particular discourse community. (p.18)</p> <p>From the perspective of constructivist theory, reality is understood as the meaning [or interpretation] attributed to objects or events by the individuals who actively participate in their perception. From the perspective of contextualist theory, reality is the product of a particular discourse community and can only be understood within that context. (p.18)</p> <p>The pattern of reality -- the cultural and sociohistorical knowledge/experience embedded in the language of one social community -- is no less valid, no less true, than the pattern of reality embedded in the language of any other social community. (p.19)</p> <p>For the pragmatist, the social construction of individual knowledge necessarily involves interaction within a critical community. Through dialogue and argumentation, individual opinions and beliefs are evaluated and validated against the opinions and beliefs of the community. (p.20)</p> <p>If domain knowledge is understood as the product of interpretation within one of many possible experiential or conceptual frameworks, the fallibility and instability of knowledge can be viewed, on a larger scale, as the simple reflection of multiple patterns of organization.(p.20)</p> <p>On the contrary, it validates the inherent plurality of knowledge - the multiplicity of conceptual structures, each emanating within the framework of a particular domain or discourse community. (p.20-21)</p>		

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Integrative Levels of Knowing: An Organizing Principle for the Epistemological Dimension.	
Autor:	Michael Kleineberg	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (80 – 87)	
Categorias:		

<p>Concepção de OC:</p> <p>In the field of knowledge organization, the hierarchy model of ILK should encourage us to reconsider some basic concepts in developmental and, therefore, interrelating terms, for example, forms of knowledge commonly referred to as tacit, intuitive, declarative, theoretical, or metatheoretical (Biggs 1992), or even Hjørland's influential distinction between four main metatheories already mentioned. (p.85)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>The knower as an agent of epistemic activity is always already embodied as a material organism and embedded in a social and cultural environment at a certain point in time and space. (p.80)</p> <p>Likewise, the domain analytical approach proposed by Hjørland (1997) highlights the social and historical dimensions of human knowledge, as it is generated in knowledge domains. These are considered as practice and discourse communities which constitute their own forms of life, language games, and worldviews including metatheoretical assumptions such as rationalism, empiricism, historicism, or pragmatism. (p.81)</p> <p>Besides a rather diffuse ordinary language use of terms like “context” or “viewpoint”, some theories of knowledge propose more or less well-defined concepts such as Wilhelm Dilthey's “Weltanschauung”, Ernst Cassirer's “symbolic form”, Ludwik Fleck's “thought style”, Hans-Georg Gadamer's “horizon”, Michel Foucault's “episteme”, Thomas S. Kuhn's “paradigm”, or Karin Knorr Cetina's “epistemic culture” to name only a few prominent ones. (p.81)</p>

<p>Periódico/Série: KO () AIKO (X)</p>
<p>Título do Trabalho: Epistemological dynamics in scientific domains and their influence in knowledge organization</p>
<p>Autor: Maria J. López-Huertas; María José López-Pérez</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2010) Volume (12) Páginas (91 – 97)</p>
<p style="text-align: center;">Categorias:</p>
<p>Concepção de OC:</p> <p>The last two decades have been a period of time where claims put forward by different specialists pointed to the theoretical problems detected in the field of KO and LIS. (p.92)</p> <p>Two main issues that are influential in this state of affairs are the following: (1) the strong impact of external environments, in this case technology (Hjørland 2003) as the most visible one, and (2) the fact that KO and LIS are interdisciplinary (López-Huertas 2008). We see both aspects very much interrelated. (p.92)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>Scientific specialties are influenced by socio-cultural contexts. This influence is not homogeneous but, on the contrary, it varies depending on the specialty. The context can affect the theoretical and</p>

epistemological development of a scientific domain and, as a result, it may condition not only a robust, consistent theoretical framework but also good practice. (p.91)

Scientific specialties, understood as discourse communities, have a social dimension. This characteristic favours the interaction between socio-cultural contexts and sciences. (p.91)

These domains are of different kinds (disciplinary and interdisciplinary) but they show similar epistemological behaviour, although the causes of this common pattern of behaviour are slightly different: in the case of KO and LIS, a lack of integration of theoretical models and a slow theoretical growth. (p.95)

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Likeness: A Pragmatic Approach.	
Autor:	Jens-Erik Mai.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2000) Volume (07) Páginas (23 – 27)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	<p>According to Fish's understanding, a text does not have a meaning. Instead, the reader creates meaning as the text is read. A reader, therefore, does not respond to the meaning of a text. The reader's response is the meaning of the text. According to this logic, a document does not have a subject, but is given a subject by the reader. The classifier's task, therefore, is not to get the subject out of the document, but to create the subject and to express this interpretation in the classification system. This interpretation, however, should be based on the potential users' work domain. (p.26)</p> <p>A classification is a structured view of the world in general or a view of a specific domain of knowledge. The domain can be formed as a field of study, e.g., biology, economics, or sociology, or the domain can be formed as an otherwise shaped group of people with a specific purpose, e.g., interdisciplinary studies, a company, or an organization. A domain, therefore, is first and foremost a group of people forming a discourse community. (p.26)</p> <p>Furthermore, any representation and interpretation of a document's subject will be based in, and influenced by, a social and cultural context. (p.26)</p>	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Science of Consciousness as a Domain: Issues for Knowledge Organization.	
Autor:	A.Neelameghan; K.S. Raghavan.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (50 – 56)	
Categorias:		

Concepção de OC:
Tipo de contexto: While such tools are employed even in the domain of religious philosophy, knowledge acquisition through <i>paranormal</i> means such as direct revelation and experience is widely associated with this domain. (p.51)

Periódico/Série: KO () AIKO (X)
Título do Trabalho: Sociological aspects of knowledge and knowledge Organization.
Autor: H. Peter Ohly
Dados Bibliográficos: Ano (2014) Volume (14) Páginas (41 – 49)
Categorias:
Concepção de OC: At latest with the constructivism a 'turn' has entered, which sees knowledge organization as a social convention and accordingly regards universal standards skeptical. (p.41) With respect to information and knowledge organization we can state that only scientific purposes can be served. (p.44)
Tipo de contexto: Especially in language are manifested symbolic meanings of experienced objects and situations that can only be communicated with a meaning within the respective (linguistic) community. Examples may include the respective iconographies in the religions but as well specialized terms, illustrations and citations in science. (p.45) Open systems that incorporate the view of the user and its application context are fruitful in insufficiently consolidated or formalized areas, e.g. the description of new media. (p.46)

Periódico/Série: KO () AIKO (X)
Título do Trabalho: Reading Cultures: "Primitive Classification" The Metaphysics of Social and Misreading and Logical Classification.
Autor: Hope A. Olson.
Dados Bibliográficos: Ano (2000) Volume (07) Páginas (3 – 9)
Categorias:

Concepção de OC:
Tipo de contexto:
The idea of "logical" classification being derived from the "social" classification of a culture was the basis of Primitive Classification. Durkheim and Mauss suggest that classification is not a natural structure, hut one that reflects the social organization of a particular culture. (p.5)
I suggest that herein lies a starting point for developing classification schemes that will operate effectively in cultures outside of the European-derived mainstream. They offer widely comprehensible, even though not universal, patterns within particular cultures or subcultures. (p.8)
As an example of how such a system might work I turn to what can reasonably be termed a subculture or cultural perspective with which I can claim familiarity without coopting the voices of others - feminism. Within feminism as a cultural perspective, a frequent structural conception is a circle with variants including a spiral and a web. (p.8)

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Wind and Rain and Dark of Night Classification in Scientific Discourse Communities.	
Autor:	Hope A. Olson.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2008) Volume (11) Páginas (235 – 241)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de contexto:	Scientific communities have created a wide range of standards that categorize natural phenomena. (p.235)	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Facets of Facet Analysis: A Domain Analysis.	
Autor:	K. S. Raghavan; I. K. Ravichandra Rao.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (107 – 113)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Facet analysis is considered the most distinct approach to knowledge organization within LIS. (p.107)		

<p>Hjørland sees facet analysis as the most distinct approach to knowledge organization dominating classification theory (Hjørland, 2013). (p.107)</p> <p>Domain analysis – a technique proposed by Hjørland and employed by Smiraglia in the area of Knowledge Organization - uses a range of empirical techniques to comprehend and map the facets of a domain that help in visualizing it. (p.107)</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>The basic research question is: what are the <i>facets</i> of <i>facet analysis</i>? The study seeks to graphically represent the contours of the domain. (p.107)</p> <p>Smiraglia provides an operational definition of a domain as: “a group with an ontological base that reveals an underlying teleology, a set of common hypotheses, epistemological consensus on methodological approaches, and social semantics” (Smiraglia, 2012). Looked at from this point of view, Facet Analysis does indeed appear to be a domain with a common terminology and approach. (p.107-108)</p>

<p>Periódico/Série: KO () AIKO (X)</p>
<p>Título do Trabalho: Indic Cultures and Concepts: Implications for Knowledge Organization.</p>
<p>Autor: K. S. Raghavan; A. Neelameghan.</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2012) Volume (13) Páginas (176 – 182)</p>
<p>Categorias:</p>
<p>Concepção de OC:</p>
<p>Tipo de contexto:</p> <p>Culture and the environment in which a culture evolves have always been major factors influencing knowledge and concept formation, development of language and terminology and formation of links between concepts among the members of a cultural group. (p.176)</p> <p>All these have major implications for the development of tools for knowledge organization (KOTs) for culture-specific domains as concepts, their names (terms), semantic inter-relationships between them and organization in meaningful ways are basic to both knowledge formation and the development of KOTs such as classification schemes, thesauri, taxonomies, ontologies, etc. (p.176)</p> <p>For example, a thesaurus for the domain of Education or Sociology developed for an information system in the U.S. or Western Europe may not be adequate in many respects when it comes to indexing literature on the domain originating from say, India or China; i.e. there could be several concepts and conceptual relations unique to the domains of Education or Sociology as perceived in the Indian or Chinese contexts for which there may be no corresponding or equivalent concepts in the western cultures; (p.177)</p> <p>However, in handling literature on arts, architecture, Music, philosophy and many other culture-specific domains, it is imperative to handle and accommodate concepts and conceptual relations that are unique to the Dravidian culture. In the following paragraphs, we illustrate, with a few examples, the nature of concepts and conceptual relations in Dravidian culture-specific areas and also examine briefly the problems and issues related to developing KOTs for design of information systems in such domains. (p.178)</p>

Periódico/Série:	KO () AIKO (X)
Título do Trabalho:	Universes, Dimensions, Domains, Intensions and Extensions: Knowledge Organization for the 21st Century.
Autor:	Richard P. Smiraglia.
Dados Bibliográficos:	Ano (2012) Volume (13) Páginas (1 – 7)
Categorias:	
Concepção de OC:	<p>In KO there is work to solidify concept theory, which is at the core of our discipline; but there are other dimensions, as well as suggestions that classification must engage a multi-verse. (p.1)</p> <p>This paper encompasses a domain analysis of KO as a means of visualizing the emergence and coherence of our domain, and as a way of denominating the parameters of the universe (or universes) in which our domain operates, as well as the dimensions of the operational paradigms at work. (p.1)</p> <p>In Knowledge Organization the domain KO, there is frequent mention of dimensions, particularly with regard to facets, and faceted classifications. (p.1)</p> <p>Knowledge Organization is devoted to the conceptual order of knowledge. In the broadest sense KO is the arena in which the heuristics of ordering knowledge are studied. Specifically, KO is the research community devoted to classification and ontology, thesauri and controlled vocabulary, epistemology and warrant, and applied systems for all of the preceding (often, especially in North America, resource description is also considered to be a part of KO). (p.2)</p> <p>In KO, theoretical poles are both conceptual and methodological. The domain is scientific, but also has deep roots in humanistic methods and modes of thought. (p.6)</p>
Tipo de contexto:	<p>The parameters, or dimensions, of our domain are given by domain analysis, the representation of a discourse community, in this case of scholars, as can be determined from the formal products, or published research, emanating from the community. (p.1)</p>

Apêndice C.
Categorias do Núcleo Reivindicatório/Crítico

Periódico/Série:	KO (X) AIKO ()
Título do Trabalho:	Toward a Taxonomy of Harm in Knowledge Organization Systems.
Autor:	Melissa Adler; Joseph T. Tennis
Dados Bibliográficos:	Ano (2013) Volume (40) Número (4) Páginas (266 - 272)
Categorias:	
Concepção de OC:	If we agree that there are particular precepts in the field of knowledge organization we can then decide as a community what is ethical and what can be interpreted as causing harm. (p.268)
Tipo de problema/grupo social:	<p>At the same time, the use of language can often be a violent act and classifications always have the potential to inflict some degree of damage (p.267)</p> <p>Power derives from a group of people acting in concert; a majority rule can suppress rights of minorities without tools, she argues. Authority can be vested in persons or in offices. (p.267)</p> <p>According to Day, flattened hierarchies have brought more freedom for knowledge workers in the workplace, with the cost in restriction of the worker's freedom of expression. We take this to be an example of symbolic violence. (p.267-268)</p> <p>Day's account of the production of needs by information systems serves as an illustration of systemic violence. He has concluded that the core traditions of information science are defined by the psychology of need, which is "based on a normative psychology of cultural forms and social situations, constructed by analyzing language vocabulary and other semantic markers and social associations" (Day 2011, 29). (p.268)</p> <p>Viewed in this light, a knowledge organization system is an instrument of documentation that carries disciplinary power. (p.268)</p> <p>To name is to wield some degree of power, and to organize any part of the universe is, to a lesser or greater degree, a coercive act. (p.268)</p> <p>All knowledge organization systems are potentially harmful, and the consequences might vary greatly depending on perspectives (Tennis 2013). (p.269)</p> <p>Following Olson and Schlegl's (2001) analysis of literature on bibliographic subject standards, we are locating harmful actions by looking for cases of exceptionalism, ghettoization, omission, inappropriate structure of the standard, biased terminology, erasure, and pathologization. Each of these can be understood as problems of normalization or disciplining. And what classifications do, particularly for groups of people, but also across the disciplines and on a range of topics, is reproduce and reify norms. (p.269)</p> <p>To overcome erasure requires a restoring or recovering. For example, Google just removed the word bisexual from its block list. It was there until the fall of 2012. This had rendered an entire community invisible because of the far reach of Google. It was present and then erased, and, in order to repair the situation, someone needs to recover the term. We also add pathologization as a particular form of bias when classifications serve as a sort of diagnosis and reproduce medicalized norms. (p.269)</p> <p>Classifications present ideologies and attitudes, depending upon the lens through which a classifier views</p>

the world. In the case of imperialism, various legitimatizing discourses play out, including those of salvation, economics, and health. (p.270)

Clearly, the people and agencies who create classification systems carry power in relation to those being classified and those using the system. (p.270)

Those affected may be individuals, groups, nations, and any configuration of individuals who are served by or are somehow in service to a classification system. (p.270)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Prototype Theory: An Alternative Concept Theory for Categorizing Sex and Gender?	
Autor:	Melodie J. Fox.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2011) Volume (38) Número (4) Páginas (328 - 334)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de problema/grupo social:	<p>Classical theories of classification and concepts, originating in ancient Greek logic, have been criticized by classificationists, feminists, and scholars of marginalized groups because of the rigidity of conceptual boundaries and hierarchical structure. (p.328)</p> <p>Classical theories of classification and concepts, originating in ancient Greek logic, have been roundly criticized by classificationists, feminists, and scholars of marginalized groups because of the rigidity of conceptual boundaries and hierarchical structure, rife with implications of dominance and subordination (Olson 2001, 2007). (p.328)</p> <p>For those who fall in the borderland between male and female or those who resist the gendered behavior socially prescribed for their sex, the mutually exclusive gender categories afforded by classical theory can cause social and emotional consequences. (p.329)</p> <p>Campbell (2000, 127) speaking of gay and lesbian communities through the framework of Sedgwick suggests, “people are different, categories shift, and labels are provisional. We are dealing with no monolithic identity, no stable categories, and no consensus.” Social sets, then, are unstable entities that contain a variety of similar members, with shifting and porous boundaries. (p.330)</p> <p>The current state of feminism resists classical conceptions of woman and has taken a tactic similar to Hjørland’s domain-centric approach, where each theory produces an eristic concept of woman not always compatible with those of other theories. (p.331)</p> <p>Feminists assert that biological difference is exploited by patriarchal society to justify fitness for gender roles, which almost exclusively place women subordinate to men. (p.331)</p> <p>Women do not want to be pigeonholed as possessing one trait or another, as yet by falling under the name of “woman,” something must connect them, and most often that something has been the female sex. (p.331)</p>	

Hale (1996, 288) writes that babies “born with ‘ambiguous’ genitals are assigned to a sex as soon as possible,” usually before eighteen months old. Furthermore, Halberstam (1994) identifies a multitude of self-categorizations within the queer community that explode the binaries of homosexual/heterosexual, as well as male/female and man/woman. (p.331)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	The Impossible Decision: Social Tagging and Derrida’s Deconstructed Hospitality	
Autor:	Melodie J. Fox; Austin Reece.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2013) Volume (40) Número (4) Páginas (260 - 265)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de problema/grupo social:		
<p>The result of deconstruction is that the constructed quality of concepts is laid bare, the oppressed <i>other</i> is revealed, and the opposition between them dissolved so that neither aspect of the binary is privileged, and a more ethical relationship can be formed. (p.261)</p> <p>In relation to one’s self and autonomy, Derrida argues that who or what is other must have their singularity respected so that their difference is not coerced and coopted by any system of control. (p.261)</p> <p>As Olson (1997, 187) warns, “Applying universal standards risks excluding <i>Others</i>.” Derrida argues that this approach co-opts methods of violence: conceptual, ethical, and sometimes physical (Derrida and Dufourmantelle 2000). (p.262)</p> <p>The enactment of the sovereign’s right of power over the stranger/guest/<i>other</i> reinforces a hierarchy or system of power and demands that the <i>xenos</i> submit to those limits or be excluded. A well-known example is DDC’s 200 class, where Christian topics occupy most of the class, and the rest of the world’s religions—including the largest, Islam—are crammed into 290. (p.262)</p> <p>The infinite task is to minimize the harm that comes from contamination in the form of subordination and prejudice, or, the dissolution of the binary. This “contamination” occurs when approaching the <i>other</i> with unfamiliarity, fear, and uncertainty. Unless that <i>other</i> is answered to, the fear remains, contaminating the self with suspicion, anger, or distain (p.263)</p> <p>One must always negotiate with conditional forms of hospitality and conditional forms need to remain open to the absolute form so as not to devolve into unjust systems of power and control. To not violate social trust with commercial interests, to not erode the community of users with personal prejudice—to make impossible decisions a little more possible. (p.365)</p>		
Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Interrogating “Identity”: A Philosophical Approach to an Enduring Issue in Knowledge Organization	

Autor: Jonathan Furner
Dados Bibliográficos: Ano (2009) Volume (36) Número (1) Páginas (3 - 16)
Categorias:
<p>Concepção de OC:</p> <p>For a definition of knowledge organization (KO), we need look no further than Joe Tennis, who says that “KO ... is the field of scholarship concerned with the design, study, and critique of the processes of organizing and representing documents that societies see as worthy of preserving” (Tennis 2008, 103). (p.8)</p> <p>Here is another, slightly different take on a definition of KO: KO is the practice and the theory of building KO systems that work well. (p.8)</p> <p>(It may be that here we have two rival conceptions of KO: one that sees KO as a set of processes—organization, representation, and so on—that are ends in themselves, and another that sees KO as the means to a variety of ends, including not only retrieval and access and preservation, but also learning and understanding and mapping and modeling. (p.9)</p>
<p>Tipo de problema/grupo social:</p> <p>6. We can look at the <i>power</i> of the agent who is doing the identifying, relative to that of the object. Is the subject in a position of domination over the object, or in a subordinate position? (p.8)</p> <p>We can say that <i>the just KO system</i> is one that supports the distribution of cultural resources without violating the rights or liberties of particular groups or communities and their members—especially minorities and other groups that have historically been oppressed by the dominant groups in power (cf. Beghtol 2005). (p.9)</p>

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Declassifying Knowledge Organization.	
Autor:	Antonio García Gutiérrez.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (41) Número (5) Páginas (393 - 409)	
Categorias:		
<p>Concepção de OC:</p> <p>The history of the world of human understanding is the history of concepts and this incessant colonization. It is for this reason that the approach of the so-called ‘postcolonial studies’ to the field of KO is of enormous interest. (p. 400)</p>		
<p>Tipo de problema/grupo social:</p> <p>As a weapon of domination, classification has Always formed a part of territorial and, above all, cultural and cognitive colonization projects, lurking behind many acts of symbolic violence, reaching its paranoiac climax in the ideology and classified archives of Nazism. (p.394)</p>		

As with any other human institution (languages, social organizations, beliefs, sciences, etc.), classification becomes inwardlooking so as to defend its colonizing action, revealing totalitarian structures and objectives (even ‘authors’ resort to a natural ‘authoritarianism’). In one way or another, classification usurps, distorts, overlaps, subordinates and colonizes the unlimited flow of sense (semiosis), making free movement practically impossible in the world that it controls by means of its categories. (p.394)

The difficulty and challenge is to obtain a plural and, in any case, hermeneutic perspective. Postcolonialism habitually takes advantage of spaces and cultures usurped by foreign powers, but these powers also colonize inwardly. The post-colonial discourse should be complemented by post-colonial strategies, if only from a now insufficient geopolitical standpoint, even though we do not know how to think outside the conception of frontier, as claimed by Kymlicka (1995). (p.400)

A red car would not only be essentially a car, but also essentially red. Nouns would have to lose their secular privileges over quality: the red car is a good representative of the field of vehicles, but also of redness and many implicit properties and extensions in the red car notion: (p.407)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Sexual Boundaries and Subcultural Discipline.	
Autor:	Patrick Keilty.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2012) Volume (39) Número (6) Páginas (417 - 431)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de problema/grupo social:	<p>The same period has seen an established body of work concerning the influence of authoritative classifications of gender and sexual subcultures. Foucault’s <i>History of Sexuality, Volume 1: The Will to Knowledge</i> (trans. 1978) is perhaps the most influential of such scholarship. (p.418)</p> <p>Like Foucault, the most prominent advocates of this thesis have argued that the medical and legal discourse on homosexuality that emerged in the late nineteenth century played a determining role in this process, by creating and popularizing the médico-legal model of homosexual behavior. It was on the basis of this new model that individuals came to assume a homosexual identity (and to be labeled as such in popular culture), as sexual perverts different in nature from others, rather than as sinners whose sinful nature is the lot of humanity. (p.418)</p> <p>Most of these scholars have forcefully shown the way the Library of Congress Subject Headings or the Dewey Decimal Classification System do not reflect the nomenclatures accustomed to gender and sexual non-conforming people. Such a disconnect, they argue, not only restricts queer people’s access to information, but also forces these subjects to navigate and adopt offensive nomenclature about their very person. (p.418)</p> <p>These scholars often cast the “power to name,” to borrow Olson’s famous phrase, as a matter of absolute authority imposed on a sexual subculture, in which the mechanisms of power around classifications of gender and sexuality occur in a top-down fashion. (p.418)</p>	

More likely, however, these categories of sexual being reveal that a highly gendered dynamic of power relations exists within the sexual relations between men. As such, queer social organization and self-understanding are deeply embedded in that of the larger culture by reproducing social forms of gendered heterosexuality and sexism.

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Proclaiming Intellectual Authority Through Classification: The Case of the <i>Seven Epitomes</i> .	
Autor:	Hur-Li Lee; Wen-Chin Lan.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2011) Volume (38) Número (1) Páginas (25 - 42)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de problema/grupo social:	<p>As a result, he successfully achieved the chief goal he intended for the catalog—to proclaim classicism as the intellectual authority. This design made the catalog, and its numerous successors in imperial China for two thousand years, an effective aid for intellectual, political, and social control. (p.25)</p> <p>It became a tradition since then that most dynasties in the Chinese history took on such a collation/cataloging project to build a dynastic library and to exert government’s control over written texts. (p.27)</p> <p>– Classicism informed the scheme and the scheme validated the Classics as the intellectual authority. – The state apparatus also influenced the classificatory structure. (p.33)</p> <p>The opposition between self and other has especially been important in recent years for identifying social processes by which a group of people exclude or marginalize others (Beauvoir 1953; Said 1978). (p.37)</p> <p>All of these preferences undoubtedly exalted the Classics and classicist values. With the use of ranked dichotomies, Liu Xin was thus able to convey the key message through his classification that classicism was the canonized “self” and the other textual traditions were simply the marginalized “other.” Ranked dichotomies in the <i>Seven Epitomes</i> operated under a presumption: the dominant does not exist without the dominated (or, the dominant and the dominated are interdependent). That is, ranked dichotomies assist us in identifying the preferred or superior and, in the meantime, labeling the rest as the less preferred or inferior. (p.38)</p> <p>The ultimate goal of establishing an intellectual authority was not an end by itself; it was intended to serve as part of the state apparatus for political and social control. (p.40)</p> <p>The classificationist did not arrive at the classificatory structure through an observation of nature or the social world. Instead the scheme resulted from authoritarian, ideological and political thinking with a calculated purpose to shape minds. (p.40)</p>	

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Ethics, Values and Morality in Contemporary Library Classifications.	

Autor: Jens-Erik Mai.
Dados Bibliográficos: Ano (2013) Volume (40) Número (4) Páginas (242 - 253)
Categorias:
Concepção de OC: While the last couple of decades of inquiries into knowledge organization have refocused the conceptual foundation of the field, it has failed to provide for a sound ethical theory of classification. (p.244)
Tipo de problema/grupo social: Classifications reflect reality. Reality is biased, unjust, and full of contradictions. One challenge for information professionals—especially for librarians working in large libraries with sizeable and diverse collections and user bases— is to provide access tools that minimize the harm done by classifications. (p.242) In this sense, all classifications are biased, because they express particular views on the subject matter. (p.244) Any given classification, therefore, inevitably privileges or brings into more prominence some concepts, perspectives, experiences, viewpoints or issues, and marginalizes or moves out of view others. In this sense, any act of classification unavoidably fails to do justice to at least some dimensions of that which is classified. (p.244)

Periódico/Série: KO (X) AIKO ()
Título do Trabalho: Exclusivity, Teleology and Hierarchy: Our Aristotelean Legacy.
Autor: Hope A. Olson.
Dados Bibliográficos: Ano (1999) Volume (26) Número (2) Páginas (65 – 73)
Categorias:
Concepção de OC:
Tipo de problema/grupo social: A large body of research and descriptive literature has been built up over several decades documenting the failure of library classifications to accommodate effectively topics outside of a conventional mainstream. Biases in terms of race, gender, ability, nationality, sexuality, religion and other factors have been well-established. (p.65) The way we do classification is not only a reflection of our mainstream culture, it is a tool of that culture, both reflecting and reinforcing it. (p.65)

In ancient Greece, logic was developed within a social and cultural context and it is the preservation of certain aspects of that context that is the result of these discourses' continued influence. One aspect of the context was, of course, male control of society. To identify the mechanisms of male domination, a feminist critique must make the transparente visible. It is, therefore, also useful in revealing presumptions that have a broader influence. (p.66)

We typically claim only that we are constructing practical schemes for the accommodation of knowledge and information. However, the derogatory connotations of the word "pigeon-holing" as oversimplified and limiting should warn us that the presumption of mutually exclusive categories is as dangerous for us as for the broader social fabric of which we are an integral part. (p.67)

Plato's dialectic and Aristotle's syllogistic forms of argument were applied by those who were of the educated elite in fourth century BCE Athens. Therefore, women, artisans, laborers and slaves were unlikely to be adept at logic. As a result, the men who controlled Athens had logic as their own device for enforcing their control since they could exercise what has become known as reason (Nye 1990, p.4S). Reason, in the form of logic, has the same power of control in classification. (p.71)

An additional group that was the target of logic were non-Greeks or "barbarians." Both Plato and Aristotle were known to consider foreigners inferior, which is one of the reasons both criticized Parmenides {who was Greek, but not Athenian} even though they also drew from his work (Nye 1990, p.37). (p.71)

Other "barbarians" were slaves brought to Athens as the spoils of imperialistic conquest. For a moral justification of slavery, Aristotle argued that "barbarians" were natural slaves and inferior just as animals are inferior to humans and women to men (Aristotle Politics I.IV.1254b). (p.71)

Further, one of the dualities that Plato sets up in The Sophist is that of public versus private, suggesting not only the Sophists, who typically worked in private homes, but also women whose domain was the private while men controlled the public. The groups of the excluded were knit together in their exclusion. (p.71)

The use of division to separate terms in a logical argument reflects its purpose of division between Athenian and non-Greek, men and women, free and slaves, public and private, reason and emotion as mutually exclusive categories with each pair having one element hierarchically superior to the other. These values of the cultural elite that developed classical logic are paralleled in the sexism, homophobia, racism and xenophobia of our contemporary world. It is vital that we not allow our classifications to be tools of such values, especially if these values are linked to the structure and not just the content of our classifications. (p.71)

Periódico/Série:	KO (X)	AIKO ()
Título do Trabalho:	Ethos and Ideology of Knowledge Organization: Toward Precepts for an Engaged Knowledge Organization.	
Autor:	Joseph T. Tennis.	
Dados Bibliográficos:	Ano (2013) Volume (40) Número (1) Páginas (42 – 49)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de problema/grupo social:		

<p>In this case, violence can be understood as the expression. of force against self or other, compelling action against one's will on pain of being hurt. Violence is used as a tool of manipulation. (p.44)</p> <p>It might be possible to see systemic violence at work in the bureaucratic routine in the design and maintenance of knowledge organization systems—especially those that privilege standardization over aiding users reach their full potential through access. (p.48)</p>	
Periódico/Série:	KO () AIKO (X)
Título do Trabalho:	Power and the Production of Truth in the Sciences.
Autor:	Frank Sejer Christensen
Dados Bibliográficos:	Ano (2000) Volume (07) Páginas (306 – 312)
Categorias:	
Concepção de OC:	
<p>Considering this view of science, any attempt to find an absolute theory of knowledge organization is meaningless. Instead the basis should be that "Knowledge organization always serves pragmatic purposes and should reflect this" (Hjørland 1997. pA6). Hjørland argues that an organization of knowledge is done with the purpose of assisting the scientific disciplines in their work (1997. p.160). The primary goal for research is not to retrieve already expressed statements, but to create new knowledge. (p.310)</p> <p>Knowledge organization is the organization of statements in a discussion, and should reflect not only what is said but also who says it and why. It is the librarian's task to deliver this transparency. (p.310)</p>	
Tipo de problema/grupo social:	
<p>Which of these that will eventually be accepted by the greater scientific community, thus gaining the status of knowledge, is decided in scientific discourse. The author claims that gaining acceptance of a theory is not a question of being right, but of being powerful. (p.306)</p> <p>Meaning is created or agreed on within a community, but the degree of influence that each member has on the outcome very much depends on its power (p.312)</p>	

Periódico/Série:	KO () AIKO (X)
Título do Trabalho:	Medical Discourse's Epistemic Influence on Gender Classification in Three Editions of the <i>Dewey Decimal Classification</i> .
Autor:	Melodie J. Fox
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (228 – 235)
Categorias:	
Concepção de OC:	

<p>Tipo de problema/grupo social:</p> <p>The classification of human groups leads to uncomfortable questions of the epistemic nature of identity, which may or may not be supported by the notion of biological membership in groups. Yet, transgender, transsexual and intersex individuals have caused a “category crisis,” (Garber 1991) as they confront and confound a deep-seeded binary and fundamental division of humans both socially and biologically. (p.228)</p> <p>Gender and sex are formally classified for myriad purposes, including marriage, identification, medical treatment, prison, and in some cases, jobs. However, formal classifications tend to marginalize ambiguously gendered people or those who do not identify with traditional understandings of gender. (p.228)</p> <p>The 1885 changes signify an improvement in that women actually have a class, but keeping in mind the principle of allied topics, women find themselves associated most closely with etiquette and outcast races and loosely associated with suicide, cannibalism and embalment. (p.231)</p> <p>Man had no subdivision, but women again had similar subdivisions that ghettoized them from the broader categories (Olson and Schegl 2001). (p.232-233)</p>

<p>Periódico/Série: KO () AIKO (X)</p>
<p>Título do Trabalho: Knowledge Organization from a "Culture of the Border": Towards a Transcultural Ethics of Mediation.</p>
<p>Autor: Antonio Garcia Gutierrez</p>
<p>Dados Bibliográficos: Ano (2002) Volume (08) Páginas (516 – 522)</p>
<p>Categorias:</p>
<p>Concepção de OC:</p> <p>So, these professionals and scholars have to practice reflexivity and include other metatheoretical concepts in their ordinary actions so that users may know who is behind the analysis, "whose are the tracks". To achieve this aim, the field of research called "Knowledge organization" must be opened to a new paradigm in which Critical Theory and Hermeneutics go together. (p.516)</p>
<p>Tipo de problema/grupo social:</p> <p>The history of the organization of knowledge has been the history of a process of rationalization of knowledge that has forced other real and modal ways of cognition to the exile, ruling out, for instance, the actuality of a irrational mind which cannot be simply excluded either from participation in our representation of nature or from decision-making. (p.517)</p> <p>Obviously, all this affects the construction and organization of knowledge in the electronic environment, what I would like to call now "digital exomemory" (Garcia Gutierrez, 2002) a space which has not yet been fully demarcated but , through a step-by-step policy of occupation, it is being reduced by the same old forces and aims of domination and colonialism which have re-adapted to these new digital territories. (p.517)</p> <p>For this reason, I am committed to the new emergent paradigm based on a doubly critical hermeneutical</p>

<p>approach, in taking the theory and practice of classification and knowledge organization, biased by positivist model, to their limits, so that to provoke the crisis of our intelligibility matrix right in the absurd of the border. So, after the deconstruction of a text, as solid as three centuries of positivist sediments and important success (also accompanied by certain mental and sociocultural dystrophies), I take up the opposite route towards the reconstruction of "integral sense", that comes, paradoxically again, from declassification and disorder. (p.517)</p> <p>Positivist demarcation programme generates fragmentation, decontextualization and hyper-specialization, that is, drastic interdisciplinary disconnection. Fragmentation opens up the door to free manipulation by extrascientific entities and interests. (p.520)</p>	
Periódico/Série:	KO (<input type="checkbox"/>) AIKO (<input checked="" type="checkbox"/>)
Título do Trabalho:	Race & Ethnicity in the <i>Encyclopedia of Milwaukee</i> : A Case Study in the Use of Domain Analysis.
Autor:	Ann M. Graf; Richard P. Smiraglia
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (114 – 120)
Categorias:	
Concepção de OC:	
Tipo de problema/grupo social:	Looking at the chronological distribution of all resources, there is a notable rise in productivity in the latter half of the 1960s that continues to the present. This productivity parallels the American Civil Rights Movement and the Black Power Movement. (p.116)

Periódico/Série:	KO (<input type="checkbox"/>) AIKO (<input checked="" type="checkbox"/>)
Título do Trabalho:	Origins of the Main Classes in the First Chinese Bibliographic Classification.
Autor:	Hur-Li Lee
Dados Bibliográficos:	Ano (2008) Volume (11) Páginas (275 – 281)
Categorias:	
Concepção de OC:	
Tipo de problema/grupo social:	To understand the classification of the <i>Seven Epitomes</i> , it is also necessary to elaborate on the motives of intellectual control and social engineering. Han was the first dynasty that was able to rule China with a powerful and long-lasting central government. Its emperors believed in intellectual control. (p.279)

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Bias in subject representation: convergences and divergences in the international literature.	
Autor:	Suellen Oliveira Milani; José Augusto Chaves Guimarães; Hope A. Olson	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (335 – 342)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de problema/grupo social:	<p>For this reason and despite being used worldwide, LCSH reflects the beliefs and the context of the institution that has created and maintains it, which leads to the assumption that this list would contain American biases (Fischer, 2005). (p.337)</p> <p>Specific types of harmful inclinations present in LCSH are pointed out, such as <i>regional biases</i> (Strottman, 2007), i.e., discriminations related to the southwestern coast of the United States, particularly to New México, <i>ideological biases</i>, since LCSH tends to ignore different paradigms in the context of Social Sciences (Urbizagastegui Alvarado, 1994), and biases related to gender, sexuality, race, age, ability, ethnicity, language and religion (Olson, 2000). (p.337)</p> <p>Olson (1999) draws attention to a serious issue: the manner in which classification has been done not only reflects the cultural aspects involved in the mainstream, but it also acts as a tool to reinforce it. Subject representation is closely related to personal standpoints, including political ones, taken by librarians. (p.337)</p> <p>Listed below are some examples that emerged from our findings on this issue pointing out that biases may:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Stimulate or introduce prejudices to young readers through the use of headings that reflect popular prejudices in order to promote access to information (Rogers, 1993 apud Fischer, 2005); – Induce false or biased beliefs in users (Brey, 1999); – Stigmatize certain groups of people with inaccurate or demeaning labels (Knowlton, 2005); – Contribute to put the literature of marginalized groups at a further remove from many users (Olson & Schlegl, 2001); – Cause an impact on users' self-image and social identity (Strottman, 2007); – Create the impression that certain points of view are normal and others unusual (Knowlton, 2005); – Cause virtual reality applications to become less useful or agreeable to users whose values or interests are disregarded (Brey, 1999); – Suggest that there may be universally acceptable representation tools when, in fact, it is the differences that allow specificity in subject representation (McIlwaine, 2003, Olson & Schlegl, 2001). (p.338-339) 	

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	CNPq's Knowledge Area Table as a Knowledge and Power Apparatus	

Autor: Eduardo Ismael Murguia; Rodrigo de Sales
Dados Bibliográficos: Ano (2012) Volume (13) Páginas (183 – 189)
Categorias:
Concepção de OC:
<p>Tipo de problema/grupo social:</p> <p>We can infer that there are two dynamic and complementary faces between IS's hegemonic discourse reflected in the KAT/CNPq and the later rules that such reflex will impose on the future of the area's intellectual and academic production. In other words, what is created as a consequence of a kind of discourse becomes material conditioning. (p.188)</p> <p>KAT/CNPq's classifying relations establish hierarchy among the different areas of knowledge, leading to the control of scientific production and allocation of resources. In this way, KAT/CNPq consists of a power instrument as it rules, by directing the State's actions on Brazil's scientific and technological knowledge. (p.188)</p>

Periódico/Série: KO () AIKO (X)
<p>Título do Trabalho: Reading Cultures: "Primitive Classification" The Metaphysics of Social and Misreading and Logical Classification.</p> <p>.</p>
Autor: Hope A. Olson
Dados Bibliográficos: Ano (2000) Volume (07) Páginas (3 – 9)
Categorias:
Concepção de OC:
<p>Tipo de problema/grupo social:</p> <p>The common element of the two is the implication of some universal quality of classification. However, both of these quotations come clearly from a cultural tradition in which white Europeans or the descendants of European settlers are the dominant influence. (p.3)</p> <p>Combining this fallacious "finding" with the presumption that the ideal is a European-based classificatory practice derived from classical Greek philosophy implies that as cultures become more "sophisticated" they work toward that ideal and cultures that have not yet approached it are 'primitive,' (p.7)</p> <p>The stream of thought that Primitive Classification represents has reinforced the idea that the dominant conception of classification is the universal end product of cultural development. Further, it reinforces a hierarchy of cultures by presuming this universality, (p.7)</p> <p>As an example of how such a system might work I turn to what can reasonably be termed a subculture or</p>

cultural perspective with which I can claim familiarity without coopting the voices of others - feminism. (p.8)

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Hegel's epistemograph, classification, and Spivak's postcolonial reason	
Autor:	Hope A. Olson	
Dados Bibliográficos:	Ano (2010) Volume (12) Páginas (23 – 30)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
Tipo de problema/grupo social:		
<p>Programs in women's studies, African American studies, and the like are often marginalized because they do not fit into the structure. (p.28)</p> <p>In the same way, interdisciplinary areas in classifications like DDC are difficult to classify. For example, the role and status of women and the women's movement are appropriately classed in the 300s under social sciences. However, feminist philosophy ends up there as well rather than in the 100s with philosophy. (p.28)</p> <p>We do not move from history through the arts to philosophy much less to generalities as Absolute Truth. Nevertheless, bibliographic classification, at least DDC and UDC, reflects and reinforces this mainstream epistemograph even though its meaning and significance are obscured. (p.29)</p>		

Periódico/Série:	KO ()	AIKO (X)
Título do Trabalho:	Digital as a Hegemonic Medium for Epistemology and Knowledge Organization	
Autor:	Rosa San Segundo Manuel; Daniel Martínez-Ávila	
Dados Bibliográficos:	Ano (2014) Volume (14) Páginas (96 – 100)	
Categorias:		
Concepção de OC:		
<p>In order to approach knowledge organization from the epistemological perspective, one must take into consideration that this discipline deals with the foundations, criteria and validation by which scientific knowledge is justified, including the historical, political, economical, social, etc. circumstances. It is the nuclear discipline in the construction of scientific knowledge although it is not capable to overcome its status of beliefs, interests and cultural objectives, and therefore it is not capable to require itself what it requires to other disciplines. (p.96)</p>		
Tipo de problema/grupo social:		

Epistemology was born in the European Modernity, as a strategic necessity to control others' knowledge. Epistemology is a construction of the Modernity and a construction of the symbolic order for establishing ways to legitimate knowledge. (p.96)

All cultures are determined by the different levels of technology that caused them and shaped them. Digitalization is not a mere step of the techno-culture. Culture is being completely subordinated to this new hegemonic medium, where all the digital will be repository of all constructed objects of the culture and, thus, digital will not only be the instrument and the continent, but the content itself. (p.97)